

ORGANIZADORA

Ivoni Richter Reimer

25 ANOS DO PPGCR DA PUC GOIÁS

Memorial e Contribuições

PROAP
Programa de Apoio à
Pós Graduação



ORGANIZADORA

Ivoni Richter Reimer

25 ANOS DO PPGCR DA PUC GOIÁS

Memorial e Contribuições

PROAP
Programa de Apoio à
Pós Graduação



| São Paulo | 2024 |



DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

A000

25 Anos do PPGCR da PUC Goiás: Memorial e Contribuições
/ Organização Ivoni Richter Reimer. – São Paulo: Pimenta
Cultural, 2024.

Livro em PDF

ISBN 978-85-7221-197-0

DOI 10.31560/pimentacultural/978-85-7221-197-0

1. Ciências da Religião. 2. Epistemologia. 3. História.
4. Memorial 25 Anos. 5. PUC Goiás. I. Reimer, Ivoni Richter
(Org.). II. Título.

CDD: 215.121

Índice para catálogo sistemático:

I. Religião – Epistemologia

Simone Sales • Bibliotecária • CRB ES-000814/0

Copyright © Pimenta Cultural, alguns direitos reservados.

Copyright do texto © 2024 os autores e as autoras.

Copyright da edição © 2024 Pimenta Cultural.

Esta obra é licenciada por uma Licença Creative Commons:

Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional - (CC BY-NC-ND 4.0).

Os termos desta licença estão disponíveis em:

<<https://creativecommons.org/licenses/>>.

Direitos para esta edição cedidos à Pimenta Cultural.

O conteúdo publicado não representa a posição oficial da Pimenta Cultural.

Direção editorial	Patrícia Bieging Raul Inácio Busarello
Editora executiva	Patrícia Bieging
Coordenadora editorial	Landressa Rita Schiefelbein
Assistente editorial	Júlia Marra Torres
Diretor de criação	Raul Inácio Busarello
Assistente de arte	Naiara Von Groll
Editoração eletrônica	Andressa Karina Voltolini Milena Pereira Mota
Imagens da capa	artroomstudio, bdhkb91, myimagine2018 Pixten, Vectonauta - Freepik.com
Tipografias	Acumin, Belarius Poster, Belarius Sans, Gravtrac
Revisão	Marcos Viola Cardoso
Organizadora	Ivoní Richter Reimer

PIMENTA CULTURAL
São Paulo • SP
+55 (11) 96766 2200
livro@pimentacultural.com
www.pimentacultural.com



CONSELHO EDITORIAL CIENTÍFICO

Doutores e Doutoradas

Adilson Cristiano Habowski
Universidade La Salle, Brasil

Adriana Flávia Neu
Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Adriana Regina Vettorazzi Schmitt
Instituto Federal de Santa Catarina, Brasil

Aguimario Pimentel Silva
Instituto Federal de Alagoas, Brasil

Alaim Passos Bispo
Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil

Alaim Souza Neto
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Alessandra Knoll
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Alessandra Regina Müller Germani
Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Aline Corso
Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Brasil

Aline Wendpap Nunes de Siqueira
Universidade Federal de Mato Grosso, Brasil

Ana Rosângela Colares Lavand
Universidade Federal do Pará, Brasil

André Gobbo
Universidade Federal da Paraíba, Brasil

Andressa Wiebusch
Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Andreza Regina Lopes da Silva
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Angela Maria Farah
Universidade de São Paulo, Brasil

Anísio Batista Pereira
Universidade Federal de Uberlândia, Brasil

Antonio Edson Alves da Silva
Universidade Estadual do Ceará, Brasil

Antonio Henrique Coutelo de Moraes
Universidade Federal de Rondonópolis, Brasil

Arthur Vianna Ferreira
Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

Ary Albuquerque Cavalcanti Junior
Universidade Federal de Mato Grosso, Brasil

Asterlindo Bandeira de Oliveira Júnior
Universidade Federal da Bahia, Brasil

Bárbara Amaral da Silva
Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil

Bernadette Beber
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Bruna Carolina de Lima Siqueira dos Santos
Universidade do Vale do Itajaí, Brasil

Bruno Rafael Silva Nogueira Barbosa
Universidade Federal da Paraíba, Brasil

Caio Cesar Portella Santos
Instituto Municipal de Ensino Superior de São Manuel, Brasil

Carla Wanessa do Amaral Caffagni
Universidade de São Paulo, Brasil

Carlos Adriano Martins
Universidade Cruzeiro do Sul, Brasil

Carlos Jordan Lapa Alves
Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, Brasil

Caroline Chioquetta Lorenset
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Cássio Michel dos Santos Camargo
Universidade Federal do Rio Grande do Sul-Faced, Brasil

Christiano Martino Otero Avila
Universidade Federal de Pelotas, Brasil

Cláudia Samuel Kessler
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil

Cristiana Barcelos da Silva.
Universidade do Estado de Minas Gerais, Brasil

Cristiane Silva Fontes
Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil

Daniela Susana Segre Guertzenstein
Universidade de São Paulo, Brasil

Daniele Cristine Rodrigues
Universidade de São Paulo, Brasil

Dayse Centurion da Silva
Universidade Anhanguera, Brasil

Dayse Sampaio Lopes Borges
Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, Brasil

Diego Pizarro
Instituto Federal de Brasília, Brasil

Dorama de Miranda Carvalho
Escola Superior de Propaganda e Marketing, Brasil

Edson da Silva
Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, Brasil

Elena Maria Mallmann
Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Eleonora das Neves Simões
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil

Eliane Silva Souza
Universidade do Estado da Bahia, Brasil

Elvira Rodrigues de Santana
Universidade Federal da Bahia, Brasil

Éverly Pegoraro
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

Fábio Santos de Andrade
Universidade Federal de Mato Grosso, Brasil

Fabrcia Lopes Pinheiro
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

Felipe Henrique Monteiro Oliveira
Universidade Federal da Bahia, Brasil

Fernando Vieira da Cruz
Universidade Estadual de Campinas, Brasil

Gabriella Eldereti Machado
Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Germano Ehlert Pollnow
Universidade Federal de Pelotas, Brasil

Geymeesson Brito da Silva
Universidade Federal de Pernambuco, Brasil

Giovanna Ofretorio de Oliveira Martin Franchi
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Handerson Leylton Costa Damasceno
Universidade Federal da Bahia, Brasil

Hebert Elias Lobo Sosa
Universidad de Los Andes, Venezuela

Helciclever Barros da Silva Sales
Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, Brasil

Helena Azevedo Paulo de Almeida
Universidade Federal de Ouro Preto, Brasil

Hendy Barbosa Santos
Faculdade de Artes do Paraná, Brasil

Humberto Costa
Universidade Federal do Paraná, Brasil

Igor Alexandre Barcelos Graciano Borges
Universidade de Brasília, Brasil

Inara Antunes Vieira Willerding
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Jaziel Vasconcelos Dorneles
Universidade de Coimbra, Portugal

Jean Carlos Gonçalves
Universidade Federal do Paraná, Brasil

Jocimara Rodrigues de Sousa
Universidade de São Paulo, Brasil

Joelson Alves Onofre
Universidade Estadual de Santa Cruz, Brasil

Jónata Ferreira de Moura
Universidade São Francisco, Brasil

Jorge Eschriqui Vieira Pinto
Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Brasil

Jorge Luís de Oliveira Pinto Filho
Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil

Juliana de Oliveira Vicentini
Universidade de São Paulo, Brasil

Julierme Sebastião Morais Souza
Universidade Federal de Uberlândia, Brasil

Junior César Ferreira de Castro
Universidade de Brasília, Brasil

Katia Bruginski Mulik
Universidade de São Paulo, Brasil

Laionel Vieira da Silva
Universidade Federal da Paraíba, Brasil

Leonardo Pinheiro Mozdzenski
Universidade Federal de Pernambuco, Brasil

Lucila Romano Tragtenberg
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Brasil

Lucimara Rett
Universidade Metodista de São Paulo, Brasil

Manoel Augusto Polastreli Barbosa
Universidade Federal do Espírito Santo, Brasil

Marcelo Nicomedes dos Reis Silva Filho
Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Brasil

Marcio Bernardino Sirino
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

Marcos Pereira dos Santos
Universidad Internacional Iberoamericana del México, México

Marcos Uzel Pereira da Silva
Universidade Federal da Bahia, Brasil

Maria Aparecida da Silva Santandel
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Brasil

Maria Cristina Giorgi
*Centro Federal de Educação Tecnológica
Celso Suckow da Fonseca, Brasil*

Maria Edith Maroca de Avelar
Universidade Federal de Ouro Preto, Brasil

Marina Bezerra da Silva
Instituto Federal do Piauí, Brasil

Maurício José de Souza Neto
Universidade Federal da Bahia, Brasil

Michele Marcelo Silva Bortolai
Universidade de São Paulo, Brasil

Mônica Tavares Orsini
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

Nara Oliveira Salles
Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

Neli Maria Mengalli
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Brasil

Patricia Biegging
Universidade de São Paulo, Brasil

Patricia Flavia Mota
Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

Raul Inácio Busarello
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Raymundo Carlos Machado Ferreira Filho
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil

Roberta Rodrigues Ponciano
Universidade Federal de Uberlândia, Brasil

Robson Teles Gomes
Universidade Católica de Pernambuco, Brasil

Rodiney Marcelo Braga dos Santos
Universidade Federal de Roraima, Brasil

Rodrigo Amancio de Assis
Universidade Federal de Mato Grosso, Brasil

Rodrigo Sarruge Molina
Universidade Federal do Espírito Santo, Brasil

Rogério Rauber
Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Brasil

Rosane de Fatima Antunes Obregon
Universidade Federal do Maranhão, Brasil

Samuel André Pompeo
Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Brasil

Sebastião Silva Soares
Universidade Federal do Tocantins, Brasil

Silmar José Spinardi Franchi
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Simone Alves de Carvalho
Universidade de São Paulo, Brasil

Simoni Urnau Bonfiglio
Universidade Federal da Paraíba, Brasil

Stela Maris Vaucher Farias
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil

Tadeu João Ribeiro Baptista
Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Taiane Aparecida Ribeiro Nepomoceno
Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Brasil

Taíza da Silva Gama
Universidade de São Paulo, Brasil

Tania Micheline Miorando
Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Tarcísio Vanzin
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Tascieli Feltrin
Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Tayson Ribeiro Teles
Universidade Federal do Acre, Brasil

Thiago Barbosa Soares
Universidade Federal do Tocantins, Brasil

Thiago Camargo Iwamoto
Universidade Estadual de Goiás, Brasil

Thiago Medeiros Barros
Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil

Tiago Mendes de Oliveira
Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais, Brasil

Vanessa Elisabete Raue Rodrigues
Universidade Estadual de Ponta Grossa, Brasil

Vania Ribas Ulbricht
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Wellington Furtado Ramos
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Brasil

Wellton da Silva de Fatima
Instituto Federal de Alagoas, Brasil

Yan Masetto Nicolai
Universidade Federal de São Carlos, Brasil

PARECERISTAS E REVISORES(AS) POR PARES

Avaliadores e avaliadoras Ad-Hoc

Alessandra Figueiró Thornton
Universidade Luterana do Brasil, Brasil

Alexandre João Appio
Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Brasil

Bianka de Abreu Severo
Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Carlos Eduardo Damian Leite
Universidade de São Paulo, Brasil

Catarina Prestes de Carvalho
Instituto Federal Sul-Rio-Grandense, Brasil

Elisiene Borges Leal
Universidade Federal do Piauí, Brasil

Elizabeth de Paula Pacheco
Universidade Federal de Uberlândia, Brasil

Elton Simomukay
Universidade Estadual de Ponta Grossa, Brasil

Francisco Geová Goveia Silva Júnior
Universidade Potiguar, Brasil

Indiamaris Pereira
Universidade do Vale do Itajaí, Brasil

Jacqueline de Castro Rimá
Universidade Federal da Paraíba, Brasil

Lucimar Romeu Fernandes
Instituto Politécnico de Bragança, Brasil

Marcos de Souza Machado
Universidade Federal da Bahia, Brasil

Michele de Oliveira Sampaio
Universidade Federal do Espírito Santo, Brasil

Pedro Augusto Paula do Carmo
Universidade Paulista, Brasil

Samara Castro da Silva
Universidade de Caxias do Sul, Brasil

Thais Karina Souza do Nascimento
Instituto de Ciências das Artes, Brasil

Viviane Gil da Silva Oliveira
Universidade Federal do Amazonas, Brasil

Weyber Rodrigues de Souza
Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Brasil

William Roslindo Paranhos
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Parecer e revisão por pares

Os textos que compõem esta obra foram submetidos para avaliação do Conselho Editorial da Pimenta Cultural, bem como revisados por pares, sendo indicados para a publicação.

SUMÁRIO

Apresentação

Nossas trajetórias de 25 anos 11

CAPÍTULO 1

Joel Antônio Ferreira

**Participação na pré-história e história
dos 25 anos do Programa em Ciências
da Religião da PUC Goiás.....22**

CAPÍTULO 2

Carolina Teles Lemos

**25 Anos de inserção no Programa
de Pós-Graduação em Ciências da Religião
(PPGCR) da PUC Goiás:**

uma ciência no feminino, desde a periferia46

CAPÍTULO 3

Valmor da Silva

**Memórias de 25 anos junto ao Programa
de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em
Ciências da Religião da PUC Goiás 76**

CAPÍTULO 4

Clóvis Ecco

Trilhando caminhos:

uma narrativa sobre minha trajetória de vida
e carreira acadêmica como professor e pesquisador93

CAPÍTULO 5	
<i>Ivoni Richter Reimer</i>	
... E nós, mulheres, dizemos!.....	107
CAPÍTULO 6	
<i>Alberto da Silva Moreira</i>	
Religião como horizonte utópico e práxis possível de libertação.....	154
CAPÍTULO 7	
<i>Eduardo Gusmão de Quadros</i>	
Clio casou-se com Hermes: perspectivas para uma história do religioso	194
CAPÍTULO 8	
<i>Haroldo Reimer</i>	
Sobre textos sagrados e suas interpretações.....	214
CAPÍTULO 9	
<i>Luigi Schiavo</i>	
Los límites de la religión: Religión, ética y diversidad	230
CAPÍTULO 10	
<i>Thais Alves Marinho</i>	
Histórias entrelaçadas: afrocaticismo e feminismos de terreiros.....	249
CAPÍTULO 11	
<i>Rosemary Francisca Neves Silva</i>	
Trilhando os caminhos da Ciência da Religião: uma investigação da escravidão à libertação a partir dos quatro cantos do Servo de YHWH	283

CAPÍTULO 12

Luiz Signates

Espiritualismo, espiritismo, ecologia:

percepções de uma trajetória 298

CAPÍTULO 13

Mariosan de Sousa Marques

Abraão:

o nascimento de um ancestral 316

CAPÍTULO 14

José Reinaldo F. Martins Filho

Sempre é tempo de fazer memória:

notas de um *viajante* nas Ciências da Religião 347

Sobre os autores e as autoras 377

Índice remissivo 380

APRESENTAÇÃO

NOSSAS TRAJETÓRIAS DE 25 ANOS

Neste ano celebramos o Jubileu de Prata do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Ciências da Religião (PPGCR) da Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC Goiás)! É tempo de recordar, comemorar e trazer para junto do coração, da memória e do corpo quem atuou durante estes 25 anos no Programa. E o fazemos de várias formas: eventos e homenagens, mesas redondas, levantamento de dados e publicações.

Neste livro reunimos textos de docentes que aqui atuam e atuaram a partir de 1999, e que responderam a esse convite de escrita. Todos os textos contribuem para a reconstrução histórico-memorial do Programa, sua importância para a pesquisa de docentes e discentes e suas bases epistemológicas e teóricas que sustentaram e sustentam essa trajetória. Os enfoques e as contribuições são variados, mas todos se concentram na análise crítico-constructiva do fenômeno religioso, suas experiências, linguagens e manifestações. Isso é assim porque nossas vidas estão imbricadas no que fazemos, na forma como atuamos. Essa riqueza de diversidade no nosso PPGCR é uma de suas características que se expressa de várias formas também por meio do corpo discente, cujos resultados de pesquisa estão registrados e acessíveis no repositório de teses e dissertações (TEDE) da PUG Goiás.

Na esteira do Programa, por meio de ensino, pesquisa e extensão, fomos tecendo parte de nossas vidas em suas dimensões pessoal, familiar, social, acadêmico, cultural e político, contribuindo em nível local, regional, nacional e internacional para a compreensão desse fenômeno complexo e multifacetado. Cientes dessa

e contentes por essa contribuição, expressamos nossa gratidão à PUC Goiás, na pessoa da magnífica Reitora professora Olga Izilda Ronchi e da Pró-Reitora de Pós-Graduação e Pesquisa professora Priscila Valverde de Oliveira Vitorino, e por meio delas a todas as pessoas que as antecederam na administração e nos cuidados dessa Instituição de Ensino Superior. Agradecemos também a todas as instituições, mencionadas a seguir, que conosco contribuíram e contribuem por meio de subvenções e bolsas de estudo e de produtividade em pesquisa.

Dessa forma, apresentamos aqui um resumo do histórico do PPGCR,¹ para depois fazermos menção ao corpo docente que já atuou no Programa, memorar discentes que faleceram nos últimos anos, principalmente em decorrência da pandemia de covid, e apresentar o corpo docente que está contribuiu na escrita deste livro.

As atividades do PPGCR iniciaram em março de 1999. Em março de 2001, o Programa foi recomendado pela CAPES. Na avaliação do triênio 2004-2006, ele recebeu a nota 4. O Doutorado em Ciências da Religião recebeu recomendação da CAPES/MEC, conforme parecer do CTC de 11/07/2006 e iniciou suas atividades com o processo seletivo de 2007. No triênio 2010-2012, o Programa recebeu nota 5. A mesma nota 5 foi confirmada nas avaliações subsequentes até a atualidade, 2024. O PPGCR está constituído na Área de Concentração “Religião, Cultura e Sociedade”, com três Linhas de Pesquisa: Cultura e Sistemas Simbólicos, Religião e Movimentos Sociais, Religião e Literatura Sagrada. A seguir, serão pontuados alguns momentos importantes dessa trajetória.

De 1999 a 2006 foi o período de oito anos, isto é, um biênio e dois triênios, em que o Programa iniciou e consolidou suas atividades em nível de Mestrado. Mantivemos um corpo docente estável e bem

1 Este resumo baseia-se nos Relatórios do PPGCR da PUC Goiás, e aqui contou com a colaboração fundamental de Valmor da Silva, pela qual agradecemos.

formado, com bom nível de produção. O curso consolidou durante todo esse período a nota 3, atribuída desde o ano de aprovação dele.

O Programa promoveu Semanas de Ciências da Religião, em ritmo anual e nível internacional, sempre com ampla participação de público e com conferencistas nacionais e internacionais. As conferências e parte das comunicações foram publicadas ora na revista *Fragmentos de Cultura*, ora em formato de livro impresso.

Além das Semanas de Estudos da Religião, o Programa promoveu palestras, seminários, conferências e cursos intensivos, com docentes do Brasil e do exterior. Cada ano letivo foi iniciado com uma aula inaugural sobre tema pertinente, a cargo de especialistas convidados.

Desde sua criação, o Programa adotou a revista *Fragmentos de Cultura* como periódico próprio. Em 2003, o Programa criou ainda o seu próprio periódico, a revista *Caminhos*, que, desde 2019, é publicada quadrimestralmente de forma regular, sem contar edições especiais. As duas revistas são publicadas *online*, atualmente (2024) com Qualis A na CAPES.

No triênio de 2007 a 2009, o Programa investiu na criação e consolidação do Doutorado, com acento nas atividades de pesquisa e internacionalização. Na avaliação do triênio anterior (2004-2006), ele foi avaliado com nota 4 e, posteriormente, a partir de 2013, com nota 5 pela CAPES. A atribuição da nota 4 em 2007 propiciou a aprovação da proposta de Doutorado. Em 2008, tiveram início as atividades do Doutorado, com a seleção da primeira turma, em coincidência com a décima primeira turma de Mestrado.

Desde a aprovação de seu Doutorado, em 2007, o PPGCR vem investindo em sua inserção internacional por meio de intercâmbios com instituições congêneres da Europa (Alemanha, Itália, Portugal); do Oriente Médio (Líbano) e da América Latina (México, Colômbia e Chile).

Com o Doutorado consolidado, as Semanas de Estudo da Religião deram lugar aos Congressos Internacionais, promovidos pelos Núcleos de Pesquisa e coordenados, a cada evento, por uma das linhas de pesquisa, que são três: Religião e Literatura Sagrada; Cultura e Sistemas Simbólicos; e Religião e Movimentos Sociais. A produção docente e discente passou a ter mais visibilidade, com reconhecimento nacional e abrangência internacional. Os Congressos Internacionais contaram com o apoio financeiro da PUC Goiás, CAPES e CNPq, além de pequenas empresas e livrarias locais.

No I Congresso Internacional em Ciências da Religião, promovido pelo Programa, em 2007, foi criada a Associação Nacional de Pesquisa em Teologia e Ciências da Religião (ANPTECRE), que mantém seus Congressos bianuais em instituições parceiras do Brasil. Os Congressos Internacionais se sucederam, com previsão, para 2025, do XII Congresso.

Nesse período, docentes do Programa obtiveram a premiação por meio de Bolsa de Produtividade em Pesquisa CNPq.

No triênio 2010 a 2012 o PPGCR da PUC Goiás qualificou-se e consolidou-se como espaço de pesquisa sobre o fenômeno religioso no Centro-Oeste, e ampliou o seu horizonte de internacionalização, tendo recebido, na avaliação desse triênio, o conceito 5 na avaliação da CAPES em 2013. Nesse período, docentes realizaram estágios pós-doutorais.

No quadriênio de 2013 a 2016, o PPGCR, ciente da necessidade de continuar agregando qualidade, consistência e competência acadêmica, investiu fortemente na qualificação de seu corpo docente com os estágios pós-doutorais e com pesquisas científicas inovadoras com a participação docente, discente e de pesquisadores internacionais, além da contratação de novos professores: Clóvis Ecco, Luiz Signates e Paulo Rogério R. Passos.

Com o Mestrado e Doutorado consolidados, fez-se necessário contar com o apoio de professores apoiadores ao longo do quadriênio. A colaboração acadêmica se deu com realização de projetos conjuntos, oferta de seminários, disciplinas intensivas, participação em bancas de defesa, colóquios e publicação de artigos, capítulos e organização de livros. Houve colaboração internacional com Itália, Alemanha, França e Chile, além de com outros nomes do cenário nacional.

A partir de 2013 os eventos obtiveram o apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Goiás (FAPEG). Os Anais são publicados regularmente no formato de livros, um deles contendo as conferências principais e o outro a publicação das comunicações. Os Congressos, Seminários e Colóquios Internacionais proporcionam intercâmbio cultural e científico, permitindo assim, uma projeção do PPGCR nas regiões do Cone Sul, da América Central (especialmente no México), América do Norte, Europa (Itália, Portugal e Alemanha) e Oriente Médio (Líbano).

Com a consolidação do Doutorado, tem sido recorrente a demanda para realização de Estágios Pós-Doutorais no Programa. No quadriênio, vários Doutores de outras instituições realizaram seus estágios pós-doutorais no Programa, e alguns concluíram seus estágios nos anos seguintes.

Nesse quadriênio, 2013 a 2016, a presença do corpo docente se consolidou e fortaleceu em congressos de entidades de âmbito nacional (SOTER, ANPTECRE, ABHR; FONAPER; e ABIB e ANPHR, entre outras) e internacional (ALER e ACSRM, entre outras). Vários docentes ministraram cursos e conferências, com apresentação de projetos de pesquisa em países como Alemanha, França, Itália, Líbano, Índia, Portugal, Chile e Estados Unidos. Diversas atividades internacionais tiveram apoio dos órgãos estaduais e federais, FAPEG, CAPES e CNPq. Núcleos de estudos, igualmente, receberam apoio de chamadas públicas como Programa de Cooperação Acadêmica (PROCAD) e Programa de Apoio a Núcleos de Excelência (PRONEX).

No quadriênio, graças a bolsas da CAPES e FAPEG, estudantes bolsistas puderam participar de congressos e eventos nacionais relacionados, aprimorar suas pesquisas, publicar artigos em periódicos da área, realizar pesquisas de campo e realizar suas defesas dentro dos prazos regulares.

Marcos de Cooperação Internacional foram firmados com Instituições do México, Líbano e Portugal.

O quadriênio de 2017 a 2020 foi inaugurado com a nota 5 consolidada e com planejamento em vista do novo patamar, com o projeto “Horizonte 6”, com acento na internacionalização. Pesquisadores de outras Instituições concluíram seu estágio pós-doutoral no Programa. Docentes do Programa concluíram seu estágio pós-doutoral em outras Instituições do Brasil e do exterior. Novos estagiários se inscreveram para pesquisas junto ao Programa. Novas bolsas foram concedidas pela CAPES e pela FAPEG. Mais dois docentes obtiveram a Bolsa de Produtividade em Pesquisa pelo CNPq.

O Programa teve um Mestrado Interinstitucional (MINTER) autorizado pela CAPES em 2016, que foi efetivado em 2017 e concluído em 2019, em parceria com a Faculdade Serra da Mesa (FASEM) em Uruaçu, e que contou com uma turma de 21 mestrandos. No contexto do projeto MINTER foram realizados colóquios e publicado o livro *Campo Religioso no Centro-Norte de Goiás* como resultado das pesquisas de Mestrado.

Doutorandos do Programa realizaram, no período, estágios de Doutorado sanduíche em Instituições do exterior no Chile e na Espanha.

Os intercâmbios se intensificaram, com participação de docentes e discentes em Congressos internacionais, com publicações conjuntas, com expedições de estudos e outras. Docentes do Programa oferecem STs e participam de redes de pesquisa nas principais associações científicas de suas áreas de pesquisa: ANPTECRE, SOTER e ABIB. O Programa contou com a participação de docentes colaboradores internacionais.

Em 2019, a comemoração dos 20 anos do Programa incluiu conferências sobre a história, coquetel e a publicação de um número especial da revista *Caminhos* (v. 18, n. 4), publicado em 2020.

Em 2019, foram contratados dois novos docentes para reforçar o corpo docente: José Reinaldo Felipe Martins Filho e Pedro Antônio Chagas Cáceres.

De 2021 a 2024, o Programa manteve suas diversas atividades e intensificou alguns aspectos para consolidação da nota 5. Dois Congressos Internacionais foram realizados (edições X e XI), em parceria com programas congêneres, com realização de conferências internacionais, mesas redondas e publicações. Outros colóquios, nacionais e internacionais, incluíram webinários e publicações conjuntas. O período foi marcado pela pandemia da covid, o que dificultou realização de eventos presenciais, mas intensificou muito as atividades virtuais.

As atividades internacionais foram incentivadas, com docentes visitantes, doutorados sanduíche, pós-doutorados, bolsas de produtividade, apoios de CNPq, CAPES e FAPEG, consolidação de Grupos e Núcleos de Pesquisa e a formação de Redes de Pesquisa.

As bolsas da CAPES e da FAPEG contribuem enormemente para o desenvolvimento e o aprimoramento da pesquisa do PPGCR. Esse fato tem proporcionado aos estudantes uma dedicação maior a seus estudos, às atividades acadêmicas, à produção científica de qualidade e à participação em eventos e congressos nacionais para divulgação da pesquisa. Além disso, as bolsas podem manter tais discentes atentos àquilo que ocorre, em relação às suas pesquisas em outros espaços acadêmicos no Brasil e no mundo, bem como motivar participações como egressos.

Após esse resumo do histórico do Programa, importa também olhar para a composição do corpo docente no início dele por ocasião de dois marcos comemorativos. Neste Jubileu de Prata (2024),

o PPGCR conta com 12 docentes permanentes: Alberto da Silva Moreira, Carolina Teles Lemos, Clóvis Ecco, Eduardo Gusmão de Quadros, Ivoni Richter Reimer, Joel Antônio Ferreira, José Reinaldo Felipe Martins Filho, Luiz Signates, Mariosan Sousa Marques, Rosemary Francisca Neves Silva, Thaís Alves Marinho e Valmor da Silva; um total de 4 mulheres e 8 homens. Em 1999-2000, éramos 13 docentes: Carolina Teles Lemos, Haroldo Reimer, Irene Dias de Oliveira, Ivoni Richter Reimer, José Nicolau Heck, José Ternes, Laura Chaer, Manuel Ferreira Lima Filho, Rodolfo Petrelli, Sandra Duarte de Souza, Sérgio de Araújo, Valmor da Silva, Zilda Fernandes Ribeiro, um total de 6 mulheres e 7 homens. No Jubileu de Porcelana (20 anos), éramos 12 docentes: Carolina Teles Lemos, Clóvis Ecco, Eduardo Gusmão de Quadros, Haroldo Reimer, Irene Dias de Oliveira, Ivoni Richter Reimer, Joel Antônio Ferreira, José Reinaldo Felipe Martins Filho, Luiz Signates, Rosemary Francisca Neves Silva, Thaís Alves Marinho e Valmor da Silva: 5 mulheres e 7 homens. Percebe-se um decréscimo na equidade de gênero, desafio que nos é colocado para o próximo quadriênio e para os próximos 25 anos.

Aqui também queremos lembrar de docentes que estiveram no Programa, às vezes por um período bem curto, mas mesmo assim significativo: Gilberto G. Garcia, Irene Dias de Oliveira, Izabel Missagia de Mattos, José Carlos Avelino da Silva, José Ternes, José Nicolau Heck (*in memoriam*), José Paulo Pietrafesa, Klaas Woortmann (*in memoriam*), Laura Chaer (*in memoriam*), Luigi Schiavo, Manuel Ferreira Lima Filho, Marcos Silva da Silveira, Maria Eliane Rosa de Souza, Paulo Rogério R. Passos, Pedro Adalberto Gomes de Oliveira Neto, Pedro Antônio Chagas Cáceres, Rodolfo Petrelli, Sandra Duarte de Souza, Sérgio de Araújo (*in memoriam*), Sérgio Sauer, Telma Ferreira Nascimento e Zilda Fernandes Ribeiro (*in memoriam*).

In memoriam e com saudade também lembramos de discentes que faleceram nos últimos anos, principalmente em decorrência da epidemia de covid: Hamilton Castro da Silva, Humberto dos Santos Neto, Katusca Florencia Serafin Nieves, Luiz Humberto Carrião

e Regina Maria de Albuquerque Franco Ramos. Aqui ecoam as palavras: “Dreamers may leave, but they’re here ever after” (David Gilmour).

Quando comemoramos uma data especial como este Jubileu de Prata, também nos lembramos de outras datas especiais e pessoas que perfazem a trajetória do PPGCR. Aqui destaco dois momentos especiais registrados na nossa revista *Caminhos*. O primeiro, no editorial do volume especial 14/1 em homenagem aos 13 anos da revista e a Haroldo Reimer, seu criador e editor, que consta acerca dos caminhos realizados no Programa:

[...] afinal, sempre vale a pena, quando a fé não é pequena! O sonho movimenta a nossa vida e vai se fazendo realidade, sempre de novo. O que sonhamos no passado já pode ser percebido como realidade, também presente nesse número de *Caminhos*. Importa saber o que e como continuaremos a sonhar... e para tal, necessário se faz recordar os sonhos anteriores (Richter Reimer, 2016, p. 8).

O segundo, por ocasião do Jubileu de Porcelana do PPGCR, consta no editorial da *Caminhos* v. 18, Especial 20 Anos

Finalizando este Número Especial da revista *Caminhos*, que deverá ser lançado no X Congresso Internacional em Ciências da Religião do nosso PPGCR, em 22 a 24 de abril de 2020, resta-me apenas uma palavra de gratidão [...] pelos anos de trabalho neste Programa, pelo corpo docente competente e amigo, pelo corpo discente que tenho acompanhado até aqui, pelas pesquisas realizadas e pela administração da PUC Goiás que tem nos apoiado como espaço de consolidação da construção de conhecimento a serviço da vida (Richter Reimer, 2020, p. 3-4).

Entre várias outras excelentes contribuições nesse mesmo número, Carolina Teles Lemos fez um memorial sobre a construção identitária e epistemológica do PPGCR, destacando que “o movimento de construção da identidade deste [Programa] se deu em consonância com o que foi acontecendo nos espaços macrosociais, políticos e econômicos de nosso país e do mundo” (Lemos, 2019, p. 5).

Agora é o momento comemorativo de olharmos para o conjunto dos 25 anos do Programa. Para tal, docentes que aqui atuaram e atuam foram convidadas e convidados para escrever um texto no qual pontuariam suas contribuições mais significativas para o Programa. Os textos que foram sendo entregues evidenciaram a beleza da diversidade existente e a riqueza de conteúdos e metodologias adotadas, cujos resultados mostram a qualidade e o trabalho empenhados para oferecer referenciais que permitam melhor compreender processos religiosos e socioculturais na formação e transformação de identidades, mentalidades e comportamentos. Esses esforços e resultados de ensino e pesquisa incluem e pressupõem grandes clássicos das Ciências Humanas, a literatura sagrada e suas interpretações, as linguagens religiosas, com destaque aos ritos e às festas especificamente na região Centro-Oeste, entre outros.

Enfim, o que apresentamos aqui é um memorial do que foram e do que significam os 25 anos do PPGCR, também em vistas dos próximos quadriênios rumo a outros jubileus. Aqui se apresentam horizontes utópicos com desafios e perspectivas que merecem a atenção e o empenho do nosso corpo docente e discente, bem como da administração superior da PUC Goiás. Andamos rumo à consolidação e ampliação de convênios institucionais de internacionalização, rumo à conquista da nota 6 da CAPES, rumo à equidade de gênero, étnico-racial e salarial do corpo docente e à qualificação de excelência do corpo discente.

Os textos entregues foram aqui organizados como memória e história de trajetórias pessoais e coletivas, de atividades realizadas em ensino, pesquisa e extensão. Joel Antônio Ferreira apresenta parte da “pré-história” do PPGCR e de sua própria história no Programa a partir de agosto de 2001. Carolina Teles Lemos entrelaça sua história com o PPGCR, desde março de 1999, apresentando algumas de suas diretrizes e destacando algumas de suas pesquisas em perspectivas popular e de gênero. Valmor da Silva também insere sua própria trajetória no desenvolvimento do Programa, com destaque

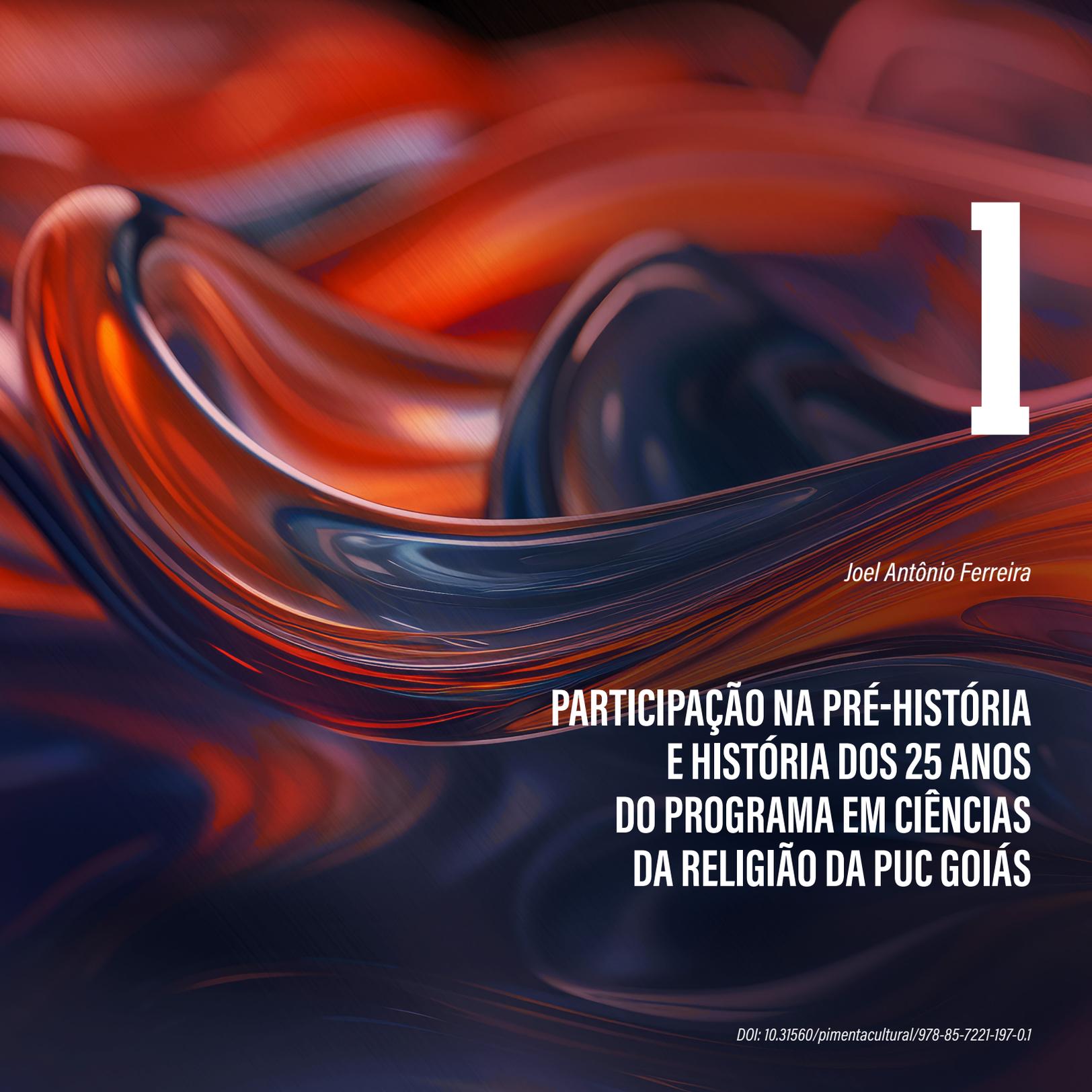
às atividades de ensino e pesquisa a partir de março de 1999. Nessa mesma dinâmica de entrelaçar histórias e contribuir com suas próprias habilidades e competências, seguem os textos de Clóvis Ecco, Ivoni Richter Reimer, Alberto da Silva Moreira, Eduardo Gusmão de Quadros, Haroldo Reimer, Luigi Schiavo, Thaís Alves Marinho, Rosemary Francisca Neves Silva, Luiz Signates, Mariosan de Sousa Marques e José Reinaldo Felipe Martins Filho.

Cada texto tem suas particularidades, seja em termos de memória histórica ou de conteúdo. Cada docente dialoga com os desafios e as possibilidades de seu tempo. Cada texto evoca os tempos de trabalho, de parcerias, de dificuldades e de êxitos.

Assim, convidamos você, leitora e leitor, a acompanhar essa história que transita, se movimenta e se faz realidade em nível pessoal e coletivo, público e privado, profano e sagrado. Que a escrita e a leitura se tornem profícuas nos caminhos que ainda precisam ser construídos e percorridos! Que possamos entoar um VIVA aos 25 anos do Programa de Pós-Graduação *stricto sensu* em Ciências da Religião!!!

Ivoni Richter Reimer

Pentecostes, 2024



1

Joel Antônio Ferreira

**PARTICIPAÇÃO NA PRÉ-HISTÓRIA
E HISTÓRIA DOS 25 ANOS
DO PROGRAMA EM CIÊNCIAS
DA RELIGIÃO DA PUC GOIÁS**

INTRODUÇÃO

Este capítulo aborda a pré-história do PPGCR e a atuação deste articulista a partir de agosto de 2001 no Programa, assumindo disciplinas do Novo Testamento da Linha “Religião e Literatura Sagrada”, bem como outras disciplinas da linha, recebendo orientandos do Programa e definindo vários projetos de pesquisa que estão sendo desenvolvidos nestes 25 anos.

Sem a “pré-história” não haveria a história.¹ Na última década do século passado, havia a possibilidade de a UCG passar para as mãos de um grupo que se sobressaía dentro da Universidade.² Foram tempos de bastante inquietude. A SGC estava inócua e sem rumos naquele momento.³

Pensando nisso, um grupo, preocupado com os rumos da Universidade Católica, dentro da Igreja particular de Goiânia, começou a se encontrar assiduamente.⁴ Esse grupo posteriormente foi enriquecido com outros professores.⁵ É preciso lembrar que ele recebeu o apoio incondicional do Arcebispo D. Antônio R. de Oliveira.⁶

1 Nesta Introdução é preciso fazer memória de que o projeto de um Mestrado em Teologia ou Ciências da Religião aconteceu, suscitado por graves tensões e conflitos dentro da UCG.

2 Esse grupo de professores, aliado à ASC (funcionários), estimulava grupos de estudantes de que a UCG deveria ter eleições diretas para a reitoria. Com isso, anunciavam-se nomes de candidatos que, se eleitos, aumentariam os salários dos professores e diminuiriam as mensalidades dos alunos: um descalabro, em níveis administrativo e econômico.

3 O Pe. Pereira, que, legalmente, era o responsável pela SGC estava apático e muito triste.

4 O grupo inicial, com iniciativa do Professor Pe. Alaor, foi formado pelos professores de Teologia Alaor, Wolmir, Fiorello e Joel que foram motivar e estimular o Pe. Pereira a retomar o seu papel. É necessário lembrar que foi um momento bastante tenso na Universidade com paralisações dos estudantes (greves) e muitos conflitos ideológicos de professores e funcionários.

5 Após a superação das maiores tensões, foram agregados ao grupo os professores Darcy Cordeiro, Gil Barreto e G. Bertazzo, todos da equipe de Teologia.

6 A chancelaria, após esses encontros, foi retomando, de fato e de direito, o seu papel na Universidade.

Os focos principais das discussões desse grupo eram a SGC (mantenedora da Universidade), a chancelaria e a busca de luzes para se retomar a Universidade com o espírito cristão.⁷

Após a retomada, surgiram outras reflexões: nas reuniões procurava-se dar um “tom” teológico às diversas áreas científicas da universidade, ou seja, algo mais inerente a um diálogo entre as várias ciências e o que era chamado teologia: surgiu a ideia de a teologia oferecer o seu curso (graduação), de verdade, e com reconhecimento pelo MEC. O COU referendou. O curso foi iniciado anos depois.

Amadureceu-se, ainda, a necessidade de se iniciar o primeiro Mestrado da UCC: a ideia era que fosse de Teologia. Foram muitas as discussões e amadurecimento da ideia. A primeira Pós-Graduação surgiu em tempos de redefinição da SGC, após um tempo bastante conflitual dentro da Universidade Católica.

Havia, na equipe de Filosofia/Teologia, excelentes nomes (alguns mestres) que estavam, além de dando aulas de Filosofia e Teologia, a serviço da universidade em funções importantes. O grupo de Teologia precisava avançar mais no nível acadêmico. Isso influenciaria toda a Universidade, como se viu depois, com a criação de outras Pós-Graduações. Os professores do FIT, particularmente, os da Teologia, na época, podem se orgulhar de terem incentivado e aberto o caminho que levou ao primeiro Mestrado.

Tentando clarear:

- a. Com fortes tensões internas na grande UCC, um grupo começou a se reunir para “retomar” e dar linhas claras à SGC, com o apoio do Chanceler, o Arcebispo D. Antônio R. de Oliveira.

7 A SGC chegou a um momento de não ter nem sala de reuniões. Após diálogos, o reitor (Ivo Mauri) cedeu uma salinha ao lado da reitoria. Humilhante! Depois, com a mudança da reitoria (Prof. Clélia), a SGC se ampliou e, mais tarde, foi para o local onde está hoje.

- b.** Após muitas reuniões e com a redefinição e clareza da nova SGC, surgiu a necessidade de a Teologia, a menina dos olhos da UCG⁸ na época, ter o curso de Teologia (de quatro anos)⁹ e criar a sua Pós-Graduação, que se tornaria a primeira da Universidade Católica.
- c.** Houve o levantamento de nomes (mestres) que deveriam, de imediato, ir fazer o Doutorado, para voltarem como professores da Pós-Graduação. Sugeriram-se os nomes dos professores Wolmir, Bertazzo, Gil Barreto, Joel e Darcy Cordeiro. Como o Pe. Pereira imediatamente entendeu que a nova SGC precisava dos nomes que participaram das reflexões, somente o Prof. Joel iria fazer o doutorado.
- d.** Precisava-se de um esteio firme, ou seja, doutores que iniciariam o Mestrado. O Prof. Wolmir contactou, na África, a professora Irene. O Prof. Joel foi a S. Paulo em busca dos novos doutores: vieram os professores Valmor e Carolina.
- e.** Ao chegarem, os três foram aprovados em concurso.
- f.** Vieram, de fora, assessores para ajudar a equipe a encaminhar junto ao MEC um novo Programa aqui na UCG.
- g.** Começaram as reuniões dos recém-chegados professores doutores com a nova direção da SGC (Pe. Pereira e Prof. Wolmir). Foi no debate com os vindos de fora que se definiu a futura Pós-Graduação, não em Teologia, mas em Ciências da Religião.

8 Ficou bem claro que a Teologia nas Áreas deveria ser orientada não pela Reitoria, mas pela Chancelaria.

9 O curso de Teologia formou quatro turmas, recebeu muitos estudantes Batistas (pastores), diplomou muitos padres que tinham a teologia seminarística e recebeu a única avaliação do MEC com a nota 5. Encerrou-se o curso porque a maioria dos estudantes de graduação não tinha condições de pagar as mensalidades e a Universidade não poderia assumir, gratuitamente, esse ônus.

- h. Decidiu-se, então, aproveitar os nomes de Doutores internos da UCG que tivessem ligação com o universo teológico: Prof. Sérgio Araújo e Rodolfo Petrelli (PSI) e o Prof. Manoel (IGPA).
- i. Era hora de preparar o Programa de Pós-Graduação *stricto sensu* em Ciências da Religião (objetivos, estrutura curricular com áreas de concentração, disciplinas obrigatórias e opcionais, seminários, linhas de pesquisa) num primeiro momento em nível de Mestrado, para ser submetido às instâncias superiores da UCG e, depois de aprovado, ser enviado ao MEC.

Ao concluirmos a Introdução, podemos sintetizar assim: nas graves crises internas da UCG, em níveis ideológicos e políticos, no final do Séc. XX, redefiniram-se a assunção da chancelaria, as linhas da SGC, a recuperação clara da UCG pela Igreja, o papel da Teologia e a decisão de se iniciar uma primeira Pós-Graduação na Universidade Católica, definida como Mestrado em Ciências da Religião, que, alguns anos depois, agregou também o Doutorado.

AS PESQUISAS DESTE ACADÊMICO¹⁰

Religião e Literatura sagrada, linha em que estamos agregados no PPGCR, procura estudar e aprofundar as ciências dos fenômenos religiosos, a partir das várias literaturas sagradas (judaísmo, cristianismo, islamismo e as várias literaturas de tantos segmentos religiosos). Nós, nestes 25 anos do Programa em Ciências da Religião da PUC Goiás, detivemo-nos mais nas literaturas da

10 Eis aí as diversas pesquisas realizadas por nós no PPGCR: 1) A Leitura sociológica do Novo Testamento pelo modelo conflitual; 2) Sofia e Corporeidade em 1 Coríntios; 3) O Espírito de Deus (*pneuma*) faz seu campo de ação (*soma*) trazendo uma nova sabedoria (*sofia*); 4) A Libertação da escravidão de Onésimo no Império Romano e a Situação Análoga da Escravidão no Brasil; 5) Mulheres que Adquiriram Espaço e Voz na Bíblia: Resistências ao Patriarcalismo; 6) Confaloni, o Teólogo da Libertação através da Pintura e Arte: Interpretando a sua Arte através do Evangelho de João.

Bíblia Sagrada (judaísmo e cristianismo) e, um pouco, na Bíblia dos Islamitas (Alcorão) tanto nas assessorias acadêmicas (sala de aula) como nas produções de textos (artigos e livros) e nas participações em Congressos, conferências, *lives* etc. Diante dos vários métodos e abordagens dos estudos bíblicos (método histórico-crítico, métodos de análise literária, leitura sociológica, abordagem antropológico-cultural, abordagem psicológicas e psicanalíticas, leitura feminista, abordagem da libertação etc.), usando-os concomitantemente, inclinamo-nos para a leitura sociológica pelo modelo conflitual/contradição/dialético, pela sua clareza em ler as escrituras sagradas, a partir dos marginalizados, ou seja, aquelas/es que foram silenciadas/os pelos detentores do poder.¹¹

Com o Programa consolidado, as pesquisas foram amadurecendo essa perspectiva.¹² Como o nosso doutoramento abordou a questão do Hino Batismal (Gl 3,26-28), avançamos na elaboração da pesquisa pelo modelo conflitual enfocando “Gálatas a Epístola da Abertura de Fronteiras” (Ferreira, 2005), uma obra onde foi apresentada à academia a hipótese de que a Epístola da Liberdade tinha como hipótese o Hino Batismal que movia todos os órgãos vivos da Epístola.¹³ Ali, mostramos que foi a partir dos pobres (Gl 2,10) (gregos/estrangeiros, escravos, mulheres) que a Epístola moveu a igreja pós-Jerusalém, ou seja, de Antioquia para todos os arredores do mundo da época, na liberdade e vida comunitária, na unidade em Cristo Jesus.¹⁴

11 Já, antes da entrada no Programa em Ciências da Religião, havíamos produzido obras embrionárias dessa metodologia (os cinco sermões de Mateus, Primeira Epístola aos Tessalonicenses e dezenas de polígrafos/apostilas) que visualizavam os pobres como centro de reflexão.

12 Essa pesquisa institucional, embora se referisse ao Novo Testamento, se envolveu com toda a Bíblia.

13 Após a publicação, foram intensos os cursos sobre a Epístola, as elaborações de vários artigos sobre a temática, a participação em Congressos sobre a temática e a elaboração, em coautoria, de “Os fracos, os vis e os desprezados” e “Paulo Missionário”.

14 Esta obra foi traduzida para o espanhol (Ferreira, 2013a). Também, em 2021, Gálatas foi reescrita, em modelo popular, para animar o Mês da Bíblia (50 anos) de 2021, para a CNBB, para todo o Brasil.

Nesse ínterim, foi escrita a obra *Paulo, Jesus e os Marginalizados: Leitura Conflitual do Novo Testamento* (Ferreira, 2009), em que se procurou explicar à academia o que era, em nível teórico, a leitura sociológica por esse modelo. Após uma primeira parte perpassando a sociologia nos seus inícios conservadores até sua visão transformadora e crítica chegou-se às propostas didáticas de como se fazer a leitura. Foram apresentadas algumas perícopes bíblicas de como se sugere o exercício desse método sociológico conflitual.

Sempre procurando compreender a leitura bíblica pelo modelo sociológico conflitual, foram escritas outras obras como *Jesus na Origem do Cristianismo* (Ferreira, 2012) e *O Livro do Apocalipse* (Ferreira, 2013a).

Foi no final do Pós-Doutorado que foi elaborada a *Primeira Epístola aos Coríntios* (Ferreira, 2013b) onde, o tempo todo, procurou-se compreender os “fracos e os sábios” nessa Epístola.¹⁵ A ótica da leitura foi bem clara: as comunidades dos marginalizados no Brasil, ao lerem a Primeira Epístola aos Coríntios, interrompem o silêncio imposto pelas elites, inclusive religiosa e, sabiamente, na fé, assumem o controle da história.¹⁶ Os fracos, quando se unem, tornam a igreja viva e dinâmica, tanto nos tempos contraditórios de Corinto, como nos de hoje, também cheio de conflitos. Nos diversos meios de comunicação (salas de aula, congressos, cursos acadêmicos e populares, orientações de mestrandos e doutorandos, artigos), a partir de Primeira Coríntios, fomos divulgando esse tipo de leitura: a práxis de Paulo vinha do “lugar social” dos pobres; a opção preferencial pelos fracos, vis e desprezados era um projeto claro de Paulo; o fraco (Paulo) proporá uma nova sociedade aos fracos;¹⁷ os fracos

15 Nessa obra, fomos somando as pesquisas 2) Sofia e Corporeidade em 1 Coríntios e 3) O Espírito de Deus (*pneuma*) faz seu campo de ação (*soma*) trazendo uma nova sabedoria (*sofia*), sobre as quais havíamos escrito diversos artigos, com os grandes conflitos em Corinto em torno dos sábios (fortes) contra os fracos.

16 Conferir no livro *Primeira Epístola aos Coríntios*, nas páginas 201 a 206, as proximidades da Leitura de 1º Coríntios e a leitura Popular da Bíblia hoje no Brasil.

17 No tempo dessa pesquisa, também, foram elaborados muitos artigos e coautorias em livro como “a opção de Paulo pelos marginalizados de Corinto”, tendo havido muitas participações em Congressos Nacionais e Internacionais, como cursos por diversas partes do país.

irão transformar a sociedade; é evangelho essa opção preferencial pelos fracos; as divisões econômicas e sociais na Ceia do Senhor deram lugar à Ceia dos marginalizados; a opção preferencial pelos fracos se aproxima da teologia da libertação.¹⁸ A Primeira Epístola aos Coríntios foi uma crítica pesada aos que repetiam os padrões elitistas gregos e romanos dentro da *ekklesia* e, por isso, foi um anúncio contundente aos cristãos marginalizados dos dois portos marítimos de Corinto (Egeu e Adriático). Se antes não tinham vez no império escravagista romano e eram silenciados, se não tinham vislumbres na civilização grega discricionária, se foram, por momentos, tratados com desdém pelos ricos da comunidade, agora, Paulo os convida a saírem do modo de produção escravagista romano e do sistema da sabedoria grega. Aí são convidados a romper com os sistemas desumanos e praticarem as experiências na partilha, sendo irmãos e buscando uma nova humanização. A proposta transformadora da sociedade deveria vir dos "fracos". O dinamismo dessa nova visão surgiu de outra sabedoria: o evangelho de Jesus Cristo é o poder capaz de libertar e de dar vida (1 Cor 1,18-28).

Pontuamos, em outra pesquisa, na linha da Leitura sociológica pelo Modelo Conflitual/contradição/dialética, um tema nevrálgico de 2015-2019: "A Libertação da Escravidão de Onésimo no Império Romano e a Situação Análoga da Escravidão no Brasil". Aqui se procurou escutar o escravizado que estava na mesma cadeia que Paulo. Fizemos elucubrações para se entender o que o escravo Onésimo teria, por tempos, falado e questionado ao Apóstolo Paulo dentro das grades para fazer com que ele escrevesse o bilhete da libertação à casa de Filêmon, Ápia, Arquipo e toda a igreja. Com a libertação do escravo, Paulo estava deslegitimando o sistema escravagista romano. Depois, procuramos confrontar e denunciar a situação análoga à escravidão no Brasil.

18

É bom salientar que, na década de 1980, os teólogos da libertação e os exegetas bíblicos latino-americanos fizeram uma parceria intelectual na defesa dos marginalizados, em confronto às instituições eclesiais conservadoras.

Num esforço de parceria com exegetas nacionais, por esse tempo, foram escritos, em coautoria, alguns capítulos de livros como *Os Milagres na Bíblia*, *As Parábolas na Bíblia* e *A Corrupção na Bíblia*.

Houve, posteriormente, um enlace da Leitura conflitual com a Leitura feminista da Bíblia: em 2023 foi escrita a obra *Mulheres que conquistaram espaço e voz na Bíblia: Resistências ao patriarcalismo* (Gn 1,27d; Gl 3,28c).¹⁹ Lembremos que a Bíblia foi escrita em tempos do forte patriarcalismo que envolvia toda a Ásia Menor, bem como a civilização grega e o império romano. Esse milenar sistema cultural influenciou os escritores bíblicos. Os redatores masculinos muitas vezes desumanizavam as mulheres. Em quase toda a Bíblia Hebraica e a Cristã, as mulheres foram silenciadas. No entanto, aqui e acolá surgiram nomes femininos muitas vezes apagados. Essa pesquisa foi atrás desses nomes. Ela foi descobrindo que algumas resistiram àquele sistema, conquistando seu espaço e soltando suas vozes. Não fomos atrás das mulheres patriarcais ou famosas. Pesquisamos, no Antigo Testamento, as que reagiram: Agar, Tamar, as parteiras dos hebreus, as escravas egípcias, Míriam e as mulheres líderes na saída do Egito, as cinco filhas de Salfaad, Débora, Raab, a ultrajada Betsabeia, Rute, Noemi e as mulheres de Belém.

No Novo Testamento, a abertura ao feminino, em níveis culturais e religioso/pastorais, foi um salto fenomenal. Pesquisamos a Maria do Magnificat e Isabel, a siro-fenícia, a samaritana, Marta, Madalena, as seguidoras de Jesus desde a Galileia até Jerusalém, as dezenas de mulheres do grupo de Paulo e helenistas, como Evódia e Síntique, Cloé, Priscila, Ápia, Febe, Júnia, Maria, Trifosa, Trifena, Pérside, Júlia, a mãe de Rufo, Olimpas.

Essa obra apresenta dois prováveis projetos que surgiram nos dois testamentos: a) Em Gn 1,27c, um texto provavelmente do cativo da Babilônia, onde se diz que Deus “os criou macho (masculino)

19

Esse livro foi fruto de uma longa pesquisa (2019-2023) pela PROPE.

e fêmea (feminina)”; b) Em Gl 3,28c, no hino batismal dos cristianismos originários, quando tem a assertiva “não há homem (masculino) nem mulher (feminino)”.

No Antigo Testamento esse ideal influenciou o pós-exílio e foi ferramenta que clareou o pós-Esdras, principalmente, nos livros de Rute, Cantares e várias alas de redatores finais (escribas/teólogos/sacerdotes) que se abriram ao buscar as memórias e fontes antigas que iluminaram os tempos da submissão à Pérsia e aos novos tempos do judaísmo que queria se arejar enquanto ia criando o cânon bíblico (Séc. V-III a.C.). No Novo Testamento, o projeto do hino batismal foi efetuado nas experiências missionárias de Paulo e dos helenistas, quando vemos a postura revolucionária de casais como Priscila e Áquila, de Júnias e Andrônico, bem como das tantas mulheres citadas como testemunhas do evangelho. Se não fosse a presença evangelizadora de tantas mulheres, a história da *ekklesia* não seria a mesma.

O livro sobre as mulheres quer mostrar que a fé delas era não no Deus “poderoso” do estilo Esdras, mas naquele que sempre esteve ao lado delas e nunca esteve do lado dos que as silenciaram. Tiveram a experiência do Deus libertador que caminha com sua gente. Ao experimentar a riqueza de Deus do lado dos marginalizados, soltaram a voz e assumiram os espaços que sempre deveriam ser delas. Tornaram-se protagonistas dinâmicas (Ferreira, 2023).

Atualmente, ainda pela PROPE, estamos ligando a Bíblia com a Arte. Compreendendo que a leitura sociológica pelo modelo conflitual (contradição/dialético) absorve a teologia da libertação e vendo que o pintor italiano-goiano expressa, claramente, a teologia joanina em seus quadros, estamos pesquisando “Confaloni, o Teólogo da Libertação através da Pintura e Arte: Interpretando a sua Arte através do Evangelho de João”.

O SURGIMENTO DA SOCIOLOGIA

Antes de entrarmos no miolo do método sociológico pelo modelo conflitual ou da contradição ou dialético, é preciso compreendê-lo num enlace profundo com os outros métodos da Sagrada Escritura. Método algum isolado é suficiente.

Faremos um resumo histórico da Sociologia, para nos envolvermos na concepção da sociologia conflitual ou da contradição ou dialética e, a partir disso, entendermos como, por esse modelo, podemos compreender a Bíblia e os conflitos em cada perícopo que escolhemos para pesquisar.

FIM DO FEUDALISMO

O modo de produção feudalista (Séc. V-XV) era muito bem organizado,²⁰ porque se baseava num forte teocentrismo dominador e tinha sua base na tradição feudal e se impunha pela autoridade (religiosa, militar e política) às massas que eram submetidas e conformadas.

Surgiram as transformações que criaram uma hecatombe no sistema feudal. Tudo foi sacudido. As rebeliões camponesas, principalmente, que culminaram nas revoluções francesa e industrial, o ápice da Idade Moderna, pegaram o feudalismo e os habitantes de toda Europa despreparados para tanta novidade. Foi dentro desse contexto revolucionário que nasceu a sociologia, para dar respostas à sociedade atordoada e confusa. Ela passou, então, a ser um “objeto”/problema que precisava ser investigado.

20

Não se pode pensar que aquela organização sistêmica fosse cheia de maravilhas. Os camponeses, os artesãos e os pedreiros, entre outros, eram submetidos à obediência domada. Havia muitos conflitos entre reinos. Os derrotados eram submetidos às autoridades vencedoras. O mundo organizado era o modo de produção feudal.

*A sociologia nasceu como ciência conservadora*²¹

A sociologia surge na Idade Moderna, após a revolução francesa (1789) e a revolução industrial (1760 a 1850). Novas visões econômicas, grandes descobertas científicas, novas experiências sociais, revisão religiosa da igreja diante de um novo mundo, agora num modo de produção capitalista, levaram pensadores a se posicionar e a buscar respostas para tanta novidade.

Saint-Simon e Augusto Comte

A sociologia se definiu como “positivista” para ficar claro que era contra os “negativistas”, ou seja, os revolucionários iluministas. Segundo os sociólogos positivistas, os iluministas eram perigosos para a paz social. Portanto, a sociologia que se iniciava, surgiu ao lado do novo poder, ocupando o espaço deixado pelos iluministas. À frente, dois intelectuais se tornaram bem visíveis: Saint-Simon (1802-1885) e Augusto Comte (1789-1857). Os sociólogos positivistas viam a sociedade caótica. O caos precisava dar lugar à ordem. Como a nova burguesia tinha essa assertiva como projeto, o sustentáculo científico ficou a cargo dos intelectuais positivistas.²²

Durkheim e a sociologia da ordem

Para Durkheim (1858-1917), a ordem social foi sua grande busca. A sociedade sem um conjunto de ideias morais estava mergulhada num estado de *anomia*. Numa visão tipicamente conservadora, o funcionalismo de Durkheim era contra qualquer mudança transformadora.

21 A burguesia (antes composta por artesãos e camponeses pobres) tivera grande apoio dos iluministas. Eram dois grupos revolucionários. Com a tomada do poder, a burguesia se tornou elitista, rompendo com a grande massa trabalhadora. Com isso, o iluminismo rompeu com a burguesia, continuando a ser revolucionário.

22 Comte era preciso. Ele dizia que o estado positivo dependia da maturidade do espírito humano. Para ele só é real aquilo que é fato averiguado. Ele mostrou que a sociedade humana se move por leis naturais como a lei da gravidade. A sociedade deve estar em harmonia como as leis da natureza. Esse é o naturalismo ou organicismo positivista (Ferreira, 2007, p. 22-23).

*As visões socialistas*²³

O olhar sociológico socialista não enxerga a sociedade com as visões positivista e funcionalista. Ao contrário, esse viés é uma averiguação crítica da própria sociologia e da sociedade. Ela parte da base, ou seja, da situação de desigualdade e injustiça onde se encontra o proletariado. Seus expoentes foram Marx (1818-1883) e Engels (1820-1903), que conheciam o “socialismo utópico” e, também, a dialética hegeliana (Konder, 1991), onde atualizaram os conceitos de tese, antítese e síntese.

Nas obras *Manifesto comunista* e *O Capital*, Marx e Engels mostraram que a essência da economia capitalista está na “mais valia”, ou seja, o trabalho não pago ao trabalhador. Esse trabalha tanto para enriquecer o patrão e não recebe quase nada.

Conforme Nascimento (2004, p. 578), Marx foi o primeiro teórico que elaborou o modelo geral macroeconômico: o valor do trabalho, a mais valia, a exploração, a transformação do trabalho em mercadoria e essa em dinheiro, além da taxa decrescente de benefícios, a lei geral da acumulação do capital.

A vocação crítica e a averiguação das ideologias do poder

Marx e Engels ajudaram a compreender a vida social a partir da economia. Posteriormente, avançou-se num aspecto vital, isto é, “a vocação crítica”, para se compreender, mais ainda, a sociedade capitalista como um sistema de dominação e vislumbrar os processos históricos que projetam alterar a ordem desigual existente. Korsh e Lukács foram os pioneiros nessa percepção e, em seguida, os intelectuais do Instituto Social de Frankfurt, como Adorno, Horkheimer, Benjamim, Marcuse e Habermas. Esse instituto

23

Não falaremos sobre outras correntes significativas dentro da sociologia: o Formalismo (neokantiano), a sociologia Fenomenológica (E. Husserl), o Behaviorismo Social, bem como a Teoria da Ação Social (Max Weber).

enriqueceu a sociologia crítica, a educação, a economia, a psicologia e a filosofia perscrutando a reificação, o pragmatismo, o assujeitamento e a alienação.

Além da visão revolucionária em torno da macroeconomia e a vocação crítica, a sociologia tem um ramo interessante que averigua as “ideologias” como forças manipuladoras por parte do poderio capitalista. Entre esses, estão os sociólogos Gramsci, Althusser, Bourdieu e Poulantzas que refletem como as elites burguesas desenvolvem o domínio intelectual sobre as classes sociais que estão no pé da pirâmide econômico-social (Ferreira, 2011, p. 29).

A sociologia da margem

Os sociólogos latino-americanos que, diante das contradições do ideal democrático e a alternância dos totalitarismos do Séc. XX (fascismo, nazismo, comunismo, ditaduras militares na América Latina), constatando as ideologias do neoliberalismo selvagem que orientam o mercado desleal e especulativo, inclinaram-se para a sociologia da margem, a serviço dos oprimidos e marginalizados. Entre outros, devem ser citados os brasileiros Florestan Fernandes e Octavio Ianni, bem como o venezuelano Otto Maduro.²⁴

Maduro (1983, p. 76-78), da escola de Houtart (1982, p. 13-16) apresenta dentro dos modos de produção duas categorias: simétrica e assimétrica.

Nessa batalha pelas defesas de interesse aparece o caráter “conflitivo” ou dialético ou da contradição (Malagodi, 1988). Tivemos no diálogo com a filosofia libertadora uma interessante compreensão do aspecto conflitivo (Dussel, 1995).

24

Martins (2019, p. 689-718) fala que dentro de uma emergência da sociologia local é preciso partir de uma sociologia “sobre” a América Latina, “da” América Latina e “na” América Latina. Deve ser uma sociologia regional transnacional que se desatrele da sociologia universalista de base eurocêntrica e de uma sociologia nativista. Segundo ele, deve-se avançar em uma teoria crítica da colonialidade que rompa com o neoliberalismo.

A Teoria dos Conflitos, partindo dos marginalizados, navega na linha socialista e se afasta, totalmente, das alas funcionalistas e organicistas.

A leitura conflitual e a leitura da Bíblia: o lugar social dos oprimidos, a suspeição e a fé crítica

Nós nos fundamentamos em Osiek (1989, p. 260-278) e Alvarez-Verdes (1989, p. 5-41), na Escola de Chicago com B. Malina, bem como, em dezenas de biblistas latino-americanos e, particularmente, brasileiros.²⁵ A ótica conflitual olha a leitura da Bíblia a partir dos pobres e excluídos. Por isso, essa leitura é a base da epistemologia e hermenêutica latino-americana.

Buscam-se os grupos presentes no modo de produção econômica, olham-se as contradições aí presentes, averiguam-se as explorações de alguns grupos sobre os outros e, por meio do texto bíblico, é olhado o dinamismo da sociedade e da vida dos que estão à margem. A contradição dos conflitos aparece claramente, porque se visualizam as desigualdades. O leitor de hoje, ao olhar as tensões dentro de um texto bíblico e como elas foram vencidas, com o pé no chão, confronta-se com a experiência bíblica e procura um novo modo de viver em comunidade no momento atual. A leitura conflitual exige do leitor a mudança (Osiek, 1989, p. 272; Alvarez-Verdes, 1989, p. 17).

A Bíblia (hebraica e cristã) não é ciência histórica. Todavia, é um documento longo de uma história de Israel e, concomitantemente, de povos vizinhos. A Bíblia fala para todos os povos de qualquer tempo (Comblin, 1985).

25 A leitura sociológica pelo modelo conflitual foi bastante trabalhada no final do séc. XX, especialmente, no Brasil. Os biblistas procuravam ligar, em linguagem mais simples, a vida do povo marginalizado com a bíblia. Com isso, grupos populares da periferia e zona rural (CEBs e CEBI), bem como as pastorais operárias iam compreendendo que grupos cristãos mais comprometidos com os explorados e excluídos podiam ter a bíblia nas mãos e se envolverem na superação das contradições. Daí surgiu o Comentário Bíblico latino-americano (Comblin, 1985) e muitas publicações populares.

O leitor/intérprete precisa conhecer o “lugar social” do texto ou perícopo que ele está averiguando. Para isso, tem que se envolver e entender qual era a situação vital onde a narrativa foi produzida. A leitura sociológica conflitual tem, como base epistêmica, a sociologia crítica que questionará as tradições do *establishment* e do *status quo* (sociologia funcionalista) que impede o escutar as vozes dos oprimidos. Descobrir o lugar social dos oprimidos é achar e visualizar as pessoas e os grupos da margem que mal vivem nas periferias. Essa leitura dialética vai chamar pelo nome e ouvir a voz dos aniquilados pelo sistema. O leitor/intérprete, ao iniciar uma leitura bíblica, precisa estar em atitude de suspeição para visualizar os marginalizados que se tornaram insignificantes pela estrutura desigual de dominação. Assim, os esquecidos vão ocupar o seu espaço vital.

As comunidades cristãs se fundamentam na Bíblia, olhando as assimetrias sociais e econômicas, perscrutando as elites que exploram os inumeráveis oprimidos. Elas precisam ficar atentas com a narrativa final que, quase sempre, escrevia a partir da posição de quem estava no poder. Pelo modelo sociológico conflitual, é preciso reconstruir memórias dos que estavam na base da pirâmide econômico-social (pobres) ou mais abaixo ainda (escravizados) que foram eliminados por vozes ideológicas responsáveis pela manipulação e reestruturação das narrativas. Os leitores/intérpretes têm que ficar com “desconfiança” e interrogar se o fato escrito está do lado dos dominantes ou não. É a atitude de “suspeita” proveniente da “vocaçãõ crítica”. Aí se dá a voz aos oprimidos, espaço aos sem vez e se denuncia os exploradores²⁶ (Ferreira, 2011, p. 38).

26 Por exemplo, no Antigo Testamento, em Nm 27, as cinco filhas silenciadas de Salfaad tem vitórias tão importantes que elas ocupam até as genealogias masculinas. No Novo Testamento, em Mc 7,24-30, a mulher siro-fenícia, também silenciada, vence um debate em que a mulher e estrangeira tornou-se visível e modelo de fé libertadora.

Exemplos bíblicos

Uma constatação importante: embora muitos “redatores finais” fossem controlados pela ideologia do poder de Jerusalém, há algo impressionante que é a opção de Deus pelos marginalizados (órfãos, viúvas e tantas mulheres, estrangeiros, escravos, doentes, indigentes, desempregados etc) (Fiorenza, 1992). Isso aparece desde a Torah, passa pelos Profetas, é contemplado nos Escritos e culmina em Jesus.

Olhando mulheres silenciadas, em Gn 16 e 21, Agar, a escrava, muda a história da salvação; em Ex 1,15-22 e Ex 2,1-10, as parteiras ocuparam seu espaço contra o Faraó e as escravas salvaram uma vida, pelo palácio real; em Rt 1-4, uma mulher, viúva, pobre e estrangeira cria alternativa comunitária de vida humana dentro de um poder carrasco; em Mc, Mt, Lc e Jo as mulheres passam a ser protagonistas com Jesus; em Paulo, pelo menos quinze mulheres assumem a vida missionária e evangelizam, apesar do perigoso império romano, a discricionária civilização grega e o judaísmo mais fechado que, historicamente, sempre se opôs ao universo feminino.

A LEITURA CONFLITUAL NOS 25 ANOS DO PROGRAMA E AS HIPÓTESES DAS CONQUISTAS FEMININAS EM GN 1,27C E GL 3,28C

E Deus os fez homem e mulher (Gn 1,27c) primeiro projeto

Não há homem e mulher (Gl 3,28c)

segundo projeto

No último livro, *Mulheres que conquistaram espaço e voz na Bíblia: Resistências ao Patriarcalismo*, colocamos na Introdução um subtópico intitulado “O quase projeto da mulher (*neqbah*)

no cativeiro da Babilônia” (Ferreira, 2023). De fato, para nós, aí está o ideal do Antigo Testamento, no primeiro capítulo da Bíblia Hebraica. É muito significativa e intrigante a assertiva de Gn 1,27c, uma vez que em quase toda a sequência da Bíblia hebraica não é isso o que aconteceu. No entanto, temos vários vislumbres de que, após o exílio da Babilônia, apesar da exceção eugênica de Esdras, a defesa do mundo feminino aconteceu até em algumas alas abertas de grupos de redatores finais do cânon bíblico. Podemos ver isso, por exemplo, no livro de Rute, em alguns salmos, em Cântico dos Cânticos, na redação final do Livro de Números, na narrativa das cinco filhas de Salfaad (Nm 26,33: genealogia; 27,1-11; 36,1-12).

E DEUS OS FEZ HOMEM E MULHER (GN 1,27C): PRIMEIRO PROJETO

Para se entender essa hipótese, situemo-nos no *sitz im leben* da elaboração dessa “apostila da resistência” sobre a criação do mundo em sete dias (Gn 1,1-2,4b). Provavelmente, esse texto foi elaborado no exílio da Babilônia (586-538), em que a elite de Jerusalém/Israel tinha sido conduzida e ali teve que cair, completamente, dos níveis econômico e social da ponta da pirâmide para o pé dela. De poderosos no país originário, tornaram-se todos escravizados. Perderam, de um momento para o outro, todas as estabilidades e caíram nas incertezas pessoais, familiares e estruturais. Foi uma tragédia!

Num primeiro momento, muitos se apavoraram e se rebelaram. Alguns jogaram a culpa em Deus (perderam a fé), quando aquela elite, em nível diplomático, foi de uma infelicidade total ao apoiar o Egito numa guerra contra a Babilônia. Jerusalém estava entre as duas potências. Após a poeira se assentar, certamente, tendo lideranças maduras,²⁷ assumindo o modo de viver escravo,

27

Sabemos de lideranças proeminentes, a partir da Bíblia, por exemplo, os testemunhos e anúncios de Ezequiel, as análises do 2º Isaías, vários Salmos escritos naquele tempo etc.

recuperando a esperança a partir das memórias hebraicas, houve mudança de atitude. Muitos escritos que depois se tornaram textos bíblicos foram sendo elaborados.²⁸ Os líderes com seus escribas e poetas, ao ouvirem, constantemente, os babilônios cantando o hino da criação (*enuma elish*) ao Deus *Marduc*, resolvem elaborar um hino a *Elohim* (*bereshit*), a criação em sete dias. No 6º dia, eles descrevem *Elohim* dizendo: “Façamos o ser humano (אָדָם *adam*) à nossa imagem e semelhança” (Gn 1,26). *Adam* é o homem (ser humano): nome coletivo. Em seguida (v. 27ª), usa-se de novo *adam*, ou seja, o homem em sentido coletivo. No entanto, a seguir (v. 27c), não se fala de *adam* (no coletivo), nem de אִישׁ (*ish*, “este homem”) mas de רִכּוּז (*dzakar*), ou seja, masculino (macho); ainda aqui (v. 27c) não fala de אִשָּׁה (*ishah*, “esta mulher”) mas de הַבְּקָה (*neqbah*), ou seja, feminina (fêmea) (Ferreira, 2023, p. 8).

Essa palavra “mulher” (*neqbah*) (Gn 1,27c) é o segredo e o sentido de toda a mudança. Do lado negativo, mulheres que participaram das conversas em torno da elaboração do hino, assustaram-se com a palavra רִכּוּז (*dzakar*) isolada. Devem ter se indignado, devem ter analisado a situação de todos (homens e mulheres) como escravos e discutiram e exigiram a palavra הַבְּקָה (*neqbah*). Do lado positivo, provavelmente conceituaram teologicamente a questão da dignidade. Vocês (masculinos) e nós (femininas) somos imagem e semelhança de Deus. Venceram.

A palavra *neqbah*, quando o hino (*bereshit*) entrou para o cânon bíblico, foi perpetuada. Ninguém a apagou. Por isso, para nós, nesse vocábulo, está o quase projeto feminino das mulheres contra o patriarcalismo e a definição da dignidade feminina.

28

É bom lembrar que foi a elite de Israel que foi exilada. Ali estavam, também, antigas lideranças religiosas como escribas, teólogos e sacerdotes.

NÃO HÁ HOMEM E MULHER (GL 3,28C): SEGUNDO PROJETO

No Novo Testamento, a bíblia cristã, na Epístola aos Gálatas, temos o Hino Batismal (Gl 3,26-28) dos cristianismos originários. Um texto, então, anterior a Paulo²⁹ que reflete que todos são filhos de Deus e que a partir de Cristo todos são revestidos nele, porque foram batizados. Com isso, o texto coloca três assertivas revolucionárias: *"não há mais judeu e grego, escravo e livre, não há homem e mulher, pois todos vós sois UM SÓ em Cristo Jesus"*.

Olhando para as três afirmativas, supõe-se que *não há mais judeu e grego* foi uma conquista dos cristãos estrangeiros dos cristianismos originários; que *escravo e livre* foi uma proeza dos escravos cristãos diante do império escravagista romano; que *não há homem e mulher* foi uma vitória das mulheres missionárias, apóstolas, diaconas e colaboradoras no anúncio de Jesus Cristo.³⁰ Após Jesus, o grupo helenista junto a Paulo foi quem incorporou tantas mulheres que tiveram o ardor missionário. Elas conquistaram o espaço no universo patriarcal e, também, soltaram a voz na defesa da dignidade das evangelizadoras e de todas as mulheres.³¹

As líderes femininas (Júnia, Priscila, Febe, Pérside, Maria, Trifena, entre outras), envolvidas na evangelização, ajudaram a escrever o hino ou o receberam de mulheres um pouco anteriores, colocando em prática a assertiva *"não há homem e mulher"*

29 Após Baumert (1999), a compreensão do Hino Batismal, como anterior a Paulo, tornou-se um consenso no mundo exegético. Isso ajudou muito a se compreender que a participação feminina na evangelização dos cristianismos originários foi bem mais próxima ao evento Jesus. Ao mesmo tempo, olhar os cristianismos do início com a ótica da mulher tomou uma grande arrancada (Fiorenza, 1992).

30 Parece que Júnia, esposa de Andrônico, participou da elaboração do hino batismal. Isso é suposto, porque o Apóstolo, ao saudar várias pessoas que estavam em Roma (Rm 16), refere-se aos dois "que me precederam na fé em Cristo" (Rm 16,7).

31 Se, no Antigo Testamento, quem mais boicotou Gn 1,27c, "Deus os criou homem e mulher", foi o grupo de Esdras e sua linha eugênica, no Novo Testamento, quem foi contra a primavera das mulheres evangelizadoras foi o grupo pós-Paulo, a ala dos "códigos domésticos".

e conquistando espaço e voz nos cristianismos originários. Aquelas mulheres, se olharmos bem as referências de Paulo a elas, penetraram no universo gentio/estrangeiro e, estando conscientes do evangelho libertador, abriram-se e avançaram no anúncio de que, a partir de Jesus Cristo, não havia mais diferença entre mulher e homem.

CONCLUSÃO: CONTRIBUIÇÕES PARA A ACADEMIA

Constatando que a leitura bíblica pelo modelo conflitual, ou seja, da contradição e da dialética, pelo Programa em Ciências da Religião, esteve presente em vários congressos nacionais e internacionais, inumeráveis cursos bíblicos pelo Regional Centro-Oeste e em várias partes do Brasil, ajudando, em nível popular e acadêmico, viu-se que a compreensão da bíblia como Palavra que age na história tem estado presente na história dos pequenos sem espaço e sem voz. O Deus da bíblia, como libertador, caminha com os que foram silenciados pelas elites tornando-os protagonistas (Ferreira, 2023).

1. Leitura sociológica pelo modelo conflitual (contradição/dialético): ótica dos pobres.

Como foi dito na década de 1980, foi feito um enlace entre a Teologia da Libertação e o Comentário Bíblico latino-americano. Nós participamos deste último e, quando foi criado o Programa em Ciências da Religião, pela linha Religião e Literatura Sagrada, continuamos o projeto libertador de leitura bíblica na ótica dos pobres. Elaboramos os comentários de 1 Tessalonicenses (1988), Gálatas (2005; 2013; 2021) e 1 Coríntios (2013).

2. Abertura aos marginalizados:

Os orientandos mestres e doutores puderam abrir-se para a riqueza das parcerias dos métodos e interpretações bíblicas, principalmente, tendo o foco da leitura a partir dos marginalizados como uma busca questionadora nas pesquisas acadêmicas e na pastoral (Ferreira, 2011; 2012). Foram vários os estudantes que chegaram ao Programa com visão da abordagem fundamentalista e se formaram com profundas revisões dos projetos acadêmicos e compreenderam, pelo rigor científico e pela visão crítica da leitura da bíblia, o que é a Palavra Viva e eficaz.

3. Gn 1,27c e Gl 3,26-28:

Suspeitamos que Gn 1,27c seja um projeto feminino na história bíblica do Antigo Testamento. À Academia bíblica, oferecemos a suspeita bíblica de que Gn 1,27c, "*e Deus os criou homem e mulher*", surgiu na experiência do cativo da Babilônia e lá as mulheres se moveram no mesmo nível dos homens e exigiram a presença do vocábulo "*neqbah*", que foi uma revolução no primeiro capítulo da bíblia hebraica. Ali se derrotou o patriarcalismo e enalteceu a mulher como um ser cheio de dignidade e, também, imagem e semelhança de Deus (Ferreira, 2023).

Há a compreensão de que o Hino Batismal esteja no centro da Epístola aos Gálatas e a mova. Havendo um consenso de que o Hino Batismal foi escrito antes de Paulo, nós oferecemos à Academia um modo novo de ler a Epístola aos Gálatas, a carta da liberdade: Paulo provavelmente escreveu a epístola tendo à mesa o texto batismal. Com aquele hino, ele fez ecos em toda a carta. Todos os temas giram em torno do hino (Ferreira, 2005; 2013; 2021). Dessa compreensão, insiste-se que a afirmativa "*não há homem e mulher*" moveu os cristianismos originários, especialmente o grupo helenista. O projeto de que as mulheres ocuparam o seu espaço desde o início dos cristianismos já foi defendido desde a década de 1980.

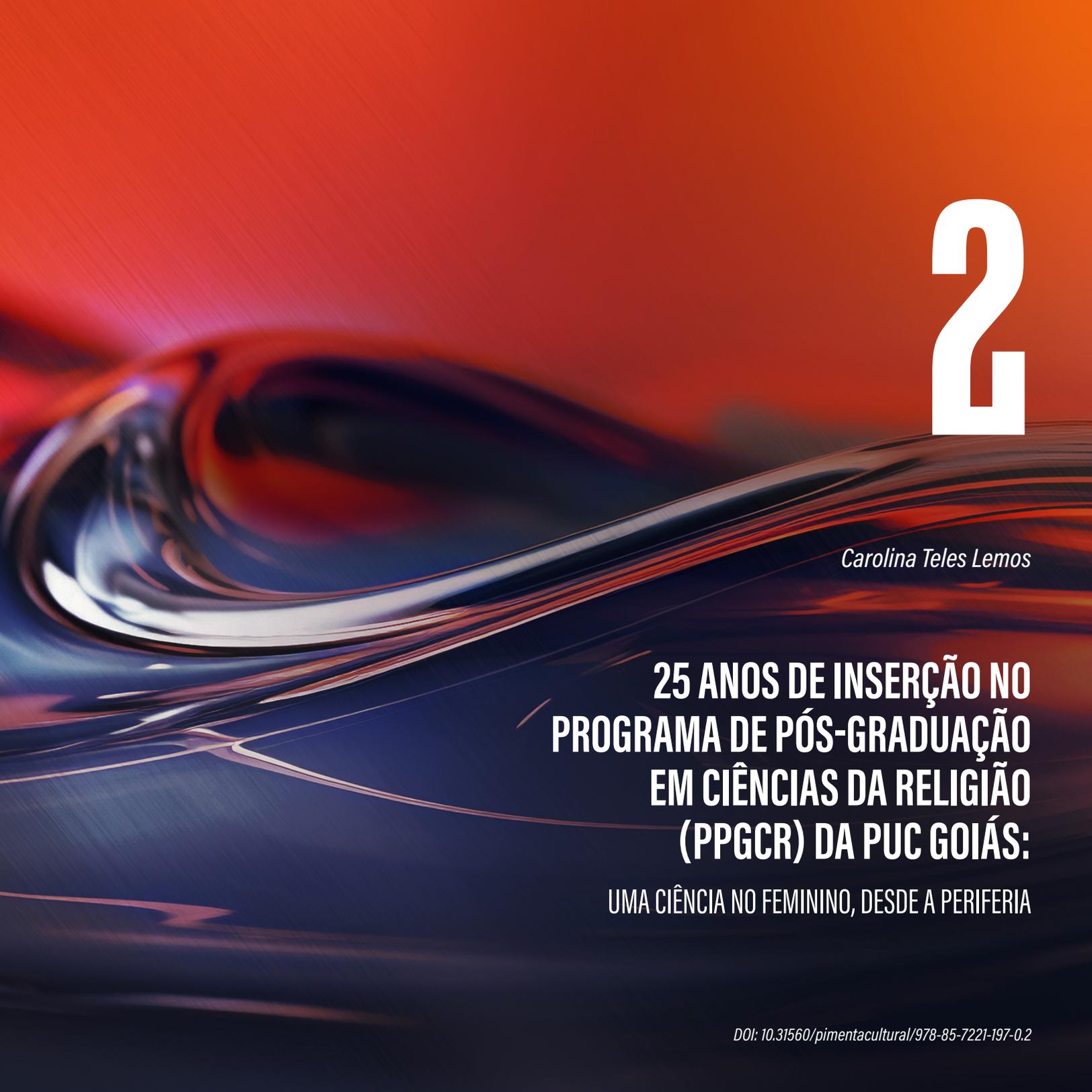
O que defendemos é que quem impôs o termo “feminina/fêmea” foram elas. Então, não se usou o termo *anér* para homem, mas *ársen* (macho, masculino). Não se usou o vocábulo *gyné* para mulher, mas *thêlys* (fêmea, feminina). Com esse termo, o grito de defesa não era para essa ou aquela mulher, mas, para todas as femininas do mundo (Ferreira, 2005). Então, possivelmente, as femininas cristãs dos cristanismos originários se inspiraram, também, em Gn 1,27c, que diz que “Deus os criou masculino e feminino”.

A Sagrada Escritura, como linha, foi, nesses 25 anos, fundamental para a compreensão do estudo dos fenômenos religiosos no Programa em Ciências da Religião, ao lado de religião e a linha do social e religião e a linha do simbólico e cultural, em que a literatura sagrada amplia o modo de se compreender os fenômenos religiosos em todos os tempos (Ferreira, 2012).

REFERÊNCIAS

- ALVAREZ-VERDES, L. El Método Sociológico en la Investigación Bíblica Actual. *Studia Moralia*, Roma, n. 1, v. 27, p. 5, 1989.
- BAUMERT, N. *Mulher e Homem em Paulo: Superação de um mal-entendido*. São Paulo: Ed. Loyola, 1999. Trad. Haroldo Reimer e Ivoni R. Reimer.
- COMBLIN, J. *Introdução Geral ao Comentário Bíblico*. Petrópolis: Vozes, 1985.
- DUSSEL, H. *Filosofia da libertação: crítica à ideologia da exclusão*. São Paulo: Paulus, 1995.
- FERNANDES, F. *Poder e contrapoder na América Latina*. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.
- FERREIRA, J. A. *A Libertação da Escravidão: de Onésimo no Império Romano e a Situação Análoga da Escravidão no Brasil (2003-2018)*. Goiânia: Ed. Espaço Acadêmico, 2019.
- FERREIRA, J. A. *Carta aos Gálatas: Pois todos vós sois UM só em Cristo Jesus (Gl 3,28d)*. Brasília: Ed. CNBB, 2021.
- FERREIRA, J. A. *Ciência e Fé: Diálogo Bíblico-Teológico com os Acadêmicos de Graduação das Ciências Empírico-Formais*. Goiânia: Ed. Espaço Acadêmico, 2017.

- FERREIRA, J. A. *Gálatas a epístola da abertura de fronteiras*. São Paulo: Ed. Loyola, 2005.
- FERREIRA, J. A. *Gálatas la epístola de la apertura de fronteras*. Bogotá: Pontificia Universidad Javeriana, 2013.
- FERREIRA, J. A. *Jesus na Origem do Cristianismo: Os vários grupos que iniciaram o cristianismo*. Goiânia: Ed. PUC Goiás, 2012.
- FERREIRA, J. A. *Mulheres que conquistaram espaço e voz na Bíblia: Resistências ao Patriarcalismo*. São Paulo: Paulus, 2023.
- FERREIRA, J. A. *Paulo, Jesus e os Marginalizados: Leitura conflitual do Novo Testamento*. Goiânia: Ed. PUC Goiás, 2011.
- FERREIRA, J. A. *Primeira Epístola aos Tessalonicenses*. Petrópolis: Vozes, 1991.
- FERREIRA, J. A. *Primeira Epístola aos Coríntios: A Sabedoria Cristã e a Busca de uma Sociedade Alternativa*. São Paulo: Fonte Editorial, 2013.
- FIORENZA, E. S. *As origens cristãs a partir da mulher: uma nova hermenêutica*. São Paulo: Ed. Paulinas, 1992.
- HOUTART, F. *Religião e Modos de Produção Pré-Capitalistas*. São Paulo: Ed. Paulinas, 1982.
- IANNI, O. (Org). *Florestan Fernandes: Sociologia Crítica e Militante*. São Paulo: Expressão Popular, 2004.
- KONDER, L. *Hegel, a razão quase enlouquecida*. Rio de Janeiro: Campus, 1991.
- MADURO, Otto. *Religião e Luta de Classes*. Petrópolis: Ed. Vozes, 1983.
- MALAGODI, E. *O que é Materialismo Dialético*. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1988.
- MALINA, B. J. The Social Sciences and Biblical Interpretation. *Interpretation*, Estados Unidos, v. 36, n. 3, p. 229-242, 1982.
- MARTINS, P. H. Sociologia na América Latina: giros epistemológicos e epistêmicos. *Sociedade e Estado, Brasil*, v. 34, p. 689-718, 2019.
- NASCIMENTO, T. F. Uma aproximação às Bases Teóricas do Individualismo Moderno. *Fragmentos de Cultura, Goiânia*, v. 14, n. 3, p. 577-578, 2004.
- OSIEK, C. The New Handmaid: The Bible and the Social Sciences. *Theological Studies*, Estados Unidos, v. 50, n. 2, p. 260-278, 1989.



2

Carolina Teles Lemos

**25 ANOS DE INSERÇÃO NO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO
(PPGCR) DA PUC GOIÁS:**

UMA CIÊNCIA NO FEMININO, DESDE A PERIFERIA

Peço permissão para iniciar este capítulo que, com carinho, escrevo, em homenagem ao PPGCR da PUC Goiás, por ocasião de seus 25 anos de existência, me apresentando academicamente. Em meu currículo Lattes,¹ busquei as seguintes informações: a pesquisadora foi membro efetivo da comissão de elaboração do projeto do Doutorado em Ciências da Religião da UCG; coordenou o Núcleo de Estudos da Religião — NER no Mestrado em Ciências da Religião, no período de 2000 a 2004; foi Vice Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da UCG no período entre 2005-2007 e 2011-2015; pesquisadora integrante do projeto de pesquisa *Famílias brasileiras em situação de conflitividade*: dimensões sócio-históricas, jurídicas, culturais e subjetivas, em Goiânia, Goiás, 1980-2012, apresentado ao Centro Coordenador de Investigação — CCI/FIUC; membro do Conselho Diretor da ANPTECRE na função de Vice Presidente, gestão 2018-2020 e 2020-2022. Atualmente coordena o grupo de estudos Religião, Cultura e Sociedade, registrado no CNPQ; é membro da Associação dos Cientistas da Religião do Mercosul; é membro da equipe nacional de assessoria e formação da Comissão Pastoral da Terra; é Membro do comitê de “consultor ad-hoc” na avaliação de projetos de pesquisa submetidos à FAPEG; é membro efetivo do grupo de pesquisa MANDRÁGORA/NETMAL, sediado na UMESP e da “Rede Goiana de Pesquisa em Tradições Religiosas”, subsidiada pela FAPEG; Pesquisadora integrante do Núcleo de Estudos Avançados em Religião e Globalização (NEARG), sediado no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Pontifícia Universidade Católica de Goiás, subsidiado pelo CNPQ e pela FAPEG, em seu projeto “PRONEX”; membro do Comitê científico da Editora da PUC Goiás; Coordenadora do Núcleo de Pesquisa em Estudos da Religião (NEPER) da PUC Goiás; Coordenadora da Área 44 — Ciências da Religião e Teologia da CAPES, gestão 2023-2026; membro do GT, na CAPES, sobre o Ensino Híbrido, 2023 e do GT Qualis e Classificações da produção Intelectual, 2024; Representante do Colégio de Humanidades junto ao CTC-ES da CAPES, gestão 2023.

1 Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/8034392675044483>. Acesso em: 26 mar. 2024.

Como cheguei até aqui? Retomando um pouco o fio de minha história pessoal, percebo que o ensino e a pesquisa sempre compuseram a linha mestra de minha vida. Iniciei minha carreira docente aos 15 anos. No ensino médio, fiz magistério e depois, no ensino superior, fiz graduação em pedagogia. Depois mestrado e doutorado em Ciências da Religião e, ao final destes, comecei trabalhar na PUC Goiás, na criação e consolidação do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião. Em 2023, completei 50 anos de magistério e 25 anos de PUC Goiás.

Olhando um pouco para trás, me pergunto o que tenho feito, ou melhor, como tem sido minha vida acadêmica nesses vinte e cinco anos. Percebo que as respostas a essas questões podem ser múltiplas, mas uma delas se sobressai: minha história acadêmica desse período se (con)funde com a história do PPGCR da PUC Goiás. Participei do processo de construção de sua proposta em 1999 e o acompanho desde então. Nesse espaço, foram muitos os encontros e desencontros que vivenciei, uns mais significativos, outros menos agradáveis, mas sempre marcantes para mim.

Dessa trajetória comum com o PPGCR, para este registro, irei destacar apenas dois aspectos: a linha investigativa que seguiram meus projetos de pesquisa e a estreita relação construída nos processos de orientações de mestrandos e doutorandos.

TRAJETÓRIA DE PESQUISAS

Minha trajetória de pesquisa acontece em íntima relação com a construção e consolidação da própria área de Ciências da Religião e Teologia, bem como com o PPGCR da PUC Goiás.

Em se tratando da área, até outubro de 2016, os Programas de Pós-graduação (PPG) da atual área Ciências da Religião e Teologia

compunham a extinta área Filosofia/Teologia: subcomissão Teologia. A Portaria CAPES nº 174/2016, publicada no Diário Oficial da União (DOU) de 13 de outubro de 2016, redesignada pela Resolução nº 01, de 04 de abril de 2017, publicada no Boletim de Serviço/CAPES – Edição Especial nº 1 – abril 2017, criou as áreas de Filosofia e de Teologia, sendo renomeadas, posteriormente, como Ciências da Religião e Teologia.

O documento de área² informa que, nesse âmbito, se desenvolvem investigações que se orientam por abordagem de perfil multidisciplinar, interdisciplinar ou transdisciplinar e se abrangem cursos de Mestrado e Doutorado nas modalidades acadêmica e profissional em Ciências da Religião e Teologia, com denominações segundo os princípios teórico-metodológicos atinentes às duas principais subáreas que a compõe. A área Ciências da Religião e Teologia se organiza em oito eixos: Ciências da linguagem religiosa; Ciências da religião aplicada; Ciências empíricas da religião; Epistemologia das ciências da religião; História das teologias e religiões; Teologia fundamental-sistemática; Teologia prática; e Tradições e escrituras sagradas. A área incentiva os programas a se organizarem a partir desses eixos, sendo que a proposta do programa, áreas de concentração, linhas de pesquisa, objetivos e perfil do egresso, projetos de pesquisa, produção intelectual e componentes curriculares devem explicitar os eixos às quais o programa se vincula e apresentar coerência e aderência entre si, visando contemplar a episteme da Área e atender ao perfil do egresso desejado, seja com as características da modalidade acadêmica ou da profissional. A área assegura em todos os seus procedimentos os princípios da laicidade do Estado, da liberdade religiosa de crença e de não crença e o rigor acadêmico na pesquisa sobre o objeto próprio que lhe compete investigar. Dessa forma, não se confunde com abordagens de caráter não científico ou pseudocientífico para o estudo das religiões e da Teologia.

2 CAPES. Documento de área. Área 44: Ciências da Religião e Teologia. Disponível no site <https://www.gov.br/capes/pt-br/centrais-de-conteudo/ciencia-religiao-teologia-pdf> visitado em 26/03/2024.

Tampouco reconhece, entre os seus programas, abordagens de corte sectarista, proselitista e fundamentalista, e fomenta abordagens ecumênicas e de diálogo inter-religioso.

O PPGCR da PUC Goiás, desde seus inícios, procurou andar em consonância com os princípios da Área e se orientar por eles, bem como pelo PDI da PUC Goiás, que o abriga. Consta em seu Projeto Político Pedagógico (PPP)³ que o PPGCR/PUC Goiás iniciou suas atividades em março de 1999, e em março de 2001 foi recomendado pela CAPES, com o código numérico 52002012002P6. Na avaliação do triênio 2004-2006, recebeu a nota 4. No triênio de 2007 a 2009, o Programa investiu na criação e consolidação do Doutorado, com acento nas atividades de pesquisa e internacionalização. Em 11 de julho de 2007, com o Mestrado consolidado, o PPGCR teve o seu Doutorado aprovado. Desde o triênio 2010-2012, ano em que o Programa recebeu nota 5, essa nota tem se consolidado nas avaliações posteriores. A implantação do Mestrado em Ciências da Religião apresentou-se como o coroamento de uma prática de investigação científica e metodológica do fenômeno religioso, consolidada por meio de programas de pesquisa sociológica, de criação de acervos e veiculação nacional e internacional dos estudos gerados.

Quanto à sua configuração, o PPGCR, na atualidade, tem como objetivos gerais incentivar a pesquisa e a produção científica sobre o fenômeno religioso em sua constituição epistemológica, cultural e sua significação como fato social, promovendo formação científica aprofundada de docentes e pesquisadores para uma melhor compreensão das formas históricas da religião e de sua interação com a cultura e as transformações sociais e formando profissionais capacitados para a docência, nos seus diversos níveis, bem como para atuações profissionais diversas, em empresas e instituições. Seus objetivos específicos são: resgatar e compreender a religiosidade

3 Documento interno, de uso restrito, ainda em fase de finalização e de aprovação institucional para posterior divulgação.

inata da população brasileira, especialmente da região Centro-Oeste, considerando suas raízes indígenas, africanas e europeias; identificar e compreender a pluralidade de manifestações religiosas, especialmente o fenômeno do pentecostalismo, com novos apelos ao ecumenismo e ao diálogo inter-religioso e científico; inserir-se nas diversas instituições e movimentos sociais da região, prestando assessorias, de forma crítica e interdisciplinar, ecumênica e plural, contribuindo para melhor compreensão da interação entre religião e transformações sociais; pleitear a formação de políticas públicas voltadas para o reconhecimento, incentivo e preservação do patrimônio cultural e religioso da região; e fazer-se presente, de forma crítica, nos espaços de decisões e produções de saber fora do espaço acadêmico, tais como meios artísticos, políticos, empresariais, cuidando para que as decisões tomadas nestes espaços venham ao encontro das aspirações e necessidades socioeconômico-culturais da grande maioria da população.

O Programa é constituído por uma área de concentração e três linhas de pesquisa: a área de concentração é “Religião, Cultura e Sociedade” e concentra a pesquisa sobre os elementos que compõem a religiosidade das diferentes sociedades e culturas, bem como sobre as interações entre religião e outras dimensões da vida social, segundo a perspectiva das ciências humanas em geral.

As linhas de pesquisa são compostas pelos blocos temáticos em que as pesquisas individuais estão inseridas. O Programa tem três linhas: 1) Cultura e Sistemas Simbólicos: pesquisa a religiosidade das diferentes sociedades e culturas na perspectiva da antropologia da religião e de outras disciplinas afins, situando a religião como um dos principais sistemas simbólicos; 2) Religião e Movimentos Sociais: pesquisa as instituições religiosas, os movimentos sociais e religiosos na perspectiva da sociologia da religião e de outras disciplinas afins, priorizando a análise da relação entre as diferentes categorias sociais marginalizadas e o fenômeno religioso; 3) Religião e Literatura Sagrada: pesquisa, com aportes teóricos

do campo da hermenêutica, dimensões de religião, cultura e sociedade em textos sagrados; analisa a origem, transmissão, recepção e interpretação de textos sagrados.

Os focos temáticos de minha trajetória de pesquisa se situam em consonância com as diretrizes do documento da área de Ciências da Religião e Teologia e com o PPP do PPGCR. Minha inserção principal se dá no âmbito da linha de pesquisa “Religião e Movimentos Sociais”. Nessa linha, desenvolvi pesquisas sobre diversos temas, que se articulam em torno de quatro grandes focos temáticos. Apresento eles abaixo, acompanhados das produções decorrentes das pesquisas realizadas.

RELIGIÕES POPULARES

Esse bloco dá continuidade às investigações realizadas em função da produção de minha dissertação, “Concepções e Práticas de Religiosidade Popular em um Acampamento de Sem-Terras”, defendida em 1994 no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da UMESP e de minha tese “Religiosidade Popular e Sexualidade em Mulheres Camponesas”, defendida em 1998 na mesma instituição.

Algumas das publicações relacionadas a essas investigações foram: “Estudos das religiões populares no campo das ciências da religião no Brasil” (Lemos, 2023), “Um olhar sobre as benzedeadas do município de Quirinópolis: entre a cultura, a religião e a medicina popular” (Azevedo; Lemos, 2021), “Benzei-os, meu Pai. Benzei-os: as representações de cura de benzedeadas no meio urbano da cidade de Quirinópolis, GO” (Azevedo; Lemos, 2020), “Catolicismo e religiosidade popular no contexto do Centro Oeste” (Azevedo; Lemos, 2019), “Enquanto houver um fio de esperança, deus aí está: catolicismo popular no conto ‘Nhola dos anjos’, de Bernardo Élis” (Lemos; Castro, 2017), “Catolicismo Contemporâneo: uma religião,

muitas faces” (Lemos, 2011a), “Religiosidade popular: uma forma de resistência cultural no cotidiano da vida” (Lemos, 2006a) e “Catolicismo no Brasil: entre o carisma e a racionalização” (Lemos, 2005).

O conjunto das investigações desse bloco indicam para o dado que a religiosidade popular é uma forma de resistência cultural que se insere no quadro das lutas por sobrevivência de grupos ou pessoas marginalizados. As pessoas vivem suas práticas religiosas sem muitas interrogações sobre a validade e as funções delas. Para essas pessoas, a religião é para ser vivida, não para se falar sobre. O sagrado se justifica por si mesmo, é intocável; perguntar sobre o sagrado parece-lhes um despropósito, um desrespeito, falta de fé. Portanto, a resistência cultural que se dá por essas práticas não é elaborada, sistematizada, pensada, em vista de transformações político-econômicas. Resistir culturalmente é uma necessidade para que a sobrevivência, com dignidade, seja possível.

Nas crenças e práticas das religiões populares pode ocorrer a chamada duplicidade cultural, comportamento no qual se faz uso de gestos que desmentem palavras, que põem juntos o afirmar e o negar, o obedecer e o desobedecer. Essa duplicidade se manifesta na linguagem metafórica, no oculto, no dissimulado, no silêncio, na aprovação pública daquilo que é permitido pelo dominante e no comportamento privado daquilo que é proibido, mas que, segundo o marginalizado, é o necessário. Se não se pode enfrentar os mais fortes com argumentos ou outras formas de resistência devido aos riscos de perder o quase nada que lhes resta, o recurso é fazer com que os outros, os que podem, acreditem que suas propostas e intervenções foram aceitas. No caso de muitas comunidades marginalizadas, essa perspectiva não é adotada apenas no campo sociopolítico e econômico, mas também no campo religioso. As pessoas se apresentam junto ao clero local como se não participassem de práticas religiosas questionadas por ele, mas continuam realizando-as na clandestinidade, vivendo conforme suas crenças e, através delas, enfrentando os “males da vida”. Com essas práticas,

quando as pessoas se sentem impotentes para enfrentar seus males, elas os enfrentam simbolicamente; caso esse enfrentamento fracasse, o responsável pelo fracasso é o sagrado, que não cumpriu sua parte. Essa postura lhes proporciona um sentimento de dignidade humana perante elas próprias e a sociedade que as cerca. Na vivência cotidiana da religiosidade popular, seus praticantes podem ser o que são, embora os outros tenham a impressão de tê-los convencido do contrário. A resistência cultural mantida pelas práticas de religiosidade popular pode se traduzir em resistência político-econômica, mas não necessariamente ela precisa assumir essa função. No caso de muitas comunidades, só o fato dessas práticas contribuírem para a manutenção do sentimento de dignidade dos membros da comunidade e lhes oferecerem significados simbólico-religiosos para os diversos setores de suas vidas cotidianas já lhes é de grande valia.

RELIGIÃO E SUAS INTERFACES COM ASPECTOS RELEVANTES NA CULTURA E NAS INTERAÇÕES SOCIAIS NA ATUALIDADE

Nesse bloco, se situam os seguintes projetos: De 1999 a 2002, “Religião e globalização no Centro-Oeste”; de 2002 a 2004, “Religião como espaço de articulação entre o rural e o urbano”; de 2004 a 2007, “As CEBs no Brasil e a superação da fome e da miséria: rupturas e continuidades”; de 2013 a 2015, “Religião e globalização: a (re)significação das relações de gênero na região Centro-Oeste”; e de 2014 a 2022, “Juventude, religiosidade: o caso de jovens universitários da PUC Goiás”.

Estas são algumas das publicações decorrentes das investigações realizadas no âmbito desses projetos: “Bauman e a questão das crenças na pós-modernidade” (Azevedo; Lemos, 2018), “A (re) construção do conceito de comunidade como um desafio à sociologia da religião” (Lemos, 2009), “Meu Mal, Meu Bem, Meu Zen: o indivíduo(alismo) moderno como um desafio às teodiceias” (Lemos, 2008), “Religião no Centro-Oeste: entre a tradição e a modernidade” (Lemos, 2006b), “A religião como espaço de conexão entre o rural e

o urbano: os valores indivíduo e comunidade em interação” (Lemos, 2004), “Juventude e religiosidade: o caso de jovens universitários” (Lemos; Martins Filho; Sousa, 2018).

Desse conjunto de investigações, podemos apreender que um traço característico da cultura atual é a convivência com ambiguidades, como a relação entre indivíduo e comunidade. Nesse caso, na relação entre indivíduo e sociedade, não existe o indivíduo acima ou abaixo da sociedade, ambos se produzem e se reproduzem. Junto ao desejo de se destacar existe o desejo de estar inserido em uma sociedade; destacar-se e fazer parte. Os sentimentos de participar e de estar descomprometido muitas vezes se misturam. Talvez seja esse sentimento, o do limite do indivíduo enquanto aquele que supre o ser humano em todas as suas necessidades, que traz consigo o desejo do retorno à comunidade. Ou seja, o mesmo indivíduo que tanto preza sua individualidade, e busca ela desenfreadamente, percebe os limites dela e volta-se a buscar algo do qual já ouviu falar, mas que nunca (ou quase nunca) teve a oportunidade de experienciar: a comunidade. Uma outra ambiguidade é a relação rural/urbano ou tradição/modernidade, exemplificada pelo panorama religioso da região Centro-Oeste, palco de tão grande riqueza de formas de expressões religiosas, como festas das irmandades e romarias, Comunidades Eclesiais de Base (CEBs), nova era e neopentecostalismo, indicadores de que essa região tem passado por um acelerado processo de urbanização em tempos muito recentes, motivo que faz com que em seu seio convivam novas (modernas) e velhas (tradicionais) formas de convivências e de valores socioculturais.

RELIGIÃO, GÊNERO E SEXUALIDADE

Tendo por base a concepção que a sexualidade e as relações de gênero não são naturais, mas sim construídas socialmente, e que essas construções se dão no seio de uma cultura patriarcal na qual a religião é um elemento constituinte, os seguintes projetos

marcaram um período importante de minha trajetória acadêmica: de 2007 a 2010, “Maternidade, gênero e religião: o caso das devoções marianas” analisou as concepções de maternidade humana e maternidade sagrada presentes nas devoções marianas em um contexto de transformações nas relações familiares e de gênero; de 2009 a 2011, “Dimensões de gênero, religião e sexualidade nas representações e configurações da família em que um dos parceiros é portador do HIV” analisou a repercussão da constatação de que um dos (ou ambos) cônjuges é portador do HIV nas representações e na configuração de suas famílias, tendo por base um possível ideário religioso subjacente às identidades de gênero masculina e feminina, bem como das formas de exercício da sexualidade que tal identidade de gênero comporta; de 2010 a 2013, “Religião, sexualidade, aids: o caso dos profissionais da área de saúde” tratou de verificar se há incidências do ideário religioso sobre a sexualidade acionado pela Igreja Católica, quando ela reafirma suas proibições do uso de preservativos, nas representações sobre a aids para os profissionais da área da saúde, como psicólogos, enfermeiros e médicos. Essa última pesquisa partiu do pressuposto de que as representações religiosas oriundas da Igreja Católica, no que se refere a sexualidade, têm como característica principal a negação da sexualidade enquanto forma de prazer. Nessa perspectiva, a função principal da sexualidade seria a procriação e, por esse motivo, não se deveria usar preservativos durante o ato sexual, pois isso a inviabilizaria. Há também uma explícita negação das práticas sexuais homoeróticas. Grande parte dos profissionais de saúde, em suas práticas cotidianas de atendimento a pacientes portadores do vírus HIV, assumem, ainda que de forma velada, as referidas representações religiosas, o que pode resultar em padrões de crueldade, desconforto, violência e desumanização nesses atendimentos.

Os resultados das investigações referentes aos projetos acima se encontram em: “A mulher e sua importância para a igreja primitiva” (Lemos; Gomes, 2023); “Religião e violência doméstica:

a reconstrução do sentido da vida de mulheres vítimas” (Lemos; Nieves, 2021); “Religião, maternidade e violência: o caso de mulheres diante de seus filhos, vítimas de mortes violentas” (Lemos; Caceres, 2021); “Mulheres, a casa e a pandemia: a religião como sentido e esperança” (Lemos, 2021); “Religião e Gênero: autopercepção da mulher na romaria de Bom Jesus da Lapa” (Oliveira; Lemos, 2016); “Religião, sexualidade e família: o caso em que um dos parceiros é soropositivo para o HIV” (Lemos; Ecco, 2014); “Religião e Patriarcado: elementos estruturantes das concepções e das relações de gênero” (Lemos, 2013); “Relações de gênero na história da recepção: o olhar de Antônio Conselheiro sobre Maria das Dores” (Lemos; Lima, 2013); “Mística feminista: interfaces entre místicas religiosas e místicas seculares” (Lemos, 2012); “Vida e medo: concepções de corpo e sexualidade na tradição cristã-católica” (Lemos, 2011b); “Catolicismo, sexualidade e AIDS: pertencer sem ser fiel” (Lemos, 2010); “Equidade de gênero, uma questão de justiça social e de combate à violência: ideias religiosas como ângulo de análise” (Lemos, 2003a); “Modernidade, gênero e religião: a maternidade no meio rural em discussão” (Lemos, 2003b); “Gênero na agenda dos movimentos sociais: ideias religiosas como ângulo de análise” (Lemos, 2001a); “Concepção de sexualidade e reprodução humana no pensamento católico” (Lemos, 2001b); “Medicina e religião no enfrentamento do HIV/AIDS” (Lemos; Ecco; Nonato, 2016); e “A casa, as mulheres e a igreja: gênero e religião no contexto familiar” (Souza; Lemos, 2009).

O bloco de estudos sobre as relações de gênero e religião nos permite perceber que os valores religiosos, principalmente os oriundos da tradição judaico-cristã marcam fortemente nossa cultura ocidental. Esses valores religiosos são marcadamente misóginos, uma vez que apresentam tanto a divindade quanto as diferentes formas por ela escolhidas para se manifestar como masculinas. Ao mesmo tempo apresentam a ideia de que quem atrapalha a possibilidade de o bem ser uma realidade permanente, é feminina (Eva). Os modelos religiosos aos quais as mulheres necessitam se identificar quando

do processo de elaboração de suas identidades femininas sugerem uma imagem ambivalente para as mulheres: elas não podem crescer livremente, pois com isso estariam correndo o risco de errar e desencadear a ira da divindade e conseqüentemente trazer dores ao mundo. Mas elas querem crescer e ser livres. Aí resta o outro modelo, o de Maria, que, segundo a tradição judaico-cristã, mais precisamente em sua expressão católica, é especial porque conseguiu aliar a maternidade à virgindade, coisa impossível às mulheres normais. Resta-lhes a possibilidade de serem mães boas e castas, praticando a sexualidade em função da reprodução, no seio de uma família bem harmoniosa e integrada cuja responsabilidade de criá-la e mantê-la é da própria mulher. Para cumprir com “seu” papel de mulher-esposa-mãe, muitas mulheres estão se submetendo a relações de violência doméstica. Outras estão insatisfeitas, mas não encontram forças para saírem da situação, pois correriam o risco de perderem a única chance de salvação, ou seja, a de que um homem (ele sim sagrado ou muito próximo do sagrado e com sua salvação garantida) lhe “ajude a salvar-se”. Imaginemos a situação de grande número de mulheres crentes que, além do sofrimento neste mundo, sentem-se permanentemente na iminência de perderem a chance da salvação!

A perversidade misógina introjetada não só pelos homens, mas também na subjetividade e no comportamento feminino, tem moldado secularmente na cultura ocidental a vivência de significados de culpa e medo que evidenciam a falta de reconhecimento de seu ser mulher. Nesse vazio, ela se anula, se confunde e se deixa usar. Na construção de sua identidade ela se coloca enquanto aquela que não soube cumprir os papéis morais e sociais que lhe foram atribuídos e assim vê justificado o seu “erro” na punição: “fui castigada porque não cumpri com minhas obrigações de mulher”.

Porém, apesar dos esforços, o número de famílias chefiadas por mulheres cresce a cada dia. Há muitas mulheres que não desejam ser mães, há matrimônios em frangalhos, com as relações carregadas de sofrimentos e dores, há diferentes formas de se viver

a sexualidade, há uma imensa maioria de mulheres que controlam a natalidade, há um número elevadíssimo de abortos, há uma entrada maciça de mulheres no mercado de trabalho, nos meios políticos, na academia; ou seja, grande parte das mulheres estão administrando suas vidas. Como vivem essas mulheres? Como apontamos acima, as mulheres que creem vêm tentando encontrar formas de administrar suas vidas sem ter que romper com suas crenças, mas o desafio ainda permanece enorme.

É porque a identificação ou a aproximação com o sagrado é fundamental para a formação e manutenção de uma identidade feminina e masculina saudáveis que destacamos aqui a importância da teologia e de hermenêuticas bíblicas feministas. Serão elas que poderão contribuir intensamente com a construção de uma nova percepção das relações de mulheres e homens com o sagrado; de elaborar até mesmo uma nova concepção de sagrado. Essa tarefa não é só para mulheres feministas, mas para todas as pessoas: pesquisadores, pastores, padres, freiras e qualquer pessoa que tenha uma preocupação, ainda que mínima, com a questão do combate à violência e da justiça social. Isso porque se a visão tradicional-religiosa contribui para a exposição de 50% da população à possibilidade de sofrer violências, essa é uma realidade de injustiça social que precisa ser combatida. E também porque, apesar das ideias religiosas conservadoras e restritivas, as mulheres estão tomando suas vidas nas mãos. Então, por que não tornar esse processo menos doloroso e mais rico?

RELAÇÃO ENTRE ESPIRITUALIDADE E SAÚDE

O último bloco trata de uma temática que me mantém ocupada até hoje. Trata-se da estreita relação entre espiritualidade e saúde. Essa relação é estudada nos projetos apresentados a seguir. De 2017 a 2022, o trabalho “Pesquisas em religiosidade,

espiritualidade e saúde” teve por objetivo analisar as principais abordagens teóricas e o perfil dos pesquisadores que investigam religiosidade, espiritualidade e saúde, nas áreas das ciências humanas e da saúde, na atualidade. Nele foram analisadas as obras produzidas no período por docentes e discentes dos Programas de Pós-Graduação *stricto sensu* de universidades situadas nas regiões Centro-Oeste e Nordeste do país, tendo as seguintes questões norteadoras: quais são as principais abordagens sobre a temática religiosidade, espiritualidade e saúde que tornaram-se objeto de estudos da academia? Qual o perfil desses pesquisadores? Por que o interesse dos pesquisadores por elas? Que contribuições eles apresentam à melhor compreensão e análise desta temática? Em uma primeira etapa, tivemos como espaço de investigação as bases de dados dos Sistemas de Bibliotecas das Universidades e os bancos de dissertações e teses dos programas de pós-graduação. Na segunda etapa da investigação, uma vez tendo sido identificados os pesquisadores, realizamos entrevistas por e-mail, por meio de questionários contendo questões fechadas e abertas, visando aprofundar e ampliar a coleta de informações sobre as questões postas acima. Partiu-se do pressuposto de que, na atualidade, o foco central de análise das referidas temática é a concepção de saúde integrativa.

De 2020 até atualmente, o trabalho “Religião, espiritualidade e saúde: os sentidos do viver e do morrer” partiu do pressuposto que, atualmente, nas áreas da saúde, mudanças ocorreram na compreensão do próprio conceito “saúde”, com a entrada em cena de novas tecnologias e de novos critérios definidores da relação médico-paciente. No campo religioso, por sua vez, percebeu-se a convivência entre teodiceias tradicionais e novas formas de espiritualidade e de expressões religiosas, constituindo-se progressivamente em fontes de significados às mais diferentes situações do viver e do morrer. O que ocorre com as relações entre religião, espiritualidade e saúde nos casos em que a saúde não está disponível? O que ocorre com os familiares daqueles que perderam a batalha contra alguma doença?

O que ocorre, além disso, com os familiares de alguém cuja vida foi ceifada por uma morte violenta? Em resumo, quais são os sentidos possíveis estabelecidos entre religião, espiritualidade e saúde para o viver e o morrer nas mais diferentes circunstâncias? Como aparecem tais temáticas nos programas de formação dos profissionais de saúde? Como tais aspectos são considerados no âmbito das políticas públicas que provêm serviços de atendimento à saúde? O objetivo dessa investigação foi a produção de reflexões ao redor dessas e de outras questões relacionadas ao tema. Como metodologia, realizou-se uma investigação bibliográfica, analisando os principais eixos e enfoques presentes nas pesquisas sobre o tema. Realizou-se também investigação empírica por meio de observações participantes e/ou de aplicações de questionários ou outros instrumentos de coleta de informações em ambientes familiares, clínicas ou hospitais, outros espaços de atenção à saúde e espaços acadêmicos de formação de profissionais da saúde. Nossa hipótese é que grande parte das investigações dá pouca atenção às necessidades de sentido e às formas como as pessoas o buscam quando em situações de morte eminente de si mesmo e/ou de um familiar. Os profissionais de saúde raramente recebem (in)formações adequadas para abordarem a temática junto a seus pacientes, representando, assim, um desafio aos currículos e projetos pedagógicos de tais cursos. As políticas públicas carecem de programas de formação relacionados às práticas de saúde integrativa.

De 2023 até atualmente, trabalhamos no projeto “Espiritualidade como recurso no enfrentamento do comportamento suicida”. De acordo com a OMS, anualmente cerca de 700 mil indivíduos tiram a própria vida e há um número ainda maior de tentativas de suicídio. Uma das possíveis causas para a ideação e a realização de suicídios se deve a uma profunda falta de sentido à vida. Por outro lado, atualmente há uma gama imensa de formas de espiritualidade disponíveis nas sociedades. O conjunto dessas informações nos levou às seguintes indagações: as pessoas que estão com ideação suicida

apresentam alguma forma de espiritualidade? A espiritualidade pode influenciar, nos momentos de conflito, a opção pela vida? É possível ativar a espiritualidade em pessoas com ideação suicida? Se sim, a espiritualidade contribui para o enfrentamento do pensamento suicida? Este projeto de investigação-ação se propõe a buscar respostas a essas questões e contribuir para a redução do número de suicídios de três formas: por meio de pesquisa bibliográfica, em artigos de periódicos qualificados, sobre fatores de risco, técnicas e consequências de tentativas de suicídio; por meio de dados empíricos sobre a espiritualidade presente em pessoas com ideação suicida, técnicas de suicídio e dados sobre a presença da espiritualidade na formação dos profissionais da saúde; e por meio da produção de materiais didáticos, planejamento e realização de ações de formação junto a profissionais da saúde (médicos e técnicos de enfermagem) e agentes religiosos (espíritas, evangélicos e católicos) visando potencializar os recursos terapêuticos fornecidos pela espiritualidade e, assim, reduzir o índice de suicídios no Brasil e em outras partes do mundo. Entende-se aqui que a espiritualidade pode fortalecer a capacidade do ser humano de transcender a si mesmo, de enfrentar o sofrimento e a dor e de encontrar sentidos para continuar vivo. Sendo assim, agentes da saúde e do âmbito religioso podem contribuir para o cultivo e o fortalecimento da espiritualidade e com a redução do suicídio.

As seguintes publicações são resultado das investigações realizadas como partes dos projetos que consideram as relações entre espiritualidade e saúde: "Espiritualidade, religiosidade e saúde: uma análise literária" (Lemos, 2019); "Espiritualidades como fator de resiliência" (Lemos; Junior, 2020); "Os significados da religião para um grupo de pacientes renais crônicos e oncológicos" (Lemos; Silva, 2020); "A influência da religião na elaboração do luto entre viúvas e viúvos" (Lemos; Toledo, 2020); "A marginalização da pessoa com deficiência e os discursos e práticas cristãs" (Lemos; Ribeiro, 2020); "Corpo e espiritualidade: do dualismo-sacrifício à abordagem transpessoal"

(Lemos; Oliveira; Nunes, 2019); “Espiritualidade e sentido de vida em pacientes com dor crônica no contexto de cuidados paliativos” (Moura; Magalhaes; Lemos, 2023); “Onde dói? a dimensão espiritual como caminho para a resignificação da dor” (Lemos; Borges, 2022); e “Espiritualidade e os sentidos do morrer” (Lemos, 2020).

A síntese dessas produções aponta para a constatação de que nos últimos anos percebe-se, tanto na sociedade em geral como nos ambientes médicos, uma tomada de consciência de que a medicina convencional é deficiente para solucionar determinadas doenças, exigindo diferentes perspectivas e abordagens sobre saúde/doença. Nesse contexto, houve um significativo aumento de pesquisas que investigam a relação entre espiritualidade, religiosidade e saúde. Os resultados dos estudos analisados foram inseridos em duas categorias: pesquisas que envolviam a temática da espiritualidade/religiosidade sob o ponto de vista do paciente e aquelas que avaliaram a perspectiva dos profissionais de saúde em relação ao binômio.

De modo geral, os trabalhos que se referiram à espiritualidade dos pacientes destacam que a espiritualidade do doente muitas vezes influencia na adesão ao tratamento, no enfrentamento da dor e na busca por uma explicação para a experiência atual, além de atuar na diminuição da ansiedade e estresse advindos do contexto de doença. Para a maioria dos pesquisadores visitados, a religião proporciona ao doente conforto, sentimento que tem repercussão na redução do estresse emocional advindo das mudanças e perdas próprias do curso clínico de determinada enfermidade. Por meio desse consolo é possível que o doente transfira suas preocupações, expectativas e anseios para Deus. Os estudos apresentados acima apresentam quase unanimidade ao afirmar uma relação positiva para os processos de cura entre religião, espiritualidade e saúde. Podemos nos perguntar: por que a religião e a espiritualidade apresentam tal potencial? Uma das possíveis respostas dadas a essa questão é que a concepção de saúde está intimamente relacionada com uma concepção religiosa do corpo e da vida. Nessa concepção, o ser humano

entende-se como nascido para a vida. Para ele tudo o que conduz na direção de vida abundante, saudável, faz sentido, pois se insere nessa visão de mundo. Sendo assim, o que não faz sentido é a doença, pois levaria o sujeito em direção contrária a seu objetivo de permanecer vivo, o colocaria diante da possibilidade do desconhecido.

No caso dos profissionais da saúde, na maioria dos estudos analisados eles defenderam o envolvimento espiritualista como uma experiência positiva para a população em geral e, de modo especial, para aqueles que passam por algum tipo de enfermidade física ou mental. Eles concordam que a espiritualidade empodera o indivíduo, tornando-o mais resiliente, revigorando sua força e alimentando-o de esperança para o enfrentamento da doença/dor que o acomete. Para esses profissionais, os pacientes que possuem uma religião ou determinado envolvimento espiritualista tendem a enxergar além da condição atual vivida, buscando compreender o contexto e se fortalecer através da fé. No entanto, segundo esses mesmos profissionais, é rara a presença do assunto nas universidades, cursos de pós-graduação e como forma de educação continuada nas unidades de saúde. Há uma enorme falta de conhecimento e informações para colocar em prática essa necessidade, no intuito de contemplar da melhor forma uma assistência em saúde humanística e mais integrativa visando melhorar cada vez mais o cuidado em saúde, deixando essa visão biomédica que ainda se instala na assistência ao paciente.

Considerando-se o destaque positivo e a presença intensa da espiritualidade para os pacientes e o que é preconizado pela Organização Mundial da Saúde, um “estado de completo bem-estar físico, mental e social”, entende-se que é de fundamental importância e necessário a inclusão da temática nos cursos de graduação, e essencial estabelecer o conceito de espiritualidade e religiosidade nas políticas públicas para que sejam mais bem trabalhados esses recursos no cuidado integral com as pessoas, principalmente devido à limitação no preparo dos profissionais da área sobre a espiritualidade.

É importante que mais trabalhos de investigação, tanto nas áreas da saúde como nas Ciências da Religião tenham como área de interesse a espiritualidade e sua relação com o processo saúde-doença. No Brasil ainda existe uma carência de pesquisas que envolvam essa temática, mostrando a necessidade, portanto, de uma atenção especial à ela. Como proposta de pesquisa, o atual estudo sugere que novos trabalhos avaliem os desafios na aplicabilidade da espiritualidade/religiosidade na prática clínica, com o intuito de estimular a capacitação dos profissionais da área da saúde.

No aspecto da investigação e pesquisas, como apresentado acima, buscou-se sempre respeitar os princípios orientadores presentes no Documento da Área, no PDI da PUC Goiás, no PPP do PGCR. Houve sempre atenção a articulação entre esses princípios, a Área de Concentração e as Linhas de Pesquisa do PPGCR, e mais particularmente à Linha “Religião e Movimentos Sociais”, da qual faço parte. O conjunto dos resultados das investigações realizadas subsidiaram o trabalho de orientações de dissertações e de teses no âmbito do PPGCR da PUC Goiás.

ORIENTAÇÕES DE DISSERTAÇÕES E TESES

As dissertações e teses por mim orientadas ao longo desses vinte e cinco anos seguiram as mesmas indicações acima. Elas foram alicerçadas nas informações e referenciais teóricos obtidos nas investigações realizadas no âmbito dos projetos de pesquisa acima apresentados. Buscou-se sempre, nos processos de orientação, observar o perfil do egresso, conforme definido no Documento da Área e no PPP do PGCR da PUC Goiás.

Quanto às orientações, o Documento da Área informa que os pós-graduandos em Ciências das Religiões pesquisa o fato religioso,

a experiência religiosa, os fenômenos, as experiências, os conteúdos, as expressões, os textos reconhecidos como sagrados, as tradições e narrativas orais, as linguagens, as culturas religiosas e as tradições de sabedoria, considerados em perspectivas externas, de perfil não normativo, em diálogo com outros saberes acadêmico-científicos, com ênfase em investigações de natureza qualitativa e quantitativa, podendo também ser de natureza teórica ou aplicada, a partir de abordagens teórico-metodológicas próprias das escolas que constituem o campo de estudos das religiões, suas subáreas e disciplinas auxiliares. O mesmo documento afirma que o perfil do egresso de cursos de pós-graduação em Ciências das Religiões deve considerar a formação de habilidades para que o concluinte seja capaz de, enquanto pesquisador e/ou docente, analisar o fato religioso, os fenômenos religiosos e/ou as linguagens religiosas, desenvolvendo aproximações históricas e comparativas, sistemáticas e hermenêuticas das práticas e experiências religiosas humanas e das suas instituições sociais. O pós-graduado em Ciências das Religiões deve estar preparado para atuar como pesquisador, como docente e/ou como analista dos saberes e conhecimentos sobre/das práticas religiosas de uma ou de várias tradições, atuar na formação de docentes para a educação básica e/ou de nível superior, além de ser capaz de atuar como profissional especializado, consultor, assessor e/ou mediador em questões relacionadas à religião no espaço público. O egresso de cursos de pós-graduação na área deve contribuir para o aprofundamento e expansão do estudo acadêmico da religião e/ou da teologia no cenário nacional e internacional; assessorar e formar recursos humanos sobre os temas da religião e/ou de uma tradição espiritual específica; aplicar esse conhecimento; fomentar o reconhecimento da pluralidade e o respeito à diversidade religiosa, características de um Estado laico; desenvolver referenciais críticos acerca da religião e/ou da teologia que promovam abordagens pertinentes para a compreensão de fenômenos socioculturais; atuar em diferentes cenários da prática acadêmico-profissional relativos às Ciências da Religião e à Teologia, tais como educação e ensino, consultoria, relações

inter-religiosas, desenvolvimento de programas sociais, mediação de questões relacionadas à presença da religião e da teologia no espaço público etc. Ele deve ainda estar capacitado a promover intervenções a partir de demandas específicas da sociedade.

Tendo presente a delimitação do perfil do egresso em Ciências da Religião definido pela área, os conhecimentos adquiridos por meio das investigações acima apresentadas, bem como das publicações a elas relacionadas, orientei dissertações de Mestrado que trataram de temas como: “Neopentecostalismo e feminismo”; “Ecologia e espiritualidade”; “A espiritualidade no enfrentamento do suicídio”; “Mística e erotismo”; “Corpo e espiritualidade”; “Análise psicopatológica dos líderes religiosos”; “Influência da religiosidade na qualidade de vida dos idosos”; “O mercado religioso contemporâneo e as narrativas da pessoa com limitação física”; “Experiências religiosas vivenciadas por viúvas na elaboração do luto”; “Relações entre crenças religiosas e comportamentos sociais”; “Análise comparativa entre os índices de eficácia terapêutica clínica médica e espiritual: alternativa entre pacientes em tratamento da dependência química”; “A inferência da religião no transcurso da saúde-doença sob a ótica do paciente”; “A religião como resiliência à violência na cidade”; “Memórias religiosas da infância e práticas educativas”; “O aborto e a pessoa humana”; “A concepção de corpo na educação física e na assembleia de Deus”; “Religiosidade popular: romaria do Muquém”; “Religião e reabilitação de químico-dependentes: a casa do oleiro de Quirinópolis, Goiás”; “Romarias: um espaço de interação entre a tradição e a modernidade”; “Movimento de renovação carismática católica: um espaço de convivência da tradição e da modernidade”; “Igreja católica e política: a Paróquia Sagrado Coração de Jesus sob ‘os anos de chumbo’ — Pires do Rio, 1964-1985”; “Estratégias de adaptação do catolicismo popular no espaço urbano: o grupo de carreiros de Inhumas na romaria para Trindade”; “Importância do fenômeno religioso na recuperação da saúde de pacientes com HIV-AIDS”; “Religião e saúde: o caso das pessoas com deficiência mental

severa e sua autodefensoria”; “A festa do boi-bumbá no Amazonas: instrumento pedagógico na composição e manutenção da identidade cultural do jovem amazônico”; “Romaria de carros de boi na festa do Divino Pai Eterno em Trindade (Go): a força da tradição rural no mundo contemporâneo”; “A participação da igreja católica nos movimentos e questões sociais durante o período militar (1964-1985)”; “Família e sexualidade: o caso da videira — igreja em células”; “O grupo de jovens da comunidade paroquial: espaço de formação da identidade política”; “Papel da religião junto a familiares de pacientes com câncer”; “Catolicismo popular entre o amor e a cobiça: inter-relação entre catolicismo popular, igreja católica e poder público em Trindade”; “Maternidade, gênero e religião”; “O poder sagrado: uma abordagem a partir da relação entre a igreja católica e os casais em segunda união”; “Enfermeiras e religiosas: o caso do HC em Goiânia”; “Educação, profissão-perigo: *burnout*, depressão e tratamento espiritual no espiritismo”; “Famílias chefiadas por mulheres: um desafio ao modelo tradicional familiar presente no catolicismo oficial”; “A folia do divino e identidade cultural: o caso da comunidade de Jaraguá em Goiânia”; “A crença em Deus e a manutenção da identidade da população adulta de rua em Goiânia: catolicismo popular”; “Comunidades Eclesiais de Base (CEBS) e movimento social: o caso da Reserva Extrativista Cazumbá-Iracema”; “Religião e trabalho entre os trabalhadores da Feira Hippie de Goiânia”; “Presença do sagrado em um momento crítico: internação em uma Unidade de Terapia Intensiva”; “A nódoa da misoginia na naturalização da violência de gênero: mulheres pentecostais e carismáticas”; “Grupo de Oração Universitário (GOU) da Universidade Católica de Goiás — uma análise sociológica”; e “A festa do Divino Pai Eterno em Trindade: uma expressão do catolicismo popular em Goiás”.

Seguindo os mesmos parâmetros presentes nas orientações de dissertações, também orientei teses que abordaram os seguintes temas: “Relação entre ideias religiosas e fundamentação jurídica no sistema judiciário brasileiro”; “A Igreja Católica em Goiás e a transferência

da capital federal do Brasil, na década de 1950”; “Mortes violentas: sentido da vida para quem fica”; “Projeto Mediar é Divino, em contextos de laicidade”; “Arte, cultura e religiosidade nas pinturas rupestres da Serra do Sarapó/Tapuias — Canudos — Riachão das Neves — Bahia”; “Reencantar o mundo: concepções do sagrado em uma perspectiva transdisciplinar”; “Liderança feminina em igrejas pentecostais”; “Religião e violência: os significados conferidos pelos familiares às mortes violentas”; “Homoparentalidade, novo modelo de família na pós-modernidade?: questões religiosas e jurídicas”; “Trabalho e fé: perfil e percepções de mulheres gerentes no setor bancário em Goiânia”; “A relação entre o Ensino Religioso e a laicidade do Estado”; “Mulheres com HIV/AIDS — medicina, religião e família no enfrentamento da doença”; “Comunidades terapêuticas no olho do furacão: laicidade, signos e significados de corpos sofredores em instituições no Maranhão (MA)”; “Religião e patriarcalismo na literatura de Bernardo Élis”; “Representações de saúde/doença nos ritos de benzedeadas do município de Quirinópolis – GO”; “A manutenção do ideário de família no cenáculo de Nossa Senhora”; “As irmãs de caridade do Padre Ibiapina: uma análise dos princípios marianos”; “A romaria do Bom Jesus da Lapa: reprodução social da família e identidade de gênero feminina”; “Renovação carismática católica: a cura milagrosa como um espaço de convergência entre religião e medicina”; “Reflexividade da vida social moderna”; “Práticas terapêuticas não convencionais e qualidade de vida”; e “A busca de sentido de vida simbólica das trabalhadoras em educação de Goiás e o fenômeno religioso”.

Ao finalizar a apresentação dos dois aspectos por mim escolhidos para evidenciar como se deu o entrelaçamento entre meu processo de inserção acadêmica e os caminhos traçados pelo PPGCR da PUC Goiás, destaco dois fortes sentimentos: o de que ambos — o PPGCR e eu — damos o melhor de nós para agregar (in)formação sobre as riquezas da interface entre religião e demais dimensões da sociedade; e a certeza de que o caminho ainda é longo e poderá oferecer, ainda, boas surpresas e desafios ao PPGCR e aos pesquisadores que dele fazem e farão parte.

IDEIAS CONCLUSIVAS

Como vejo as Ciências da Religião e a inserção do PPGCR nela hoje? Como um caminho promissor e desafiante. Nossa área se insere entre as ciências que compõem o campo das humanidades. Nesse campo, muitas das nossas investigações não são consideradas ciência. Ainda no ano passado, em 2023, quando saiu o resultado da avaliação quadrienal das pós-graduações do Brasil, um colega de uma das ciências do campo das tecnológicas expressou sua indignação porque um periódico das Ciências da Religião recebeu a mesma classificação que um periódico da área dele. O argumento era que naquele se publicavam os resultados de pesquisas sérias, enquanto no nosso se publicavam assuntos produzidos sem nenhum rigor acadêmico e tratavam de assuntos sem nenhum interesse para a comunidade. Grande equívoco do referido pesquisador! O cultivo de uma cultura de inovação deve estar associado ao aperfeiçoamento dos seres humanos e de todas as dimensões de suas interações. Nesse sentido, os programas de Ciências da Religião e de Teologia contribuem para a consolidação do patrimônio científico-cultural do País e se colocam a serviço do atendimento das demandas públicas, oferecendo o seu conhecimento e a sua capacidade de análise dos fenômenos específicos com os quais trabalha. A área se associa às demais ciências e saberes em seu serviço ao desenvolvimento de cidadania, de práticas sustentáveis, de respeito ao meio ambiente, de superação de desigualdades, de redução de pobreza, de promoção de justiça social e de respeito ao estado laico, à diversidade cultural e religiosa.

No entanto, em que pesem os avanços obtidos pela área e PPGs que a compõem, considerando sua pertinência e seu pertencimento ao conjunto de todo o Sistema Nacional de Pós-Graduação (SNPG), temos, ainda, vários desafios pela frente. Um deles é o enfrentamento das assimetrias regionais de gênero e étnicas, dentre outras.

Do ponto de vista do gênero, apenas para ilustrar, o número de docentes na pós-graduação no Brasil, segundo a Capes, é de 54,2% dos matriculados no *stricto sensu* sendo do gênero feminino (Gomes Gouvêa; Fiúza, 2023). Elas também correspondem a 58% dos beneficiários de bolsas. Esse equilíbrio, no entanto, fica apenas no campo da formação. Quando o foco de análise de igualdade de gênero se desloca para a carreira docente e a ocupação de cargos de liderança acadêmica, as mudanças caminham a passos muito lentos. Um comparativo feito pelo Laboratório de Estudos sobre Educação Superior (LEES) da Unicamp mostra que, enquanto 51% dos títulos de doutorado entre 1996 e 2014 foram obtidos por mulheres, o número de mulheres docentes nas universidades cresceu apenas 1%, de 44,5% para 45,5% (Ribeiro, 2024). Esse fenômeno, de escasseamento das quantidades de mulheres à medida que se avança na carreira, está sendo estudado e tem nome: efeito tesoura. O efeito tesoura foi o tema central das discussões do seminário “Mulheres na Ciência e Tecnologia: Repensando Gênero e Ciência”, promovido em 6 de fevereiro de 2023, pelo CNPq (que, em 72 anos de existência, nunca teve uma mulher como presidente). Somente em 2021, o CNPq criou um espaço no currículo Lattes para registrar o período de licença-maternidade (Ribeiro, 2024). Sobre a produção científica das mulheres, basta olhar para os dados: durante o isolamento imposto pela pandemia de covid-19, em 2020, apenas 47% das cientistas mulheres com filhos estavam conseguindo submeter os artigos científicos que haviam planejado antes do início da pandemia, contra 76% dos cientistas homens sem filhos. Em um ano, de 2020 para 2021, enquanto 593 novas bolsas de produtividade em pesquisa foram concedidas a homens, apenas 80 passaram a beneficiar mulheres (Ribeiro, 2024). Ser bolsista de Produtividade em pesquisa é o reconhecimento máximo esperado pelos pesquisadores no Brasil. No entanto, do total de bolsistas de produtividade em pesquisa atual, 63% são homens e apenas 37% mulheres. Essa diferença tende a se intensificar nos níveis mais altos da hierarquia de bolsistas.

Na 1ª, reservado a pesquisadores que demonstram excelência na produção científica e formação de recursos humanos, 73,7% são homens e 26,3% mulheres. Na categoria sênior, que contempla cientistas líderes em suas áreas e que foram bolsistas 1ª e 1B por pelo menos 15 anos, 88,8% eram homens e 11,2% mulheres (Ribeiro, 2024).

Quanto à raça/etnia, a situação é ainda mais grave. Mulheres pretas com doutorado são 0,4% do corpo docente na pós em todo o país. Quando somadas, as mulheres pretas e pardas com doutorado, que formam o grupo das negras, não chegam a 3% do total de docentes. Entre as docentes do gênero feminino, menos de 5% são negras, segundo o levantamento Open Box da Ciência, divulgado pelo Instituto Serrapilheira em 2020. A distribuição de bolsas também é desigual: só 2,6% das mulheres bolsistas são negras (Ribeiro, 2024).

Destaco esses desafios, não para desmerecer a área ou o PPGCR da PUC Goiás, mas para dizer que esses desafios estão postos a todos nós e cabe a nós enfrentá-los com a mesma seriedade, compromisso e coragem já demonstrado em nossas trajetórias comuns.

REFERÊNCIAS

- AZEVEDO, G. X.; LEMOS, C. T. Um olhar sobre as benzedeadas do município de Quirinópolis: entre a cultura, a religião e a medicina popular. *Estudos de Religião, Brasil*, v. 35, p. 115-152, 2021.
- AZEVEDO, G. X.; LEMOS, C. T. Catolicismo e religiosidade popular no contexto do Centro-Oeste. *Protestantismo em Revista, Brasil*, v. 45, p. 111-123, 2019.
- AZEVEDO, G. X.; LEMOS, C. T. Bauman e a questão das crenças na pós-modernidade. *Recifaqui, Brasil*, v. 1, p. 363-372, 2018.
- AZEVEDO, G. X.; LEMOS, C. T. Benzei-os, meu Pai. Benzei-os: as representações de cura de benzedeadas no meio urbano da cidade de Quirinópolis, GO. *Rever: revista de estudos da religião, Brasil*, v. 20, p. 363-375, 2020.

GOMES GOUVÊA, T.; FIÚZA, A. L. de C. Desigualdades de gênero na carreira docente: fatores intervenientes. *Revista Brasileira de Pós-Graduação*, [S. l.], v. 18, p. 1–27, 2023. Disponível em: <https://rbpg.capes.gov.br/rbpg/article/view/1887>. Acesso em: 27 mar. 2024.

LEMOS, C. T. A (re)construção do conceito de comunidade como um desafio à sociologia da religião. *Estudos de Religião*, Brasil, v. 23, p. 201-216, 2009.

LEMOS, C. T. A religião como espaço de conexão entre o rural e o urbano: os valores indivíduo e comunidade em interação. *Caminhos*, Goiânia, v. 2, n. 1, p. 71-86, 2004.

LEMOS, C. T. Catolicismo Contemporâneo: uma religião, muitas faces. *Fragments de Cultura*, Goiânia, v. 21, p. 165-170, 2011a.

LEMOS, C. T. Catolicismo no Brasil: entre o carisma e a racionalização. *Estudos de Religião*, Brasil, v. 1, n. 1, p. 56-77, 2005.

LEMOS, C. T. Catolicismo, sexualidade e AIDS: pertencer sem ser fiel. *Sociedade e Cultura*, Brasil, v. 13, p. 259-268, 2010.

LEMOS, C. T. Concepção de sexualidade e reprodução humana no pensamento católico. *Fragments de Cultura*, Goiânia, v. 11, n. 4, p. 629-642, 2001a.

LEMOS, C. T. Equidade de gênero: uma questão de justiça social e de combate à violência — ideias religiosas como ângulo de análise. *Mandrágora*, São Bernardo do Campo, v. 1, n. 7/8, 2003a.

LEMOS, C. T. Espiritualidade e os sentidos do morrer. In: LEMOS, C. T.; REINALDO, J. R. F. M. (Orgs.). *Religião, espiritualidade e saúde: os sentidos do viver e do morrer*. 1 ed. Belo Horizonte: Senso, 2020. p. 95-112.

LEMOS, C. T. Espiritualidade, religiosidade e saúde: uma análise literária. *Caminhos*, Goiânia, v. 17, p. 688-708, 2019.

LEMOS, C. T. Estudos das religiões populares no campo das ciências da religião no Brasil. *Caminhos*, Goiânia, v. 21, p. 777-795, 2023.

LEMOS, C. T. Gênero na agenda dos movimentos sociais: ideias religiosas como ângulo de análise. *Fragments de Cultura*, Goiânia, v. 11, n.3, p. 439-468, 2001b.

LEMOS, C. T. Meu Mal, Meu Bem, Meu Zen: o indivíduo(alismo) moderno como um desafio às teodiceias. *Caminhos*, Goiânia, v. 6, p. 53-81, 2008.

- LEMOS, C. T. Mística feminista: interfaces entre místicas religiosas e místicas seculares. *Horizonte: Revista de Estudos de Teologia e Ciências da Religião*, Belo Horizonte, v. 10, p. 804-830, 2012.
- LEMOS, C. T. Modernidade, gênero e religião: a maternidade no meio rural em discussão. *Mandrágora*, São Bernardo do Campo, v. 1, n.9, p. 61-75, 2003b.
- LEMOS, C. T. Mulheres, a casa e a pandemia: a religião como sentido e esperança. *Atualidade Teológica*, Rio de Janeiro, v. 25, p. 273-294, 2021.
- LEMOS, C. T. Religião e Patriarcado: elementos estruturantes das concepções e das relações de gênero. *Caminhos*, Goiânia, v. 11, p. 201-217, 2013.
- LEMOS, C. T. Religião no Centro-Oeste: entre a tradição e a modernidade. *Sociedade e Cultura*, Goiânia, v. 9, p. 51-64, 2006a.
- LEMOS, C. T. Religiosidade popular: uma forma de resistência cultural no cotidiano da vida. *Revista de Teologia e Ciências da Religião da UNICAP*, Recife, v. 5, p. 21-49, 2006b.
- LEMOS, C. T. Vida e medo: concepções de corpo e sexualidade na tradição cristã-católica. *Horizonte: Revista de Estudos de Teologia e Ciências da Religião*, Belo Horizonte, v. 9, p. 284-305, 2011b.
- LEMOS, C. T.; BORGES, R. M. F. Onde dói? A dimensão espiritual como caminho para a resignificação da dor. In: ECCO, C.; MARTINS FILHO, J. R. F. (Orgs.). *Espiritualidades: múltiplos olhares*. 1 ed. Porto Alegre: Editora Fi, 2022. p. 237-261.
- LEMOS, C. T.; CACERES, P. A. C. Religião, maternidade e violência: o caso de mulheres diante de seus filhos, vítimas de mortes violentas. *Mandrágora*, São Bernardo do Campo, v. 27, p. 135-162, 2021.
- LEMOS, C. T.; CASTRO, M. A. Enquanto houver um fio de esperança, deus aí está: catolicismo popular no conto "Nhola dos Anjos", de Bernardo Élis. *Revista Guará*, Goiânia, v. 7, p. 162-171, 2017.
- LEMOS, C. T.; ECCO, C. Religião, sexualidade e família: o caso em que um dos parceiros é soropositivo para o HIV. *Horizonte: Revista de Estudos de Teologia e Ciências da Religião*, Belo Horizonte, v. 12, p. 568, 2014.
- LEMOS, C. T.; ECCO, C.; NONATO, R. L. P. *Medicina e religião no enfrentamento do HIV/AIDS*. 1 ed. São Paulo: Fonte Editorial, 2016.

LEMOS, C. T.; GOMES, R. F. S. A mulher e sua importância para a igreja primitiva. *Reflexus: revista semestral de teologia e ciências das religiões*, Vitória, v. 17, p. 195-206, 2023.

LEMOS, C. T.; LIMA, D. V. B. Relações de gênero na história da recepção: o olhar de Antônio Conselheiro sobre Maria das Dores. *Mandrágora*, São Bernardo do Campo, v. 19, p. 75-86, 2013.

LEMOS, C. T.; MARTINS FILHO, J. R. F.; SOUSA, I. F. (Orgs.). *Juventude e religiosidade: o caso de jovens universitários*. 1. ed. São Paulo: Fonte Editorial, 2018.

LEMOS, C. T.; NIEVES, K. F. S. Religião e violência doméstica: a reconstrução do sentido da vida de mulheres vítimas. *Fragmentos de Cultura*, Goiânia, v. 31, p. 224-238, 2021.

LEMOS, C. T.; OLIVEIRA, H.; NUNES, M. E. *Corpo e espiritualidade: do dualismo-sacrifício à abordagem transpessoal*. 1. ed. Goiânia: Espaço Acadêmico, 2019.

LEMOS, C. T.; RIBEIRO, S. S. C. *A marginalização da pessoa com deficiência e os discursos e práticas cristãs*. 1. ed. Goiânia: Espaço Acadêmico, 2020.

LEMOS, C. T.; SILVA, D. C. *Os significados da religião para um grupo de pacientes renais crônicos e oncológicos*. 1. ed. Goiânia: Espaço Acadêmico, 2020.

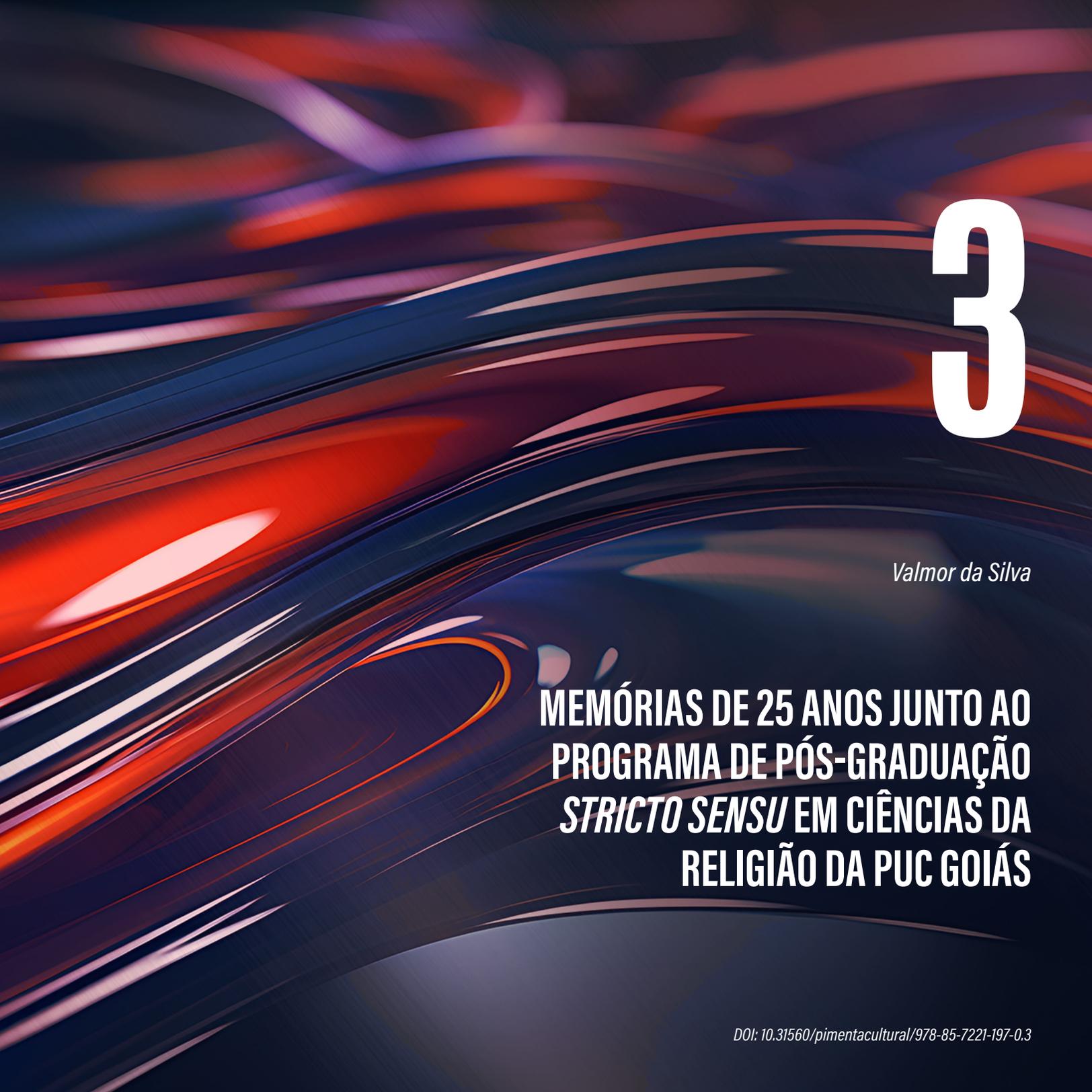
LEMOS, C. T.; TOLEDO, L. S. *A influência da religião na elaboração do luto entre viúvas e viúvos*. 1. ed. Goiânia: Espaço Acadêmico, 2020.

OLIVEIRA, S. C. C.; LEMOS, C. T. Religião e Gênero: autopercepção da mulher na romaria de Bom Jesus da Lapa. *Caminhos*, Goiânia, v. 14, p. 451-468, 2016.

RIBEIRO, Fernanda Teixeira. Por que as mulheres são maioria na pós-graduação, mas ocupam menos da metade dos cargos de docência nas universidades? *Jornal da UNESP*, São Paulo, 2024. Disponível em: <https://jornal.unesp.br/2023/03/03/por-que-as-mulheres-sao-maioria-na-pos-graduacao-mas-ocupam-menos-da-metade-dos-cargos-de-docencia-nas-universidades/#:~:text=Um%20comparativo%20feito%20pelo%20Laborat%C3%B3rio,%25%20para%2045%2C5%25>. Acesso em: 27 mar. 2024.

SILVA, R. F. N.; MOURA, R. R.; LEMOS, C. T. Espiritualidade e sentido de vida em pacientes com dor crônica no contexto de cuidados paliativos. *Revista Fragmentos de Cultura-Revista Interdisciplinar de Ciências Humanas*, Brasil, v. 33, p. 108-118, 2023.

SOUZA, S. D.; LEMOS, C. T. *A casa, as mulheres e a igreja: gênero e religião no contexto familiar*. 1. ed. São Paulo: Fonte Editorial, 2009.



3

Valmor da Silva

**MEMÓRIAS DE 25 ANOS JUNTO AO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
STRICTO SENSU EM CIÊNCIAS DA
RELIGIÃO DA PUC GOIÁS**

O que parecia, à primeira vista, proposta fácil, é uma tarefa desafiadora, pois se trata de sintetizar, em poucos eixos temáticos, as atividades de 25 anos de atuação no Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Ciências da Religião da PUC Goiás, de 1999 a 2024.

A divisão em três etapas propõe uma organização didática e segue os passos normais do Programa, com oito anos de Mestrado (nota 3), seis anos de Doutorado (nota 4) e doze anos de consolidação do Programa (nota 5).

A atuação ocorreu sempre na mesma linha de Pesquisa, “Religião e literatura sagrada”. As aulas constituíram uma atividade constante, com disciplinas lecionadas sempre em consonância com a proposta da linha, principalmente na disciplina da linha para o Mestrado: “Matrizes Teóricas da Literatura Sagrada das Religiões”.

Os projetos de pesquisa se alinharam sempre com a Bíblia, especialmente com a Bíblia Hebraica e, pelas temáticas, se ampliam em âmbitos diversos. Essa relação com a Bíblia e a pertinente variação temática marcaram as pesquisas, com as relativas comunicações em congressos e as publicações de livros e artigos.

Nas orientações de Mestrado e de Doutorado se manifesta mais claramente a amplitude e abrangência da atuação no Programa, conduzido preferencialmente pelo interesse de estudantes.¹

INÍCIO E CONSOLIDAÇÃO DO MESTRADO (1999-2006)

De 1999 a 2006 é o período que vai da aprovação do Mestrado, com nota 3, até a sua passagem para a nota 4. Trata-se de um período de oito anos, isto é, um biênio e dois triênios, em que o Programa

1 Os dados aqui informados constam no currículo registrado na Plataforma Lattes, do CNPq: <http://lattes.cnpq.br/9309261304512694>.

iniciou e consolidou suas atividades em nível de Mestrado. A atuação no Programa foi muito intensa, com definições relativas a disciplinas lecionadas, projetos de pesquisa desenvolvidos, orientações e defesas de dissertações de Mestrado.

As disciplinas lecionadas neste período, praticamente ano a ano, sempre na linha “Religião e Literatura Sagrada”, foram as seguintes: “História e Sociedade na Literatura Bíblica”, “Métodos e interpretação da Bíblia” e “Hebraico Bíblico”.

O Grupo de Pesquisa “Religião, Bíblia e Sociedade” foi criado no ano 2000, e funciona até a atualidade (2024), consolidado pelo CNPq. Segundo sua ementa, ele “pesquisa questões relacionadas à Bíblia, livro sagrado para diversas religiões e sua interação com aspectos da sociedade atual, tais como cidadania, gênero e ecologia”.

O primeiro projeto de pesquisa, “O parto na literatura bíblica”, desenvolvido no primeiro biênio do Programa, de 1999 a 2000, tem como descritivo: “A partir dos textos bíblicos sobre o parto, analisa conceitos, ideias e costumes sobre o nascimento na época bíblica”.

O segundo projeto de pesquisa, “As Crianças na Bíblia Hebraica”, desenvolvido no triênio de 2001 a 2003, visa o

[...] levantamento e análise dos textos em que aparecem crianças, ao longo de toda a Bíblia Hebraica. Nessa, as crianças possuem destaque especial. São Muitos os textos que se referem a elas e, em geral, apresentam abordagem positiva. Em que medida, este dado pode iluminar a nossa situação atual?

Em conexão com esses dois projetos, foram publicados três artigos. O primeiro “Crianças no Novo Testamento” (Silva, 1997) demonstra o interesse anterior à temática sobre a infância. O segundo, “As dores do parto e o nascimento na literatura bíblica” (Silva, 2000) apresenta os resultados do respectivo projeto. O terceiro, “Bater ou não bater nas crianças? Análise a partir dos Provérbios bíblicos” (Silva, 2020) demonstra o interesse posterior na temática.

Duas dissertações orientadas tiveram relação com os dois projetos, em torno à infância: a de Carmen Regina Paro, chamada “O silêncio do sagrado: meninas abusadas sexualmente pela figura paterna em Goiânia” (2004)² e a de Márcia Christovam da Silva Rocha, chamada “O retrato de Deus: representações de Deus em crianças, colhidas através de técnicas projetivas gráficas e verbalizações” (2005).

O terceiro projeto de pesquisa, de 2004 a 2007, “Tradições sapienciais na Bíblia e na cultura popular”, tem a seguinte proposta:

[...] Analisar a origem e desenvolvimento da literatura sapiencial, principalmente expressa em provérbios populares, transmitidos na literatura bíblica, e em outras tradições culturais, seja do Antigo Oriente Médio, seja de outros livros sagrados, estabelecendo comparação com a tradição brasileira, especificamente com provérbios, ditos e citações populares.

As demais dissertações orientadas tiveram como objeto temas diversificados, nem sempre ligados à própria linha de pesquisa, como se verifica no elenco que segue: “O rosto da igreja na cidade — a igreja e a estrutura comunitária paroquial no mundo urbano” (2001), de Onofre Guilherme dos Santos Filho;³ “Ação pedagógica de Jesus: Ensino para todas as gerações” (2001), de Ivoni de Souza Fernandes; “Violência e experiência religiosa na escola pública municipal de Goiânia” (2001), de Suely Maria da Silva Amado; “Inclusão social prevista exclusão inevitável — Saúde, pureza e santidade no contexto do Levítico 13 e 14” (2001), de Leonardo Mendes Cardoso; “Ensino Religioso: disciplina integrante da formação básica cidadã” (2001), de Ederlaine Fernandes Braga; “Profecia e diálogo: uma análise socio-cultural da Diocese de Goiás 1967-1998” (2001), de Arcângelo Scolaro; “Resistência e conquista da terra a partir de Dt 26,5-11” (2002),

2 O ano citado após o título da dissertação ou tese, corresponde à data de defesa.

3 Cabe observar que esta foi a primeira Dissertação de Mestrado defendida na PUC Goiás, então UCG (Universidade Católica de Goiás), no dia 16 de abril de 2001.

de Valdivino Souza Ribeiro; “Leis e costumes da cultura de Nuzi e suas possíveis relações com os substratos tradicionais dos patriarcas e matriarcas bíblicos” (2003), de Ricardo Almeida de Paula; “A docência do ensino religioso na rede pública de Goiânia: um estudo a partir das representações sociais” (2005), de Vicentina Mendes da Silva Santos; “Messianismo em João Batista e em Jesus” (2005), de Geraldo Lopes de Lima Júnior; “Mais deusa do que escrava: a mulher de Provérbios 31,10-31” (2006), de Mariza Miranda da Silva; e “Resistência cultural dos judeus no Brasil” (2006), de Luiz Alberto Barbosa.

INÍCIO E CONSOLIDAÇÃO DO DOUTORADO (2007-2012)

De 2007 a 2012 é o período de seis anos que vai da atribuição da nota 4, com aprovação do Doutorado, até a passagem para a nota 5. Foram dois triênios com esforços concentrados para consolidação do Doutorado. Tendo recebido nota 4 na avaliação de 2006, o Programa teve também seu Doutorado recomendado no mesmo ano de 2006, e iniciou suas atividades com o processo seletivo para 2007. Nesse esforço de consolidação do Doutorado, as atividades se expandiram para o processo de internacionalização.

A disciplina lecionada no Mestrado se concentrou sobre “Literatura Sagrada das Religiões”, com oferta praticamente a cada ano.

As disciplinas lecionadas no Doutorado foram “Seminário interdisciplinar sobre o mal” e “Provérbios sapienciais em comparação”.

Um novo projeto então foi apresentado para o triênio 2008 a 2010: “Padre Pelágio, trajetória de santidade”. O projeto se inseriu numa rede de pesquisa junto à recém-criada Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Goiás (FAPEG). O projeto em torno do Padre

Pelágio teve prosseguimento com várias publicações, inclusive com uma biografia histórica, elaborada por Eduardo Gusmão de Quadros e Robson Rodrigues Gomes Filho (2024). O presente pesquisador apresentou algumas comunicações em Congressos sobre o Padre Pelágio Sauter. O projeto objetiva, em sua descrição:

[analisar] as relações entre memória, tradição e experiência religiosa no Centro-Oeste, e mais especificamente em Goiás, através de fontes históricas, tais como diários, autobiografias, relatos de vida e outras fontes documentais, e compreender os mecanismos desenvolvidos pelo povo para a santificação de certos personagens e que geram o surgimento de uma devoção, com aplicação ao Padre Pelágio Sauter.

O projeto de pesquisa “Sabedoria em provérbios da Bíblia e de hoje”, com data de 2008 a 2011, traçou o rumo que definiria a concentração temática até a atualidade, sempre mais direcionado para o estudo da Sabedoria e, especificamente, para o livro bíblico de Provérbios, em sua relação com a cultura popular, da época bíblica e da época atual. O projeto propõe o

estudo comparativo entre provérbios bíblicos e provérbios brasileiros, passando pela Península Ibérica, para estabelecer os elos entre essas culturas. Parte-se da tese segundo a qual a sabedoria popular se expressa em provérbios, ditos, causos, comparações e metáforas. Emerge daí a força da cultura popular como espaço de resistência, transmissão e conservação de valores. Fundamenta-se a pesquisa sobre os conceitos de cultura, concebida como capital cultural do qual a população se apropria. Pretende-se vencer a dicotomia entre popular e erudito ou entre espontâneo e acadêmico. O método consistirá em fazer levantamentos de provérbios temáticos, de acordo com a aproximação das metáforas. Aí serão analisados os valores culturais relativos a grandes temas, como trabalho, mulher, justiça, paz e outros. Para a parte bíblica será aplicado o método sócio-histórico da exegese para os provérbios em geral, o conceito de cultura popular, de acordo com a antropologia.

Na sequência, sobre o tema da santidade, há outro projeto de pesquisa “Santidade, Religiões e Literatura Sagrada”, apresentado em 2011 até 2016. Ele

propõe-se a pesquisar sobre o tema da santidade, no âmbito das religiões, especificamente nos textos sagrados. Estuda a santidade enquanto manifestação do numinoso, tremendo e fascinante, mediadora entre divindade e seres humanos. O problema é esboçado em suas diversas facetas, enfocando a santidade como fenômeno divino e humano, oficial e popular, comum às várias religiões, transmitido nos diversos textos sagrados, reconhecidos como palavra divina e palavra humana. Parte-se da teoria segundo a qual a santidade é um modelo antropológico comum às diversas religiões e culturas, e a pessoa santa, como pessoa de Deus, sintetiza em si os aspectos tremendo e fascinante da divindade.

As dissertações de Mestrado defendidas no período ainda tiveram abrangência temática ampla, mas se concentraram mais sobre a linha de pesquisa específica da literatura sagrada. Elas foram: “Islam — profeta, livros e ritos” (2007), de Nidal Ahmad Yassin; “Missão profética: uma experiência de libertação e esperança no exílio da Babilônia a partir do Segundo Canto do Servo de YHWH (Is 49,1-6)” (2007), de Rosemary Francisca Neves; “Provérbios sobre jovens da Bíblia e de hoje” (2009), de Hébert Vieira Barros; “Violência contra a criança: o sacrifício de Isaac como memória e como protesto” (2010), de Marcelo Junior Pereira; “A formação de catequistas na Arquidiocese de Goiânia, após a promulgação do Catecismo da Igreja Católica” (2011), de Edson Bento dos Santos; “Ecumenismo e diálogo inter-religioso” (2011), de João Bosco de Souza; “O capelão militar: interlocutor entre a religião e a guerra” (2011), de Walter Pereira de Mello.

A primeira tese de Doutorado orientada no Programa foi a seguinte: “A Torah e a Obra Historiográfica Deuteronomista: as revisões sob a influência persa no contexto sócio-histórico do pós-exílio” (2010), de Daniel Martins Sotelo.

Nesse período, a atuação junto ao Programa, Mestrado e Doutorado, foi se concentrando em torno aos temas dos projetos, a Santidade e, principalmente, a Sabedoria. Houve coincidência de dissertações defendidas em torno à profecia do Servo Sofredor e dos Provérbios sobre a juventude. De igual forma, as disciplinas ofertadas no Doutorado giraram em torno do Mal e dos Provérbios sapienciais. As publicações e comunicações em Congressos se afunilaram mais, nesse duplo foco, por um lado a Santidade, do Servo e de Jesus Cristo e, por outro lado, a Sabedoria em provérbios, com recortes temáticos de provérbios sobre Deus, diabo, mal, justiça, mulher, palavra, juventude, entre outros.

PROGRAMA NOTA 5 (2013-2024)

De 2013 a 2024 foi o período em que o Programa recebeu nota 5 e consolidou esse patamar, com maior intensidade nos processos de pesquisa, de publicação e de internacionalização.

A disciplina lecionada no Mestrado, praticamente a cada ano, é “Literatura Sagrada das Religiões”, posteriormente nomeada “Matrizes Teóricas da Literatura Sagrada das Religiões”.

Disciplinas e colóquios oferecidos no Doutorado tiveram temáticas diversas: “Provérbios sapienciais em comparação”; “Religião e transformação sociocultural”; “Formas do Sagrado na Cultura Contemporânea”; “Justiça e santidade”; “Simbólico e diabólico: interpretação do mal”; e “Textos sagrados, violência e paz”.

O projeto “O caminho da justiça na sabedoria dos provérbios”, de 2014 até praticamente a atualidade, teve importância vital na concentração das pesquisas e publicações. O projeto

pesquisa provérbios bíblicos e provérbios populares em comparação, em torno ao tema da justiça. Concentra-se sobre os provérbios do livro de Provérbios e aproxima, tematicamente, provérbios brasileiros da atualidade, com especial atenção ao Centro-Oeste. De maneira interdisciplinar, busca na antropologia o conceito de cultura popular; na literatura, as coletâneas de ditos e provérbios; nas ciências jurídicas, a crítica ao conceito e à aplicação da justiça; na Bíblia, os provérbios de referência. Opera com os conceitos de justiça da Bíblia Hebraica, que privilegiam a ética, a equanimidade e a defesa do lado mais fraco. Visa estabelecer, criticamente, uma conexão hermenêutica com as situações de injustiça da atualidade.

Outro projeto “O uso de provérbios pelo sábio popular Jesus de Nazaré”, de 2018 a 2024, se conecta com o anterior e amplia para a relação entre Antigo e Novo Testamento. A descrição do projeto afirma que ele

pesquisa provérbios, ditos e expressões proverbiais colocados na boca do sábio popular Jesus de Nazaré, a partir dos evangelhos sinóticos. Nesse sentido, insere Jesus na tradição sapiencial de Israel, como quem valoriza os elementos da vida diária, através de comparações e metáforas, para sacudir sua audiência e provocar reflexão em vista de novas atitudes. Com base nas fontes bíblicas e nos instrumentos de análise dos textos, estabelece o diálogo com estudos recentes sobre a pessoa de Jesus histórico, visto como profeta itinerante e sábio popular, inserido na realidade histórica e social do seu povo. Toma como referencial teórico, além da exegese e hermenêutica bíblicas, os conceitos de sabedoria e cultura popular. Espera-se, com isso, contribuir com diversas áreas de interesse convergentes, em torno à pessoa histórica de Jesus de Nazaré, às fontes literárias e culturais dos evangelhos, à tradição da sabedoria e aos ditos e provérbios populares.

Mais um projeto, “O combate à corrupção na Bíblia”, de 2021 a 2026, busca ampliar o foco das pesquisas e atender a novas demandas de orientação, principalmente voltadas para a Iniciação Científica. Assim se resume a proposta do projeto:

[O projeto] pesquisa os textos sobre corrupção, ao longo da Bíblia, para identificar os respectivos mecanismos de combate, em vista do projeto de justiça. Na delimitação do tema da corrupção, define os termos, identifica os textos e analisa as propostas de superação desse mal, inerente ao ser humano e às sociedades. Parte da hipótese segundo a qual a Bíblia propõe um projeto de justiça e equidade, no qual a corrupção não pode ser tolerada, conforme a determinação: “não aceitarás presente de corrupção” (Ex 23,8). Objetiva analisar os textos para identificar esse projeto e sua viabilidade prática. Como pesquisa bibliográfica, adota os métodos específicos da exegese histórico-crítica, da hermenêutica latino-americana e da perspectiva da cultura popular. Dialoga com os referenciais da pesquisa, a partir das fontes primárias, Bíblia Hebraica e Novo Testamento Grego, com os instrumentos específicos como Dicionários e Concordâncias Bíblicas e, principalmente, com recentes publicações sobre o tema, a partir da Bíblia, em diálogo com a problemática atual. A expectativa, do ponto de vista teórico, é que a pesquisa lance novas luzes sobre o combate à corrupção, uma preocupação tão antiga quanto atual. E, do ponto de vista prático, pretende-se expandir a discussão para orientações de estudantes e publicações de novos textos.

As Dissertação de Mestrado defendidas neste período são as seguintes:

- Sandro Pontes Silva. *Sabedoria para aprender e ensinar: estudo no livro de Provérbios sobre os conceitos de educação de filhos* (2013).
- Rogério Regis de Azevedo. *Pluralismo religioso: caminhos de salvação* (2013).
- Renato Rômulo dos Santos Suhet. *Fenomenologia da canonização* (2014).
- Joilson de Souza Toledo. *Hermenêutica bíblica da pastoral da juventude: cenários e aproximações a partir de Êxodo 3,1-6* (2016).

- Luiz Humberto Carrião. *Do Cristo cósmico e do Cristo telúrico na visão de Huberto Rohden* (2016).
- Emivaldo Silva Nogueira. *O conceito de autodiscernimento, à luz dos profetas bíblicos, em confronto com a modernidade: uma visão religiosa em Abraham Joshua Heschel* (2017).
- José Frederico Sardinha Franco. *Sexo, Abominação e Morte no código de santidade: uma análise crítica da homossexualidade em Levítico 20,13* (2017).
- Raquel Mendes Borges. *“O Senhor abriu-me os ouvidos”: a palavra de Deus e seus efeitos em quem ouve, a partir de Isaías 50,4-7* (2018).
- Gustavo Cortez Fernandez. *A água como símbolo de passagem da morte para a vida* (2018).
- Norberto dos Reis Guimarães. *Discipulado ideal: amar a Deus e ao próximo como a si mesmo* (2018).
- Neuda Batista Mendes França. *Altas habilidades e superdotação: análise da educação especial à luz da ação formadora de Jesus* (2019).
- Edna Liberato Vieira Guimarães. *A pedagogia do oprimido à luz do evangelho; Paulo Freire e Jesus em diálogo* (2019).
- Gláucia Loureiro de Paula. *Novas perspectivas de família a partir da leitura do livro de Rute* (2020).
- Karla Giselle Rodrigues da Silva. *A sabedoria e o ensino em Provérbios: uma perspectiva de educação socioemocional a partir de Provérbios 6,20-23* (2021).
- Alexandre de Assis Peixoto. *Parteiras invisíveis: o papel das irmãs de Jesus de Charles de Foucauld no diálogo entre a cultura Apyãwa (Tapirapé) e a cristã* (2023).

- Cirone Rodrigues de Almeida. *Reino de Deus em Lucas 6,20-26, na teologia da libertação e nas comunidades eclesiais de base* (2023).
- Narcélio Ferreira de Lima. *A experiência religiosa dos profetas bíblicos em Abraham Hescel e sua crítica à visão panpsicológica* (2023).
- Raimundo Alves Martins. *Sepultamento ou cremação? Uma análise desses rituais a partir da literatura do Antigo Testamento* (2024).
- Alailson Sivirino Dias. *O conceito de justiça em Provérbios 10* (2024).

As Teses de Doutorado defendidas no período são as seguintes:

- Rosemary Francisca Neves Silva. *O Servo de Yhwh solidário com o povo escravo da Babilônia* (2014).
- José Reinaldo de Araújo Quinteiro. *Possibilidades de conhecer a Deus: A consciência existencial Sartreana e a Sapiencial Coeletiana* (2014).
- Neve-lone Ribeiro Guimarães. *O sermão da montanha na visão do filósofo cristão Huberto Rohden* (2014).
- Maria José Modesto Silva. *Cântico dos Cânticos em perspectiva alegórica e semiótica* (2015).
- Paulo Sérgio Soares. *Contribuição da hermenêutica bíblica para o diálogo entre teologia e ciência, a partir de Josué 10,12-14* (2015).
- Severino Breda da Silva. *Adventistas do Sétimo Dia: o conflito de direitos e deveres motivados pela guarda do “sábado bíblico”* (2016).
- Arcângelo Scolaro. *A Bíblia como instrumento de educação do campo* (2016).

- Luís Antônio Alves Bezerra. *Da espiral da violência em desproveito da mulher: submissão bíblica, religiosa, social e jurídica* (2018).
- Alexandre Moura Teles. *Milagres no contexto de Elias e Eliseu* (2019).
- Lizandro Poletto. *A educação dos filhos em Provérbios* (2020).
- Luiz Antônio Ferreira Pacheco. *Direitos humanos na pauta da ideal justiça social no profeta Amós* (2020).
- Valdivino José Ferreira. *A pedagogia de Jesus através do uso de provérbios segundo o Evangelho de Lucas* (2020).
- Selma Marques de Paiva. *Números e literatura sagrada: um elo pela gematria* (2020).
- Luiz Humberto Carrião. *Evolução ascensional do homem no pensamento preservado de Huberto Rohden* (2020).
- Emivaldo Silva Nogueira. *A justiça social no profeta Amós à luz do método de autodiscernimento de Abraham Joshua Heschel* (2020).
- Regina Célia de Castro Quinta. *O Cântico de Maria (Lc 1,46-55) como inspiração para o Magnificat de Bach* (2021).
- Mariosan de Sousa Marques. *Estudo exegético teológico do dilúvio em Gn 6-9: relato sacerdotal com acréscimos tardios* (2021).
- Raquel Mendes Borges. *Providência divina em Tomás de Aquino, a partir de Isaías 40* (2021).
- Lázara Divina Coelho. *Aplicação do método histórico-gramatical em Lucas 4,16-21* (2021).

- Gláucia Loureiro de Paula. *A solidariedade de Boaz como estratégia de desconstrução do mal estrutural no livro de Rute* (2023).
- Andrea Bernardes de Tassis Ribeiro. *A reforma de Josias: uma análise histórica e arqueológica à luz das pesquisas atuais* (2023).
- Eliane de Fátima Rodrigues. *O paradoxo da imunidade tributária religiosa, sob a ótica do Antigo Testamento e da Constituição Federal de 1988* (2024).
- Três supervisões de Pós-Doutorado também foram realizadas no período:
- Severino Celestino da Silva, da UFPB, concluiu em 2016, a pesquisa sobre “O Messias no Judaísmo e no Cristianismo”.
- Carlos André Macêdo Cavalcanti, da UFPB, concluiu em 2017, a pesquisa sobre “Bíblia e Teologia no imaginário dos inquisidores: a literatura sagrada e a palavra dos teólogos na inquisição moderna”.
- Angela Lano, da UFBA, concluiu em 2023, a pesquisa sobre “Estudos comparativos sobre a figura de Jesus - ‘Isã nas tradições cristã, canônica e apócrifa, e islâmica”.

Com relação às atividades desenvolvidas no Programa, o pesquisador realiza o seu Estágio Pós-Doutoral junto à FAJE (Faculdade Jesuíta), entre 2015 e 2017, sob a supervisão de Jaldemir Vitório, e com apoio da FAPEG. Dessa pesquisa resultam diversas publicações, sendo a principal o livro com o mesmo título do projeto: “O caminho da justiça na sabedoria dos provérbios” (Silva, 2018).

Em conexão com o mesmo tema, o pesquisador coordenou o IX Congresso Internacional em Ciências da Religião da PUC Goiás, “Justiças”, em 2018, que teve duas publicações específicas. A primeira reuniu as conferências proferidas no Congresso (Ecco; Quadros;

Silva; Silva, 2018). A segunda reuniu as comunicações partilhadas no mesmo Congresso (Costa; Costa; Silva, 2018).

O tema da justiça em provérbios mobilizou pesquisas, comunicações e publicações, incluindo a partilha em diversos Congressos internacionais, como: o FSM (Fórum Social Mundial) em Túnis, em 2013; o Congresso Internacional da SBL (Society of Biblical Literature), em Buenos Aires, em 2015; o Colóquio Internacional da USEK (Université du Saint-Esprit de Kaslik, no Líbano, em 2015; a III Semana Bíblica da ABA (Associação Bíblica Argentina), em Mendoza, em 2016; o II Congresso Lusófono de Ciência das Religiões, Universidade Lusófona, Lisboa, em 2017; o 12º Colóquio Interdisciplinar sobre Provérbios, em Tavira, Portugal, em 2018; a XXIII Assembleia de RIBLA (Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana), em San Salvador, em 2023.

CONCLUSÃO

A conclusão pode ser uma tentativa de síntese, com destaque para um eixo temático para cada etapa de atuação no Programa, com os limites da opção por um assunto, em detrimento dos demais.

No primeiro período (1999-2006) o destaque é para a temática da infância, com projetos de pesquisa, publicações e orientações guiadas pelo interesse em torno a criança.

No segundo período (2007-2012) as temáticas dominantes são sabedoria e santidade, com projetos e publicações em torno ao Padre Pelágio Sauter, ao Servo Sofredor e a Jesus Cristo.

No terceiro período (2013-2024) o eixo temático dominante é a justiça em provérbios, com campos relacionados, como Deus, Jesus Cristo, diabo, mal, mulher, justiça, palavra, juventude e corrupção.

As perspectivas (2024 em diante) se mantêm sobre os eixos temáticos da luta pela justiça e do combate à corrupção. Uma nova perspectiva se abre, em torno ao boi, a partir de um projeto abrangente entre os Programas de Pós-Graduação da PUC Goiás, sobre o ciclo da carne bovina, com apoio da FAPEG.

As orientações em andamento (2024) incluem os seguintes nomes:⁴

- Gláucia Loureiro de Paula, sobre a lepra no antigo Israel (Pós-doutorado);
- Narcélio Ferreira de Lima, sobre o método de leitura da Bíblia do Padre Caetano Minnette de Tillesse (Doutorado);
- Tarek Chaher Kalaoun, sobre a expansão do universo descrita no Alcorão (Doutorado);
- Cirone Rodrigues de Almeida, sobre o boi na tradição judaica (Doutorado);
- Raimundo Alves Martins, sobre a criação de gado bovino no antigo Israel (Doutorado);
- Gilmar Tavares Reis, sobre as leis bíblicas sobre o cuidado com o boi (Mestrado);
- Kenia Magalhães Gonçalves, sobre Dom Bosco e a Lei Orgânica da Assistência Social – LOAS (Mestrado);
- Carlos Eduardo Pereira Quinto, sobre a antropologia de Edith Stein (Iniciação Científica);
- Gilvan Macedo Gomes, sobre o Espírito Santo (Iniciação Científica);
- Sara Raquel Souza Silva, sobre provérbios de Jesus relacionados à saúde (Iniciação Científica).

4 Os dados sobre 2024 são parciais, e refletem a situação no momento de finalização deste texto, 13 de abril de 2024.

REFERÊNCIAS

COSTA, Celma Laurinda Freitas; COSTA, Luiz Antonio F. Pacheco da; SILVA, Valmor da (Orgs.). *Justiça e santidade: entre o ideal humano e o divino*. Goiânia: Editora Espaço Acadêmica, 2018.

ECCO, Clóvis; QUADROS, Eduardo Gusmão de; SILVA, Rosemary Francisca Neves; SILVA, Valmor da (Orgs.). *Justiças: IX Congresso Internacional em Ciências da Religião*. Goiânia: Editora Espaço Acadêmico, 2018.

QUADROS, Eduardo Gusmão de; GOMES FILHO, Robson Rodrigues. *Padre Pelágio Sauter: uma biografia histórica (1878-1961)*. Goiânia: Scala, 2024.

SILVA, Valmor da. Crianças no Novo Testamento. *Estudos Bíblicos*, Petrópolis, n. 54, p. 58-70, 1997.

SILVA, Valmor da. *O caminho da justiça na sabedoria dos provérbios*. São Paulo: Paulus, 2018.

SILVA, Valmor da. As dores do parto e o nascimento na literatura bíblica. *Estudos Bíblicos*, Petrópolis, n. 65, p. 9-25, 2000.

SILVA, Valmor da. Bater ou não bater nas crianças? Análise a partir dos Provérbios bíblicos. *Horizonte*, Belo Horizonte, v. 18, n. 55, p. 301-323, 30 abr. 2020. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/horizonte/article/view/19257/17237>. Acesso em: 13 abr. 2024.

4

Clóvis Ecco

TRILHANDO CAMINHOS:

UMA NARRATIVA SOBRE MINHA
TRAJETÓRIA DE VIDA E CARREIRA ACADÊMICA
COMO PROFESSOR E PESQUISADOR

INTRODUÇÃO

No intrincado labirinto da vida e da academia, cada passo molda a jornada única de um indivíduo. *Trilhando Caminhos: Uma Narrativa sobre Minha Trajetória de Vida e Carreira Acadêmica como Professor e Pesquisador* é um relato pessoal que mergulha nas experiências que deram forma à minha trajetória. Desde os primeiros momentos de descoberta acadêmica até os desafios enfrentados como professor e coordenador do programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* da Pontifícia Universidade Católica de Goiás, o texto reflete não apenas a evolução de um pesquisador, mas também a complexidade da interseção entre vida pessoal e profissional. Nesta reflexão, exploro as inspirações que pavimentaram o início da minha carreira, destacando momentos-chave que influenciaram minhas escolhas e direcionaram meus esforços acadêmicos. Ao desvendar os desafios superados e as conquistas alcançadas, delinheiro o processo de amadurecimento intelectual e emocional que caracteriza essa jornada. Ao compartilhar as lições aprendidas ao longo do caminho, pretendo não apenas apresentar minha trajetória, mas também inspirar outros acadêmicos e estudantes a enfrentarem seus próprios desafios. *Trilhando Caminhos* é mais do que uma mera retrospectiva; é, sobretudo, um convite para compreender a complexidade da vida acadêmica e encontrar significado na jornada pessoal e profissional.

FORMAÇÃO ACADÊMICA

Minha formação acadêmica abrange a Licenciatura em Filosofia e o Bacharelado em Teologia, ambos enriquecidos por cursos complementares voltados para o aprimoramento na área educacional. Esses registros estão devidamente documentados em meu currículo Lattes. Durante minha jornada acadêmica, explorei os

fundamentos da Filosofia, desenvolvendo uma compreensão aprofundada das correntes de pensamento e suas aplicações práticas. A Licenciatura em Filosofia proporcionou-me uma base sólida para abordar questões complexas, promovendo o pensamento crítico e a análise reflexiva.

Simultaneamente, o Bacharelado em Teologia ampliou meu horizonte acadêmico ao explorar os estudos teológicos em sua plenitude. Adquiri uma compreensão abrangente das diversas tradições religiosas, contribuindo para uma visão mais ampla e inclusiva na abordagem de temas interdisciplinares. Adicionalmente, busquei constantemente o aprimoramento na área educacional através de cursos especializados. Essas iniciativas visavam não apenas complementar minha formação, mas também aprimorar minhas habilidades pedagógicas, proporcionando uma abordagem mais eficaz e inovadora no campo da educação. Todas essas experiências e aprendizados estão meticulosamente detalhados em meu currículo Lattes, refletindo meu comprometimento com a excelência acadêmica e a constante busca por conhecimento. Estou confiante de que essa formação diversificada me equipou com as habilidades necessárias para enfrentar desafios complexos e contribuir significativamente em diferentes áreas.

Ingressei no mestrado em 2005 no Programa de Pós-Graduação da PUC Goiás, com foco na temática "Identidade de Gênero: Ideias Religiosas sobre o Masculino como Ângulo de Análise", culminando na defesa da dissertação em 2007. A exploração da interseção entre identidade de gênero e concepções religiosas sobre o masculino me ofereceu uma visão aprofundada das dinâmicas sociais e individuais. Ao reconhecer e analisar as influências culturais que permeiam esses domínios, podemos alcançar uma compreensão mais rica e abrangente das complexidades inerentes à formação das percepções de gênero, contribuindo assim para o avanço do conhecimento e para a promoção de sociedades mais inclusivas e respeitosas à diversidade.

Em 2010, prossegui minha trajetória acadêmica com o doutorado, também na PUC Goiás, abordando o tema “Religião e Soropositivos para o HIV/AIDS: Preconceitos sobre Doença e Sexualidade”. A pesquisa sobre “Religião e Soropositivos para o HIV/AIDS” destaca-se pela sua relevância social e acadêmica. Ao abordar preconceitos relacionados à doença e à sexualidade, a pesquisa contribui para o entendimento das complexas interações entre crenças religiosas, saúde e estigmatização. Além de fornecer insights valiosos para profissionais de saúde, ela também promove a conscientização e a busca por soluções inclusivas, visando uma sociedade mais compassiva e informada sobre as questões relacionadas ao HIV/AIDS. Ambas as pesquisas foram concretizadas por meio de bolsas concedidas pela CAPES, que também incluíram financiamento para a realização de pesquisa de campo.

Em 2014, integrei a comissão do Enade, participando ativamente da elaboração do documento norteador para a criação das provas, sendo posteriormente selecionado para integrar a comissão responsável pelas avaliações subsequentes. Em 2018, tive a honra de fazer parte do INEP para a avaliação institucional. Essas experiências ampliaram minha visão acadêmica e meu compromisso com a qualidade e excelência no ensino e na pesquisa.

Os momentos iniciais da minha atuação junto ao Programa de Pós-Graduação foram marcados por professores/as inspiradores/as, cujas aulas abriram portas para novas perspectivas e campos de estudo que moldaram minha visão de mundo. Ao assumir o papel de professor, vi-me diante de uma nova fase desafiadora. Coordenar o programa de Pós-Graduação Stricto Sensu na Pontifícia Universidade Católica de Goiás acrescentou uma dimensão inédita à minha carreira acadêmica. A responsabilidade de orientar pesquisadores/as e liderar iniciativas educacionais trouxe consigo não apenas desafios, mas também a oportunidade de contribuir para o desenvolvimento intelectual de outros/as, criando uma interação única entre meu crescimento pessoal e profissional.

Os momentos-chave que delinearão minha trajetória refletem escolhas conscientes e, por vezes, desafios superados. A busca incessante pelo equilíbrio entre as exigências acadêmicas e as demandas pessoais desencadeou um processo de amadurecimento intelectual e emocional. Cada revés e cada triunfo moldaram não apenas o pesquisador, mas também a pessoa por trás da batina acadêmica. Ao compartilhar as lições extraídas desses caminhos sinuosos, aspira-se não apenas a contar uma história, mas a inspirar colegas acadêmicos e estudantes a enfrentarem seus próprios desafios com resiliência e determinação. *Trilhando Caminhos* é mais que uma mera retrospectiva; é um convite para explorar a complexidade intrínseca da vida acadêmica e encontrar significado na jornada que molda a identidade, tanto pessoal quanto profissional.

A MINHA INSERÇÃO PROFISSIONAL

Ao longo de minha trajetória acadêmica, iniciei minha carreira como professor no Colégio Tereza Verzeri, localizado em Santo Ângelo, Rio Grande do Sul, nos anos de 1994 e 1995. Nessa fase inicial, lecionei a disciplina de Língua Espanhola para turmas de sexto e sétimo anos, proporcionando uma experiência singular, repleta de desafios e aprendizados, mesmo estando no início da minha vida profissional.

Posteriormente, no período de 1999 a 2022, desenvolvi minha atuação no Instituto de Filosofia Berthier, situado em Passo Fundo, Rio Grande do Sul. Durante esse intervalo, dediquei-me ao ensino de disciplinas voltadas para a graduação, especificamente Filosofia do Brasil e da América Latina, bem como Antropologia Filosófica. Essa fase representou um momento de maior compreensão e ampliação da minha visão de mundo.

Em um contexto diferente, entre os anos de 2007 e 2010, assumi a responsabilidade de ministrar a disciplina de Ensino Religioso para turmas de sexto e sétimo anos no Colégio Marista de Goiânia, localizado no Centro-Oeste do Brasil. A partir de 2010, ampliei minha atuação para a Faculdade Unida de Campinas, também em Goiânia, lecionando a disciplina de Antropologia Aplicada à Enfermagem. Em 2014, integrei a equipe de professores da Pontifícia Universidade Católica de Goiás – PUC Goiás, à época, Universidade Católica de Goiás (UCG). No segundo semestre desse mesmo ano, fui incorporado ao Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Ciências da Religião. Em seguida, assumi a posição de coordenador do referido programa, cargo que ocupo até o presente momento, o que tem proporcionado desafios significativos tanto no campo da gestão quanto no acadêmico.

A IMPORTÂNCIA DE SE CELEBRAR OS VINTE E CINCO ANOS DO PPGCR

Celebrar os vinte e cinco anos de história do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Ciências da Religião da PUC Goiás é uma oportunidade significativa para reconhecer e destacar a importância e o impacto desse programa ao longo do tempo. Fundamentar essa celebração envolve considerar diversos aspectos que evidenciam sua relevância acadêmica, suas contribuições para a comunidade científica e o impacto na formação de profissionais, bem como na produção de conhecimento na área das Ciências da Religião.

Aqui estão alguns pontos que podem ser destacados: a consolidação acadêmica – o programa demonstra sua solidez e consolidação ao longo dos anos. A longevidade do programa sugere sua capacidade de se adaptar às mudanças e desafios, mantendo padrões de excelência na formação de mestres e doutores em Ciências da Religião.

Neste período celebrativo de vinte e cinco anos, o programa tem se destacado como um centro de pesquisa ativo, gerando conhecimento inovador e contribuindo para o avanço das Ciências da Religião. Durante esse tempo, foram produzidas mais de quinhentas publicações, teses e dissertações pelos dedicados discentes, consolidando o programa como um importante polo de produção acadêmica. A celebração dessas duas décadas e meia enfatiza a relevância do programa na formação de profissionais qualificados em Ciências da Religião. Mestres e doutores formados pela PUC Goiás têm desempenhado funções importantes no meio acadêmico, em instituições de ensino e na sociedade em geral. Eles se tornaram agentes de transformação, difundindo o conhecimento adquirido e contribuindo de maneira significativa para a visibilidade da área.

Além de sua contribuição acadêmica, o programa não se limita a formar pesquisadores, mas desempenha um papel vital na comunidade local e global. Sua atuação como agente de transformação e difusor do conhecimento evidencia o compromisso do programa com a promoção de um impacto duradouro e benéfico em diversas esferas da vida. A celebração pode ser uma oportunidade para destacar diferentes formas de parcerias com outras instituições e iniciativas que tenham impactado positivamente a sociedade.

Ao longo dos anos, o programa estabeleceu redes de colaboração com outras instituições de ensino e pesquisa, nacionais e internacionais. Essas parcerias fortaleceram a qualidade do programa, promovendo o intercâmbio de conhecimento e experiências. Ao lembrar os vinte e cinco anos, é possível destacar as inovações implementadas e os desafios superados. Essas experiências podem inspirar reflexões sobre a evolução do programa e fornecer insights valiosos para futuras melhorias. A celebração não apenas reconhece o passado, mas também lança um olhar para o futuro. Destacar o legado construído e as perspectivas para os próximos anos pode inspirar a continuidade do compromisso com a excelência acadêmica e o avanço das Ciências da Religião.

Em síntese, celebrar os vinte e cinco anos do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da PUC Goiás é uma oportunidade para reconhecer e valorizar sua trajetória, destacando sua contribuição para a academia, a sociedade e o desenvolvimento do campo de estudos das Ciências da Religião.

Tudo isso tem sido possível devido à vigorosa participação e dedicação de todos os pesquisadores envolvidos. Nossa missão primordial consiste em interpretar os fenômenos do sagrado, impulsionados pelo ardente desejo de contribuir para o avanço do conhecimento nessa área específica. O comprometimento vai além dos desafios acadêmicos, conectando-se a uma visão mais abrangente de compreender o papel das religiões na formação da identidade humana e na construção de uma sociedade mais justa e inclusiva.

Esta celebração não se limita apenas ao reconhecimento de conquistas passadas. Ela também revitaliza nosso compromisso, renovando a energia necessária para inspirar as futuras gerações de estudiosos a explorarem o fenômeno religioso e suas implicações em nosso mundo em constante transformação. Ao celebrar este marco de vinte e cinco anos, não apenas refletimos sobre o caminho percorrido, mas também nos propomos a direcionar nossos esforços para moldar o futuro do programa. Com a convicção de que a compreensão aprofundada dos fenômenos religiosos é essencial para a construção de uma sociedade mais tolerante e inclusiva, renovamos nosso compromisso com a excelência acadêmica e com a formação de estudiosos dedicados a contribuir significativamente para o avanço do conhecimento em Ciências da Religião.

Nossa motivação transcende os limites da academia, abraçando uma missão mais ampla de promover diálogos construtivos, respeito mútuo e entendimento intercultural. Ao celebrar esses vinte e cinco anos, estamos conscientes não apenas do que alcançamos, mas também do que ainda podemos conquistar.

MEUS PROJETOS DE PESQUISA E SEUS DESDOBRAMENTOS

No transcurso do período compreendido entre 2014 e 2023, dediquei-me à concepção e implementação de cinco projetos de pesquisa que se inserem nas esferas de meu interesse acadêmico, a saber: a dinâmica da supremacia masculina, a problemática da intolerância religiosa e o fenômeno do ateísmo contemporâneo, com ênfase específica na análise dos crentes desvinculados de qualquer filiação religiosa. Minha trajetória no meio acadêmico foi pautada por uma incessante busca por soluções às indagações mais prementes nessas áreas, refletindo não apenas uma paixão inabalável pela investigação científica, mas também um comprometimento intrínseco com o progresso do conhecimento e a assimilação da diversidade. Dentre os projetos notáveis que conduzi, destacam-se iniciativas direcionadas ao entendimento de fenômenos complexos e à proposição de soluções inovadoras para problemas emergentes. Minha abordagem sempre foi pautada pela interdisciplinaridade e colaboração, envolvendo parcerias com outros/as pesquisadores/as de diferentes instituições acadêmicas. Durante esta década de pesquisa, conseguimos efetivamente contribuir para o progresso do conhecimento científico e para enfrentar os desafios contemporâneos. Esse esforço culminou na publicação de mais de sessenta trabalhos científicos, incluindo livros e capítulos de livros, em periódicos acadêmicos especializados na área de estudo. Nesta análise, serão abordados cinco projetos de pesquisa, destacando suas contribuições por meio das respectivas publicações associadas.

A seguir, apresentamos uma breve sinopse de cada projeto:

- (1) **Culturas e Ateísmos Contemporâneos (2014):** Este projeto explora as dinâmicas das culturas e ateísmos na contemporaneidade, proporcionando uma análise aprofundada, refletida nas publicações associadas.

- (2) **Religião e Masculinidade: Uma Revisão Bibliográfica (2017):** Através de uma revisão bibliográfica, este projeto examina a interseção entre religião e masculinidade, oferecendo insights valiosos consolidados em artigos.
- (3) **(A)teísmo Hermenêutico e a Irrupção de Nova Sensibilidade Religiosa na Pós-modernidade (2018):** Focando no (a)teísmo hermenêutico, este projeto investiga a emergência de uma nova sensibilidade religiosa na pós-modernidade, explorando suas implicações e publicações especializadas.
- (4) **Perfil de uma Espiritualidade Não Religiosa (2019):** O objetivo deste projeto é traçar o perfil de uma espiritualidade não religiosa, oferecendo uma análise profunda que enriquece o campo de estudos.
- (5) **Crentes Sem Instituição Religiosa: A Conservação das Crenças Religiosas como Elo de Memória (2023):** Este projeto aborda a temática dos crentes sem afiliação religiosa institucional, destacando a conservação das crenças religiosas através dos registros de memória.

Em 2014, foi conduzida a primeira pesquisa, intitulada “Culturas e Ateísmos Contemporâneos”, com o objetivo de investigar as bases históricas e culturais do ateísmo e suas relações com as concepções de sagrado, visões de mundo e hierarquização social na sociedade ocidental moderna. A pesquisa empírica, realizada em 2015 com cinquenta acadêmicos de diversos cursos da PUC Goiás, confirmou a premissa inicial. Os resultados evidenciaram que os participantes afirmavam crer em Deus e orientavam suas vidas por valores e ensinamentos religiosos. Os achados do projeto foram disseminados em três artigos acadêmicos: “Ateísmo e Religião em Ludwig Feuerbach: Uma Aposta na Essencialidade do Humano” (2016), publicado na revista *Caminhos*; “Novos Odres para o Sagrado Vinho: Marià Corbí e os Sem Religião” (2018), na revista *Estudos da Religião*; e “Cultura e Ateísmo Contemporâneo” (2018), na revista *Mosaico*.

Em 2017, iniciei minha segunda pesquisa, intitulada “Religião e Masculinidade: Uma Revisão Bibliográfica”. Essa abordagem representa uma equação ainda pouco explorada, apesar de as representações sociais sobre a masculinidade frequentemente manterem uma ligação entre as concepções do masculino e do sagrado. O objetivo desta investigação foi analisar o acervo de teses e dissertações defendidas de 2017 a 2020 nos Programas de Pós-Graduação em Ciências Humanas no Brasil. O desdobramento dessa pesquisa foi publicado com o título “Religião e Gênero: Uma Investigação do Estado da Arte dos Estudos de Gênero nos Programas de Pós-Graduação em Ciências da Religião no Brasil” (2018), na revista *Mandrágora*.

Em 2018, ampliamos a abordagem temática por meio de uma colaboração com o professor Omar Lucas Perrou Fortes de Sales durante seu estágio pós-doutoral. Esse período foi dedicado à investigação do tema “(A)teísmo Hermenêutico e a Irrupção de Nova Sensibilidade Religiosa na Pós-modernidade”. Observou-se que o ateísmo contemporâneo pode ser adotado tanto como uma atitude filosófica quanto como um posicionamento religioso. A pesquisa foi desenvolvida a partir de uma investigação de campo realizada em dois Programas de Pós-Graduação em Ciências da Religião. Os resultados desta pesquisa serão apresentados em um artigo intitulado “Crentes Sem Religião e (A)teísmo Hermenêutico”, a ser publicado em 2024 na revista *Interações*.

Em 2018, foi iniciada uma pesquisa sobre o perfil de uma espiritualidade não religiosa, cujos resultados foram complementados em 2023 por um novo projeto, intitulado “Crentes Sem Instituição Religiosa: A Conservação das Crenças como Elo de Memória”. Estes dois estudos convergem, sendo que o último incorpora uma inovação temática ao explorar a manutenção da crença por meio da memória. O objetivo principal deste projeto é identificar as razões pelas quais as pessoas se autodenominam crentes sem instituição religiosa. A quarta pesquisa, intitulada “Crentes Sem Religião e a Busca de Sentido” (2023), publicada na revista *Caminhos*, representa um estágio intermediário na coleta das informações para o projeto atual.

Esses projetos de pesquisa desempenham um papel fundamental no aprofundamento da compreensão do fenômeno emergente dos crentes sem filiação religiosa, proporcionando insights valiosos para a discussão sobre as interações entre mudanças sociais e crenças religiosas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na intrincada tessitura da vida e da academia, cada passo molda a jornada singular de um indivíduo. *Trilhando Caminhos: Uma Narrativa sobre Minha Trajetória de Vida e Carreira Acadêmica como Professor e Pesquisador* é um mergulho profundo nas experiências que deram contorno à minha trajetória, desde os primórdios da descoberta acadêmica até os desafios enfrentados como professor e coordenador do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu da Pontifícia Universidade Católica de Goiás. Esta trajetória apresentada não apenas revela a minha evolução, mas também explora a complexa interseção entre vida pessoal e profissional. Ao destacar as inspirações que marcaram o início da minha carreira, delinheiro momentos-chave que influenciaram minhas escolhas e orientaram meus esforços acadêmicos. Desvendando os desafios superados e as conquistas alcançadas, apresento o processo de amadurecimento intelectual e emocional que caracteriza essa jornada singular. Ao compartilhar as lições aprendidas ao longo desse caminho, minha intenção é não apenas narrar minha trajetória, mas também inspirar outros acadêmicos e estudantes a enfrentarem seus próprios desafios. *Trilhando Caminhos* transcende a mera retrospectiva; é um convite para compreender a complexidade da vida acadêmica e encontrar significado na jornada pessoal e profissional. Por meio desta narrativa, busco não apenas oferecer insights sobre meu percurso, mas também contribuir para a compreensão mais profunda da riqueza e complexidade inerentes à vida acadêmica.

GENTILEZA é a palavra que escolho para expressar minha profunda gratidão a todos os envolvidos nesta jornada acadêmica, especialmente aos meus estimados colegas professores, dedicados discentes e à notável instituição que é a PUC Goiás. Agradeço imensamente aos meus colegas professores, cuja sabedoria e orientação foram pilares fundamentais ao longo deste percurso. Suas contribuições generosas e apontamentos valiosos enriqueceram não apenas meu aprendizado, mas também a experiência coletiva de nossa comunidade acadêmica. Ao celebrarmos os vinte e cinco anos do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Ciências da Religião, reconheço a importância dessa conquista significativa.

Este marco não apenas atesta a excelência acadêmica, mas também destaca o comprometimento contínuo da instituição em promover o conhecimento nas áreas das ciências religiosas. Parabeno a PUC Goiás por essa trajetória notável e por proporcionar um ambiente propício ao aprendizado e à pesquisa. Aos discentes, expresso minha sincera gratidão pela colaboração, camaradagem e pelo ambiente de aprendizado colaborativo que construímos juntos. Cada interação e troca de conhecimento contribuíram para moldar uma comunidade mais unida e vibrante. Não poderia deixar de reconhecer a PUC Goiás e a Escola de Formação de Professores e Humanidades, cujo compromisso com a excelência acadêmica e o ambiente propício ao aprendizado foram essenciais. Estas instituições nos deram suporte e apoio, e sou grato pela oportunidade de fazer parte desta comunidade acadêmica resiliente.

Que esta história pessoal possa servir como uma fonte de encorajamento e inspiração para aqueles que, assim como eu, trilham seus próprios caminhos na busca do conhecimento. À medida que celebramos o passado e olhamos para o futuro, que possamos continuar promovendo uma comunidade acadêmica mais resiliente, colaborativa e vibrante, onde o aprendizado seja uma jornada coletiva

e enriquecedora. A todos que contribuíram para essa jornada e para a história vivida do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião, meu mais profundo agradecimento. Juntos, construímos não apenas conhecimento, mas também laços duradouros que fortalecem nossa comunidade acadêmica.

REFERÊNCIAS

- ECCO, Clóvis. *Identity of gender: Religious ideas on the Masculine as Angle of Analysis*. 2007. 155 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas) - Pontifícia Universidade Católica de Goiás, GOIÂNIA, 2007.
- ECCO, Clóvis. *Religion and seropositive for HIV/AIDS: bias about illness and sexuality*. 2013. 167 f. Tese (Doutorado em Ciências Humanas) - Pontifícia Universidade Católica de Goiás, GOIÂNIA, 2013.
- ECCO, Clóvis. *Um retrato de homem contemporâneo: Masculinidade e Religião em Discussão*. 1. ed. Rio de Janeiro: Editora Deescubra, 2010. v. 1000. 180p.
- ECCO, Clóvis; MARTINS FILHO, J. R. F.. Ateísmo e Religião em Ludwig Feuerbach: uma aposta na essencialidade do humano. *Caminhos* (Goiânia. Online), v. 14, p. 325, 2016.
- ECCO, Clóvis; MARTINS FILHO, J. R. F.. Contemporary Cultures and Atheism. *Mosaico* (Goiânia), v. 10, p. 265-276, 2018.
- ECCO, Clóvis; MARTINS FILHO, J. R. F.. Novos odres para o sagrado vinho: Marià Corbí e os sem religião. *Estudos de Religião*, v. 32, p. 29-50, 2018.
- ECCO, Clóvis; MARINHO, Thais Alves; ARAUJO, Claudete Ribeiro. Religião e Gênero: uma investigação do estado da arte dos Estudos de Gênero nos Programas de Pós-Graduação em Ciências da Religião no Brasil. *Mandrágora*, v. 24, p. 5-37, 2018.
- ECCO, Clóvis; LEMOS, Carolina Teles. Os crentes sem religião e a busca de sentidos. *Caminhos*, Goiânia, v. 20, n. 3, p. 335-353, 2022.

5

Ivoni Richter Reimer

**... E NÓS,
MULHERES,
DIZEMOS!**

ONDE E COMO ESTOU

Dizer do lugar onde estou e a partir do qual eu atuo, falo e escrevo é importante para aquilo que faço e comunico. Isso faz parte de uma hermenêutica historicamente situada e em dinâmico movimento no contexto de processos históricos. Isso me desvela imbricada na minha própria fala e revela as peculiaridades, as potencialidades e as limitações daquilo que sou, faço e digo. Dizer do lugar onde atuo é reconhecer a força e a fragilidade do conhecimento desenvolvido nesse e a partir desse lugar, com suas agruras e levezas. É assumir a subjetividade e a objetividade dos trabalhos realizados tanto individualmente entre estantes e pilhas de livros, junto à escrivaninha e ao *laptop* no meu espaço privado, quanto em companhia, cumplicidade, conversa, debate em parcerias e em público, portanto, coletivamente. Essa dinamicidade às vezes marcada por pausas de férias ou adoecimento faz parte do lugar do meu *Dasein* — “vir-a-ser” — na construção da vida e do conhecimento.

No momento, estou bastante satisfeita e contente em nível pessoal, familiar e profissional. Digo “bastante”, porque também essa alegria é parcial em dois sentidos: por um lado, estou exitosa em termos de produtividade acadêmica e social, reconhecida por meio de Bolsa Produtividade CNPq desde 2009, alcançando nível PQ1 em 2023, e por meio do reconhecimento regional e nacional com os prêmios FAPEG e CONFAP 2023 de Pesquisadora Destaque nas Ciências Humanas e com a Homenagem recebida da PUC Goiás em 25 de abril de 2024; por outro lado, essa alegria se anuvia por eu não ter obtido o *status* acadêmico e salarial de Titular, continuando como Adjunta desde quando entrei no quadro docente no Programa de Pós-Graduação *stricto sensu* em Ciências da Religião (PPGCR) da PUC Goiás, em 2000. O “bastante” também se refere às relações familiares: Haroldo e eu estamos bem, mas longe de nossos filhos Tiago e Daniel, da nora Danielle e do netinho Oga, bem como dos demais familiares.

E nessa distância, algumas perdas foram marcantes durante o tempo em que estou em Goiás: a morte de minha mãe, de meu sogro, minha sogra, de um sobrinho, um cunhado... Viver o luto à distância é mais difícil e doloroso, e com o processo de envelhecer, essas questões se tornam ainda mais sensíveis! Por sorte ou não, e por causa de situações alheias à minha/nossa vontade, mudamos do Setor Sul/ Goiânia para uma chacinha no interior de Hidrolândia, ainda antes da pandemia. Aqui, viver o isolamento foi mais tranquilo. Aqui é possível respirar e viver qualitativamente melhor no sentido de produzirmos alimentos orgânicos e em muitas coisas sermos autossustentáveis. Aqui é mister viver e não apenas falar de ecologia e, portanto, também de ecofeminismo. Obviamente isso implica muito trabalho com a terra e com os animais, o que também se mostrou terapêutico, alentador e renovador de energias e espiritualidade. Morar aqui na roça também implica distância e maior dificuldade de participar de confraternizações junto com colegas após atividades científico-acadêmicas. Tudo isso e um bocado mais justificam o termo “bastante” para caracterizar o momento em que escrevo este texto.

Junto ao trabalho agora restrito ao PPGCR e, por minha decisão, com carga horária diminuída, continuo atuando em grupos e movimentos socio-eclesiais, como fiz em toda minha jornada acadêmica: sempre mantive o convívio e o trabalho com as bases, em movimentos e atuações principalmente junto ao Centro Ecumênico de Estudos Bíblicos (CEBI), Fórum das Pastorais Luteranas, Serviço de Animação Bíblica (SAB), Rede de Teólogas, Pastorais, Ativistas e Líderes Cristãs (TEPALI) em nível de América Latina, Movimento Fé e Política, *Kirchentage* (Alemanha), entre outros. Também nesse âmbito tem novidade: tornei-me pastora emérita após 32 anos de atuação como pastora ordenada voluntária/não remunerada da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB), sita na Alameda Botafogo 222, no centro de Goiânia. Também nessa nova condição e por vontade própria, continuo atuando na prática pastoral, em assessorias e apoio comunitário-social.

Tenho me inserido em movimentos sociopolíticos desde minha juventude, e então também desde nossa chegada a Goiânia, junto ao Movimentos dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) e a bases eclesiais que se movimentam a atuam em favor de uma democracia cidadã e de direito constitucionalmente garantida e, portanto, contra políticas necrófilas que emergem do fundo de águas poluídas e de abismos escuros. Tendo experienciado parte da Ditadura Militar, participado de e sofrido nas manifestações em prol das *Diretas Já*, atuado em vários níveis de educação e conscientização popular na redemocratização do país, a gente percebe quando “o monstro volta a emergir”.. Por isso também atualmente coloco meu conhecimento, minha experiência, minha luta e espiritualidade a serviço da garantia de nosso Estado Democrático de Direito tão duramente conquistado. É ele que garantirá e dará condições também para a Educação de qualidade e preferencialmente gratuita em todo nosso país!

Este ano de 2024 é um momento de virada para mim e Haroldo: estamos finalizando nossas atividades em Goiás. Estaremos de mudança ao fecharmos 25 anos de atividades acadêmicas e pastorais por aqui. E com isso, também celebramos mais um jubileu nosso e nos preparamos para nova etapa de vida e de atividades!

É a partir desse lugar que faço uma retrospectiva dos 24 anos de atuação no PPGCR, que celebra seu Jubileu de Prata. Isso implica mergulhar em águas profundas, claras e escuras, mentalmente memorar e revisitar viagens e companhias, sentindo gratidão por todos os trabalhos realizados junto com discentes, docentes e público em geral por ocasião de aulas, orientações, publicações, eventos acadêmicos e assessorias socio-eclesiais! Igualmente expressei minha gratidão à PUC Goiás, nas pessoas da profa. Dra. Priscila Valverde de Oliveira Severino, pró-reitora de Pós-Graduação e Pesquisa, extensivo à profa. Dra. Milca Severino Pereira, por reconhecimento, apoio e parceria.

UM POUCO DA TRAJETÓRIA DE 24 ANOS NO PPGCR

No final de 1999, fomos convidados, Haroldo e eu, para trabalharmos na PUC Goiás, especificamente para ajudar a consolidar o PPGCR — Mestrado, há pouco nascido. Estávamos atuando pastoralmente em Niterói/RJ e academicamente junto à Universidade Metodista e ao Seminário Teológico Batista do Sul do Brasil (STBSB), no Rio de Janeiro. Respondendo ao convite, viemos conhecer o espaço da então Universidade Católica de Goiás (UCG), em especial o PPGCR, que tinha sua sede no espaço do Instituto de Filosofia e Teologia de Goiás (IFITEG), no qual também atuei como docente de disciplinas de Hermenêutica e Exegese (2001-2014). Vendo a possibilidade de atuação para ambos, bem como as condições de escolas para Daniel e Tiago, refletimos e decidimos mudar para Goiânia, o que aconteceu em final de julho de 2000, em pleno auge do período da seca... Para quem viveu 10 anos à beira-mar, isso realmente foi bastante difícil, o que, contudo, foi amenizado pela exuberante beleza dos ipês amarelos floridos! Em condições inicialmente bastante precárias, fomos acolhidos em apartamento de um colega, e assim começamos a trabalhar, procurar um lugar para morar de aluguel e uma escola para os filhos. E assim se fez, foi a primeira semana.

Éramos 12 docentes doutoras e doutores, seis mulheres e seis homens: Carolina Teles Lemos, Haroldo Reimer, Irene Dias de Oliveira, Ivoni Richter Reimer, José Nicolau Heck, José Ternes, Laura Chaer, Manuel Ferreira Lima Filho, Rodolfo Petrelli, Sandra Duarte de Souza, Sérgio de Araújo, Valmor da Silva e Zilda Fernandes Ribeiro. Desse conjunto, hoje permanecem três docentes: Carolina, Ivoni e Valmor, e em 2024/1, Sandra voltou a compor esse corpo como colaboradora. A maioria que hoje está no PPGCR entrou após 2000: Alberto, Eduardo, Joel, Thaís, Signates, Clóvis, José Reinaldo, Mariosan, Rosemary, sendo que esses últimos quatro foram discentes

do Programa. Nesse meio tempo, ingressaram e saíram outros/as colegas, entre os quais destaco, por suas significativas contribuições, José Carlos Avelino da Silva e Luigi Schiavo.

À época, o Regulamento do Programa já normatizava a sua estrutura, com uma área de concentração e três Linhas de Pesquisa, sendo que passei a integrar a Linha Religião e Literatura Sagrada. Em consonância com essa Linha, realizei as atividades de docência, pesquisa e extensão, que passo a apresentar em alguns de seus principais aspectos e desenvolvimentos, constituindo parte da história do Programa. Primeiramente atuamos apenas com o Mestrado, considerando que o Doutorado começou suas atividades em 2007.

TECENDO HISTÓRIA E DISCIPLINAS INTERCONECTADAS COM PESQUISA

Desde o início, participei da Linha Religião e Literatura Sagrada. Nos primeiros anos, o Programa tinha apenas o Mestrado. No início, eu também oferecia Noções Básicas da Língua Grega, ciente de que essa é uma disciplina fundamental para estudos da literatura sagrada cristã. Ela, porém, não teve continuidade por motivos administrativos. Durante vários anos, trabalhei a disciplina Metodologia da Investigação Científica aplicada às Ciências da Religião, cujo objetivo foi e é capacitar o corpo discente para a construção de conhecimento com base em ações sistemáticas de pesquisa por meio de procedimentos metodológicos e técnicos, cujas diretrizes contribuem com a organização de processos e apresentação de resultados da pesquisa, considerando as normas de escrita vigentes. Dessa disciplina, com base em meu próprio processo de aprendizado na prática com discentes, resultou o livro *Como fazer Trabalhos Acadêmicos* (Richter Reimer, 2007),¹ reeditado várias vezes,

1 Para evitar uma enorme lista de Referências, remeto ao meu *Curriculum Lattes*, onde estão registrados todos os produtos mencionados: <http://lattes.cnpq.br/2861371052102699>.

sendo que em 2012 recebeu o título *Trabalhos Acadêmicos: modelos, normas e conteúdos*. Esse livro foi e continua sendo muito utilizado também por sua forma didaticamente inspiradora para realização de trabalhos acadêmicos, tendo recebido o prêmio Mérito Editorial – Livro do Ano 2009 da Editora da PUC Goiás.

Em termos de disciplinas, meu histórico se cruza com o histórico do PPGCR no que se refere à nossa Linha de Pesquisa. Dessa forma, desde 2000 até hoje destaco as principais disciplinas às quais tenho me dedicado, especificamente disciplinas de epistemologia, hermenêutica e análise crítico-reconstrutiva de textos sagrados, de acordo com minha formação e minhas pesquisas. Nessa trajetória, busquei construir uma efetiva vinculação entre docência e pesquisa, estritamente compatível com as respectivas ementas e objetivos das disciplinas. Entre elas constam, em nível de Mestrado, a disciplina obrigatória *Matrizes Teóricas da Literatura Sagrada das Religiões/ Literatura Sagrada das Religiões* e a optativa *Métodos de Interpretação de Textos Sagrados*, ambas realizadas em conjunto com colegas de Linha. No Doutorado, em conjunto com colegas, trabalhei com a disciplina *Fundamentos Teóricos das Ciências da Religião* aplicados à Literatura Sagrada, concentrando na fenomenologia, na hermenêutica e na exegese como contributos para constituição das bases teóricas das Ciências da Religião. Com essas disciplinas, o PPGCR oferece subsídios para construção e aprofundamento de referenciais teóricos e metodológicos para compreensão de fenômenos e linguagens religiosos das grandes tradições religiosas, com destaque ao judaísmo e ao cristianismo. Observando essas suas ementas basilares, sempre me esforcei em oferecer subsídios para informações históricas sobre o contexto do surgimento desses textos sagrados, observando processos socioculturais, geopolíticos e econômicos presentes na sua escrita e na sua história interpretativa e efetual. Em conjunto com o corpo discente, com base nas leituras feitas e na construção desses conhecimentos, refletimos crítico-construtivamente sobre a importância dos efeitos históricos dos processos

interpretativos para a construção de relações socioculturais e suas interseccionalidades de classe, gênero, etnia e idade. Dessas disciplinas resultaram a construção de referenciais teóricos e metodologias de abordagem de textos sagrados para discentes da nossa Linha de Pesquisa na confecção de suas dissertações e teses, bem como a contribuição docente e discente em eventos da Área 44 por meio de comunicações e palestras, e a publicação de alguns resultados de pesquisa docente e discente, também em nível interinstitucional. Essa última, por exemplo, foi organizada por Ivoni Richter Reimer e Haroldo Reimer, registrada em dois livros-coletânea que foram financiados pelo PROCAD, que são a) *Leituras: interpretação e recepção de textos bíblicos* (2013), com a participação de Carla Naoum Coelho, Carolina Bezerra de Souza, Clodoaldo Moreira dos Santos Júnior, Paulo Sérgio Soares e de Haroldo Reimer e Ivoni Richter Reimer; e b) *Perspectivas: interpretação e recepção de textos bíblicos* (2013), com a participação de José Carlos de L. Costa, Rogério Regis de Azevedo, Erika Pereira Machado, Josias Alvez da Costa e dos docentes Flávio Schmitt e Júlio César Adam (Faculdades EST), bem como de Haroldo Reimer e Ivoni Richter Reimer.

Outra disciplina que sempre gostei de realizar, tendo sido oferecida esporadicamente no Mestrado, é *Religião e Sociedade dos Cristianismos Originários/Sociedade e Cultura dos Cristianismos Originários*. Ela trata de investigar os processos de surgimento e desenvolvimento do movimento de Jesus e de comunidades cristãs originárias e de analisar textos do Novo Testamento, de outros escritos da época e de material arqueológico e iconográfico a partir de seus contextos históricos e socioculturais. A partir de uma base de leitura comum, foram desenvolvidos temas específicos, como violências, (in)justiças, conflitos e construção de culturas de paz; relações de poder e suas transversalidades de gênero, classe, etnia, idade e ambiente; as questões sociais, ambientais e econômicas vivenciadas e questionadas pelo movimento de Jesus e os cristianismos originários, entre outros. Entre os objetivos constavam conhecer os

conflitos internos e externos vivenciados nas comunidades judaico-cristãs do século I, destacando processos socioculturais e político-religiosos de dominação e de resistência, bem como as relações de poder, as condições de saúde e as práticas terapêuticas de Jesus e de outros taumaturgos da época. Dedicamo-nos a investigar concepções e práticas de saúde e de relações de poder a partir de textos do Novo Testamento, seus intertextos e extratextualidades, a fim de percebermos alguma inferência dessas narrativas na construção de identidades cristãs na história e na atualidade. Certamente essa tem sido uma disciplina muito produtora de sentido e produtiva de pesquisas, e dela resultaram não só projetos de pesquisa discente, mas também artigos e livros publicados. Destaco aqui o livro *Corpo, Gênero, Sexualidade e Saúde* (2005), em coautoria com discentes Gilberto Orácio de Aguiar, Keila Márcia Ferreira de Macedo Carvalho, Claude Detienne, Ýleris de Cássia de Arruda Mourão, Paulo Cezar Nunes de Oliveira e Suely Marques Rosa. Na Apresentação desse primeiro livro publicado com discentes do PPGCR, à época apenas Mestrado, fiz constar parte daquilo que tem motivado e sustentado meus trabalhos docentes e de pesquisa, até hoje:

Esta publicação foi projetada para ser um instrumento de visibilização de pesquisas que estão sendo realizadas neste Mestrado, a fim de construir relações de troca, intercâmbio e diálogo com outras pesquisas, nesta e em outras instituições de ensino. [...] Nela estão registrados alguns frutos do trabalho de pesquisa de alunos e alunas, realizados na disciplina Sociedade e Cultura dos Cristianismos Originários [...] para contribuir com a qualidade da construção de nossas relações em nível acadêmico, comunitário-social, educacional, familiar e eclesial (p. 10).

Assim sucederam-se muitos semestres de ensino e aprendizagem, com significativas produções em forma de artigos e livros escritos em conjunto com o corpo discente, a partir dos estudos realizados nas disciplinas por mim realizadas nesses 24 anos. Fiz e faço questão de motivar boas pesquisas e bons escritos a partir

das disciplinas, com perspectivas de publicação, sempre buscando avaliar a relevância e a contribuição das pesquisas na construção das relações socioculturais no passado e no presente. Vinculando disciplinas e projetos de pesquisa que tratam do Movimento de Jesus e dos Cristianismos Originários, outros frutos brotaram no invólucro de livros, também com participação docente e de outras instituições de ensino superior, caracterizando, portanto, parcerias e redes nacionais e internacionais. Em 2005, tive um capítulo publicado em livro internacional, organizado por Ross Kinsler e Gloria Kinsler, *God's Economy: Biblical Studies from Latin America*, abordando as dívidas no tempo de Jesus e a proposição do perdão das dívidas — *The Forgiveness of Debts in Matthew and Luke: for an Economy without Exclusions*”. Convicta da importância de se compreender as relações econômicas e sociais nas quais foram elaborados os textos bíblicos, em 2006, publicamos o livro por mim organizado *Economia no Mundo Bíblico: enfoques sociais, históricos e teológicos* junto com os docentes Haroldo Reimer (PUC Goiás), Uwe Wegner (Faculdades EST), e com os discentes do Mestrado em Teologia (STBSB) Osvaldo Luiz Ribeiro, Vera Lúcia Monteiro da Silva Mattos e Lília D. M. L. Cruz, e ainda um texto traduzido *in memoriam* de Luise Schottroff, que orientou meu estudo de doutorado na Alemanha. Esse livro tem sido referência nacional em nível acadêmico e de organizações sociais e eclesiais por informar como funcionavam as relações sistêmicas e estruturantes da sociedade do antigo Israel e do Império Romano no tempo de Jesus e das primeiras comunidades cristãs. Nele são contempladas questões de opressão e resistência, endividamento e perdão de dívidas, perda de terra, escravidão, trabalho, mercado, patriarcado e economia política, tributos e impostos, bem como estratégias de sobrevivência, diaconia, de esperança, cura e salvação.

Junto com essa disciplina, outras duas disciplinas que trabalhei no Mestrado contribuíram para a formação de mulheres e homens capacitados para realização de trabalhos em Ciências da Religião e em Teologia. Destaco a disciplina *Hermenêutica*, feita em parceria

com Haroldo Reimer e, após sua saída da PUC Goiás, ela continuou sendo realizada por mim. Com o estudo das principais correntes de pensamento relacionadas com a interpretação de textos sagrados e com aportes da fenomenologia da religião, de teorias da literatura e da filosofia, buscamos oferecer perspectivas e instrumentos para compreender textos e seus contextos, bem como outras formas de expressão e comunicação, entre as quais constam as visualidades. Com a base clássica, adentramos novas hermenêuticas, como da Teologia da Libertação e (Eco)Feministas, Autóctones e Negras em suas várias matizes e experiências, exercitando a interpretação a partir de textos sagrados, também de outras religiões. A segunda disciplina é *Religião, Gênero e Sociedade na Literatura Sagrada*, que estuda tradições e textos sagrados e suas influências na construção de relações socioculturais também por meio da história interpretativa e efetual. Os referenciais teóricos provêm da hermenêutica e da história sociocultural no processo de (re)construção de mentalidades, entre os quais consta a categoria analítica de gênero como importante instrumental para análise das relações de poder nas transversalidades entre gênero, classe, etnia, idade e ambiente. Entre seus objetivos destaco o empenho de acessar o contexto histórico, geopolítico, sociocultural e econômico para melhor compreender o desenvolvimento da história do antigo povo de Israel, do movimento de Jesus e dos cristanismos originários e antigos a partir dos seus textos sagrados. Com leituras fundamentais e exercícios hermenêuticos e exegéticos, buscou-se perceber a relevância das narrativas e suas afirmações teológicas, da fé e da organização da vida nesse contexto, bem como discernir experiências fundantes que mantêm ou transformam o *status quo* existente.

No contexto desses trabalhos realizados, o ano 2004 é um marco histórico para a pesquisa bíblica no Brasil, o qual se consolidou em 2006. A partir de reuniões na nossa casa na Rua 115G, no Setor Sul, várias vezes reunimos pesquisadores/as, como Milton Schwantes, Johan Konings, Monika Ottermann, Valmor da Silva,

Haroldo e eu, para pensar e organizar um instituto brasileiro de pesquisa bíblica. Nas conversas, fomos tecendo elementos para a criação de uma associação como fórum de debate e de trocas sobre pesquisa bíblica. Nesse sentido, organizamos o I Congresso Brasileiro de Pesquisa Bíblica, que se realizou de 8 a 10 de setembro de 2004, com a participação de mais de 250 pesquisadoras/es nacionais e internacionais. Seu tema foi exatamente *Hermenêuticas Bíblicas*, cujas comunicações e conferências reuniram contribuições nacionais e internacionais: Milton Schwantes, Ivoni Richter Reimer, Júlio Paulo Tavares Zabatiero, Nachman Falbel, Johan Konings e Rainer Kessler (Alemanha), que destacaram as tendências hermenêuticas da época, entre as quais consta minha contribuição sobre *Hermenêuticas de classe, gênero e etnia*.² Nesse Congresso, propusemos a criação da Associação Brasileira de Pesquisa em Bíblia, o que veio a se concretizar em 13 de maio de 2006, conforme Ata da Fundação da Associação Brasileira de Pesquisa Bíblica (ABIB). Por ocasião do II Congresso Brasileiro de Pesquisa Bíblica, de 4 a 6 de setembro de 2006, realizamos a 1ª Assembleia Geral da ABIB.³ Também esse Congresso tratava de abordagens hermenêuticas de textos sagrados, especificamente do evento fundante do judaísmo e suas releituras na América Latina, o êxodo, *Libertação e Liberdade: novos olhares* (2008). Também ali tivemos a participação de conferencistas nacionais e internacionais, dos quais destaco Milton Schwantes e Norman K. Gottwald. Minha contribuição ocorreu por meio da comunicação *Libertação em Processos Terapêuticos junto a Jesus: dinâmicas relacionais na construção de identidades*, pesquisa que estava sendo então realizada.

Além desses dois livros-aneis de congresso, que refletem nossos trabalhos realizados em pesquisas e nas disciplinas do Mestrado, especificamente em *Hermenêutica*, também quero

2 Os textos estão disponíveis nos Anais do Congresso (2006).

3 Ambos os documentos estão publicados nos anais da assembleia (2008, p. 271-275).

destacar resultados dos meus projetos de pesquisa *Religião, Gênero e Saúde*; *Movimento de Jesus nos Evangelhos Sinóticos*, que sempre estiveram vinculados às disciplinas ministradas e aos trabalhos apresentados em eventos e realizados em assessorias. Encontramos no profícuo tempo de início das atividades no Doutorado e na formação de um corpo discente muito engajado na construção de uma comunidade acadêmica de diálogo e parceria entre Mestrado e Doutorado. Como resultado dessas duas disciplinas e da organização do I Congresso Internacional de Ciências da Religião do PPGCR da PUC Goiás (2007), organizei o livro *Imaginários da Divindade: textos e interpretações* (2008), no qual foram publicadas algumas contribuições sobre Hermenêuticas Feministas na compreensão do processo da monoteização da experiência religiosa. Nele reuni contribuições dos discentes Ana Luisa Alves Cordeiro, Camila Alves Martins, Keila Matos e Darlyson Feitosa e dos docentes Haroldo Reimer, Ivoni Richter Reimer, Graciela Chamorro (interinstitucional). Meu capítulo publicado foi resultado parcial de pesquisa, intitulado *Maria sempre Bendita: textos e imaginários de uma história que se faz, desfaz e refaz*. Também no âmbito dos projetos de pesquisa, publiquei o livro *Milagre das Mãos: curas e exorcismos de Jesus em seu Contexto Histórico-Cultural* (lançado em 2008 e com e-book gratuito em 2021), que teve e tem grande repercussão nos estudos acadêmicos e socio-eclesiais no Brasil e na América Latina. Nele apresento referenciais hermenêuticos e históricos para compreender as práticas terapêuticas de Jesus nas dinâmicas entre fé e ciência na Antiguidade, e elaboro elementos teóricos e interpretativos sobre representação e superação do mal nas curas de Jesus. As múltiplas relações de poder, de doença e cura são analisadas com base em textos bíblicos específicos, em diálogo com textos e inscrições de médicos e taumaturgos como Alkmaion, Hipócrates, Asclépio, Ísis, entre outros. Destaco também um capítulo desse livro, escrito em conjunto com o mestrando Silvio R. Zurawski: *Porcos ao Mar! Análise de Mc 5,1-20*, no qual se analisa exegética e hermeneuticamente os significados do exorcismo praticado por Jesus e suas consequências pessoais,

socioculturais e geopolíticas naquele contexto no Império Romano. Seguiram-se várias outras publicações sobre o tema desses projetos de pesquisa, como pode ser verificado no meu *Curriculum Lattes*.

Com o Doutorado, trabalhamos de forma mais intensa, e com nossos discentes e docentes realizamos várias atividades a partir das disciplinas e de nossos projetos de pesquisa, incluindo as orientações de Mestrado e Doutorado. Como parte importante das disciplinas de Mestrado *Matrizes Teóricas da Literatura Sagrada das Religiões/ Literatura Sagrada das Religiões* e de Doutorado *Fundamentos Teóricos das Ciências da Religião*, que tratam e analisam fenômenos e experiências religiosos e sua expressão por meio de linguagens religiosas. Também nos dedicamos a compreender os mitos como modo de “entender e dizer o mundo”. Assim, na profícua interrelação entre disciplinas, projetos de pesquisa, organização e participação em eventos acadêmicos, participamos do III Congresso Internacional em Ciências da Religião do nosso PPGCR, que teve por temática Mitologia e Literatura Sagrada. Junto com a doutoranda Keila Matos organizei o livro *Mitologia e Literatura Sagrada* (2009), reunindo as contribuições nacionais e internacionais de Haroldo Reimer, J. C. Avelino da Silva, Ildeu M. Coêlho, Heloísa Selma Fernandes Capel, Tânia Mara Vieira Sampaio, Jorge Hamilton Sampaio; P. César Carbullanca N. (Chile), Maricel Mena Lopes (Colômbia), Hanna Strack (Alemanha) e Diego Irarrazaval (Chile). Nesse mesmo ano, e atuando junto às Graduações na PUC Goiás, num intercâmbio saudável com o PPGCR, organizei junto com o colega João Oliveira Souza o livro-base para os trabalhos de Teologia em todos os cursos, intitulado *O Sagrado na Vida: subsídios para aulas de Teologia* (2009). Nele, e novamente vinculados às atividades de docência e pesquisa, contribuí com três capítulos: na Parte I, uma Introdução ao Fenômeno Religioso, o capítulo *As Linguagens da Experiência Religiosa*; na Parte II, uma Introdução às Religiões Monoteístas e de Iluminação, com capítulo sobre *O Hinduísmo*; e na Parte III, Teologia e Construção do Conhecimento, o capítulo *Nossos Corpos na Saúde e na Doença*.

Agora, na escrita deste texto, estou percebendo melhor a constante interconectividade entre docência, pesquisa e extensão nas minhas atividades no PPGCR. Da mesma forma como fiz em relação ao Mestrado, faço aqui em relação ao Doutorado, mesmo já tendo aludido a algumas das atividades acima, especificamente no contexto da disciplina obrigatória *Fundamentos Teóricos*. Agora destaco os Colóquios e os Seminários Interdisciplinares, no Doutorado, na medida em que se interconectam em termos de objeto de análise (textos sagrados), referenciais teóricos e categorias analíticas, bem como temas e conteúdo.

Aprofundando perspectivas específicas da Hermenêutica, duas disciplinas em forma de Colóquio receberam influências de e contribuíram com meus projetos de pesquisa, com a docência e com assessorias socio-eclesiais. Foram os Colóquios *Hermenêuticas Feministas* e *Hermenêuticas Ecofeministas*. No primeiro, visualizamos a trajetória histórica do surgimento e desenvolvimento de hermenêuticas feministas nas suas diferentes vertentes. No segundo, estudamos hermenêuticas feministas na interface com movimentos eco-teológicos. Em ambos, foram destacados conceitos e referenciais teóricos e metodológicos para análise e interpretação crítica de textos sagrados e sua história efetual, buscando contribuir com demandas da atualidade. Por meio de conhecimento crítico (re)construtivo torna-se possível entender as complexas dinâmicas históricas e suas repercussões no campo das hermenêuticas (eco)feministas, também em seu viés teológico.

Além desses colóquios, em 2006 realizei o Colóquio *Religião e Gênero*, que tratou de investigar a relação entre religião e gênero, perguntando pela influência das religiões na construção de identidades de gênero, dos papéis socioculturais atribuídos a homens e mulheres, suas representações sociais, as violências dali originadas e legitimadas, bem como estratégias de resistências. O objetivo era analisar e compreender concepções, práticas e funções sociais das religiões nesse processo de construção, solidificação, preservação

e/ou transformação dessas identidades e suas representações por meio de possibilidades de reconstrução. Os estudos foram feitos com base bibliográfica e com exercícios hermenêuticos e exegéticos a partir de alguns textos sagrados das religiões. Também o Seminário Interdisciplinar *Religião e Gênero*, realizado esporadicamente, investigou como se articulam e influenciam mutuamente as mudanças no campo religioso, suas linguagens religiosas e dimensões socioculturais. A partir de textos sagrados, observou-se elementos como as relações de poder na interseccionalidade gênero-classe-etnia-idade-ambiente, concepções e experiências de sexualidade, masculinidade, famílias, violência e espiritualidade.

Também no Seminário Interdisciplinar *Religião, Poder e Violência* analisamos textos sagrados e suas influências na construção de relações de poder em nível sociocultural e político-econômico. Um objetivo foi investigar o paradoxo das expressões de violência e as propostas de paz que brota da justiça, existente em textos sagrados das religiões, em vista de uma ética mundial de justiça, paz e cuidado ambiental. Nesse sentido e direção, também no Seminário Interdisciplinar *Diabólico e Simbólico: Interpretações do Mal* realizamos estudos em enfoque multidisciplinar, a fim de compreender várias interpretações do Mal nas religiões, destacando expressões mítico-literárias em seus contextos e suas influências nas relações socioculturais na história e na atualidade. O objetivo é entender como as religiões explicam a relação entre o Mal e as injustiças e violências no mundo, bem como proposições para sua superação. Como as relações humanas são perpassadas por conflitos e pela busca de transformação, também a disciplina optativa *Conflitos: realidades e interpretações* estuda os textos sagrados com categorias e metodologias crítico-analíticas na percepção da sociedade como estrutura em tensão, e propõe interpretar os textos a partir do lugar social de pessoas vulnerabilizadas que lutam por dignidade e justiça. Oferecendo subsídios para que o corpo discente seja capacitado para acessar tradições e textos sagrados, entendendo-os desde seu lugar

de origem, buscamos trabalhar com referenciais e categorias analíticas históricos, socioculturais e político-econômicos que permitam compreender as dinâmicas das relações de poder em suas variadas transversalidades. E no Colóquio *Direitos Humanos e Literatura Sagrada* realizamos estudos específicos sobre as influências de textos bíblicos e tradições religiosas no desenvolvimento da temática dos Direitos Humanos em questões como inclusão e cidadania, ética e justiça social, bem comum incluindo os direitos ambientais.

No conjunto e no desenvolvimento dessas disciplinas no Doutorado, contribuímos para a construção de referenciais teóricos para projetos de pesquisa em vista da construção de teses, seja diretamente junto a minhas orientandas e meus orientandos, ou indiretamente junto a outros/as discentes da nossa Linha de Pesquisa. Na trajetória, também aqui foram elaborados trabalhos que puderam ser publicados. Destaco o livro por mim organizado, *Direitos Humanos: enfoques bíblicos, teológicos e filosóficos* (2011), com contribuições de discentes e docentes, e também interinstitucionais: Carmelita Brito de Freitas Felício (UFG), que fez uma abordagem filosófica das Declarações dos DDHH; Haroldo Reimer e Ivoni Richter Reimer apresentaram a importância da defesa da dignidade da vida a partir de textos bíblicos; Aurélia Silva Borsato, Claude Valentin René Detienne, Keila Matos, Danielle Ventura Bandeira de Lima, Jeová Rodrigues dos Santos, Ivoni Richter Reimer e Sandra Célia Coelho G. S. S. de Oliveira trataram das violências contra mulheres na Bíblia e na atualidade e de seu direito à cidadania plena; Erika Pereira Machado escreveu sobre DDHH para pessoas portadoras de deficiência física; Marcelo Máximo Purificação, sobre violência nas escolas; José Reinaldo de Araújo Quinteiro, sobre trabalho e subjetividades; e Antônio Lopes Ribeiro, sobre DDHH e o respeito às diferenças.

Em 2014 organizei o livro publicado em 2015, com apoio da FAPEG, *Por Amor à Vida! – crenças, resistências e conquistas na Bíblia e na Atualidade*, resultado de trabalho em mutirão de discentes e docentes. Na Apresentação, escrevo que “cada um destes textos

[capítulos] resultou do conjunto de esforços realizados junto ao PPGCR da PUC Goiás, mas cada um é, igualmente, resultado das individualidades que se realizam nesse trabalho em parceria" (p. 7). Os textos reunidos, que foram frutos de trabalhos nessas disciplinas, tematizam em grande parte a participação de mulheres no Movimento de Jesus e nos Cristianismos Originários, bem como os interditos que elas sofreram e sofrem. Escreveram sobre isso: Carolina Bezerra de Souza, Danilo Dourado Guerra, João Cândido Barbosa, Erika Rejane Fideles e Ivoni Richter Reimer; Douglas Oliveira dos Santos escreveu sobre narrativas míticas da criação; Joilson de Souza Toledo e Ivoni Richter Reimer, sobre Evangelho de Lucas e a interpretação da Torá; Haroldo Reimer escreveu sobre textos referenciais da tradição judaica; Joel Antônio Ferreira, sobre a Ceia em Corinto; e Valmor da Silva, sobre as religiões e a preocupação com a vida. Nesse livro, consegui reunir os quatro docentes da Linha Religião e Literatura Sagrada, bem como alguns orientandos/as meus, que também estavam vinculados a meus projetos de pesquisa sobre *Mulheres nos Cristianismos Originários*.

Dos trabalhos realizados nos Colóquios do Doutorado do PPGCR resultou também o livro organizado por mim e por Haroldo Reimer, *Trilhas da Paz* (2018), que reúne textos de discentes comigo. Ele entrelaça três pressupostos historicamente verificáveis:

o cenário da violência, injustiça e discriminação se evidenciam e se aprofundam em todos os níveis e lugares planetários; a palavra de Mahatma Gandhi acerca de que não há caminho para a paz, mas que a paz é o caminho; as religiões podem contribuir com crenças e valores que construam e sustentem a paz e a guerra (p. 7).

Junto com esses pressupostos, ao investigarmos as realidades de violências múltiplas, observamos que as ciências, a política e os movimentos sociais tratam das questões da violência por meio de publicações, eventos e estatísticas. Nós resolvemos que, além disso, queríamos perscrutar desafios, possibilidades e indicativos

para construção de processos e cultura de paz, e o fizemos a partir de tradições judaico-cristãs, sendo que “um pouco de nossas vidas, trabalhos, educação, valores e sonhos estão marcados no corpo dos textos” (p. 10). Os capítulos foram escritos pelos/as discentes do Doutorado Celma Laurinda Freitas Costa, Miriam Laboissiere de Carvalho Ferreira, Ailton de Souza Gonçalves, Danilo Dourado Guerra, Alexandre Moura Teles, e na escrita conjunta constam comigo Douglas Oliveira dos Santos, Hamilton Castro, João Cândido Barbosa e Rubens Alves Costa. Aqui quero expressar gratidão pela vida de Hamilton Castro, meu orientando, cuja vida foi ceifada em consequência da covid-19, em plena preparação para a finalização e defesa da tese que versava sobre as práticas libertadoras de Jesus de Nazaré — saudade eterna! Em conjunto escrevemos, com alegria e sintonia, o capítulo “Jesus de Nazaré: práxis de Jesus para a construção de trilhas da paz”. Descansa na paz, Hamilton!

De trabalhos realizados em disciplinas no período de 2020-2022 resultou mais um livro feito em mutirão, com participação docente e discente do PPGCR e de pesquisadores de outras instituições em nível nacional e internacional, que foram convidados. Trata-se de *A honrosa arte de curar e cuidar* (2023), primeiro livro publicado pela Pimenta Cultural, com apoio CNPq (bancada de PQ 1), em formato *e-Book* gratuito. Esse livro é mais um testemunho acerca do fato de que as realidades e as narrativas sobre doença e cura, saúde e terapias (I Parte), bem como as relações de gênero, poder e cuidado (Parte II) fazem parte de nossas pesquisas de forma continuada e constitutiva. Temos aí as contribuições de Carolina Teles Lemos, Ivoni Richter Reimer, José Reinaldo Felipe Martins Filho, docentes do Programa; Flávio Augusto de Sousa Oliveira, Gustavo Cortez Fernandez, Celnia Teresinha Bastos de Paula Costa, Eliane de Fátima Rodrigues, José Geraldo de Gouveia, Marise Eterna Nunes, André Valva, Daniel Carvalho da Silva, discentes do Programa; Carolina Bezerra de Souza (egressa, docente

na EST), João Luiz Correia Júnior (egresso; docente na UNICAP), Roberta Alexandrina da Silva (docente na UFPA); e Maricel Mena Lopez (Universidad Santo Tomas/Colômbia). Digno de menção é que Carolina e Maricel participam do Grupo de Pesquisa e Estudos de Religião, Gênero e Poder (ReGePode), por mim coordenado. Na Apresentação, destaco que para abordar as temáticas, as relações de poder, as espiritualidades e os imaginários historicamente situados, foram utilizados “referenciais teóricos e metodológicos da hermenêutica, da exegese, da sociologia da religião, da psicologia e da história [...] para analisar textos sagrados de forma interdisciplinar” (p. 17). O título do livro foi

motivado e inspirado na práxis terapêutica relacional compassiva, ética, amorosa e competente de Jesus, mas tem sua origem em tempos mais remotos: o tempo de Hipócrates, o ‘pai da medicina’, que considerava a medicina como a mais honrosa de todas as artes e técnicas. Ciências, Tecnologias e Humanidades estão a serviço da dignidade da vida, seja em sua preservação ou restauração. Caso contrário, são ou tornam-se charlatanes, mecanismos de ganância, amor ao dinheiro e apego ao poder ensoberbado e autoritário, aproveitamento da fragilidade de pessoas vulnerabilizadas, portanto, de violências múltiplas que desacreditam qualquer profissional de qualquer área de conhecimento (p. 19).

Fiz esse destaque, porque esse foi o último livro organizado por mim a partir do trabalho nas disciplinas do PPGCR, que resume em boa medida a centralidade de minhas contribuições em parceria com discentes, docentes e pesquisadores de outras IES em nível nacional e internacional. Conectadas com projetos de pesquisa, participação em eventos acadêmicos e publicações, as disciplinas foram lugar de gestação e nascedouro, de visibilização e aprofundamento de conhecimentos tecidos individual e coletivamente. Que bom que assim o fizemos!

ORIENTAÇÕES CONCLUÍDAS E EM ANDAMENTO

Foram muitas orientações de Mestrado e Doutorado no PPGCR cujos temas majoritariamente estão vinculados aos meus projetos de pesquisa. Elenco apenas os nomes, visto que as dissertações e teses estão disponíveis no TEDE da PUC Goiás:

Eleno Marques de Araújo (mestre 2001), Marcelo Silva Fantinati (mestre 2002), Jôer Corrêa Batista (mestre 2003), Keila Carvalho de Matos (mestra 2004), Diane Marcy de Brito Marinho (mestra 2004), Maria Cecília Rover (mestra 2004), Dirce Socorro Guizzo (mestra 2005), Andréa Paniago Fideles (mestra 2005), Suely Marques Rosa (mestra 2006), Ellwes Colle de Campos (mestre 2006), Maristela Tezza (mestra 2006), Ýleris de Cássia de Arruda Mourão (mestra 2006), Rezende Bruno de Avelar (mestre 2007), Maria Oliveira Paulo (mestra 2007), Darlyson Moysés Alves Feitosa (mestre 2009), Valdivino José Ferreira (mestre 2009), Keila Carvalho de Matos (doutora 2010), Matheus Guimarães Guerra Gama (mestre 2010), Silvio Rogerio Zurawski (mestre 2010), Evandro Araújo Beserra Neto (mestre 2010), João Luiz Correia Júnior (pós-doutorado 2011), Maria José Cardoso (mestra 2011), Darlyson Moysés Alves Feitosa (doutor 2012), Eleno Marques de Araújo (doutor 2012), Aline Jardim Lobo (mestra 2012), Aurélia Silva Borsato (mestra 2012), José Carlos de Lima Costa (mestre 2012), Masatoschi Sato (mestre 2015), Erika Pereira Machado (doutora 2014), Carolina Bezerra de Souza (mestra 2014), Marques Alves Martins (mestre 2014), Danilo Dourado Guerra (mestre 2015), Clodoaldo Moreira dos Santos Júnior (doutor 2015), Erika Fideles (mestra 2015), Carla Naoum Coelho (doutora 2015), Douglas Oliveira dos Santos (mestre 2016), José Carlos de Lima Costa (doutor 2016), Carolina Bezerra de Souza (doutora 2017), Hamilton Castro da Silva (mestre 2017), João Cândido Barbosa (doutor 2017), Danilo Dourado Guerra (doutor 2018), Hamilton Matheus da Silva Ribeiro (mestre

2018), Ueliton Jorge Dias da Luz (mestre 2018), Carlos Enrique Pineda Knudsen (mestre 2019), Douglas Oliveira dos Santos (doutor 2019), Josymara Dias de Paula (mestra 2020), Flávio Augusto de Sousa Oliveira (mestre 2021), Lucas Ferreira Barbosa da Silva (mestre 2021), Diane Marcy de Brito Marinho (doutora 2022), Valéria Freitas da Silva e Silva (mestra 2023), Hamilton Matheus Moreira Ribeiro (doutor 2023), Caio Murilo de Souza (mestre 2024) e Maria do Socorro Soares (mestra 2024). Em andamento e a ser concluído com defesa em agosto 2024 está a orientação do doutorando Flávio Augusto de Sousa Oliveira, que fechará esse ciclo de atividade junto ao PPGCR.

No conjunto registrado foram 52 orientações concluídas: 39 de Mestrado, das quais 17 foram realizadas por mulheres e 22 por homens; 13 no Doutorado, das quais 5 foram realizadas por mulheres e 8 por homens. Trata-se de um número significativo de mulheres que conquistaram os mais altos títulos acadêmicos. No Mestrado alcançamos 44% e no Doutorado alcançamos 39% do total. Observando o conjunto de mulheres mestras e doutoras trata-se de 42% de mulheres em relação a 58% de homens. Há que se destacar que esses dados visibilizam as dissertações e teses feitas em perspectiva histórico-social, feminista e de gênero e, nessa perspectiva, é um resultado bastante significativo, também pelas pesquisas realizadas por homens! Obviamente que esses dados deveriam ser ampliados com as orientações concluídas pelos colegas da Linha de Pesquisa Religião e Literatura Sagrada. Em todo caso, esses dados correspondem também à composição docente da Linha de Pesquisa Religião e Literatura Sagrada que, na maioria desses 25 anos, esteve composta por uma mulher e três homens. Tanto no corpo docente quanto no corpo discente trata-se de um número bastante inferior à cota de justiça de gênero almejada e reivindicada também pela Área 44 da CAPES.

Esses dados também ainda deveriam ser observados em relação à concessão de bolsas de estudos, quais os períodos de maior e menor apoio da FAPEG e da CAPES, bem como em relação à

questão étnica e social de quem chegou a defender dissertação e/ou tese. Outro foco seria observar quais dessas mestras e mestres, doutoras e doutores estão atuando na área acadêmica, especificamente na Área 44, e quais suas contribuições como egressas e egressos do PPGCR. Colocam-se, assim, mais alguns desafios de pesquisa por meio desse levantamento e dessa realização.

TECITURAS COM PESQUISA E EVENTOS ACADÊMICOS⁴

As abordagens hermenêuticas, exegéticas e socioculturais em perspectiva (eco)feminista de textos sagrados têm sido constantes em meus trabalhos, destacando agora algumas participações em eventos acadêmicos. Faço aqui uma listagem parcial, restringindo-me a contribuições centrais vinculadas aos projetos de pesquisa.

Em 2001, participei da *II Semana de Estudos da Religião* (PPGCR), com a palestra "Terra, água e espiritualidade no Novo Testamento". Nesse mesmo ano, fiz assessoria junto ao *I Seminário de Formação de Professores de Ensino Religioso de Goiás*, trabalhando o tema "Mudança de paradigmas numa perspectiva de Gênero". Em 2003, participei com palestra "Die Bibel in verschiedenen Kulturen", no *Ökumenischer Tag der Kirche*, em Berlim, que reuniu mais de 10 mil pessoas. Naquela ocasião, também participei do *Symposium: Name Gottes, Freiheit und Recht*, em homenagem a Frank Crüsemann, apresentando palestra "Befreiung und Freiheit: der engagierte Weg der Liebe. Analyse und Überlegungen zu Galater 5,1-15". Ainda em 2003, em El Salvador, participei da *Pré-Asamblea*

4 Em todos os Congressos Nacionais da Área 44, participei por meio de coordenação do GT Gênero e Literatura Sagrada e GT Religião e Gênero, em conjunto com Sandra Duarte de Souza e André Musskopf e recentemente também Carolina Bezerra de Souza. Ambos sempre receberam a participação de pesquisadoras em nível nacional e internacional com apresentação de comunicações.

de la Federación Luterana Mundial, com a palestra "Sanando la Creación: perspectivas ecológicas", e da 10ª Assembléia Geral da Federação Luterana Mundial, no Canadá, com a palestra "Healing Creation". No Brasil participei do Fórum da Década para Superação da Violência, com a palestra "Bases Hermenêuticas e Bíblicas para Superação da Violência". Esses primeiros três anos no PPGCR deram continuidade a pesquisas, trabalhos e parcerias já em andamento desde 1992, com destaque às questões socioculturais, socioambientais e hermenêuticas feministas.

Por questões de espaço para a escrita, a partir de 2004 selecionei minhas participações em eventos acadêmicos mais relevantes para a Área 44, sempre vinculadas com meus projetos de pesquisa, entre os quais faço constar

Em 2004, no Congresso SOTER Regional Centro-Oeste, com a palestra "Nosso Corpo: História e Metáfora em Economia, Saúde e Teologia". Nesse ano, também apresentei a palestra "Bíblia e Hermenêuticas de Classe, Gênero e Etnia" no I Congresso Nacional de Biblistas (ABIB) junto com a V Semana de Estudos da Religião (PPGCR). A partir de 2006 ambos os eventos têm continuidade como Congresso Internacional de Ciências da Religião e como Congresso Brasileiro de Pesquisa Bíblica.

Em 2006, no Congresso Brasileiro de Pesquisa Bíblica apresentei uma comunicação sobre a "Libertação em Processos Terapêuticos junto a Jesus — Dinâmicas relacionais na construção de identidades". Participei do Seminário Regional SOTER, com a apresentação de "Templo: Espaço sagrado e simbólico-identitário na vida de Jesus".

Em 2007, participei do I Congresso Internacional de Ciências da Religião, coordenando GT sobre "Religião e Saúde", e apresentei comunicação sobre "Jesus Terapeuta". Nesse ano, participei do Tercer Encuentro de Profesoras de Teología, em San José/Costa Rica, com palestra sobre "Interpretación bíblica e violencia contra las mujeres".

Em Belo Horizonte, no *II Simpósio Internacional de Teologia e Ciências da Religião* apresentei comunicação sobre "Representação e superação do mal nos processos terapêuticos junto a Jesus".

Em 2008, participei do *III Congresso Brasileiro de Pesquisa Bíblica*, com a palestra "Jesus e a Tradição das Transgressoras" e do *II Congresso Internacional em Ciências da Religião*, coordenando GT sobre "Religião e Saúde" e apresentei uma comunicação sobre "Terapias de Jesus no seu Contexto Histórico e Sociocultural".

Em 2009, participei do *VI Seminário da SOTER Regional Centro-Oeste* com a apresentação "O perigo de morte e a 'morte vivida' no movimento de Jesus". Nesse ano, tive duas contribuições no *III Congresso Internacional em Ciências da Religião*, sendo que uma já remete para inclusão de visualidades na análise de textos sagrados: "A discípula ressurreta Tabita: o poder do mito na reorganização da vida comunitária"; "Vencer o Mal, mas como? Os dragões, São Miguel e Santa Marta: estratégias distintas na luta contra o Mal". Também apresentei uma palestra sobre "Direitos Humanos e o seu lugar na construção de uma sociedade justa" no *I Colóquio Direitos Humanos em Foco* (UFG).

Em 2010, apresentei "A Sofia *lessu* no evangelho Marcos: protagonismo de mulheres na construção do imaginário sapiencial cristão", no *IV Congresso Internacional em Ciências da Religião*. Nesse ano, no *IV Congresso Brasileiro de Pesquisa Bíblica*, apresentei "Santa Marta e o Dragão: sobre mitos que evidenciam diferentes formas de enfrentar o Mal". No *VII Seminário da Soter Regional Centro-Oeste*, apresentei "Mammon, desperdício, boa ação: análise eco(nômico)-teológica da unção de Jesus em Betânia (Mc 14,3-9)". Participei do *Fórum Mundial de Teologia e Libertação*, em São Leopoldo, com palestra sobre "Direito, Justiça e Profecia". Do *III Encontro Nacional do GT História das Religiões e das Religiosidades — ANPUH* participei com a apresentação de "E eis uma mulher na sinagoga! (Lc 13,10-17): a presença e a atuação de mulheres em ambientes sagrados do judaísmo e cristianismo antigos".

Em 2011, apresentei “Os cânticos de Maria e de Ana como comunicação de experiência religiosa”, no V *Congresso Internacional em Ciências da Religião*. Nesse ano também participei do I *Colóquio Internacional de Estudos Medievais e I Encontro do GEPEM*, com palestra sobre “Textos do Novo Testamento como Fonte para Estudos da História”, capítulo publicado no livro *A Idade Média: entre a história e a historiografia*, organizado por Dirceu Marchini Neto e Renata Cristina de Sousa Nascimento. No X *Congresso de Teologia PUC PR*, apresentei uma conferência sobre “Gênero e interpretação da Sagrada Escritura: identidade, espiritualidade e imaginários”, publicado como capítulo no livro organizado por Clélia Peretti, *Filosofia do Gênero em Face da Teologia*, como “Marta e Maria: cozinha, seara e dragões? Discípulas de Jesus, interpretações e releituras”. Do V *Simpósio Internacional de História: Culturas e Identidades* participei com “Mulheres nas origens do cristianismo: representações, identificações e poder”. No contexto do PROCAD, participei da *Jornada de Hermenêutica Sociorreligiosa e Bíblica* (UNICAP), com palestra sobre “Hermenêutica Feminista da Bíblia”.

Em 2012, no VI *Congresso Internacional em Ciências da Religião*, realizei conferência sobre “Mulheres santas nas tradições cristãs: textos, imagens e interpretações”, e com apresentação de trabalhos sobre “Jesus, Mulheres, Liberdade e Compromisso” e “Transformai-vos pela Renovação da Mente: releituras de tradições bíblicas”, publicados nos Anais.

Em 2013, no III *Encontro Nacional de Estudos Patrísticos: a Mulher na Antiguidade Cristã*, apresentei resultado parcial de pesquisa *in loco* em Roma, “Catacumbas como memória e fonte para a reconstrução de história de mulheres e crianças nas origens do cristianismo”. Nesse ano, participei do III *Colóquio Internacional de Teologias Feministas*, Coimbra/Portugal, com palestra “Comunhão e partilha como ruptura e transgressão de sistemas de dominação: diaconia de mulheres nos Atos dos Apóstolos e no Brasil”, publicado na revista *CesContexto*. Do *Seminário Regional SOTER*, participei

com “Interdições a mulheres no Novo Testamento: história efetual e perspectivas feministas”. Com uma apresentação de “As catacumbas como lugar da história de mulheres e crianças”, participei do *III Simpósio Nacional de História da UEG*.

Em 2014, participei do *VI Congresso Brasileiro de Pesquisa Bíblica* com uma palestra sobre “A cultura patriarcal da Bíblia e a leitura feminista: balanço e perspectivas”. Participei do *VII Congresso Internacional em Ciências da Religião*, com “Santa Praxedes: espiritualidade e história de uma jovem santa”, resultado parcial de pesquisa *in loco* em Roma. Junto com Haroldo Reimer e André Luiz Caes (UEG), coordenamos o GT 21 e publicamos nos Anais o texto “Hermenêutica, História e Discursos: entretelas, intervenção e mobilizações sociais por meio de expressões religiosas”. Participei do *III Encontro ABREM Centro-Oeste e I Seminário Internacional de História Medieval* com apresentação de “Santa Praxedes: memória e projeções”. Com “Hermenêuticas feministas: revisitar o passado para iluminar desafios contemporâneos” participei do *Curso de Pastoral e Relações de Gênero* (CESEP).

Em 2015, participei do *XII Seminário Regional SOTER* com a apresentação de “Violência exorcística em espaço público e anulação da Outra como sujeito religioso: análise e interpretação de Atos 16,16-19”. Do *I Colóquio Internacional Bullying Submerso* (PPGCR) participei com a apresentação de “Uma Escrava Agente de outra Religião (At 16)”. Do *II Congresso Internacional de Teologia e Ciências das Religiões* (UNIDA) participei com uma conferência sobre “Três mulheres em Atos de Paulo e Desafios para a Análise e Interpretação de Textos Sagrados”. Também ali apresentei comunicação sobre “Santa Praxedes: uma jovem líder da igreja em Roma”. Com parte dos resultados parciais de pesquisa *in loco* em Roma, que foram sendo apresentados em eventos acadêmicos, resultou a publicação do livro *Santa Praxedes: uma Jovem com Funções Eclesiais e Sociais em Roma* (2016), que será publicado em formato de *e-Book* ainda em 2024.

Em 2016, participei do *VIII Congresso Internacional de Ciências da Religião*, oferecendo o GT “Literatura Sagrada, Gênero e Poder”, junto com Carolina Bezerra de Souza e Danilo Dourado Guerra, por mim orientados no Mestrado e no Doutorado. Nos Anais, publicamos o texto “Literatura sagrada, gênero e poder: Olhares que nos convidam a rever”; e apresentei uma comunicação sobre “Cura como gratuidade e libertação: Atos 3,1-4,4”. Participei do *II Congresso Nacional de Graduação e Pós-Graduação em Ciências da Religião* (UFJF) com uma palestra sobre “Religião, Gênero e Violência”. Apresentei uma palestra sobre “História, saúde e gênero com base em Lucas 13,10-16” no *IV Congresso Latino-Americano de Gênero e Religião* (Faculdades EST).

Em 2017, participei do *V Congresso de Gênero e Religião* com conferência sobre “Relações de Gênero na literatura sagrada: Atos 16 em perspectiva econômica, ecológica e ecumênica”. Do *Congresso Nacional da ANPTECRE* participei com apresentação sobre “Religião, Gênero e Literatura Sagrada”.

Em 2018, no *VIII Congresso Internacional de Pesquisa Bíblica* (ABIB) apresentei comunicação sobre “Paulo e a questão de gênero em sociedades patriarcais: as Cartas Pastorais” e nos Anais publiquei, junto com Carolina Bezerra de Souza e Joel Antônio Ferreira, o capítulo “Paulo e a questão de gênero em sociedades patriarcais”. No *Congresso de SOTER Regional*, apresentei trabalho sobre “Mulheres nos Cristianismos Antigos: textos, imagens e representações”. Participei do *IX Congresso Internacional de Ciências da Religião* com a comunicação “Desde Princípios: acuidade historiográfica e injustiça contra Mulheres (Atos 1)” e em Mesa Redonda apresentei uma palestra sobre “Maria Madalena: fragmentos não canônicos da história de mulheres, da igreja e da sociedade”.

Em 2019, participei do *VII Congresso da ANPTECRE* com conferência sobre “Religião e crise socioambiental”. Do *Colóquio Internacional do NEARG* participei com a palestra “As teologias e

práticas políticas dos movimentos (eco)feministas". Esses trabalhos resultaram em artigos publicados em *RedPensar* (2020) sob "Teologia Ecofeminista frente às crises socioambientais e pandêmicas" e em *IJAR* (2023) como "Ecofeminist Spiritualities in Context of Social and Pandemic Crises: Sustainability and Shared Care". Do *VI Congresso Latino-Americano de Gênero e Religião* participei com apresentação sobre "Vulnerabilidades, Resistência e Justiça". Organizei o *I Simpósio Fenomenologia e Hermenêutica* do Grupo de Pesquisa e Estudos em Religião, Gênero e Poder (ReGePode), participando com palestra sobre "Hermenêuticas Feministas de Libertação", disponível no canal de *Youtube* da PUC Goiás.

Em 2020, de forma *online* por causa da pandemia de covid-19, participei com conferência "Perspectivas Bíblicas para enfrentar e romper Espirais de Violência" do *X Congresso Internacional de Ciências da Religião*. Com "Ecofeminismo e Teologia em crise pandêmica" participei do *VI Congresso Ciência e Tecnologia* (PUC Goiás). Do *Seminário Nacional Teólogas Feministas: (re)conhecendo nossas referências*, apresentei palestra sobre "Teóloga Feminista Luise Schottroff". Organizei o *Colóquio Internacional sobre Percepções Ecofeministas em Tempos de COVID-19* (ReGePode) e participei com palestra sobre "Ecofeminismo e Teologia em crise pandêmica", disponível no canal de *Youtube* da PUC Goiás.

Em 2021, também *online*, participei do Simpósio do ASTE com palestra sobre "Mulheres Docentes na Área de Bíblia". "Uma carta para Maria" foi apresentada no *Proyecto María* (Verbo Divino, Quito). No Fórum Nacional de Justiça de Gênero (Porto Alegre/IECLB) participei com assessoria sobre "Fundamentos Bíblicos e Teológicos para Justiça de Gênero". Realizei o *II Colóquio Internacional Percepções Ecofeministas em Tempos de COVID-19* (ReGePode), com participação nacional e internacional, disponível no canal de *Youtube* da PUC Goiás. Com "O Magnificat de Maria no Magnificat de Lutero e na atualidade" participei dos trabalhos nacionais de *Diálogos com Lutero*

(Faculdades EST). Do *Congresso Nacional da ANPTECRE* participei com “Entre Galileia, Jerusalém e Roma... as mulheres na obra lucana”. Do *VI Congresso Latino-Americano de Gênero e Religião* participei com “Justiça de gênero e hermenêutica bíblica feminista: algumas pautas/reflexões a partir de estudos de Atos dos Apóstolos”.

Em 2022, participei do *Simpósio Internacional 10 Anos Saudades Milton Schwantes* (Faculdades EST) com conferência “De Rute e Noemi a Lídia e sua Casa: Leitura Popular da Bíblia em perspectiva ecofeminista e ecodiaconal”. Do *Simpósio Paulista de Estudos Bíblicos (online PUC SP)* participei com conferência sobre “Bíblia e Economia”. Com Conferência sobre “A Casa de Lídia e a Superação de Assimetrias em Relações de Poder”, participei do III Encontro Nacional de Ministras da IECLB (São Leopoldo). Do *II Seminário Nacional: Dilemas da Contemporaneidade e Teologia (online, UFPA)* participei com conferência sobre “Teologia, Relações de Gênero, Poder e Linguagens”. “Mulheres em Atos dos Apóstolos” foi a conferência apresentada no *Colóquio Verbo Divino (online, Quito)*.

Em 2023 participei do *XI Congresso Internacional em Ciências da Religião (online)*, com comunicação sobre “Tecla de Icônio: apaixonada, missionária, mártir, santa”. Do *VIII Congresso Latino-Americano de Gênero e Religião* (Faculdades EST) participei com comunicação “Caminhos de Tecla: Reconstrução de Identidade marcada por Solidão, Autonomia e Violências”. Do *IX Congresso ANPTECRE (online)* participei com “‘Ela não é Minha!’ — O Peso ambíguo de uma Palavra Apostólica para a Vida de Mulheres”.

Reunir e organizar essas informações sobre minhas contribuições em eventos acadêmicos e socioeclesiais foi trabalhoso, mas significativo como retrospectiva e percepção dos eixos temáticos que deram sustentação e solidez aos trabalhos realizados, bem como positiva repercussão junto à Área 44 e a várias entidades alcançadas por meio de assessorias realizadas. Ao final desse texto, voltarei aos eixos temáticos.

PESQUISA A SERVIÇO DA POPULARIZAÇÃO DO CONHECIMENTO

Foram numerosos os textos, as assessorias e os cursos/encontros/seminários realizados junto a Fóruns populares, ONGs e Entidades socioeclesiais em nível local, regional e nacional. Dentre eles, destaco os seguintes: em 2002, publiquei o capítulo “Relendo a reciprocidade do amor entre mulher e homem a partir da realidade do divórcio (Mc 10,2-12)” em *Proclamar Libertação* (Sinodal); em 2003 participei da *Semana Nacional da Missão* (IECLB) com trabalhos sobre “Contribuições de mulheres para a missão da igreja desde os tempos bíblicos até hoje”; com a palestra “Metodologias Feministas no campo da Teologia e Filosofia” participei do *Encontro Interinstitucional de Ensino* (Goiânia); em 2006, nos Encontros Café com Cinema (Goiânia), fiz uma palestra sobre “Relações de Gênero e Cinema”; em 2007, fiz uma assessoria no *Curso de Verão CESEP* sobre “Criação e Bíblia – Ecologia”; em 2009, participei com a palestra “Cuidar da Vida: espiritualidade, ecologia e economia” do *VII Encontro Nacional Fé e Política* (Ipatinga/MG); em conjunto com João Oliveira Souza, organizei o livro *O Sagrado na Vida: subsídios para aulas de Teologia*, com temas pertinentes à Teologia e Ciências da Religião; em 2011 assessoriei o *V Seminário da OASE Sinodal Centro Oeste* (IECLB Brasília) com tema “Identidade luterana em perspectiva de gênero”; em 2012 fiz uma palestra sobre “Tradições bíblicas do Bem-Viver” no Congresso Nacional do COMIN e Fundação Luterana de Diaconia, com capítulo publicado em livro organizado por Cledes Markus e Renate Gierus (2013); em 2014, realizei assessoria para o *Curso de Pastoral e Relações de Gênero* (CESEP) sobre “Hermenêuticas Feministas: revisitar o passado para iluminar desafios contemporâneos”; em 2017, no *VI Seminário Juventude Evangélica* (IECLB Vitória/ES) trabalhei sobre

“Juventude com Maria: perspectivas ecumênicas”; e em 2022, participei do *Curso Ecoprofecias Amazônicas (online)*, trabalhando o tema “EcoProfecia Bíblica”. Nesse ano também contribuí com a organização da *Jornada nem tão Doce Lar* (IECLB Goiânia; Fundação Luterana de Diaconia), trabalhando sobre “Violência contra Mulheres e Crianças e sua Superação”.

RESULTADOS DE PESQUISA — PUBLICAÇÕES

Não há como fazer o registro de todas as publicações realizadas nesses 24 anos de minhas atividades no PPGCR. Destacarei, aqui, para além dos produtos já mencionados, parte de artigos, livros e capítulos de livros como resultados de pesquisas realizadas. Para maiores detalhes, remeto ao meu *Curriculum Lattes*.

PUBLICAÇÕES EM NÍVEL INTERNACIONAL

Em 2001, tive publicado o livro *Vida de las mujeres en la sociedad e en la Iglesia: Una exégesis feminista de los Hechos de los Apóstoles* (Verbo Divino/Quito). Em RIBLA foi publicado o artigo “Economía de Dios y diaconía. Estrategias de esperanza para el mundo”. Nesse ano, também foi publicado o capítulo “Kinder — ein Zeichen von Gottes Reich (Bibel-Studien mit Texten aus dem Alten und Neuen Testament”, no livro *Kinder-Armut: Materialheft für die Schul- und Gemeindegemeindearbeit*, organizado pelo Deutscher Nationalkomitee des Lutherischen Weltbundes (Berlim).

Em 2002, tive publicado o verbete/capítulo “Heil/Rechtfertigung. Biblisch” na segunda edição do dicionário *Wörterbuch der Feministischen Theologie*, organizado por Elisabeth Gössmann,

Helga Kuhlmann, Elisabeth Moltmann-Wendel, Ina Praetorius, Luise Schottroff, Helen Schüngel-Straumann, Doris Strahm e Agnes Wuckelt (Gütersloh, primeira edição em 1991), traduzido para o português *Dicionário de Teologia Feminista* (1997). Nesse ano também foi publicado capítulo “Übersetzung von Stellen der Apostelgeschichte des Lukas”, no compêndio *der gottesdienst*, organizado por Erhard Domay e Helga Köhler (Gütersloh).

Em 2003, contribuí com capítulo sobre “Übersetzung von Apg 1,3-4,8-11; 2,41-47; 5,29; 16,13-15 aus dem Griechischen ins Deutsche” no compêndio organizado por Domay e Köhler — *Gottesdienstbuch in gerechter Sprache* – (Gütersloh).

Em 2004 tive publicada a conferência apresentada no *Ökumenischer Kirchentag*, na Alemanha, como capítulo “Die Bibel in verschiedenen Kulturen”, no livro *Ihr sollt ein Segen sein*, organizado por Theodor Bolzenius (Gütersloh). Nesse mesmo ano foi publicado capítulo “... und das Heil wird Körper. Befreiung und Freude im Leben Elisabeths und Marias: Lukas 1-2 in feministischer Perspektive”, no livro organizado por Frank Crüsemann, Marlene Crüsemann, Claudia Janssen, Rainer Kessler e Beate Wehn, *Dem Tod nicht glauben: Sozialgeschichte der Bibel* (Gütersloh).

Em 2005, o capítulo “The Forgiveness of Debts in Matthew and Luke: An Economical Proposal” foi publicado no livro organizado por Ross Kinsler e Gloria Kinsler, *God’s Economy: Biblical Studies from Latin America* (Maryknoll/New York).

Em 2007, o capítulo “Die Apostelgeschichte: Aufbruch und Erinnerung” foi publicado na obra organizada por Luise Schottroff e Marie-Theres Wacker, *Kompendium Feministische Bibelauslegung* (Gütersloh), traduzida em 2012 para o inglês: “Acts of the Apostles: looking forward and looking back”, em *Feminist Biblical Interpretation: a compendium of critical commentary on the books of the bible and related literature* (Cambridge).

Em 2008 foi publicado o capítulo “Hananiah und Saphira und das Zerschlagen der Solidargemeinschaft” em livro organizado por Sabine Bieberstein, *Frauen und Geld: Frauenbibelarbeit* (Katholisches Bibelwerk, Stuttgart). Nesse ano, foi publicado artigo “Jesús e la Tradición de las Transgresoras” na revista *Caminos* (Havana).

Em 2009, foi publicado capítulo em conjunto com Keila Matos (orientanda) “Agression and Silence: Violation of Human Rights of Women as a Bible Hermeneutical Challenge” no livro organizado por Christina Duncker e Katrin Keita, *Lieblingsfrauen der Bibel und der Welt: ausgewählt für Luise Metzler zum 60. Geburtstag* (Norderstedt). Nesse ano, na revista *RIBLA* (Quito) foi publicado o artigo “Carta a Filemón, Apia y Arquipu: comunión en el amor y eficacia de la fe”.

Em 2011 foi publicado artigo “‘¡No os atemoriceis!’ (Mc 16,6). Visión general y perspectivas interpretativas” na revista *RIBLA* (Quito). Em 2014, escrevi o capítulo “Kinder, Zöllner und Prostituierte in der Befreiungsbewegung von Jesus und Johannes — Mt 21,23-32” no livro organizado por Marlene Crüsemann, Claudia Janssen e Ulrike Metternich, *Gott ist anders: Gleichnisse neu gelesen auf der Basis der Auslegung von Luise Schottroff*. No mesmo ano, na revista *CesContexto* (Universidade de Coimbra), foi publicado o artigo “Comunhão e partilha como ruptura e transgressão de sistemas de dominação: diaconia de mulheres nos Atos dos Apóstolos e no Brasil”, que havia sido apresentado como conferência no *Congresso Internacional de Teologia Feminista*.

Em 2016, fui solicitada a escrever um *response* publicado em livro internacional organizado por Susanne Scholz e Pablo R. Andiñach, *La Violencia and the Hebrew Bible*, intitulado “The interconnectedness of La Violencia: a response from Brazil”.

Em 2018, foi publicado o capítulo escrito em conjunto com Haroldo Reimer e Keila Matos “Häusliche Gewalt gegen Frauen: Deutung und Herausforderung durch Texte der Bibel”, no livro organizado por Klaus Krämer e Klaus Vellguth, *Religion und Gewalt: Konflikt- und Friedenspotential* (Freiburg im Breisgau/Herder).

Em 2022, foi publicado o capítulo “Women Protagonist, border missionaries and violent and terrified military: translation, analysis and interpretation of Acts 16” no livro organizado por Sabine Dievenkorn e Shaul Levin intitulado *[Re]Gained in Translation I: Bibles, Theologies, and the Politics of Empowerment*. Nesse ano foi publicado capítulo “María en la obra de Lucas y de Mateos” no livro organizado por Virginia R. Azcuy, Blanca B. Bandeira e Clara M. Temporelli, *Marialogia: un caleidoscopio y variadas figuras* (Ed. Universidad Catolica de Córdoba).

Junto com Linda Maloney publicamos o livro *Acts of the Apostles* (v. 45 da Série Wisdom Commentary – Minnessota/EUA – 2022), obra inédita em termos de resultados de pesquisa sobre a obra de Lucas.

PUBLICAÇÕES EM NÍVEL NACIONAL

Essas publicações são bem numerosas. Destacarei as que considero bastante importantes em termos de produção-resultado de pesquisas. Decidi fazer a menção das obras para torná-las mais evidentes e para visibilizar também discentes e colegas que contribuíram nesses trabalhos.

Em 2000, no livro *Leitura da Bíblia em 500 Anos de Brasil* (CEBI), publiquei capítulo “Pegadas na história e na interpretação bíblica”. No mesmo ano, publiquei o livro *O Belo, as Feras e o Novo Tempo* (CEBI; Vozes), que é um marco de minha trajetória no Rio de Janeiro e abertura para nova fase em Goiânia.

Em 2001, publiquei livro *As pessoas que creram eram um só coração e uma só alma: Subsídios bíblicos sobre Atos dos Apóstolos* (Con-Texto). Na revista *Estudos Bíblicos* (Vozes) foi publicado o artigo “A lógica do mercado e a transgressão de mulheres. Uma visão teológico-cultural a partir dos Evangelhos”.

Em 2002, na revista *Fragmentos de Cultura* (PUC Goiás) foram publicados artigos “Terra, água e espiritualidade no Novo Testamento” e “Mulher e Homem livres para o amor-compromisso — Uma releitura de Gálatas 5,1-12”.

Em 2003 foi publicado o artigo “Terra, Relações de Poder e Mulheres: Realidades, Símbolos e Sonhos no Contexto do Novo Testamento” na revista *Caminhos* (PUC Goiás). Em *RIBLA* (Vozes; Verbo Divino) foi publicado artigo “Maria nos evangelhos sinóticos”. Em *Fragmentos de Cultura* (PUC Goiás) foi publicado o artigo “A economia dos ministérios eclesiais: uma análise de Romanos 16,1-16”.

Em 2004 foi publicado o artigo “Construção de Heterotopias socioculturais nas origens de comunidades judaico-cristãs” na revista *Caminhos* (PUC Goiás). O capítulo “Paz: vocação e compromisso das religiões” foi publicado no livro organizado por Lorenzo Lago, Haroldo Reimer e Valmor da Silva, *O Sagrado e as Construções do Mundo*.

Em 2005, publiquei o livro *Grava-me como Selo sobre teu Coração. Teologia Bíblica Feminista* (Paulinas), tratando de referenciais teóricos e metodológicos para análise de textos bíblicos em perspectiva feminista e de gênero. Na revista *RIBLA* (Vozes; Verbo Divino) foi publicado o artigo “Um elogio à prudência econômica transgressora (Lucas 16,1-8)”.

Em 2006, publiquei capítulos no livro por mim organizado *Economia no Mundo Bíblico: enfoques sociais, históricos e teológicos* (Sinodal; CEBI), intitulados “Patriarcado e Economia Política: o jeito romano de organizar a casa”, que trata das bases ideológicas para a construção de relações de poder no Império Romano e propostas contraculturais do movimento de Jesus, também elaboradas em “Economia de Deus e Diaconia: estratégias de esperança para o mundo (Mt 25,31-46)” e em “A Lógica do Mercado e a Transgressão das Mulheres: uma visão teológico-cultural a partir dos evangelhos”. Nesse mesmo ano, no livro *Ecologia: Cuidar da Vida e da Integridade*

da Criação, organizado por Oscar Beozzo (Paulus), foi publicado capítulo "Criação e Bíblia", que coloca bases teológicas de cuidado e preservação da vida mais fragilizada. Na revista *Caminhos* (PUC Goiás) foi publicado artigo "'Então elas se lembraram das palavras dele': memória e relações de poder nos cristianismos originários"

Em 2007, na obra organizada por Francisco Whitaker Ferreira e pelo Conselho Nacional de Igrejas Cristãs, *A desigualdade no Brasil deve e pode ser superada? Relatório sobre a dignidade humana e a paz no Brasil 2005-2007*, publiquei o capítulo "A Origem de todo o Mal está na Ganância: desigualdades socioeconômicas na Bíblia", contribuindo com análise, crítica e estratégias para superação de assimetrias econômicas e sociais.

Em 2008, publiquei o livro *Milagre das Mãos: curas e exorcismos de Jesus em seu contexto histórico-cultural* (Oikos; Editora da PUC Goiás), que tem sido referência para estudos sobre doença, medicina, saúde e processos terapêuticos na Antiguidade greco-romana, no Movimento de Jesus e nos Cristianismos Originários. Esse livro foi publicado em formato de *e-Book* gratuito em 2021. Nesse ano também organizei o livro *Imaginários da Divindade: textos e interpretações* (Oikos; Editora da PUC Goiás), contribuindo com o capítulo "Maria sempre bendita: textos e imaginários de uma história que se faz, desfaz e refaz". No *Dicionário Brasileiro de Teologia* (ASTE), organizado por Fernando Bortolletto Filho, José Carlos de Souza e Nelson Kilpp, publiquei o verbete "Maria", elaborando análise sobre Maria de Nazaré na história do cristianismo. Com a orientanda Keila Matos publiquei artigo "Cabelo e Véu No Imaginário Judaico e Greco-Romano como Simbologia de Exclusão Social e Reclusão Doméstica da Mulher no Século I" na revista *Caminhos* (PUC Goiás).

Em 2009 foi publicado artigo "Educação teológica como serviço à vida à luz da práxis crítico-libertadora de Jesus" na revista *Caminhando* (UMESP). Na revista *Fragmentos de Cultura* (PUC Goiás), junto com orientando Silvio R. Zurawski, foi publicado artigo

"Aproximações da Temática Saúde na Bíblia: 'Eu sou o Deus que te Restaura' (Ex 15,25c)", e com orientanda Keila Matos, o artigo "Agressão e Silêncio: violação de direitos humanos de mulheres como desafio bíblico-hermenêutico".

Em 2010 publiquei o livro *Terra e Água na Espiritualidade do Movimento de Jesus: contribuições para um mundo globalizado*, abordando textos e realidades no contexto do Novo Testamento que contribuem para uma espiritualidade do cuidado ecológico. Também escrevi um capítulo sobre "Doença e cura a partir do Novo Testamento: tradições de libertação e de construção de dignidade" no livro organizado por Paulo Ueti, *A terapêutica de Jesus: corpo, poder e fé* (CEBI). Na revista *Estudos Teológicos* (Faculdades EST) foi publicado o artigo "Para Memória Delas! Textos e interpretações na (re)construção de cristianismos originários". Na revista *Caminhos* (PUC Goiás) foi publicado o artigo "Marta, Diácona e Domadora de Dragão: Narrativas Míticas e diferentes Formas de enfrentar o Mal", utilizando de recursos textuais e imagéticos em perspectiva feminista.

Em 2011, no livro por mim organizado, *Direitos Humanos: enfoques bíblicos, teológicos e filosóficos* (Oikos; Editora da PUC Goiás), publiquei o capítulo "Para uma cidadania plena de mulheres: aspectos histórico-interpretativos de Atos 5", analisando as relações socioeconômicas e de gênero na constituição de DDHH de mulheres. Nesse ano também publiquei o livro *Ananias e Safira nas Origens do Cristianismo e suas Interpretações: reler e reconstruir Atos 5,1-11* (Oikos), no qual analiso as complexidades socioculturais de relações entre casais na construção de espaços heterotópicos mais justos de se viver. Na revista *Ciberteologia* (São Paulo) foi publicado o artigo "Mulheres nas Sinagogas: História, Fontes e (Inter)Ditos sobre Participação Feminina em Espaços Sagrados". Na revista *Caminhos* (PUC Goiás) foi publicado o artigo "Mulheres nas origens do Cristianismo". Na revista *Estudos de Religião* (UMESP) foi publicado o artigo, com Haroldo Reimer, "Cuidado com as pessoas empobrecidas na tradição bíblica". Na revista *Pós-Escrito* (STBSB),

o artigo “Apostolado, diaconia e missão de mulheres nas origens do cristianismo: rever tradições para empoderar e promover cidadania plena” foi publicado.

Em 2012, publiquei a palestra proferida “Jesus, mulheres, liberdade e compromisso: um ensaio” nos Anais do VI Congresso Internacional de Ciências da Religião, organizados por Clóvis Eco *et al.*, *Transformação social, economia e literatura sagrada* (Oikos; Editora da PUC Goiás). Resultado desse Congresso também foram os Anais organizados por mim e Joel Antônio Ferreira. Também contribuí com a publicação do capítulo “Transformai-vos pela Renovação da Mente: releituras de tradições bíblicas”, interrelacionando textos sagrados e suas interpretações com visualidades paleocristãs como inédito resultado parcial de pesquisa *in loco* em Roma, que destaca a participação de mulheres nos cristianismos originários, especificamente em Roma. Nesse ano também publiquei o livro *Compaixão, cruz e esperança: Teologia de Marcos* (Paulinas), como resultado de assessorias prestadas junto ao Serviço de Animação Bíblica das irmãs paulinas. Nele elaboro os diversos campos de atuação de Jesus de Nazaré, entre eles a acolhida de mulheres, crianças e pessoas empobrecidas e sua práxis terapêutica, a radical denúncia de hipocrisias teo-ideológicas legalistas em prejuízo da vida em sua plena dignidade e prioridade e seu anúncio do Reino de Deus em oposição aos reinos necrófilos do mundo. Junto com a orientanda Carolina Bezerra de Souza publiquei o artigo “As mulheres: modelo de seguimento no movimento de Jesus e na Igreja” na revista *Teologia e Ciências da Religião* (UNICAP).

Em 2013 publiquei o livro *Maria, Jesus e Paulo com as mulheres: textos, interpretações e história* (Paulus), no qual trabalho a centralidade de mulheres no movimento de Jesus e nos cristianismos originários por meio da análise de textos com referenciais exegéticos e hermenêuticos feministas. Publiquei o capítulo “Mulheres no cristianismo: fragmentos de história em textos e imagens” no livro por mim organizado *Leituras: interpretação e recepção de textos bíblicos*

(Oikos), destacando epigrafias tumbares como fonte e testemunho da presença e participação de mulheres nos cristianismos originários. No livro *Perspectivas: interpretação e recepção de textos bíblicos* (Oikos) publiquei o capítulo “Fé, amor e comunhão na superação da escravidão: desafios para mulheres e homens na igreja”, fazendo análise e comentário feministas sobre a carta que Paulo escreveu para Filemom, Ápia e Árquipo no contexto escravocrata romano, elaborando uma ética evangélica amorosa de construir relações de superação de assimetrias socioeconômicas. Na revista *Caminhos* publiquei, com Cláudia Janssen, o artigo “História de Mulheres nas Letras do Apóstolo Paulo: perspectivas a contrapelo da história interpretativa” e na revista *Estudos Teológicos* (Faculdades EST), com João Luiz Correia Júnior, o artigo “Compaixão, indignação ética e responsabilidade social: interpretação de Mc 6,34”. Em *Cadernos Patrísticos* (FACASC) foi publicado o artigo “Catacumbas como memória e fonte para a reconstrução de história de mulheres e crianças nas origens do cristianismo”, conferência proferida em Congresso Internacional (Florianópolis).

Em 2014 foi publicado o capítulo “Santa Praxedes: Espiritualidade e História de uma jovem Santa” nos Anais do VII Congresso Internacional de Ciências da Religião, *A religião entre o espetáculo e a intimidade*, organizado por Alberto da Silva Moreira, Carolina Teles Lemos, Eduardo Gusmão de Quadros e Rosângela da Silva Gomes. Na conferência realizada, apresentei e interpretei visualidades descobertas em pesquisa *in loco* em Roma. Nesse ano, tive publicado resultado parcial de pesquisa sobre textos e visualidades sobre mulheres do Novo Testamento, em *Horizonte* (PUC Minas), com o artigo “Marta e Maria no Getsêmani de Fra Angelico: luzes medievais na releitura de tradições e textos bíblicos”.

Em 2015, no livro por mim organizado *Por Amor à Vida! Crenças, resistências e conquistas na Bíblia e na atualidade* (Editora da PUC Goiás), publiquei o capítulo “Mulheres transgressoras com Jesus e Paulo: história, textos e interpretações” e junto com

o doutorando João Cândido Barbosa publiquei o capítulo “Jesus e a tradição das viúvas no evangelho de Lucas”. Essas contribuições foram significativas, pois reuniram informações muitas vezes esparsas sobre os temas em foco, interpretando-as à luz de referenciais hermenêuticos feministas. Nesse ano, na revista *Horizonte* (PUC Minas), foi publicado resultado parcial de pesquisa *in loco*, em artigo intitulado “Santa Praxedes: memórias e visualidades de uma líder eclesial na Roma antiga”. Na revista *RIBLA* (Quito) foi publicado o artigo “Aspectos Geopolíticos y Socioculturales en Hechos 16”.

Em 2016 publiquei o livro *Santa Praxedes: uma jovem com funções eclesiais e sociais em Roma* (Editora da PUC Goiás) como resultado de pesquisa realizada *in loco* em Roma e apresentada de forma parcial em eventos acadêmicos. Aqui, reuni história e visualidades sobre Santa Praxedes a partir da observação na Basílica de Santa Praxedes, que foram interpretadas à luz de referenciais iconológicos e da hermenêutica feminista. Na revista *Caminhos* foi publicado, junto com Marlene Crüsemann, o artigo “Igrejas Domésticas”, com recorrido textual e epigráfico sobre a presença e a liderança de mulheres. Na revista *Estudos de Religião* (UMESP) foi publicado o artigo “O Magnificat de Maria no Magnificat de Lutero”, analisando o cântico de Maria e a obra de Lutero em perspectiva feminista.

Em 2017, na revista *Encontros Teológicos* (FACASC) foi publicado artigo “Maria: marco referencial e consolo para Lutero em sofrimento”. Com Jorge Alves Santana (UFG), publiquei artigo “Mobilidades Transversais de Maria de Magdala em *O Evangelho de Jesus Cristo* de José Saramago” na revista *Fragmentos de Cultura* (PUC Goiás). Com isso, foram apresentados resultados parciais de pesquisa sobre mulheres no movimento de Jesus e nos cristianismos originários.

Em 2018 organizei o livro *Trilhas da Paz*, já apresentado acima no conjunto das disciplinas, com a publicação de alguns capítulos em conjunto com orientandos. Destaco aqui “Priscila, Áquila e Paulo:

caminhada de paz em vias (as)simétricas de relações de poder”, em conjunto com Rubens Alves Costa. No livro organizado por Marcia Blasi, Mercedes Garcia Bachmann, Angela Trejo Haager e Elaine Gleci Neuenfeldt, *Mulheres fazem Teologia*, foi publicado capítulo “Releituras Bíblicas para uma Diaconia que serve, empodera, liberta e cria comunhão”, no qual analiso a diaconia como função realizada igualmente por mulheres e homens, mas que, em processos de hierarquização, tradução e interpretação, mulheres foram rebaixadas ao âmbito doméstico e paramental litúrgico. Diaconia também foi o tema do capítulo publicado nos Anais do IX Congresso Internacional em Ciências da Religião, “(In)Justiças de gênero e Santidades: conceitos e preconceitos em relação à diaconia de mulheres”. A partir desse Congresso, com Carolina Bezerra de Souza publiquei “Maria de Magdala: das redes evangélicas para a festa?”, em continuidade à pesquisa sobre a apóstola dos apóstolos, e com Haroldo Reimer foi publicado o artigo “A maldade dos homens se multiplicou sobre a terra: sobre o fenômeno da violência na bíblia” na revista *Pistis & Práxis* (PUC PR), destacando a violência sistêmica contra pessoas que são vulnerabilizadas.

Em 2019, com Carolina Bezerra de Souza, foi publicado artigo em *Perspectiva Teológica* (FAJE), “Mulheres nas Cenas Finais do Evangelho de Marcos: Narrativa, Discurso e Teologia”. Em *Estudos Teológicos* (Faculdades EST) publiquei, com Haroldo Reimer, artigo em dossiê temático “À Luz da Crítica Histórica: Sobre o Método Histórico-Crítico no Estudo da Bíblia”. Na revista *Caminhos* foram publicados artigos “Desde Princípios: Acuidade Historiográfica e Injustiça contra Mulheres (Atos 1)” e “As teologias e práticas políticas dos movimentos (eco)feministas”. Com esses textos foram tratados referenciais teóricos e hermenêuticos para análise de textos bíblicos em perspectiva crítica, feminista e ecológica.

Em 2020, no livro organizado por Claudete Beise Ulrich e Nelson Lellis (UNIDA), *Mulheres em Foco*, com Carolina Bezerra de Souza publiquei o capítulo “Violência, Bíblia e as Mulheres”;

abordando a violência contra as mulheres como fenômeno sociocultural fortemente legitimado e contestado por meio de textos bíblicos. No mesmo livro, com Haroldo Reimer, foi publicado o capítulo “Sobre Violências que se multiplicam sobre a Terra: abordagem do fenômeno a partir da Bíblia”, abordando a realidade da violência sistêmica e religiosamente sancionada e questionada. Na revista *Caminhos* publiquei resultado de levantamento bibliográfico sobre “Religião e Literatura Sagrada: 20 Anos de Produção Discente” no PPGCR por ocasião dos 20 anos de atividades. Na revista *Concilium*, publicada em 5 línguas/países, publiquei com Haroldo Reimer o artigo “O poder como serviço: uma leitura crítica sobre o poder a partir do Novo Testamento”. Na revista *Reflexus* (UNIDA), com Carolina Bezerra de Souza e Ketlin Schuchardt, foi publicado, como resultado de pesquisas, disciplinas e orientações, o artigo “Métodos e Epistemologias Feministas nos Estudos de Religião”.

Em 2021, junto com Haroldo Reimer, publiquei o capítulo “Ecologia em perspectiva de espiritualidade bíblica” no livro organizado por Flávia Cristina Araújo Lucas, Ronize da Silva Santos e Sandra Duarte de Souza (EDUEPA, Belém), *Religião e ecologia: plantas, espiritualidades e política*. Nele condensamos estudos sobre ecologia e espiritualidade com base em textos bíblicos, destacando contribuições que criticamente podem e devem ser proveitosas para as demandas socioecológicas atuais.

Em 2022, no livro *Mulheres no Cristianismo Primitivo: poderosas e inspiradoras* organizado por Roberta Alexandrina da Silva, Pedro Paulo A. Funari e Claudio Umpierre Carlan (Fonte Editorial), publiquei o capítulo “Lídia de Tiatira: líder profissional e religiosa: Um estudo de Atos dos Apóstolos 16,11-16a.40”. Na revista *Mandrágora* (UMESP) foi publicado o artigo “Espiritualidade ecofeminista em contextos de crises sociais e pandêmicas: sustentabilidade e cuidado compartilhado”. Na revista *Coisas do Gênero* (Faculdades EST) foi publicado artigo “‘Entrem e Permaneçam na Minha Casa!’ (At 16,15): Lídia como Modelo para o Ministério Feminino Ordenado”.

Em 2023 organizei o livro *A Honrosa Arte de Curar e Cuidar* (Pimenta Cultural) e nele publiquei o capítulo “‘Pessoas sãs não precisam de médico, e sim as doentes’: Jesus, médico compassivo e competente”. Com o orientando doutoral Flávio Augusto de Sousa Oliveira, foi publicado o capítulo “O Silêncio e a Arte da Escuta em Jó: Hermenêutica, Literatura e Terapêutica em Busca do Diálogo que Cuida e Cura”, no qual analisamos passagens do livro de Jó em perspectiva multidisciplinar com referenciais hermenêuticos para constituir a importância da terapia a partir das realidades do silêncio (não silenciamento!) e da escuta. Na revista *International Journal of Latin American Religions* foi publicado artigo “Ecofeminist Spiritualities in Context of Social and Pandemic Crises: Sustainability and Shared Care”. No livro *História e Religião na Antiguidade* (Pimenta Cultural), organizado por Edson Arantes Jr. e Haroldo Reimer, publiquei com Haroldo Reimer o capítulo “A sinagoga das mulheres: análise histórico-crítica feminista de Atos 16,11-15.40”, fechando de forma categórica pesquisas realizadas com referenciais exegéticos, hermenêuticos, arqueológicos e epigráficos que evidenciam que Lídia e o grupo de mulheres trabalhadoras convertidas ao judaísmo se reuniam aos sábados na sinagoga em Filipos, se converteram à fé em Cristo por meio da ação missionária de Paulo e de Silas, e então passaram a reunir a comunidade eclesial em sua casa.

CONCLUSÃO E CONSIDERAÇÕES

Os registros aqui feitos evidenciam minhas contribuições junto ao PPGCR e à Área 44 da CAPES. Mesmo que de forma seletiva e resumida, é possível perceber três eixos a partir e em torno dos quais elas foram desenvolvidas. Trata-se de Religião e Saúde, Religião e Ecologia e Religião, Gênero e História de Mulheres no Movimento de Jesus, nos Cristianismos Originários e nas Igrejas Antigas, experiências e temas com repercussão até hoje por meio

de textos sagrados, visualidades e história interpretativa e efetual. Os trabalhos de docência, pesquisa e extensão foram feitos de forma interdisciplinar e multidisciplinar, de modo individual e coletivo, nacional e internacional, acadêmico e popular, com referenciais teóricos e metodológicos das Ciências da Religião e da Teologia, História, Filosofia, Artes, Letras/Línguas Clássicas e Arqueologia, com abordagens interseccionais de relações de classe, etnia, gênero, idade e ambiente/ecologia. Dessa forma, estabeleceram-se várias parcerias antigas e novas em nível nacional e internacional. Os trabalhos hermenêuticos e exegéticos, em perspectiva (eco)feminista histórico-crítica e sociocultural impactaram a subárea da Literatura Sagrada, especificamente do Cristianismo.

De várias formas e em vários lugares pude demonstrar que na história da Igreja e da Teologia houve sempre um processo seletivo de textos e tradições que foram utilizados para afirmar a subordinação das mulheres aos homens, das pessoas escravas a seus senhores, da natureza aos humanos. E com isso, criou-se e consolidou-se uma mentalidade que atribui a alguns poucos o poder de governar sobre outras pessoas em nível pessoal, familiar, sociocultural, político e eclesial. Essa mentalidade legitima formas de dominação, de opressão e de violências com base em textos e tradições seletivos que servem aos interesses de quem governa para dominar, criando corpos e mentes domesticados, colonizados. Contudo, com os estudos sócio-históricos e feministas, que agregam uma episteme a partir das realidades de corpos e experiências de pessoas vulnerabilizadas nesses processos históricos, principalmente de mulheres, crianças e ambiente, fomos percebendo e demonstrando que há também grande quantidade de outros textos e tradições sagrados que evidenciam presença, participação, protagonismos e liderança socioeclesial de mulheres. Esses, porém, durante séculos foram silenciados e invisibilizados por interesses institucionais hierárquicos e patriquiarcais, a fim de manter aqueles sujeitos em lugares e funções subalternos que lhes foram determinados socioculturalmente.

Revisitar esses outros textos e tradições, com vistas a transformar relações de poder que oprimem e maltratam em relações de poder que partilham e cuidam, é um dos aspectos centrais da minha produção intelectual, que é compartilhada de diversas maneiras, em nível acadêmico e popular para disseminação desses novos conhecimentos e de possibilidades de mudança.

A partilha dos resultados alcançados pelas pesquisas foi realizada incansavelmente em nível de docência, de inserção discente nos projetos de pesquisa e em textos publicados, em apresentação de palestras, comunicações, mesas de debate em eventos acadêmicos e assessorias para formação de recursos humanos em nível social e eclesial. Com isso, busquei manter um elo profícuo e necessário entre investigação e produção intelectual científicas e sua partilha para popularização de conhecimentos adquiridos. Trata-se a meu ver da necessidade permanente de intervenção pedagógica, interdisciplinar e de qualidade na formação acadêmica e popular, como característica *sine qua non* de nossas atividades historicamente situadas.

Todos os trabalhos de levantamento bibliográfico, documental, epigráfico, visual e interpretativo de textos e tradições sagrados cristãos tornaram possível a análise da presença, participação, liderança e protagonismo de mulheres no Movimento de Jesus, nos Cristianismos Originários e nas Igrejas Antigas. Mas é exatamente isso que também evidencia, já naquelas origens, os interditos que elas sofreram, bem como os processos de invisibilização e silenciamento que suportaram no desenvolvimento da história da igreja, e mesmo assim não se amedrontaram e não se calaram até hoje. Evidenciar e compreender esses processos e a significativa e igualitária presença e atuação de mulheres no passado é um caminho vital para contribuir para que mulheres, bem como crianças e pessoas vulnerabilizadas, hoje, conheçam o potencial transformador presente nessa herança religiosa e sociocultural que simultânea e paradoxalmente nos oprime e liberta. Dessa forma, podemos participar de um processo dinâmico de empoderamento hoje, que tenha por objetivo

e missão a transformação de relações pessoais, familiares, sociopolíticas e eclesiais injustas, violentas e discriminadoras para relações (mais) igualitárias, justas e amorosas que considerem também o ambiente em que vivemos como espaço criado e amado por Deus, do qual somos incumbidos de cuidar e preservar.

Quero frisar ainda que reler e visitar textos e tradições sagradas do Cristianismo, bem como de outras religiões, torna-se cada vez mais relevante, necessário e urgente nesses nossos tempos em que também sofremos com mecanismos da desinformação, com as insistentes tramas ideológicas de gerar aversão e desprezo à pesquisa científica, a espetacularização e o mercado da fé, junto com a banalização de lutas e conquistas de movimentos sociais, especificamente de mulheres e de nossos direitos conquistados. Não podemos continuar reticentes ou inertes frente às violências da desinformação sob as quais sofremos nós e todo nosso país nesses tempos presentes.

Enfim, a retrospectiva evidencia o quanto trabalhei, de forma individual e coletiva. Agora se aproxima um tempo de pausa e de despedidas. A vontade de trabalhar e realizar mais algumas coisas boas, porém, continua viva. Que isso aconteça com a graça e o poder inspirador da *Ruah* divina!

26 de abril de 2024

Dia Nacional da Diaconia

6

Alberto da Silva Moreira

RELIGIÃO COMO HORIZONTE UTÓPICO E PRÁXIS POSSÍVEL DE LIBERTAÇÃO

INTRODUÇÃO

Neste texto gostaria de fazer uma retrospectiva das minhas pesquisas, investigações e atuação na vida acadêmica e realizar uma reflexão mais amadurecida sobre os principais momentos, experiências e temas que me ocuparam e preocuparam nos últimos trinta e cinco anos. Logo de início preciso confessar um certo desconforto, seja por tratar o tempo todo do meu próprio trabalho, com o risco evidente de dar voltas em torno do próprio umbigo, seja porque não estou certo de que, ao elaborar esta síntese, estarei contribuindo de alguma forma para as buscas e inquietações intelectuais-existenciais de alguma leitora ou leitor. No redemoinho geral da caducidade programada em que consentidamente nos encontramos, obcecados que estamos e sob o jugo tirânico da produtividade metrificada (cujo vínculo com a racionalidade do capital é mais que óbvia), a maioria dos nossos textos e ensaios tem uma longevidade cada vez mais curta, melhor seria dizer uma *curtividade*, isso quando não vegetam na zona límbica da invisibilidade porque não foram resgatados (ainda?) pelo algoritmo todo poderoso da eleição divina. Ou porque não alcançaram a barreira mínima de *likes*, essa excelsa e sagrada matemática, que qual anjo do Juízo, determina a relevância, o valor e o tempo de vida para textos e materiais colocados na Internet. Enfim, não estou seguro de que este esforço possa ser útil a alguma pesquisadora ou pesquisador. Faça-o, no entanto, como exercício necessário de quem precisa olhar para trás e para a frente, se quiser chegar ainda aos objetivos que para si mesmo sonhou atingir, quando chegasse esse tempo que nunca deixou de estar aí e de ser o último.

Convido, então, quem por acaso tenha me acompanhado até aqui, a fazer comigo essa visitação do passado-presente, com boa dose de leveza e bem-humorada disposição, sem grandes cobranças e expectativas de sistematização, apenas na medida em que a *sym-pathica* disponibilidade do leitor ou leitora consentir.

ESTUDO E PESQUISA NÃO SE FAZEM SEM DEVOTAMENTO – O QUE VEM ANTES

Não há ciência completamente neutra, toda pesquisa vem de uma afeição, de um devotamento do pesquisador. Até mesmo quando se trata do mercenário. Devo dizer que como transfundo de toda minha pesquisa e busca intelectual está uma experiência fundante que fiz na juventude, e sobretudo nos quinze anos em que vivi entre os frades franciscanos, a quem devo tudo o que de melhor me tornei. Essa experiência totalizante de sentido, portanto englobante do saber-pensar-sentir-fazer-celebrar tem a ver com uma intuição profunda na bondade da vida e do existir, e no direito de todos os seres vivos, sobretudo os mais frágeis e ameaçados, de dela participar plenamente. A experiência estruturante, também gnosiológica portanto, de que a espiritualidade (vvida numa religião concreta) pode ser prática possível de fraternidade e de liberdade, se apontar e sempre manter referência ao seu horizonte utópico de humanização radical — no sentido que lhe deu Franz Hinkelammert (2022) e no modo como a viveu Francisco de Assis. Saber como prática solidária de expansão da liberdade, a serviço de um mundo onde todos caibam, onde ninguém fique de fora (*pa que nadie quede atrás*, como cantou Mercedes Sosa), nem mesmo os mortos, os esquecidos da história e seus sonhos incumpridos de libertação (como disse Benjamin). Nos seis anos de graduação em filosofia e teologia, vividos em Petrópolis de 1975 a 1980, abriu-se para mim essa porta, que tento manter aberta até hoje em todas as minhas pesquisas e estudos (e também fora delas).

Entretanto, no aprendizado do pensar, no processo de formar a mente, o olhar e o coração do pesquisador a quem permitimos que tome nossa mão? Quem nos afeiçoa à fidelidade a um caminho? Leonardo Boff, Hermógenes Harada, Johann Baptist Metz e tantos outros rostos que guardo comigo foram e continuam sendo mestres

queridos, a quem devo muito mais do que cabe nas palavras. Naqueles anos da filosofia e da teologia em Petrópolis, em plena ditadura, mudei o foco de Ipanema para Duque de Caxias. Todo fim de semana na Baixada Fluminense. No final da graduação meu trabalho de conclusão de curso foi sobre as comunidades nas favelas do Rio e da Baixada.

Depois das graduações, ainda em 1980, jovem sacerdote franciscano fui trabalhar na região do chamado Bico do Papagaio, entre os rios Araguaia e Tocantins, noroeste do atual estado do Tocantins. Um território em ebulição social, terra da injustiça e da violência do latifúndio, e nós da equipe da Comissão Pastoral da Terra ao lado dos posseiros, dos pequenos lavradores e das quebradoras de babaçu. Josimo, Ricardo, Pedro, Henri, Aninha, Mada, Bia: aprendizado que valeu uma vida. Do Araguaia-Tocantins levei, em 1982, os conflitos agrários, a vontade de luta dos posseiros e a resistência dos lavradores, junto com a solidariedade daquele grupo pequeno de religiosas, padres e bispos para um doutorado em Teologia em Münster, na Alemanha. Sumiu o povo, calaram-se as cantigas da roça, só eu, os livros e a tese em alemão. De novo o aprendizado, o saber solidário, mas também o rigor cortante do pensamento. Além de Baptist, devo demais a Ottmar John, seu assistente. Minha tese, *Os pobres possuirão a terra (Sl 37,11): Uma leitura teológica dos conflitos agrários no Brasil* (Moreira, 1990), estava recheada de histórias e de lutas, de descobertas intelectuais e de esperanças políticas de libertação. Só dez anos mais tarde é que consegui, graças ao Marcos Freitas, meios para traduzi-la para o português e publicá-la em coedição com a Comissão Pastoral da Terra (Moreira, 2006a). Para fazer a pesquisa entrei fundo pela história e pelas ciências sociais, redescobri as origens agrárias do Brasil e as minhas próprias.

Passei mais de seis anos na Alemanha. A relativa demora se deu devido à necessidade de aprender bem a língua e à profusão de convites para falar e escrever sobre a Teologia da Libertação. Além disso, fiz duas viagens de estudos que me marcaram profundamente:

uma à Terra Santa, de duas semanas, e outra ao Quênia e Tanzânia, de dois meses. À África fui explicitamente com a vontade de conhecer o(s) cristianismo(s) africanos, a teologia africana da inculturação e da libertação. Quando voltei para casa, em julho de 1988, eu e o Brasil éramos outros, estávamos transformados; nessa época deixei a Ordem franciscana e iniciei nova fase de vida.

OS ANOS EM BRAGANÇA PAULISTA

Depois de dois anos na antiga UCG (hoje PUC Goiás), com uma passagem rápida em 1990 pelo Instituto Franciscano de Teologia e pelo editorial da Editora Vozes em Petrópolis, fui parar na Universidade São Francisco em Bragança Paulista. Ali, o nascente Instituto de Antropologia me pediu um estudo de fundo sobre a questão antropológica: “o ser humano perante o novo milênio”. Produzi um dos meus melhores textos, que até hoje utilizo quando abordo a relação entre religião e modernidade (Moreira, 1991). Nesse instituto, o IFAN, além da criação de um periódico científico (*Os Cadernos do IFAN*), da organização de um curso de teologia popular, do Fórum de Estudos Avançados do Terceiro Mundo junto com Marcos Freitas e Fátima Guimarães, das aulas de teologia para os cursos e de aulas no Mestrado em Educação, ocupei-me em investigar as influências recíprocas entre religião e processos de globalização.

Foram muitos os artigos e eventos produzidos sobre essa temática, sendo o mais importante um seminário nacional realizado em 1991 junto com Renée Zicman na PUC-SP sobre *Misticismo e Novas Religiões*. Esse seminário foi excelente devido ao seu formato inovador: Carlos R. Brandão, José J. de Carvalho e Hugo Assmann apresentaram seus textos e José G. Magnani, Antonio Mendonça, Jether Ramalho, Frei Betto, Pierre Weil, Luís E. Wanderley, Renato Ortiz e Jung Mo Sung os comentaram e debateram com os autores.

Juntamos as contribuições num livro com o mesmo título do seminário, publicado em 1994 pela Editora Vozes (Moreira; Zicman, 1994). A ele seguiu-se em 1996 o livro-coletânea *Sociedade Global: Cultura e Religião*, no qual também consegui reunir gente muito qualificada nos estudos da cultura e da religião no Brasil (Moreira, 1999b). No artigo que fecha o livro, procurei articular em que sentido a civilização do mercado constitui um desafio radical às igrejas. Ambos os livros saíram pela Vozes e logo atingiram uma segunda edição.

O olhar crítico e as análises que fazíamos no IFAN através das atividades do Fórum de Estudos Avançados do Terceiro Mundo (seminários abertos e publicações com Marcos C. de Freitas) sempre abarcava questões “glocalizadas”. Ou seja, temáticas globais com encarnações ou ramificações locais, e questões locais conectadas a fluxos e processos internacionais. Na época os *Cadernos do IFAN*, do qual fui redator-responsável por dez anos, forneceram uma excelente oportunidade para sistematizar e socializar tais debates com um público mais amplo (Moreira, 1995).

O primeiro projeto de pesquisa importante realizado depois do doutorado foi um estudo interdisciplinar e interinstitucional, a pedido da USF, sobre a figura de São Francisco, sua história, espiritualidade e a permanência do seu legado. Foram dois anos de trabalho, envolvendo uma equipe de doze professores de diferentes pertencências teológicas, a maioria deles do Instituto de Teologia de Petrópolis. O resultado desse projeto, pensado inicialmente para servir de subsídio aos alunos e professores da Universidade, foi publicado como livro pela Editora Vozes em 1996 sob o título *Herança Franciscana* e se esgotou em pouco tempo (Moreira, 1996b).

Em seguida realizei a segunda grande pesquisa acadêmica depois do doutorado: *Meninos de Barro – Trabalho infantil nas olarias de Bragança Paulista* (Moreira et al., 1998). Num trabalho intensivo de 1996 a 1998, coordenando uma equipe interdisciplinar que envolvia sociólogo, economista, bolsista do CNPq e guia local, conseguimos

mapear e analisar toda a cadeia produtiva da indústria de tijolos no município de Bragança Paulista, que abastecia também a Grande São Paulo. Esta atividade insalubre, mal remunerada e massacrante da fabricação de tijolos se sustentava em boa parte através da sujeição do trabalho infantil na zona rural. Crianças que tinham sua infância e adolescência roubadas, pois desde os cinco anos eram constantemente retiradas da escola para trabalhar nas olarias e ajudar os pais a melhorar a renda familiar. O impacto da pesquisa junto à opinião pública em Bragança e região foi enorme. Ela apareceu na Rede Globo, em entrevistas para rádio e jornal, o Ministério Público logo assumiu uma investigação, o tema foi parar nas conversas de rua, houve processos, punições e a fiscalização se tornou intensiva. Acho que essa pesquisa, entre todas que já fiz, foi aquela em que melhor pude sentir como o conhecimento fundamentado e sério pode fazer diferença na vida de centenas de pessoas e ser literalmente um instrumento de emancipação.

A terceira grande pesquisa científica realizada na Universidade São Francisco me levou a estudar e a traduzir para o português, junto com um corpo numeroso de medievalistas, latinistas, filósofos e tradutores, os clássicos do pensamento franciscano medieval. A pesquisa visava aprofundar os estudos e tornar conhecidas obras clássicas e fundamentais da grande tradição humanística, filosófica, teológica e espiritual do franciscanismo. Pesquisadores da USF e de diversas outras instituições, mesmo sem vínculo formal, estiveram associados ao GP Franciscanismo e Medievalística do CNPq, que coordenei. Nunca é demais lembrar que antes de Tomás de Aquino (†1274) ser “canonizado” pela Igreja como parâmetro oficial, o pensamento filosófico e teológico medieval foi marcadamente ocupado por autores franciscanos, como Alexandre de Hales, Boaventura de Bagnoregio, Guilherme de Ockham, Duns Scotus, Roger Bacon, Raimundo Lullo e muitos outros. Notando que tais autores e suas obras eram em parte desconhecidos e quase inacessíveis ao público brasileiro, organizei em colaboração estreita com o filósofo gaúcho Luís Alberto de Boni um projeto editorial e de pesquisa em torno da Escola Franciscana.

A parceria com de Boni foi longa e prazerosa. Pensamos projeto e cronograma, montamos a equipe, realizamos diversos seminários especializados em filosofia medieval em diferentes cidades do Brasil. Apoiados por uma fundação alemã de financiamento, traduzimos do latim e do italiano medieval e publicamos até 2008 nada menos do que 11 livros com as obras dos principais pensadores, filósofos, teólogos e cronistas franciscanos da Idade Média.¹

Paralelo e simultaneamente a essa pesquisa, organizei em conjunto com frei Orlando Bernardi e frei Vitório Mazzuco, coordenadores sucessivos do Instituto Franciscano de Antropologia – IFAN, um Centro de Estudos Franciscanos na Universidade São Francisco. Minhas duas principais atividades nesse Centro foram a organização e edição de uma linha de livros chamada *Estudos Franciscanos*, que publicou oito livros sobre espiritualidade, teologia e história franciscana.² Minha segunda atividade no Centro de Estudos foi a realização, geralmente na FAE de Curitiba, de congressos internacionais franciscanos, dirigidos a professores, pesquisadores, aos religiosos franciscanos e ao público interessado. Como fruto desses congressos internacionais organizei a publicação de pelo menos mais dois livros: além da *Vida de São Francisco*, de Paul Sabatier, produzimos também um estudo sobre as fontes franciscanas (Moreira, 2007).

A partir do ano de 1998, ainda como pesquisador do Instituto Franciscano de Antropologia em Bragança Paulista e dentro da perspectiva teológica, dei início a uma quarta pesquisa sistemática sobre as relações entre mídia e religião. O título era *Criados à sua imagem e semelhança — Fé cristã, libertação e cultura midiática na América Latina*. Aproveitei para aprofundar os estudos em mídia e transformei

1 A série *Pensamento Franciscano* foi publicada em conjunto pela EdiPUCRS e pela Editora da USF de 1998 a 2008. O primeiro volume foram os *Escritos Filosóficos-Teológicos*, de Boaventura de Bagnoregio e o último *Textos sobre Poder, Conhecimento e Contingência*, de João Duns Scotus.

2 A série *Estudos Franciscanos* publicou pela Editora Universitária São Francisco de 2003 a 2008 oito livros de espiritualidade, teologia e história franciscana.

a pesquisa em projeto de pós-doutoramento em Teologia. Apoiado por uma bolsa da Central Missionária dos Franciscanos pude passar alguns meses na Facultat de Teologia Fonamental dos Jesuítas, em San Cugat del Vallés, Barcelona, onde conversei bastante com o conhecido teólogo jesuíta González Faus. Para atualizar minhas leituras sobre cultura do consumo, mídia e globalização realizei também um estágio na Nottingham Trent University, na Inglaterra, mais especificamente no centro de estudos da *Theory, Culture & Society*, uma famosa revista e centro de pesquisa, coordenados por Mike Featherstone. Featherstone (1994; 2007), que esteve diversas vezes no Brasil, era (e continua sendo) uma referência mundial em estudos sobre mídia, cultura do consumo, modernidade e globalização.

Uma vez na Inglaterra recebi convite de Maureen Junker-Kenny, do *Trinity College*, de Dublin, para proferir conferência na Irlanda sobre a teologia da libertação e as lutas sociais no Brasil. Na volta me detive novamente na Espanha, em Madrid. Aí pude contar com a valiosa ajuda e as indicações do arguto filósofo José Antonio Zamora, catedrático do Centro de Filosofia do CSIC e velho companheiro dos tempos de Münster. Em Madrid, participei de muitos debates sobre América Latina e teologia da libertação e redigi um artigo sobre os desafios da globalização para a teologia da libertação, publicado no ano seguinte (Moreira, 1999a). Ao voltar para Bragança tinha as malas cheias de livros, fotocópias e muitas ideias na cabeça para os próximos projetos de investigação.

No início dos anos 2000 até 2002, bastante envolvido com o material e os contatos realizados durante o pós-doutorado, e cada vez mais consciente dos efeitos da cultura midiática e dos processos de globalização sobre a religião e a cultura, realizei a pesquisa *Crítica teológica da cultura midiática*. Com efeito, as práticas materiais e simbólicas próprias deste estágio do capitalismo tardio criaram em nível mundial um quadro de acirramento das contradições sociais (crise política e ideológica, polarização econômica, exclusão social), desequilíbrios ambientais e desorientação cultural e religiosa.

Especificamente a *mediação da cultura*, conceito criado por John Thompson (1995), entre outras coisas através do papel preponderante dos grandes conglomerados de comunicação-entretenimento, levou à crise das instituições tradicionais produtoras de sentido (religiões, família, culturas locais) e à constituição de novas instâncias geradoras e difusoras de um sentido funcional ao sistema. Tudo o que já me ocupava desde o livro organizado em 1996, *Sociedade Global: cultura e religião*. Na pesquisa procurei mostrar de que forma a mensagem do Cristianismo tende a ser esvaziada do seu conteúdo formal e ainda, como a linguagem e a herança espiritual podem ser cooptadas e funcionalizadas pela produção simbólica do mundo dos *mass media*, os principais produtores e difusores de uma cultura do mercado. Tal produção simbólica, expressão ampliada da racionalidade instrumental-pragmática do capitalismo, deslegitima a prática solidária e política das comunidades cristãs de base, ao mesmo tempo em que busca tornar religiosa e messianizar a funcionalidade própria dos mecanismos do mercado, nos termos de Assmann e Hinkelammert (1989).

O projeto contou com a participação regular e constante de um fórum de debates com professores da Universidade São Francisco interessados no tema. Nessa época tive o privilégio de ter como colega de trabalho e pesquisador colaborador no IFAN o brilhante teólogo Jung Mo Sung, discípulo de Hugo Assmann e de Franz Hinkelammert. Jung sempre foi pensador das relações entre teologia e economia e a ele a Teologia da Libertação deve contribuições originais, que a cada dia mais ganham em relevância e atualidade. Nos inícios de 2000, Jung e eu estávamos interessados em repensar a teologia da libertação e em atualizar a análise que ela fazia do capitalismo. A partir daí nossos diálogos e trocas nunca mais pararam; atualmente estamos juntos também numa rede internacional de pesquisa sobre o *Capitalismo como Religião*.

O resultado mais imediato da longa pesquisa sobre religião e mídia, além de outras publicações menores, foi um artigo publicado

em 2003 na revista da Unicamp, *Educação & Sociedade* sobre Cultura Midiática e Educação Infantil (Moreira, 2003a). De forma inesperada esse parece ser o texto de minha autoria que mais encontrou ressonância no mundo acadêmico, pelo menos em termos de citações e *downloads*. A partir dessa pesquisa fui me concentrando progressivamente em temas que têm como foco a relação entre o fenômeno religioso, a cultura midiática e os processos de globalização do capitalismo, assumindo muitas vezes o recorte epistemológico explícito das ciências sociais da religião. Um dos temas que facilitaram essa aproximação foram os movimentos sociais que, como as religiões, formam comunidades emocionais (e políticas) em torno da afirmação de um valor ou da defesa de uma reivindicação central.

Ainda em 2001, dediquei-me, a partir do convite de uma universidade franciscana do sul do Brasil e de uma provocação dos frades de Bragança, a pensar uma possível contribuição da espiritualidade franciscana para a educação (Moreira, 2011b). Foi uma excelente oportunidade para aprender com a filosofia da educação, sobretudo para dialogar com a rica e desafiadora reflexão da Teoria Crítica e com a obra de Adorno a respeito dela. Travei contato com o grupo de pesquisa em torno de Bruno Pucci, Gabriel Cohn e de outros pensadores na USP, na Metodista de Piracicaba, na Federal de São Carlos e na Unicamp. Além disso convidei o amigo José Antonio Zamora, um dos melhores especialistas vivos no pensamento de Theodor Adorno e Walter Benjamin, para um seminário de estudos sobre indústria cultural na USF.³ Em 2004, já na PUC em Goiânia, dei continuidade a esse diálogo e organizei junto com os PPGs em Educação e em Ciências da Religião o *Seminário Adorno e a Escola de Frankfurt: Cultura, Educação e Religião*, com a participação de Bruno e José Antonio. Anos depois nossos textos foram publicados em livro pela editora da UCG sob o título *Adorno – Educação e Religião* (Moreira; Pucci; Zamora, 2008).

3 Teoria crítica da Indústria cultural; A volta do sujeito reprimido; sujeito como transcendentalidade no interior da vida real. *Cadernos do IFAN*, Bragança Paulista, n. 26, 2000. Artigos de José A. Zamora, Franz Hinkelammert e Jung Mo Sung.

A VOLTA PARA O CENTRO-OESTE

No ano de 2002 houve uma mudança brusca na minha situação laboral: fui dispensado pela Universidade São Francisco. Pensei ir para a PUC Minas ou para a PUC-RS, mas pesaram os motivos familiares e decidi voltar à Universidade Católica de Goiás, que poucos anos depois tornou-se PUC. Logo no início trabalhei paralelamente por cerca de nove meses na Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa da Universidade Estadual de Goiás, em Anápolis. Minha tarefa ali foi preparar, debater e ajudar a elaborar os documentos básicos e a política de pós-graduação, numa fase de nítida expansão da UEG. Com os estudos e as constantes visitas ao MEC e à Capes em Brasília pude obter uma visão de *insider* na pós-graduação brasileira da época.

No ano seguinte, ao deixar a UEG em maio de 2003, fui chamado de volta pela USF de Bragança, mas aceitei apenas um contrato parcial, para dar continuidade à edição das duas séries de estudos e aos eventos franciscanos. Essa colaboração com a USF, paralela ao trabalho na PUC, durou até 2008 e também trouxe experiências muito positivas. Na PUC, depois de alguns anos como professor no curso de Teologia, em cujo projeto e montagem trabalhei bastante, o curso acabou sendo fechado. O curso de Teologia tinha uma proposta inovadora, que era formar lideranças das comunidades de base e membros de movimentos sociais no espírito e no conteúdo da Teologia da Libertação. A maioria dos alunos provinha dos setores populares, não podia arcar com o alto custo das mensalidades, pagas até então por meio de bolsas oferecidas pela instituição. Como as bolsas cessaram abruptamente, o curso não conseguiu se manter. Restou o Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião como área temática mais próxima e foi para lá que migrei, assumindo a sociologia da religião como minha principal área de pesquisa e docência. Fiz novamente concurso externo e entrei definitivamente para o quadro de professores do PPG em Ciências da Religião. Felizmente nessa época eu já havia revalidado o doutorado em Teologia, feito na Alemanha, em Ciências da Religião no Brasil.

Mesmo tendo dialogado e trabalhado tantas vezes com as ciências sociais, a perspectiva exclusivamente sociológica sobre o fenômeno religioso trouxe para mim novas metodologias e novos desafios, mas também novos horizontes. Mesmo consciente de que nenhuma ciência é totalmente neutra e independente, pois o seu sujeito é um ser humano sempre parcial, finito e situado, assumi comigo o compromisso de, no meu trabalho, manter uma atitude intelectualmente honesta e não misturar perspectivas, métodos e linguagens entre teologia e sociologia. Assumi com seriedade as potencialidades, recortes e limites autoimpostos pela leitura sociológica da religião. Poucos anos antes, Pierucci (1997), que depois eu conheci pessoalmente na ANPOCs em Caxambu, retomando Bourdieu (1990), fazia uma quase cruzada contra as fronteiras borradadas e os interesses religiosos de parte dos sociólogos da religião. Posso dizer, todavia, que para mim a alternância de pertinência teórica trouxe uma experiência produtiva, um amadurecimento, e me proporcionou muito mais sobriedade ao analisar as diversas formas de manifestação religiosa. Além disso, mantive ainda contato, publicações e projetos no campo da teologia fundamental crítica.

Minha atuação no Programa, filiado à linha sociológica de pesquisa Religião, Movimentos Sociais e Instituições Religiosas, foi marcada por temáticas que me propus a investigar e por outras que precisei assumir devido às necessidades do Programa. Desde o começo e por algum tempo, me preocupei em estudar o campo religioso e propor às vezes mudanças conceituais ou chamar a atenção para novas questões no campo da sociologia da religião (Moreira, 2005; 2008; Moreira; Lemos; Quadros, 2014). Nos primeiros anos não havia praticamente demanda por estudos de mídia, mas um tema urgente se impunha e não havia na equipe um pesquisador que dele se ocupasse: o pentecostalismo. Como em Bragança eu já iniciara estudos sobre as igrejas pentecostais, utilizando ainda uma nomenclatura que depois se mostrou inadequada, o pentecostalismo “autônomo” (Moreira, 1996a), e como já havia publicado a pesquisa de Alexandre B. Fonseca (2003), *Os Evangélicos e a Mídia no Brasil*, pelo IFAN, assumi

a tarefa e a disciplina Sociologia do Pentecostalismo com bastante animação. Além disso me foram designadas disciplinas de mestrado sobre questões bastante familiares e atuais: Religião e Globalização e Religião e Movimentos Sociais. Aprofundei minha compreensão sobre esses temas, e os transformei em projetos de pesquisa.

MEUS PRINCIPAIS PROJETOS DE PESQUISA NO PPGCR

2003- 2005 CULTURA MIDIÁTICA E RELIGIÃO

Iniciei em 2003, com duração até 2005, o projeto de pesquisa Crítica da Cultura Midiática, dando sequência àquele que já havia iniciado poucos anos antes sob a perspectiva teológica. Agora o foco da análise era a ocupação da dimensão religiosa e a funcionalização do simbolismo religioso operada pelo capitalismo, especialmente por meio do que denominei de sistema midiático-cultural. Esse sistema midiático-cultural elabora e difunde visões de mundo, sentidos e explicações para a vida e a prática das pessoas, torna-se uma instância pedagógica informal (Moreira, 2003b) e, por isso, passa a influenciar sempre mais seu cotidiano, sua linguagem e suas crenças:

O sistema midiático tornou-se nas sociedades modernas talvez o principal fator gerador e difusor de símbolos e sentidos. Símbolos e sentidos estes que geram tanto sentimentos de identificação e de pertencimento como de anomia e exclusão [...]. Ao influenciar o processo de construção das identidades, ao estimular determinadas lealdades e pertencimentos e ao favorecer determinada visão de mundo, o complexo midiático-cultural tornou-se talvez, o principal agente no processo cultural. Essa é uma mudança significativa (Moreira, 2003b, p. 1211).

Se acrescentarmos ao quadro descrito a revolução cultural e comunicacional provocada pelos *social media* (as chamadas redes virtuais) e pelas plataformas de *streaming* de música, som e imagem, não há como negar a premente atualidade e pertinência teórica desses estudos até hoje. Os estudos que realizei no início dos anos 2000 sobre mídia, cultura e religião irão se perfilando sempre mais com os estudos sobre o capitalismo, o que irá conduzir aos meus projetos de pesquisa e publicações mais recentes.

2006 – 2010 ESTUDANDO O PENTECOSTALISMO BRASILEIRO

Posso seguramente afirmar que os estudos e pesquisas sobre o pentecostalismo e o carismatismo compuseram um dos meus principais campos de trabalho investigativo nos últimos vinte anos. Em 2006 iniciei o projeto de pesquisa “Pentecostais nos movimentos sociais”, com duração de quatro anos, no qual me ocupei também da acelerada internacionalização das igrejas (neo)pentecostais brasileiras (Moreira, 2010b; Da Silva Moreira, 2014a). A grande expansão das igrejas pentecostais e neopentecostais, bem como a sua enorme diversificação interna desde os anos 80, marcou uma mudança duradoura e relevante no campo religioso brasileiro (Moreira, 2006b; Moreira; Mariano, 2012). Organizei diversos seminários e encontros científicos sobre o pentecostalismo⁴ juntamente com a equipe do Núcleo de Estudos Avançados Religião e Globalização. Os mais importantes foram duas edições dos Colóquios Internacionais do NEARG dedicados às igrejas pentecostais. Além disso, tive o prazer de coordenar junto com o colega e amigo italiano, Pino Luccà Trombetta, sociólogo da religião na prestigiosa Universidade de Bolonha, uma pesquisa internacional sobre a globalização do movimento pentecostal. O livro resultante da pesquisa, uma obra de fôlego reunindo especialistas

4

1º. Colóquio Internacional do NEARG “A Globalização do Pentecostalismo”, realizado em novembro de 2013 na PUC Goiás.

de todos os continentes, marcou época e foi considerado um dos melhores da área em 2014 (Moreira; Trombetta, 2015).

Por outro lado, a participação dos evangélicos em alianças políticas e pragmáticas com a esquerda nos primeiros governos Lula pareciam atestar uma possível mudança de orientação política. Ou pelo menos uma diferenciação interna no campo pentecostal: estaria surgindo um pentecostalismo engajado em causas sociais ao lado do pentecostalismo conservador de classe média? Essas eram expectativas razoáveis devido ao caráter popular e não-conformista próprios do movimento pentecostal. No entanto aconteceram também processos de diversificação e fortes mudanças no campo pentecostal que o levaram em boa parte a uma proximidade com a direita e o autoritarismo bolsonarista (Moreira, 2018b; Da Silva Moreira, 2019). Todos esses temas e mudanças me exigiram bastante estudo e reflexão e provocaram a elaboração e publicação de diversos artigos e materiais sobre o pentecostalismo ao longo dos anos e até o presente (Moreira, 2014b; Moreira *et al.*, 2021).

Além disso, todas essas questões foram tratadas e discutidas também com os alunos em sala de aula e sobretudo com os orientandos. Logo que me dediquei ao estudo das igrejas pentecostais, esse diálogo e aprendizado se tornou ainda mais rico, pois se multiplicaram as dissertações e teses dos meus orientandos e orientandas sobre diversos aspectos do pentecostalismo e sobre diferentes igrejas pentecostais. Com eles aprendi muitíssimo sobre esse fenômeno que é o mais dinâmico e socialmente impactante do campo religioso brasileiro. Assim, em 2005 orientei a dissertação de Flávia Valéria Braga Neto sobre *A atuação das igrejas pentecostais na Agência Prisional de Goiânia*; Em 2006 a dissertação de Pedro Antonio Chagas Cáceres sobre *As representações do diabo no imaginário dos fiéis da Igreja Universal do Reino de Deus*; e, no mesmo ano, a dissertação de Maria Lúcia Pereira de Oliveira sobre *Aspectos psicossociais da conversão religiosa*, um estudo de caso na Igreja Universal do Reino de Deus. No período entre 2009 e 2011 acompanhei de perto a pesquisa de

mestrado de Moab César da Costa sobre a *Mudança no Ethos do pentecostalismo clássico para o neopentecostalismo*, um estudo de caso: a AD em Imperatriz-MA. em 2012 Paulo Rogério Rodrigues Passos terminou sua pesquisa de doutorado sobre a *Igreja Pentecostal Fonte da Vida: a restauração da individualidade como estratégia de empoderamento e conversão da classe média brasileira*, que nos rendeu um belo artigo em conjunto (Passos; Moreira, 2010). Em 2014 veio a pesquisa de mestrado de Guilherme Burjack de Carvalho sobre a *Igreja Videira — O modelo da expansão em células*. Em 2016 a dissertação de Elton Lourenço Calhao de Jesus acerca do *Trânsito religioso: um estudo de caso em uma igreja pentecostal de Goiânia*. No mesmo ano a dissertação de Lindiógenes Ferreira Lopes sobre *Igrejas pentecostais e política no Estado de Goiás (1980-2010)*; em 2017 a tese de doutorado de Eumar Evangelista de Menezes Júnior sobre o *Mercado Neopentecostal de Bens de Salvação e o Papel Regulador do Estado*; em 2018 a pesquisa de mestrado de Hildo Aniceto Pereira sobre *A diversificação do pentecostalismo brasileiro nos últimos trinta anos*; também a dissertação de Rogeh Alves Bueno sobre *A empresarialização como processo de institucionalização religiosa na contemporaneidade*; e, ainda no mesmo ano, a tese de doutoramento de Pedro Fernando Sahium sobre a inovadora *Church in connection: igreja, show midiático e juventude*, uma igreja “parede-preta” de Anápolis que se encontra em expansão. Em 2020, veio a tese de doutorado de Eumar Evangelista de Menezes Júnior sobre *Religião e Política: a Frente Parlamentar Evangélica no Legislativo Brasileiro e as eleições de 2018*. No mesmo ano, José Maria da Frota defendeu sua tese de doutorado sobre *A Igreja Assembleia de Deus e a política em Rondônia*.

Até hoje continuo estudando, publicando e admirando o dinamismo do pentecostalismo, na secreta esperança de que ele também desperte os elementos proféticos e emancipatórios que traz em si, e que podem levá-lo para muito além do papel feio e estreito para o qual a extrema-direita e um determinado fundamentalismo evangélico o têm conduzido nos últimos anos.

2008-2011 O DESLOCAMENTO DO RELIGIOSO NA CULTURA CONTEMPORÂNEA

Em 2008, intrigado com a “invasão” e a ressemantização de elementos religiosos, tanto do pentecostalismo como do catolicismo, por parte do mercado, da mídia e da publicidade (que eu já havia estudado nos projetos anteriores sobre a cultura midiática em Moreira, 2008a) apresentei o projeto de pesquisa “O Deslocamento do Religioso na Sociedade Contemporânea — *The Changing Place of Religion*”, ao CNPq. Era a segunda vez que disputava o edital da bolsa de produtividade em pesquisa do CNPq e fui novamente contemplado. O objetivo principal da pesquisa foi assim resumido: “estudar e analisar o deslocamento da experiência religiosa na sociedade contemporânea; entender a dinâmica crescentemente individualizada e subjetivada da experiência religiosa em relação à tese da secularização compulsória”. O projeto se deveu a uma necessidade de entender a natureza cambiante e adaptativa das formas religiosas às diferentes configurações sociais. Religião como produto humano e cultural não é uma essência imutável e ahistórica, mas um sistema simbólico capaz de continuamente reconfigurar-se e readaptar-se (como a linguagem) ou, por outro lado, e aqui estava a questão central para a pesquisa, as religiões podem também ter seus conteúdos, rituais, doutrinas, símbolos e linguagens reapropriadas, desapropriadas e funcionalizadas por parte de outros sistemas sociais, como por exemplo pela indústria da mídia, pelo cinema, o mundo do esporte e pelo próprio mercado. O conceito do religioso precisava, portanto, ser repensado, reproposto, re-situado nas novas constelações sociais da modernidade capitalista tardia. Religião também está onde não leva esse nome. A espiritualidade é vivida, buscada, prometida ou mercantilizada muito além das paredes dos templos religiosos. Acerca desse deslocamento escrevi um artigo que foi bastante usado como texto base em disciplinas introdutórias aos estudos de religião pelo Brasil afora (Moreira, 2008b).

O projeto de pesquisa estendeu-se formalmente de janeiro de 2008 a dezembro de 2009, com uma prorrogação aprovada pelo CNPq até 31 de julho de 2010, já marcando entrada no nascente Núcleo de Estudos Avançados em Religião e Globalização. Seus objetivos foram alcançados de forma muito satisfatória, ainda que a questão em si do deslocamento do religioso permaneça aberta e desafiadora.

2009 EM DIANTE - UM NÚCLEO DE ESTUDOS AVANÇADOS EM RELIGIÃO E GLOBALIZAÇÃO

A criação de um *Núcleo de Estudos Avançados em Religião e Globalização*, o NEARG, foi uma iniciativa inovadora que movimentou e animou o PPGCR da PUC Goiás e marcou a superação de uma etapa anterior difícil para o PPGCR. Elaborei a proposta de sua criação no bojo de um projeto de pesquisa completo, apresentado ela a um edital específico do CNPQ em conjunto com a PAPEG. O Núcleo foi apoiado nos seus primeiros cinco anos por recursos do Pronex Fapeg-Cnpq, um programa de dotação de núcleos de excelência nas universidades. A proposta inicial do projeto de pesquisa que estruturou o NEARG foi estudar, mapear e analisar três tipos de fenômeno religioso regional em relação aos fluxos do processo de globalização. A saber: a presença nos seus novos contextos globais de expansão das a) igrejas e movimentos religiosos de base local e regional, como igrejas (neo)pentecostais oriundas de Goiânia e região; b) das religiosidades não-convencionais, como o Vale do Amanhecer e João de Deus em Abadiânia; e c) da teologia da libertação com fortes raízes regionais que também se encontrava em processo de internacionalização (Moreira, 2014a). O Centro-Oeste, que antes era considerado terra de missão, tornou-se nos últimos anos, um exportador de igrejas e movimentos religiosos, que no bojo do processo de globalização, se expandem e interagem internacionalmente. Um segundo objetivo do NEARG foi e continua sendo estudar

a implantação no Centro-Oeste e no Brasil de propostas religiosas vindas de contextos estrangeiros, seu impacto sobre a religiosidade e a cultura do Centro-Oeste, sua interface com as transformações econômicas, políticas e culturais.

O Núcleo nos seus inícios congregou e articulou pesquisadores das universidades participantes (PUC-GO, UnB e UEG) e de outras instituições, e tem interagido continuamente com centros e projetos de pesquisa nacionais e internacionais. A ele se agregaram dezenas de projetos de pesquisa de mestrado e doutorado nesses últimos quinze anos. Outros colegas do PPGCR estiveram atuando comigo desde o início do projeto, como Carolina T. Lemos e Eduardo Gusmão e, de fora da PUC, como Deis Elucy Siqueira da UnB e Haroldo Reimer da UEG.

Além de propiciar a aquisição de equipamentos de pesquisa, computadores e impressora para o Núcleo e *notebooks* para os pesquisadores, o projeto financiou pesquisa, viagens, eventos e publicações. Aqui só posso mencionar algumas realizações que o NEARG pode propiciar:

- Parceria entre o PPGCR e o Depto. de Sociologia da Universidade de Bolonha com o prof. Pino Luccà Trombetta, que mais tarde vai gerar o projeto de pesquisa internacional sobre a globalização do pentecostalismo (Moreira; Trombetta, 2015);
- Participação no congresso da Rede Europeia de Pesquisa sobre Pentecostalismo e Movimentos Carismáticos, GLOPENT, em janeiro de 2010 na Universidade Livre de Amsterdam. Levei comigo dois orientandos, Paulo Passos (doutorado) e Moab César (mestrado) e todos apresentamos nossas pesquisas, com uma excelente interação com pesquisadores do mundo inteiro;

- Participação regular dos pesquisadores do NEARG Alberto, Carolina e Eduardo nos congressos da Associação Latino-Americana de Estudos da Religião, as Jornadas Sobre Alternativas Religiosas em América Latina, em diferentes lugares do continente;
- Participação minha em nome do NEARG nos encontros anuais da ANPOCS e nos congressos da ANPTECRE, na *Summer School on Religions*, em Siena, Itália, e em tantos outros fóruns de debate;
- Organização regular de colóquios internacionais de alto nível, reunindo pesquisadores brasileiros e estrangeiros, agregando os pesquisadores do NEARG e alunos e professores do PPG em torno de temas relevantes: o primeiro em 2010 sobre o Capitalismo como Religião, o segundo em 2013 sobre Pentecostalismo e Globalização; o terceiro em 2019 sobre A Religião na Política; o quarto em 2023 sobre Religião e Fascismo; e o quinto em 2024 sobre Religião e Autoritarismo;
- Participação nos congressos bianuais da Associação Internacional de Sociologia da Religião (ISSR) em Aix-en-Provence, em Lausanne, em Barcelona, onde além de apresentar pesquisa sobre a globalização e pentecostalismo, estetização da religião e outros temas, aproveitei para fechar parcerias e combinar projetos de pesquisa internacionais, como a do Pentecostalismo Globalizado (com Pino Luccà, da Uni Bologna, Enzo Pace, da Uni Padova, e Ari Oro, da UFRGS);
- Organização, a partir dos projetos e intercâmbios internacionais do NEARG de um Centro de Estudos Brasil Oriente Médio no PPGCR, o CEBOM;
- Colaboração na realização dos Congressos Internacionais em Ciências da Religião na PUC Goiás, que atualmente já somam onze edições;

- **Agregação** ao longo dos anos de diversos professores estrangeiros como Michael Ramming, Enzo Pace, Giuseppe Lucà Trombetta, Elisabeth Mareels, José Antonio Zamora e Daniel Gutiérrez Martínez às atividades do NEARG e do PPGCR;
- Realização de estágios de pesquisadores estrangeiros no NEARG, como o semestre do pesquisador visitante Michael Ramming sobre Religião e Movimentos Sociais em 2011, o curso intensivo sobre Religião e Laicidade, proferido pelo professor Daniel Gutiérrez Martínez, do Colégio Mexiquense, ou os cursos intensivos de Enzo Pace sobre Sociologia do Islam em 2013 e sobre Sociologia da Igreja Católica em 2014.

O Núcleo de Estudos Avançados em Religião e Globalização ainda tem muito a produzir e a oferecer aos novos pesquisadores do PPGCR, pois a temática de que se ocupa só fez aumentar em relevância e impacto na vida das pessoas.

OS CRISTIANISMOS DE LIBERTAÇÃO

Talvez mais do que um projeto de pesquisa este seja um eixo temático ao qual mais tempo e atenção dediquei, seja na minha vida de pesquisador e cientista social, seja como militante político e teólogo ancorado numa corrente de pensamento particular, a teologia da libertação (Moreira, 2006b). As atividades, projetos e publicações sobre esse tema anteriores à volta para Goiânia em 2002 já foram referidas. Como professor no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião ocupei-me de forma sistemática com a teologia da libertação sobretudo no NEARG, a partir de 2010, pois essa experiência eclesial-política constituía uma das linhas básicas do projeto de investigação. Escrevi em diferentes momentos e até o presente muitos artigos e capítulos de livro a respeito, às vezes tratando de aspectos da Igreja Católica (Sofiat; Moreira, 2018a; 2018b) ou da recepção do Concílio Vaticano II (Moreira, 2007; 2010a; 2012a; 2012b;

2013; 2017b) ou da espiritualidade da libertação (Moreira, 2011a), das contribuições da teologia da libertação para os movimentos sociais e a democratização (Moreira, 2012b; 2016) ou dos novos desafios que se lhe apresentam (Moreira, 2019).

Quando me dei conta, ao pesquisar a religião e os processos de globalização, de que também a teologia da libertação havia não apenas nascido internacional e ecumênica, mas que ela havia espalhado globalmente seus anseios, suas plataformas de luta, suas figuras-símbolo, decidi refletir sistematicamente sobre o assunto (Moreira, 2014a). A teologia da libertação, que hoje precisamos mencionar no plural, havia já nos inícios dos anos 1990 criado um imaginário internacional a seu respeito. Esse imaginário foi puxado inicialmente pela teologia latino-americana “clássica” da libertação, que lutava contra a opressão dos pobres e a violência das ditaduras militares, mas também por uma série de experiências emancipatórias locais e modalidades nacionais de lutas religiosamente motivadas contra todo tipo de opressão, como a *black theology*, a teologia feminista, a teologia eco-feminista, a teologia *queer*, a teologia Ming Jung da Coreia, a teologia anti-Apartheid da África do Sul, a teologia Dhalit da Índia e o *sumak kawsay* dos povos andinos. Todos esses motivos, pessoas, figuras-símbolo (como Martin Luther King, D. Hélder Câmara e Pedro Casaldáliga, Judith Butler, Malcolm X, Mandela e bispo Desmond Tutu), esses relatos, poemas, canções e símbolos de libertação, como a bandeira do MST, fazem parte de um repertório marcante, de um “imaginário da libertação”, que nos nossos dias pode ser acessado por qualquer pessoa do globo pela Internet, filmes, livros e materiais impressos. Todas essas modalidades de experiência religiosa, que Michel Löwy bem denominou Cristianismos de Libertação, mas que foram sincretizadas também por sistemas religiosos não cristãos e até mesmo por religiosidades laicas, representam um desafio teórico aos pesquisadores da religião.

RELIGIÃO E CAPITALISMO

Também este tema, mais do que objeto de um projeto ocasional de pesquisa, constitui um eixo temático em torno do qual giraram diversos projetos singulares e que continua enucleando investigações científicas e inquietações existenciais. Do ponto de vista estritamente do cientista da religião, o capitalismo deve ser entendido como idolatria, pois se tornou na sua versão neoliberal o único absoluto que rege a vida das sociedades humanas sobre o globo; do ponto de vista do ser humano envolvido na pesquisa, o capitalismo deve ser denunciado como inimigo da humanidade, pela destruição em larga escala que tem causado aos milhões de seres humanos e ao planeta, nossa Casa Comum; ele, portanto, precisa ser superado. Tal é o transfundo último e a motivação dos três projetos individuais que detalho a seguir e que realizei nos últimos anos.

2014-2016 A ESTETIZAÇÃO E ESPETACULARIZAÇÃO DO RELIGIOSO NA CULTURA CONTEMPORÂNEA

Esse projeto de pesquisa constituiu um amadurecimento e um perfilhamento da minha trajetória de pesquisa. Ele é resultado das pesquisas anteriores sobre o deslocamento do religioso na sociedade contemporânea (Moreira, 2008a) e sobre a estetização da religião (Da Silva Moreira, 2019). Com ele investiguei em que medida as religiões (especialmente o pentecostalismo) estão sendo transformadas “por dentro” e “por fora” pela estetização da cultura, e em que direção elas estão mudando, adaptando-se ou resistindo ao seu deslocamento e à apropriação estetizadora por parte das instâncias do mercado (Moreira, 2021). Em conjunto com os orientandos, sobretudo Pedro Sahium (doutorado) que realizou um estudo de caso sobre a *Church in Connection* de Anápolis, analisei como acontece

esse processo nos cultos e no cotidiano de uma igreja pentecostal concreta, na qual o processo de transformação da religião em espetáculo parece excepcionalmente avançado (Moreira, 2014a; 2015; 2018a). O projeto concretiza também minha contribuição ao Grupo de Pesquisa *Capitalismo como Religião*, um GT que reúne pesquisadores de várias universidades brasileiras e do qual fui coordenador.

2017-2019 CAPITALISMO E RELIGIÃO: A ESTETIZAÇÃO DO RELIGIOSO NA CULTURA CONTEMPORÂNEA

Entre as mudanças atuais que impactam a cultura e a religião a estetização é talvez a mais relevante. Estetização não significa apenas embelezamento ou cosmética para tornar cultos, rituais e experiências religiosas mais palatáveis ao gosto do público. Estetização tem a ver com a modelagem espetacular (sensacional) do real, com a inflação planejada dos elementos sensoriais da experiência religiosa para que causem prazer, satisfação e fidelização. Tal processo, que fundamentalmente é movido pela dinâmica do mercado, impacta diretamente as formas de atuação da religião no espaço público, suas doutrinas, sua autoimagem e sua estrutura organizacional. A estetização incide também sobre as bases subjetivas da própria experiência religiosa do fiel, que fica cada vez mais dependente de experiências “sensacionais” e com alta carga de emoção para comprovar ou “validar” as suas experiências do sagrado (Moreira, 2020; 2021). Esse projeto deu sequência ao anterior e incluiu uma interessante contribuição do bolsista de Iniciação Científica, Lucas Finotti, que analisou a estética de diversos templos neopentecostais em Goiânia.

2020-2022 — A RELIGIÃO DO ESPETÁCULO: CAPITALISMO E ESTETIZAÇÃO DO RELIGIOSO NA CULTURA CONTEMPORÂNEA

O moderno processo de estetização da cultura como consequente desdobramento da expansão da racionalidade de mercado na vida subjetiva e na esfera libidinal dos sujeitos tem profundo impacto no campo religioso. O projeto investigou as mudanças que acontecem na religião (especialmente em quatro igrejas pentecostais cristãs) sob o impacto da cultura capitalista da busca de emoções sensacionais (Moreira, 2020); por outro lado, pretende mostrar como a própria religião interage com a inflação da estética e seus mecanismos impulsionados pelo mercado, a partir da observação e análise de quatro casos concretos de igrejas (neo)pentecostais profundamente estetizadas (*Church in Connection, Church by the Glades, Igreja Casa e Igreja Onda Dura*), desenvolvi critérios para entender e estruturar o processo de espetacularização das igrejas; por fim, tento responder à questão do que é a religião espetacular e que consequências e desenvolvimentos posteriores pode-se projetar no futuro para o campo religioso a partir dessa tendência.

2022 - 2025 — RELIGIÃO E AUTORITARISMO NA SOCIEDADE BRASILEIRA

O projeto de pesquisa atualmente em curso foi motivado pelo aumento do autoritarismo e das tendências filo-fascistas no cenário político tanto na sociedade brasileira como globalmente. A principal hipótese que norteia esse projeto de pesquisa é a existência de um nexos entre o autoritarismo brasileiro e as formas religiosas vividas no passado e recicladas no presente por agentes religiosos e políticos num contexto de elevada tensão social. Que tipo de religião favorece o autoritarismo e é beneficiada pelos grupos autoritários?

Têm formas religiosas específicas, como algumas igrejas neopentecostais, afinidades estruturais com o autoritarismo ou se trata apenas de alianças ocasionais e pragmáticas? Tais são algumas questões para as quais o projeto busca respostas.

EVENTOS CIENTÍFICOS MUITO SIGNIFICATIVOS DE QUE PARTICIPEI

Faz parte da trajetória de qualquer estudioso e pesquisador organizar e participar de seminários, oficinas, simpósios e congressos. Desde cedo tomei gosto por organizar tais eventos, seja como forma de compartilhar conhecimentos e enriquecer o debate, ou também como uma maneira de reunir pessoas competentes e afeiçoadas às mesmas causas e às mesmas inquietações intelectuais-existenciais. Planejei, organizei e participei de uma quantidade enorme de seminários e congressos, sempre, é claro, com a colaboração de colegas, orientandos, alunos e bolsistas de IC. Porém, houve alguns em cuja organização estive pessoalmente mais envolvido ou com cuja temática estive mais identificado, e esses foram os que me marcaram de forma especial. Tomo a liberdade de lembrar apenas os que considero muito significativos.

Cristologia no horizonte da globalização

Em maio de 2003 fui convidado pela equipe do Instituto de Teologia e Política de Münster a participar de um seminário internacional sob o título *O Messias crucificado e a expectativa da terra da liberdade: Cristologia no contexto da Globalização*. Tratava-se de refletir o futuro dos cristianismos “libertadores” e suas concepções cristológicas revolucionárias num horizonte agora marcado pelo *no future* e pelo *there is no alternative* dos neoliberais e pelo fim da história de Fukuyama. Éramos 13 expositores e outros tantos participantes, latino-americanos e europeus, em torno de Franz Hinkelammert.

Um grupo reduzido, coeso, mas muito plural e diferenciado. Por alguns dias expomos e debatemos intensivamente as possibilidades emancipatórias dos Cristianismos de libertação, suas limitações de classe, de gênero, de cultura e de linguagem diante de um inimigo que, nas palavras de Benjamin, “nunca cessou de vencer”. Ou seja, de como não se deixar abater em tempos de hegemonia neoliberal; tão hegemônica que até mesmo as esperanças de renovação pareciam ter sido sequestradas no seu novo politicamente correto. Como viver e praticar uma Cristologia em perspectiva messiânica nos quadros da ocupação mercantilista das expectativas de futuro possível? O que significa em tal horizonte falar ainda em soteriologia? Certamente não mais de uma salvação imaginária das almas daquela decadência herdada de uma queda mítica, mas sem dúvida como práxis de resistência e libertação de todas as estruturas de sujeição e de todas as relações de dominação, essas sim, pecaminosas e negadoras da humanidade radical do Messias crucificado. Ao final desse encontro, muito mais do que por seu caráter acadêmico ou pelo valor filosófico dos textos e contribuições produzidas (Moreira, 2004), ficou em mim a experiência marcante de participar não daquele tipo de evento científico onde tantas vezes se digladiam os egos inflamados, mas pelo menos uma vez na vida de uma comunidade intensamente coesa e crítico-pensante, politicamente comprometida e existencialmente solidária.

Os quarenta anos do Concílio

No final de outubro de 2005, por ocasião dos quarenta anos do Concílio Vaticano II, ainda dentro das minhas atividades na Universidade São Francisco, realizamos na cidade de São Paulo, em cooperação com o Programa de Teologia e Ciências da Religião da PUC-SP (Afonso Liguório), com o Institut für Theologie und Politik de Münster (Michael Ramminger) e com a Comissão Pastoral da Terra (Antonio Canuto) o *Simpósio Internacional 40 Anos do Concílio*

Vaticano II.⁵ Tratou-se de um evento acadêmico memorável, de grandes proporções e de forte repercussão, que reuniu público numeroso e foi coberto pelos principais meios de comunicação. No decorrer do congresso a PUC-SP entregou ao cardeal Paulo Evaristo Arns o título de *Doutor Honoris Causa*. Com apoio das fundações alemãs Adveniat e Central Missionária Franciscana conseguimos reunir intelectuais estrangeiros e brasileiros de peso (François Houtart, José Maria Vigil, Riolando Azzi, José Comblin, Paulo Suess, Michael Ramminger, Maria Cecília Domezi, Edênio Valle, Edin S. Abumansur, Afonso M. Ligório e Marcelo Barros). Reuni os textos, inclusive uma contribuição própria, e publiquei um dossiê na *Revista Eclesiástica Brasileira* (REB, 2006). Logo em seguida, todos os textos foram traduzidos e publicados em livro pela Edition Kompass-ITP na Alemanha sob o título "*A primavera interrompida: o projeto do Vaticano II num impasse*" (Moreira; Ramminger; Soares, 2006a). José-Maria Vigil e Servicios Koinonía publicaram o mesmo livro em formato digital em espanhol e em português e ele se encontra disponível *online* até hoje (Moreira; Ramminger; Soares, 2006b).

O colóquio internacional O Capitalismo como Religião

Em junho de 2010, numa iniciativa do NEARG em parceria com o Curso de História da UEG, Campus Cora Coralina, Eduardo Quadros e eu realizamos na cidade de Goiás um Colóquio Internacional *O Capitalismo como Religião — Deslocamentos do religioso na sociedade contemporânea*. Cerca de dez pesquisadores das mais diversas proveniências geográficas (goianos, gaúcho, baiano, argentino, alemão e espanhol) e teóricas (economistas, filósofos, teólogos e historiadores), nos reunimos com um público mais amplo para analisar e debater as pretensões totalizantes e totalitárias do capitalismo contemporâneo, questionando, como escrevi na

5 Na verdade, o congresso tinha sido planejado para ser realizado na PUC em Goiânia, mas a autoridade eclesial local boicotou os nomes de José Comblin e de Ivone Gebara, censura essa que não pude aceitar e que motivou a mudança de todo o evento para São Paulo.

Apresentação, se “por sua onipresença e aceitação global, se pela fusão dos horizontes da economia com as expectativas de felicidade e realização humana, se pela empatia da esfera libidinal e do desejo com o mundo das mercadorias, pelas experiências de (falsa) transcendência que o consumo promete, se por tudo isso não deveria o capitalismo ser mais propriamente pensado e analisado como uma religião” (Moreira, 2012a, p. 8). Como aliás, muitos anos antes, em 1921, Walter Benjamin já o havia percebido, e como Hugo Assmann e Franz Hinkelammert o haviam pensado na teologia da libertação. Foi uma abertura de caminhos. Em poucos meses e nos anos em seguida, muitos pesquisadores se dedicaram a essa questão, sendo o mais notável deles o brasileiro-francês Michel Löwy, que também publicou um livro com o mesmo título. Esse encontro intensivo reuniu a maior parte dos participantes, que anos mais tarde iriam formar uma rede internacional de pesquisa sobre capitalismo e religião, que se reúne, discute e publica em conjunto até hoje.

O colóquio internacional Religião e Fascismo

Esse evento me marcou tanto por sua aguda relevância social e acadêmica, como pelas circunstâncias emocionais em que se deu sua realização. Em maio de 2023, devido ao crescimento de grupos autoritários e filo-fascistas na sociedade e na política brasileira, sobretudo em setores das igrejas evangélicas e pentecostais que se tornaram um setor importante de apoio ao bolsonarismo nas eleições de 2022, o NEARG tomou a iniciativa de organizar um colóquio internacional para refletir e analisar as relações entre as igrejas e o fascismo. Afinal, Goiás e o Centro-Oeste são regiões onde propostas e políticos autoritários encontram simpatia e muitos seguidores. Como não poderia deixar de ser, devido ao desconhecimento do público brasileiro das experiências históricas que marcaram o surgimento do fascismo na Itália de Mussolini e na Alemanha de Hitler, convidamos um estudioso alemão e outro italiano para tratar do surgimento do fascismo, além de contar com

diversos outros especialistas brasileiros de reconhecida competência no estudo do tema. Todavia, de forma inesperada, políticos bolsonaristas de extrema direita da assembleia legislativa e da câmara municipal de Goiânia logo identificaram placativamente nosso evento acadêmico-científico como sendo um ato político de provocação, um absurdo a ser evitado de todas as formas, com veementes ataques à Pontifícia Universidade Católica. Foram à televisão, aos jornais e ao rádio e no final um deles veio ostensivamente participar do colóquio. Como em anos recentes a PUC Goiás já havia passado por interrupção de eventos e conferências devido à intromissão violenta por parte de militantes de extrema-direita, eu e toda a equipe organizadora ficamos muito apreensivos. Não sabíamos se devíamos restringir o acesso das pessoas, controlar o *chat* da Internet ou se devíamos contatar preventivamente a polícia ou a empresa que faz a segurança dos prédios. Houve tensão justamente na abertura e na última sessão. Mas decidimos mesmo assim seguir com os trabalhos na forma como tudo havia sido planejado. Afinal tivemos uma alta quota de participação presencial e de visualizações no canal do YouTube e o colóquio foi coroado de muito sucesso. O *e-book* do evento deverá estar disponível nos próximos meses.

ESTÁGIOS, VIAGENS E EXPERIÊNCIAS MARCANTES DE APRENDIZADO

ESTUDANDO A RELIGIÃO NO CINEMA

Em 2007 e no ano seguinte tive o prazer enorme de ministrar uma disciplina denominada *Cinema e Religião* num curso de especialização sobre Cinema e Educação, organizado pelo Centro

Cultural Cara Vídeo e pelo Instituto de Teologia e Filosofia de Goiás – IFITEG. Essa atividade, que se repetiu no ano seguinte, me colocou em contato com o mundo dos cineastas e amantes do cinema em Goiás. Aprendi muito com os participantes, sobretudo com aqueles que dispunham de vastos conhecimentos técnicos, da filmografia dos cineastas ou dos contextos em torno da realização dos filmes. Tive a possibilidade de fazer uma entrada muito proveitosa pelos estudos do cinema, numa forma bem diferente daquilo que já havia trabalhado anteriormente sobre mídia e religião. Assistimos juntos e debatemos de forma engajada as obras primas de Kurosawa, Ridley Scott, o Bergman dos *Sete Selos*, o *Matrix* das irmãs Wachowski, o *Auto da Compadecida* de Ariano Suassuna, *A última tentação de Cristo* de Scorsese, *o Batismo de Sangue* de Helvécio Rattton e outros filmes geniais, que se vistos e refletidos com atenção proporcionam além do conhecimento, uma experiência verdadeiramente artística e sensorial dos mistérios da vida e da morte, da religião e da fé. Tudo isso com direito a pipoca.

COORDENADOR DO PPG – 2005

Em dezembro de 2005, fui nomeado Coordenador do Programa, juntamente com a profa. Carolina Teles Lemos como Vice, a partir de lista tríplice apresentada pelo Colegiado ao Reitor da UCG. Inicialmente a portaria de nomeação tinha um caráter provisório, mas no final acabei ficando no cargo por três anos, até 2008. Foi um tempo difícil do ponto de vista da sobrevivência institucional do PPGCR: poucos candidatos, custos altos e risco de insolvência. A instabilidade institucional e a indefinição com respeito à sobrevivência do Programa chegaram a um ponto crítico em dezembro de 2006, quando em documento endereçado ao Reitor da PUC, o Colegiado, numa prova inequívoca de boa-vontade, assumiu, entre diversas outras sugestões corajosas, a proposta de realizar de graça, por um ano, as horas de orientação e diminuir a remuneração das

horas-atividade da Coordenação. Mesmo com tantas preocupações conseguimos algumas realizações e conquistas importantes: a implantação do Doutorado, reconhecido pela CAPES no final de 2006, com nota 4; a mudança em meados de 2006 das salas e instalações do Programa do prédio do IFITEG, na 9ª Avenida, para o antigo prédio do Básico, na Praça Universitária; e a consolidação da revista do Programa, *Caminhos*, que foi avaliada no *Qualis* da CAPES naquele ano como “Nacional B”.

Fiquei feliz por dar uma contribuição ao Programa de Ciências da Religião numa quadra histórica complicada, na qual quase ninguém se dispunha a assumir essa tarefa. Mais feliz ainda fiquei, por outro lado, quando pude passar adiante a tarefa da gerência institucional a outro colega.

O (SEGUNDO) PÓS-DOCTORADO NA UNIVERSIDADE DE PÁDUA EM 2016

Dando seguimento à pesquisa sobre a estetização social e à estetização da religião, realizei de agosto de 2016 a janeiro de 2017 um estágio de pós-doutorado sênior na Università Degli Studi di Padova, Itália, com a qual a PUC mantém acordo de intercâmbio. O projeto de pesquisa, *Religião e capitalismo: a estetização do religioso na sociedade contemporânea*, financiado pelo CNPq, foi realizado sob a supervisão do conhecido sociólogo da religião, o professor Vincenzo Pace, com quem eu e o nosso PPG já mantivemos parceria acadêmico-científica de muitos anos. O estágio feito no FISPPA, Departamento de Filosofia, Sociologia, Pedagogia e Psicologia Aplicada foi de grande proveito e aprendizado. Além dos diálogos e da interação com Enzo Pace entrei em contato com outros colegas do departamento, como Giuseppe Milan, Giuseppe Giordan e seus colegas chineses, com Pino Luccà Trombeta de Bolonha,

com o círculo de estudos de Enzo Pace na universidade Cà Foscari de Veneza e muitos outros pesquisadores, até mesmo com o famoso sociólogo francês Allain Tourraine, que por lá passou. Além disso, dei aulas e palestra na Scuola Galileana di Studi Avanzati e no próprio Corso di Sociologia. Depois desse estágio, reforçamos a parceria com Padova; um doutorando do nosso PPG realizou lá seu doutorado sanduíche e o prof. Enzo Pace voltou a Goiânia para dar cursos intensivos no Programa em Ciências da Religião.

AS DUAS VIAGENS DE PESQUISA E INTERCÂMBIO AO LÍBANO E À ÍNDIA

Em 2014 e em 2015, representando o NEARG PUC e a PUC, e com apoio da Fapeg, realizei estágio de intercâmbio e de pesquisa no Centro de Estudos da América Latina e na Faculdade de Filosofia da Université Saint-Esprit de Kaslik (USEK), ao norte de Beirute, no Líbano. Na primeira ocasião fui acompanhado do prof. Danilo Alarcón, do curso de Relações Internacionais da PUC, e na segunda viagem pelo colega professor no PPGCR, Valmor da Silva. Concretizamos um projeto de intercâmbio acadêmico entre o Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião (e o NEARG), por parte da PUC Goiás, e o Centro de Estudos e Cultura da América Latina – CECAL e a Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, por parte da Universidade Saint-Esprit de Kaslik. O diretor do CECAL, prof. Roberto Khatlab, foi pessoa fundamental para possibilitar o projeto de cooperação PUC-USEK. Os estágios na USEK foram importantíssimos para conhecer de perto a geopolítica complexa do Oriente Médio e compreender os conflitos políticos, religiosos e étnicos e a guerra na Síria, que na época sacudia toda a região. Conhecemos o Vale do Bekaa, Baalbek, Biblos, Tiro e Sidônia.

Na última viagem em 2015, fui de Beirute a Mumbai, no sul da Índia, especificamente para conhecer a teologia Dhalit da libertação. Os jesuítas são os principais difusores de uma teologia da libertação e da enculturação em ambiente indiano, em que todos as confissões cristãs não chegam a 3% da população. Fiz excelentes entrevistas com grandes teólogos indianos, Michael Amaladoss e Felix Wilfred, visitei o Loyola College, conversei com os estudantes e pude conhecer mais de perto as complexas e profundas tradições religiosas da Índia, bem como suas igualmente profundas contradições sociais.

PROFESSOR CONVIDADO NA UNIVERSIDADE DE AACHEN

Uma experiência marcante de docência universitária no exterior me foi proporcionada no primeiro semestre de 2008 pela faculdade de teologia da Rheinisch-Westfälische-Technische Hochschule de Aachen, situada no oeste da Alemanha, na fronteira com a Bélgica. Apesar de estar voltada sobretudo para as áreas tecnológicas, a universidade de Aachen tem um departamento de filosofia e uma faculdade de teologia muito aberta e investigativa. Dela e do seu diretor, prof. Ulrich Lüke, recebi o convite para ocupar como professor visitante (*Gastprofessor*) a cátedra Hemmerle, o que aconteceu no semestre de verão de 2008 (fevereiro a julho). Por um lado, os alemães queriam conhecer de perto a realidade e a teologia latino-americana, especialmente a teologia da libertação; por outro, queriam que eu abordasse o aquecimento global e a globalização do ponto de vista da teologia. A cátedra Hemmerle goza de muito reconhecimento. Klaus Hemmerle foi bispo de Aachen e muito fez pela ciência e pela universidade. A cada semestre era convidado um pesquisador ou pesquisadora de prestígio; assim, estudantes de outras faculdades e diversas pessoas da cidade também se inscreveram no curso. Enquanto minha esposa fazia um pós-doutorado em botânica na Universidade de Göttingen, trabalhei arduamente para preparar o

material e os textos, dar as aulas (teologia da libertação), o seminário (globalização, religião e meio ambiente) e participar ainda da orientação de mestrandos e de trabalhos de conclusão de curso. Tudo em alemão, natürlich. Para as aulas elaborei uma apostila-roteiro de mais de cem páginas, que depois resumi e publiquei como capítulo de livro (Moreira, 2018). Outra parte do material foi publicada na Áustria (Moreira, 2017a). Todo o esforço foi mais do que recompensado, a experiência foi extremamente positiva, do ponto de vista acadêmico-científico e humano.⁶

OBSERVAÇÕES FINAIS

Sou profundamente grato aos colegas e às colegas do Programa pela verdadeira amizade e companheirismo, pelo esforço conjunto, por todas as conquistas que alcançamos e pelas crises durante as quais nos apoiamos mutuamente: Ivoni, Joel, Walmor, Carolina, Clóvis, Eduardo, Signates, Thaís, Rose, José Reinaldo, Mariosan; incluindo quem já não está no PPG: Schiavo, Irene, Haroldo, Paulo... Sinto-me honrado por ter tido o privilégio de acompanhar e orientar pelo menos 28 mestrandos, 15 doutorandos, 5 pós-doutores, 2 especialistas e 7 bolsistas de Iniciação Científica ao longo desses anos. Peço a compreensão se não mencionei alguém onde devia. Guardo a todos no coração. E sigamos em frente, acreditando e transformando a ciência e o conhecimento em instrumento de liberdade e humanização!

6 Sou muito grato à RWTH e aos amigos de Aachen que nos acolheram com tanta afabilidade e também à PUC que me liberou naquele semestre.

REFERÊNCIAS

- ASSMANN, H.; HINKELAMMERT, F. *A idolatria do mercado: ensaio sobre economia e teologia*. Petrópolis: Vozes, 1989.
- BOURDIEU, Pierre. Sociólogos da crença e crenças de sociólogos. In: BORDIEU, Pierre. *Coisas ditas*. São Paulo: Brasiliense, 1990. p. 108-113.
- DA SILVA MOREIRA, Alberto. Globalization, Cultural Change and Religion: The Case of Pentecostalism. *Open Journal of Social Sciences*, v. 2, p. 381-387, 2014.
- DA SILVA MOREIRA, Alberto. Esquerda Católica, Pentecostais e Eleições no Brasil: Um Conflito Entre Projetos Antagônicos. *Caminhos*, Goiânia, v. 17, p. 96-119, 2019.
- FEATHERSTONE, Mike. *Cultura Global: Nacionalismo, globalização e modernidade*. Petrópolis: Vozes, 1994.
- FEATHERSTONE, Mike. *Cultura de consume e pós-modernismo*. São Paulo: Nobel, 2007.
- FONSECA, A. B. *Evangélicos e Mídia no Brasil*. Bragança Paulista: IFAN, 2003.
- HINKELAMMERT, Franz. *Die ideologischen Waffen des Todes. Zur Metaphysik des Kapitalismus*. Münster/Freiburg: Liberación-Exodus, 1985.
- HINKELAMMERT, Franz. *Cuando Dios se hace Hombre el ser humano hace la modernidad. Crítica de la razón mítica en la historia occidental*. San José de Costa Rica: Escuela de Economía, 2022.
- MOREIRA, Alberto da S. *Doch, die Armen werden das Land besitzen (Ps 37,11)*. Eine theologische Lektüre der Landkonflikte in Brasilien. Mettingen: Institut für Brasilienkunde, 1990.
- MOREIRA, Alberto da S. O projeto de humano da modernidade. *Revista Eclesiástica Brasileira*, Petrópolis, v. 51, n. 202, p. 389-410, 1991.
- MOREIRA, Alberto da S.; ZICMAN, Renée (orgs.). *Misticismo e novas religiões*. Petrópolis: Vozes, 1994.
- MOREIRA, A. S. Fé, Política e Modernidade na América Latina. *Cadernos do IFAN*, Bragança Paulista, n. 11, p. 53-120, 1995.
- MOREIRA, Alberto da S. Novas igrejas e movimentos religiosos: o pentecostalismo autônomo. *Cadernos do IFAN*, Bragança Paulista, n. 15, p. 7-58, 1996a.

MOREIRA, Alberto da S. (org.). *Herança Franciscana*. Festschrift para Simão Voigt OFM. Petrópolis: Vozes, 1996b.

MOREIRA, A. *et al.* Meninos de Barro – Trabalho infantil nas olarias de Bragança Paulista. *Cadernos do IFAN*, Bragança Paulista, n. 20/21, 1998.

MOREIRA, Alberto da S. Globalización: Retos a la teología de la liberación. In: FORO, Ignacio Ellacuría (org.). *La globalización y sus excluidos*. Estella: Verbo Divino, 1999a. p. 127-150.

MOREIRA, Alberto da S. (org.). *Sociedade global: cultura e religião*. Petrópolis: Vozes, 1999b.

MOREIRA, Alberto da S. Cultura Midiática e Educação Infantil. *Educação & Sociedade*, Campinas, v. 24, n. 85, 2003a. Disponível em: www.scielo.br/j/es/a/TVL6mYhM7JwSbLvXyFW45dp/?format=pdf. Acesso em: 15 fev. 2024.

MOREIRA, Alberto da S. Publicidade, mídia e educação informal. *Educativa*, Goiânia, v. 6, n. 2, p. 27-44, 2003b.

MOREIRA, Alberto S. Der gekreuzigte Messias und das Land der Freiheit. In: INSTITUT FÜR THEOLOGIE UND POLITIK (org.). *Der gekreuzigte Messias und die Erwartung vom Land der Freiheit. Christologie im Kontext der Globalisierung*. Münster: ITP-Kompass, 2004. p. 205-220.

MOREIRA, Alberto da S. Teses iniciais sobre a implicação mútua entre Igrejas e Movimentos Sociais. *Caminhos*, Goiânia, v. 3, n. 1, p. 123-127, 2005.

MOREIRA, A. da S. O legado do Concílio e os sinais do nosso temp. *Revista Eclesiástica Brasileira*, Petrópolis, v. 66, n. 263, p. 617-630, 2006a.

MOREIRA, A da S. As muitas faces do pentecostalismo. *Fragments de Cultura*, Goiânia, v. 16, p. 199-207, 2006b.

MOREIRA, A. da S. Discípulo fiel. Considerações a respeito do aperreio contra Jon Sobrino. *CiberTeologia*, São Paulo, v. 10, p. 1-6, 2007a.

MOREIRA, Alberto da S. (orgs.). *São Francisco e as Fontes Franciscanas*. Bragança Paulista: Editora Universidade de São Francisco, 2007b.

MOREIRA, A. da S. Empresas de Salvação e Capitalismo do Imaginário como Desafio à Sociologia da Religião. *Caminhos*, Goiânia, v. 6, p. 127-158, 2008a.

MOREIRA, A. da S. O Deslocamento do Religioso na Sociedade Contemporânea. *Estudos de Religião*, v. 22, p. 70-83, 2008b.

MOREIRA, A. da S.; PUCCI, B.; ZAMORA, J. A. *Adorno – Educação e Religião*. Goiânia: Editora da UCG, 2008.

MOREIRA, A. da S. Un nuevo pentecostés. El Concilio Vaticano II entre la memoria y el olvido. *Revista La Antiqua*, v. 72, p. 57-74, 2010a.

MOREIRA, A. da S. The global expansion of Brazilian Pentecostalism. In: 34o. Encontro Anual da ANPOCS, 2010, Caxambu, MG. *Anais do 34º Encontro Anual da Anpocs*, São Paulo: ANPOCS, v. 1. p. 1-19, 2010b.

MOREIRA, A. da S. Spritualität und Konflikt. Erfahrungen der Befreiungstheologie. *Geist und Leben*, v. 84, p. 172-185, 2011a.

MOREIRA, A. da S. Inspiração Franciscana para a Educação. *Vidya*, Santa Maria, v. 0, p. 65-82, 2011b.

MOREIRA, Alberto da S. (org.). *O capitalismo como religião*. Goiânia: Editora da PUC, 2012a.

MOREIRA, A. da S. A Teologia da Libertação entre o Legado e a Reinvenção. *Caminhos*, Goiânia, v. 10, n. 2, p. 1-4, 2012b.

MOREIRA, Alberto da S. Teologia da Libertação, mercado e consumo. *Nuevamérica*, Buenos Aires, v. 137, p. 43-47, 2013.

MOREIRA, A. da S.; LEMOS, C. T.; QUADROS, E. G. (Orgs.). *A religião entre o espetáculo e a intimidade*. Goiânia: Editora da PUC Goiás, 2014.

MOREIRA, A. da S. Religião politizada contra violência institucionalizada: a Teologia da Libertação no imaginário religioso mundial. *Horizonte: Revista de Estudos de Teologia e Ciências da Religião, Brasil*, v. 12, p. 12-42, 2014.

MOREIRA, A. da S.; TROMBETTA, P. L. (Org.). *O Pentecostalismo Globalizado*. Goiânia: Editora da PUC Goiás, 2015.

MOREIRA, A. da S. Democracia e Direitos Humanos no Brasil: as contribuições da Teologia da Libertação. *Caminhos*, Goiânia, v. 14, p. 207-221, 2016.

MOREIRA, A. da S. Beiträge der Theologie der Befreiung zu den sozialen Bewegungen. In: GMAINER-PRANZL, F.; LASSAK, S.; WEILER, B. (orgs.). *Theologie der Befreiung heute*. Innsbruck-Wien: Tyrolia Verlag, 2017a.

MOREIRA, A. da S. Die Verlagerung des Religiösen in der spätkapitalistischen Gesellschaft. In: GEITZHAUS, P.; LIS, J.; RAMMINGER, M. (orgs.). *Auf den Spuren einer Kirche der Armen*. Münster: ITP-Kompass, 2017b.

MOREIRA, A. da S. Lateinamerikanische Theologie der Befreiung. In: ARNTZ, N.; GEITZHAUS, P.; LIS, J. (orgs.). *Erinnern und Erneuern. Provokationen aus den Katakomben*. Münster: ITP-Kompass, 2018a. p. 143-173.

MOREIRA, A. da S. From Religious Diversity to Political Competition: The Differentiation Process of Pentecostalism in Brazil. *Religions*, v. 9, p. 14, 2018b.

MOREIRA, A. da S. Religion als Spetakel: Ästhetisierung des Religiösen und Ökonomie der Sensualisierung in Brasilien. In: BERG-CHAN, E.; LUBER, M. (Org.). *Christentum Medial. Religiöse Kommunikation in digitaler Kultur*. Regensburg: Pustet Verlag, 2020. p. 103-119.

MOREIRA, A. da S. Ästhetisierung der Religion im Kapitalismus. In: FÜSSEL, K.; RAMMINGER, M. (Org.). *Kapitalismus: Kult einer tödlichen Verschuldung*. Walter Benjamins prophetisches Erbe. Münster: Edition ITP-Kompass, 2021. p. 341-356.

MOREIRA, A. da S.; RAMMINGER, M.; SOARES, A. M. L. (orgs.). *Der unterbrochene Frühling. Das Projekt des II. Vatikanums in der Sackgasse*. Münster: Edition ITP-Kompass, 2006a.

MOREIRA, A. da S.; RAMMINGER, M.; SOARES, A. M. L. (orgs.). *A primavera interrompida. O projeto do Vaticano II num impasse*. Servicios Koinonia: Uruguai, 2006b.

MOREIRA, A. da S. *et al.* Religião, (Des)Humanização e Políticas Públicas: Reflexões Emergentes e Necessárias. *Caminhos*, Goiânia, v. 19, p. 248-256, 2021.

PASSOS, P. R. R.; MOREIRA, A. da S. Igreja neopentecostal Fonte da Vida: Estratégias de conversão e empoderamento da classe média brasileira. *Estudos Teológicos*, São Bernardo, v. 50, p. 116-130, 2010.

PIERUCCI, A. F. Interesses religiosos dos sociólogos da religião. In: ORO, A. P.; STEIL, C. A. (orgs.). *Globalização e religião*. Petrópolis: Vozes, 1997. p. 249-262.

REB. Os quarenta anos do Concílio Vaticano II. *Revista Eclesiástica Brasileira*, Petrópolis, v. 66, n. 262, 2006.

SOFIATI, F. M.; MOREIRA, A. da S. Catolicismo contemporâneo: à guisa de introdução. *Caminhos*, Goiânia, v. 16, p. 4, 2018a.

SOFIATI, F. M.; MOREIRA, A. da S. Catolicismo brasileiro: um painel da literatura contemporânea. *Religião & Sociedade*, v. 38, p. 277-301, 2018b.

THOMPSON, John. *A mídia e a modernidade – Uma teoria social da mídia*. Petrópolis: Vozes, 1995.



7

Eduardo Gusmão de Quadros

CLIO CASOU-SE COM HERMES:

**PERSPECTIVAS PARA UMA HISTÓRIA
DO RELIGIOSO**

*Quem é ateu e
viu milagres como eu
Sabe que os deuses sem Deus
Não cessam de brotar...
(Caetano Veloso, Milagres do Povo)*

As áreas científicas são caracterizadas por seu objeto e por seu método. Quanto ao objeto da história, Marc Bloch, o mártir da historiografia, delimita logo no primeiro capítulo de seu livro clássico, seriam "os homens no tempo" (2010, p. 29). Já o método, ficou um pouco mais complicado de definir, porém uma coisa o autor francês afirma com clareza: o modelo das ciências da natureza não precisam ser impostos ao das Ciências Humanas (Bloch, 2010). Nem às Ciências da Religião, acrescentaríamos. Por isso, os historiadores possuem uma palavra que predomina e ilumina os estudos que produzem: "compreender".

A busca da compreensão ocorre de maneira dinâmica, como é típico no conhecimento histórico. Partindo do tempo presente, pesquisadores e pesquisadoras tentam compreender o passado visando, na verdade, conhecer melhor o seu próprio tempo, ensina Bloch (2010). Mas, por outro lado, o tempo do pesquisador também se projeta ou fabrica uma imagem do passado. Isso porque só o conseguimos atingir através dos "vestígios" conservados que nos chegam (Bloch, 2010). A investigação histórica opera como se fosse um espelho com dois lados. Rompendo com os padrões da escola positivista ou metódica vigentes em sua época, o fundador da *Revista dos Annales* afirma que os historiadores não devem apenas descrever, precisam permanentemente reinterpretar, reler as fontes e "forçá-las" a falar (Bloch, 2010, p. 60).

O companheiro de Marc Bloch na criação da revista, Lucien Febvre (1977, p. 24), sintetizou esse princípio com uma frase lapidar: "o historiador cria seus fatos". Não é, claro, que ele seja como um mágico retirando coelhos de uma cartola. Os eventos enfocados não saem de sua imaginação. Entretanto, por meio das questões

propostas aos documentos, em sentido amplo, o passado vai sendo reconstruído. Elaborar um fato seria, destarte, “fornecer uma resposta a uma pergunta” (Febvre, 1977, p. 25).

A grande influência da obra de Dilthey sobre ambos parece óbvia. Marc Bloch estudou na Alemanha, respirando os ares da renovação do historicismo, época em que Weber, Simmel e Troeltsch estavam produzindo intensamente. Já Lucien Febvre conhecera a Alemanha quando era capitão do exército francês, na Primeira Grande Guerra (Mastrogregori, 1998). As diretas referências a Dilthey em sua obra são escassas, porém a presença é certa. Gerard Noiriel (1989) demonstrou isso nas biografias tão caras a Febvre, bem como na oposição feita ao objetivismo da escola durkheimiana. Em seu lugar, o cofundador dos *Annales* propusera uma espécie de “subjativismo hermenêutico” (Noiriel, 1989, p. 1443).

Quando Fernand Braudel sucedeu a Febvre na direção da importante revista, a abordagem hermenêutica foi sendo cada vez mais abandonada. Os parâmetros “objetivos” impuseram-se nas Ciências Sociais, incluído sua matematização. A problemática inicial do *Mediterrâneo*, a grande obra de Braudel (1983), guarda ainda as marcas de Febvre, que fora seu orientador. Braudel (1983) partiu da relação entre um personagem histórico e seu contexto. No entanto, a reposta divergia completamente das biografias febvrianas. O imperador espanhol Filipe II termina desaparecendo nas páginas do livro pois era demasiado miúdo perante as grandes durações, que sempre vencem (Braudel, 1983). Argutamente, o próprio Febvre (1977, p. 199-228) percebeu esse desvio interpretativo, já que ao comentar o livro de seu aluno intitulou a resenha “Caminhando para uma outra história”.

A conhecida expressão “história-problema”, da primeira geração dos *Annales*, continuou a ser utilizada nas décadas de 60 e 70, sem permanecer, entretanto, com toda a carga epistêmica que possuía. Os “problemas” passaram a ser conceitos objetivos como os ciclos econômicos, as curvas de crescimento populacional,

as estruturas sociais ou mentais, tudo isso imerso em “movimentos seculares”. Os historiadores franceses chegaram até a propor o paradoxo de uma “história imóvel” (Dosse, 1992, p. 231). A busca deste “pensamento cientificista, racionalista e a-histórico”, percebia Lucien Goldmann (1988) na época, relacionava-se intimamente com a volta do crescimento capitalista, da estabilidade social e burocrática na Europa após as destruições da Segunda Grande Guerra.

Foi a crise dos parâmetros *normais* das Ciências Humanas durante a década de 80, ou seja, dos paradigmas estruturalistas e marxistas, que levou-as à busca de novos caminhos. Uma rica tradição, mais ou menos esquecida, era a abordagem hermenêutica dos fenômenos sociais. A questão do sentido voltou, então, a ser uma questão relevante nesse processo de “rehumanização” dos estudos históricos, como apontou François Dosse (1995).

Neste capítulo, apresentamos elementos do paradigma hermenêutico como caminho para a historiografia e para as Ciências da Religião. Na verdade, ela nasce no meio de ambos, como veremos. Na segunda parte do texto, exporemos a perspectiva elaborada por Michel de Certeau para a interpretação da experiência religiosa. Ele participou do movimento dos *Annales* e apresentava uma visão original da pesquisa histórica desde seus estudos acerca da teologia espiritual e da psicanálise lacaniana.

O ENCONTRO DE CLIO COM HERMES

Hermes era muito esperto. Logo após sair do ventre de Maia, roubou um rebanho pertencente a Apolo. Encontrando provas de que fora a jovem criança, Apolo dirigiu-se a Maia e a Zeus, pai da criança, para protestar. Hermes tentou mentir. Mas vendo que seria impossível enganar Zeus, ele teve de revelar sua traquinagem.

Por castigo, seu pai lhe obriga a nunca mais falar com a verdade. Hermes, por sua vez, esclarece que ele também não estaria obrigado a dizer *toda* a verdade.

O mito grego do nascimento de Hermes explica porque ele seria o grande intérprete da vontade dos deuses. Foi de seu nome surgiu a palavra hermenêutica. A divina função que possuía era ligar o mundo das divindades (o Olimpo) com o mundo subterrâneo (o Hades). Além disso, Hermes era o protetor dos caminhos.

Clio era uma musa filha de Mynemosine (memória). Ela patrocinava a literatura exemplificada pelos hinos e panegíricos. Com sua trombeta, proclamava aos ares os nomes dos heróis, bem como suas façanhas. No Império Romano, Clio foi eleita a musa inspiradora da História.

No mesmo império nasceu a religião cristã, que seguindo a herança judaica, se transformou numa tradição ligada à escritura. O texto autorizado era o padrão para o conhecimento divino. Ainda antes do estabelecimento definitivo do cânon neotestamentário, as disputas interpretativas já eram acirradas. A formação da teologia institucional, e com isso a ortodoxia, forçou à conformação da interpretação como uma *técnica*. A ela chamamos hermenêutica.

Não temos a pretensão de retomar aqui os debates surgidos desde essa época em torno das técnicas interpretativas, nem como a instituição romanizada excluiu outras visões culturais ou como ela se patriarcalizou e caçou a ótica das mulheres. Nos interessa somente destacar o surgimento dessa equação básica entre texto e verdade ou, em termos religiosos, a sagrada escritura e revelação divina. Tal identificação tornou-se um fundamento do ocidente, percorrendo o mundo intelectual por séculos. A mesma equação foi a base utilizada no embasamento científico da História no século XIX.

Nesse período, a Escola Metódica germânica tentou romper com o que considerava ser uma história demasiado “filosófica”, marcada por opiniões e muito próxima da literatura. Leopold von Ranke

foi o historiador modelo desse esforço. O objetivo dos historiadores, ele ensinava, seria narrar “o passado como realmente aconteceu” a partir de um conjunto de documentos confiáveis. Esses documentos *revelariam* os eventos históricos. Ora, já se notou, com propriedade, a íntima relação entre a fé pessoal de Ranke (1990, p. 73) e suas obras. Peter Gay até o apelidou, com ironia, de “monge” da Ordem Histórica. Antes, porém, de aprofundarmos nesse esforço de dar ares científicos ao conhecimento histórico, devemos abordar as ideias do “pai da hermenêutica moderna”: Friedrich Schleiermacher.

Schleiermacher foi um importante teólogo dessa época. Ele foi convidado para compor o imponente projeto da Universidade de Berlim, considerada a primeira universidade nos moldes contemporâneos. Para garantir a participação plena da Teologia, ele se esforçou para formatar melhor o método teológico, atribuindo cientificidade às técnicas hermenêuticas. Foi durante seus cursos que Schleiermacher ampliou as técnicas interpretativas e exegéticas dos textos bíblicos, chegando a esboçar uma teoria geral da compreensão da vida cultural. A hermenêutica, ele disse em 1829, deveria possibilitar toda “compreensão do discurso estranho” (Schleiermacher, 1999, p. 26).

Com tal finalidade, os aspectos gramaticais e linguísticos de um texto deveriam ser considerados com profundidade. A principal característica dessa hermenêutica geral, todavia, localiza-se na tentativa de atingir os propósitos da mente do escritor. Em suas próprias palavras, a hermenêutica seria “a arte de descobrir os pensamentos de um autor” (Schleiermacher, 1999, p. 30). Note-se o uso do termo “arte” na frase acima. Schleiermacher fazia parte do movimento romântico alemão, concebendo a interpretação como a combinação de regras metodológicas com certo aspecto “divinatório”. As intenções do autor só seriam atingidas, em última instância, também por meio da intuição do intérprete (Schleiermacher, 1999, p.42).

Deixando um lugar relativo para a “arte” e para a “intuição”, o pensador manteve certo cuidado para não prometer *toda a verdade*.

Isso não acontece mais com Leopold von Ranke. Ele também fora professor na Universidade de Berlim. Mas pertencendo a uma geração posterior àquela de Schleiermacher, buscou superar os aspectos românticos e idealistas do método interpretativo. Por meio das rígidas regras metodológicas, Ranke tentou desfazer-se do lado “artístico” da investigação. No entanto, princípios comuns entre os dois professores podem ser encontrados. A ênfase dada ao específico, por exemplo, que foi considerada por Meinecke (1982) a característica mais relevante do movimento historicista, é uma delas. Schleiermacher (1999) ensinava que quanto mais difícil fosse apreender as articulações gerais, mais se deveria procurar seus vestígios no nível particular. Já segundo Ranke, seria exatamente no particular que poderia ser encontrado o geral (Buarque de Holanda, 1979).

Essa história “metódica” praticada por Ranke e congêneres, que ressaltava a heurística, a crítica documental e a objetividade dos fatos ficou próxima do Positivismo. Com esse termo, caracteriza-se o movimento intelectual transnacional que visava edificar uma ciência plena, verdadeira e absoluta, que estaria na base da evolução humana. Para atingir meta tão pretensiosa, o pressuposto seria que o sujeito do conhecimento deveria ser “apagado” das descobertas. Por isso, para Habermas (1987), o pensamento positivista assinalava o final da epistemologia. Afinal, sem sujeito, o ato de conhecer ficaria estranhamente reduzido às regras do método e à exposição dos dados empíricos. Os fatos repousariam nos documentos históricos, que “falariam” por si mesmos.

Tais concepções marcaram profundamente a formação da história científica e sua ascensão ao *status* universitário. Ainda é comum ao pretenderem abordar teorias, para exemplificar, a comunidade dos historiadores acabar tratando muito mais dos métodos ou das fontes de pesquisa. O positivismo que a historiografia acadêmica herdou pretende imunizar as ciências contra os males “abstratos” da filosofia (Habermas, 1987). Bom lembrar que as manifestações religiosas, para o positivismo, são somente ilusões e credences populares, não sendo um objeto viável de investigação.

Para os herdeiros da tradição positivista, a ciência seria uma só. O pensador germânico William Dilthey (1978), que aderira ao positivismo na sua juventude, contrapôs-se em sua maturidade a tal concepção. Dedicou-se, então, à elaboração de um embasamento epistemológico específico para as “ciências do espírito” ou culturais. O projeto lançado em 1883 tem como eixo tanto a recuperação quanto a ampliação da visão hermenêutica.

Segundo Dilthey (1978), toda ciência partia da experiência. As ciências da natureza faziam as suas experiências de forma controlável, mensurável e reproduzíveis nos laboratórios. As Ciências Humanas seriam diferentes, interessando-se justamente pelo oposto, ou seja, as experiências subjetivas e não reproduzíveis da mesma forma. Como os seres humanos são eminentemente históricos, em constante transformação, o caminho mais correto para estudá-los não seria buscar o estabelecimento de leis, mas procurar uma profunda compreensão de cada um e de cada situação.

Isso não significa que não poderiam existir generalizações nas ciências com método hermenêutico. Elas teriam por objetivo central conhecer a experiência singular. Entretanto, esse conhecimento somente se tornaria possível por meio da abstração (Dilthey, 1978). Decorre a importância das biografias para os estudos de Dilthey (1978), pois os indivíduos seriam as unidades psicofísicas e de sentido mais fundamentais; só depois deles é que viriam os povos e as nações.

Destacamos o peso que Dilthey conferiu à participação dos pesquisadores na produção do conhecimento. Não existiria nada imediatamente dado, pois os chamados “dados” são produzidos também por meio das operações lógicas do pensamento (Dilthey, 1978). As teorias que guiam a investigação fazem “recortes na massa terrivelmente complexa dos fatos”, de forma a atingir sua inteligibilidade (Dilthey, 1978, p. 85). Existe ainda uma forma de compreender pertinente a cada época histórica e, portanto, a cada cientista, escapando-lhe as causas últimas dos fenômenos sociais (Dilthey, 1978).

Faltou explicitar melhor o que Dilthey entendia por compreensão. Primeiramente, é bom deixar claro que a distância entre a explicação das Ciências Naturais e a compreensão nas Ciências Humanas não é tão grande como geralmente se diz na literatura. Ou melhor, quando os comportamentos humanos são enfocados, procurar compreendê-los é também tentar explicá-los. Porém, qual o caminho metodológico para fazê-lo? Dilthey (1978) responde que seria por meio das capacidades da imaginação, da reconstrução subjetiva do outro. Assim, ao retomar à via hermenêutica de Schleiermacher e colocá-la como fundamento da investigação das Ciências Humanas, ele terminou carregando exageradamente no idealismo. Essa concepção, na teoria da História, foi defendida e difundida por Collingwood (2000, p. 268):

[...] o historiador de política ou de problemas militares, tendo presente um relato de certas ações praticadas por Júlio César, tenta compreender estas ações, isto é, descobrir que pensamentos desenrolados na mente de César o levaram a praticá-las. Isto acarreta como consequência o facto de o historiador conjecturar para si a situação em que César pensava acerca dessa situação, assim como as possibilidades de resolve-la. A história do pensamento, e, portanto, de toda a história, é a constituição, na mente do historiador, do pensamento passado.

Fechando o círculo hermenêutico, o conhecimento da história da humanidade refletiria, tanto para Dilthey como para Collingwood, no conhecimento de si mesmo. Não se tratava de lições a tirar, como na historiografia moralista vigente até a época barroca, mas a reflexão sobre a finitude temporal era uma pedagogia importante na humanidade. Esse fio será explorado por Martin Heidegger (1988) quando buscou construir a guinada ontológica da hermenêutica. A atitude básica de compreender a vida passou, destarte, a constituir o ser (Heidegger, 1988).

O livro *Ser e Tempo* foi lançado por Heidegger em 1927 e dedicado ao seu professor Edmund Husserl. Este matemático-filósofo tentara superar as teorias relativistas da ciência, como as

propostas por Dilthey ou por Nietzsche na Alemanha, através de um novo método chamado de Fenomenologia. A ênfase da pesquisa recaía nos objetos, nos “fenômenos” observados, e não naquele que conhece. O sujeito do conhecimento, por sinal, deveria ser reduzido ao máximo para que a “coisa em si” aparecesse da forma mais pura. Ele não era exatamente um positivista, nem um puro racionalista, pois igualmente considerava a intuição enquanto uma forma do conhecer. Outro aspecto importante do método proposto por Husserl foi a proeminência da *relacionalidade* de todo e qualquer saber. O verdadeiro entendimento surgiria na conexão entre sujeito-objeto, conforme escreveu (Husserl, 2000).

Martin Heidegger (1988) tentou aplicar tal método ao estudo do ser em sua relação *existencial* com o tempo. Sua plataforma filosófica unia a dimensão ontológica com a historial. Problematizar o ser humano levaria necessariamente à pergunta pela busca de sentido. Seria possível captá-lo de que modo? Dentro dos limites do “círculo hermenêutico”. Assim, Heidegger (1988) explorou a *relacionalidade* de todo e qualquer conhecimento numa dinâmica de projetar-se no contexto, como o *ser-aí*. A tarefa permanente da compreensão, destino do ser, dá-se em forma de abertura para captar a significância.

Claro que a ação de compreender está correlacionada com a de interpretar. A interpretação, ele define, consiste na elaboração das “possibilidades projetadas na compreensão” (Heidegger, 1988, p. 204). Ora, se o ser se projeta em uma situação, a interpretação é realizada sob uma forma pré-visão do percebível e do encontrável. Na filosofia heideggeriana, o ato hermenêutico ocorre de forma perene, dinâmica, interativa e plenamente histórica.

Entretanto a historiografia, acusava Heidegger (1988), pretendia produzir um conhecimento que era independente de quem observava. A carga metodológica herdada do positivismo acarretava uma ilusão da comunidade historiadora quanto às suas tarefas, cientificismo ilusionista comprado pelas sociedades contemporâneas, acrescentamos.

Pode-se fugir do circuito da interpretação? Ou a objetividade do saber é construída metodologicamente dentro dele? Essa foi a ideia defendida por Hans-Georg Gadamer (1997), ampliando intuições de Heidegger para demonstrar as imbricações entre sentido, método e verdade nas Humanidades.

O pensamento de Gadamer (1997) conferiu grande importância à historicidade. Sua obra mestra, por sinal, parte da estética entendida como experiência social, não enquanto estudo da arte ou do belo. A linguagem que usa também é menos hermética que a comumente trabalhada pelo seu orientador, Heidegger. Então, a existência fica compreendida sempre dentro da *história efetual*, que contextualiza, delimita e abre possibilidades de superar a singularidade (Gadamer, 1997). Ele chega a substituir a ênfase ontológica heideggariana pela histórica, ao sustentar que na vida social “nem o conhecedor nem o conhecido estão simplesmente dados ‘onticamente’, mas ‘historicamente’, isto é, são do mesmo modo de ser que a historicidade” (Gadamer, 1997, p. 396).

Retornando a Dilthey, Gadamer (1997) quer estabelecer um caminho metodológico para as “ciências do espírito” humano, relacionando a interpretação de textos com a interpretação da vida. Ou vice-versa. O *horizonte* extratextual é o que se visa quando um documento histórico é lido. Um “outro” – mundo, contexto, pessoa, valores, crenças – habita suas entrelinhas. O ato de compreender circunda a própria experiência desse encontrar, quando torna-se possível a *fusão de horizontes*, a composição de historicidades distintas (Gadamer, 1997).

Diferente de Schleiermacher, todavia, não se trata de uma “arte”, nem o “encontro” acontece de maneira individualista. Existe uma tradição onde estamos inseridos e ela pré-determina os sentidos atribuídos. Tal ênfase na pré-compreensão ou nos pré-conceitos, como ele prefere escrever, é uma novidade de sua perspectiva. Parte-se do que já é conhecido, pois a tradicionalidade condiciona a epistemologia (Gadamer, 1997). O próprio horizonte das questões

propostas surge pré-delimitado. As ferramentas linguísticas de compreensão do mundo e da vida, afinal, precedem em muito a existência individual, sendo mais praticável o desafio da adaptação que o da transformação.

Se as tradições possuem tanta força hermenêutica, a busca de distanciamento crítico fica evidentemente dificultada. Gadamer (1997, p. 446) defendeu que “a distância é a única que permite uma expressão completa do verdadeiro sentido que há numa coisa”. Entretanto, a própria noção do trabalho hermenêutico que propôs obstaculiza seu alcance. Jürgen Habermas (1987) levantou-se para ressaltar a relevância de uma interpretação crítica dos textos e da realidade.

Para isso, centrou-se na noção de interesse como um elemento importante e desprezado na edificação da hermenêutica. É nele que repousa a abertura para que o círculo hermenêutico não se transforme em “círculo vicioso” só confirmando o que já se sabia. O interesse abre para a política, para a posição de classe, para critérios sociológicos muito além da mera consciência. De maneira complementar, não se pode evitar os dados que questionam a tradição, bem como os mecanismos de reprodução (Habermas, 1987).

O interesse primordial dos seres humanos, semelhante ao dos animais, é a autoconservação. Isso leva a considerar mais seriamente que as atividades cognitivas possuem finalidade prática, servem de orientação para a ação (Gadamer, 1987). A crítica da dicotomia teoria e prática é necessária ao processo interpretativo, o mesmo valendo para as distorções causadas pelo poder ideológico. Sem a atenção crítica, sem a relação com o poder, o saber repousaria em um leito azafamado, não nos permanentes embates sócio-políticos.

A hermenêutica crítica segue próxima do modelo psicanalítico, exigindo ainda o autoconhecimento. Habermas (1987) tece longas considerações sobre o método interpretativo freudiano, que é muito importante também para o pensamento de Michel de Certeau.

Esse autor, teólogo e sacerdote jesuíta, formou-se na Escola Freudiana de Paris, seguindo os famosos seminários de Jacques Lacan. Sua apropriação da tradição hermenêutica foi sempre tensionada com e contra as correntes estruturalistas em voga (Dosse, 2009). Veremos, agora, como ele contribuiu para interpretar seriamente a experiência religiosa e seus sentidos.

TENSÕES DO CASAMENTO: MICHEL DE CERTEAU

Buscou-se demonstrar que a hermenêutica tem sido uma rica vertente teórica para as Ciências Humanas, incluindo nelas as Ciências da Religião. Michel de Certeau doutorou-se nesse campo, na Sorbonne, em 1960, orientado pelo historiador Jean Orcibal. Tanto pela grande erudição quanto pela capacidade de produção intelectual, foi logo designado para trabalhar nas publicações da Companhia de Jesus, a exemplo da Revista *Etudes*. Portanto, o início de sua carreira, com os primeiros trabalhos publicados e classes como docente, estiveram ligados ao universo eclesiástico.

Foram os acontecimentos de maio de 1968, destacando-se as manifestações dos estudantes universitários em Paris e Nanterre, que divulgaram suas contribuições para uma audiência mais ampla. O movimento rebelde teve grande impacto pela sua intempestividade e reivindicações ousadas. Michel de Certeau visitou as assembleias, valorizou a voz estudantil em vez de desconsiderá-la como fez a maioria da intelectualidade. As análises refinadas e originais foram pronunciadas em uma estação de rádio, no calor da hora, despertando a atenção para sua forma de pensar. Mais tarde, ainda em 1968, saiu o livro onde comparava as barricadas dos estudantes e operários com a tomada da Bastilha (Certeau, 1968).

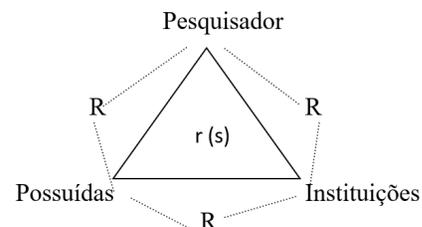
Não vamos traçar sua biografia aqui, mas apontar, primeiramente, que mesmo tratando de assuntos distantes da religião, ele manteve certa visão mística dos fenômenos abordados (Quadros, 2004). Ou seja, enfocava com simpatia o que era dito, bem como o silenciado nos enunciados. Em segundo lugar, indicar que o tema da história cristã e da mística foi retomado durante toda sua carreira, deixando inacabado seu estudo acerca das falas dos místicos (Certeau, 2014).

A interface da significação religiosa, com o papel fundamental das crenças, no jogo de forças de uma dada configuração social já demonstra uma contribuição ímpar. Porém pode-se inverter, pois as delimitações do que seja ou não seja religioso adentra como campo disputado nas semânticas políticas. Não há estabilidade, mas trânsitos, pois o ato de crer compõe o “vir ou o seguir (Certeau, 1987).

Fora a dinamicidade do objeto das Ciências da Religião, ele alerta como a plasmada transdisciplinaridade desrespeita o enfoque epistêmico de cada olhar disciplinar. Em geral, há o constante perigo de a superficialidade contaminar as análises, equalizando demasiado o que é distinto. A riqueza encontra-se, muito mais, na pluralidade, nos olhares diversos, onde os limites de cada enfoque fica demonstrado.

Pode-se demonstrá-lo por meio do estudo das freiras ursulinas possuídas por forças estranhas em um convento da região de Loudun (França), no século XVII (Certeau, 1990). A obra explora internamente cada discurso sobre o que estava acontecendo àquelas mulheres. Em um esquema simples, teríamos:

Imagem 6.1 – Esquema sobre Certeau (1990)



Onde cada vértice funciona como se fosse um *campo de força* a puxar a *verdade* para que adentre em sua órbita. O pesquisador partiu do discurso dos sujeitos religiosos, que obviamente é o tema primário da investigação. Os vestígios de seus corpos e suas falas são tomados com cuidado, meticulosamente analisados, decodificados e interpretados, conforme os quadros da época. Os documentos são *acreditados* piamente, pois constituem a realidade exposta pelos atores, no caso, as vítimas de poderes demoníacos.

Essa documentação redigida pelas irmãs não é “pura”, pois responde e interage com os demais discursos projetados sobre elas. Os inquisidores eclesiásticos produziram seus processos; os médicos redigiram diagnósticos sobre o caso; os teólogos elaboraram pareceres; os governantes fizeram intervenções; os exorcistas chegaram com a missão de salvá-las; a população comentou e reverenciou os fatos estranhos do convento. A ruptura instauradora do *fato* ocorre dentro dessas tensões explicativas, hermenêuticas e semânticas. Cada perspectiva adentra o real transformando-o, aproximando-o de si, originando práticas distintas.

O método aplicado — tanto de pesquisa quanto de exposição dos resultados — afasta a historiografia da nefasta herança positivista, que contaminou igualmente a história religiosa. Além disso, ele estuda criticamente as “operações” do próprio pesquisador quando relê e busca organizar as narrativas acerca dos fatos.

Tem-se, então, o terceiro ângulo compondo essa rede de tensão com o *corpus* documental. Esse seria justamente o vértice que partindo da confiança plena atinge o distanciamento crítico da descrença. Ora, a identificação simpática com cada relato precisa ser composta com a completa antipatia. No modo de raciocinar certeaniano, este afastamento chega às raias de uma nova objetividade, proposta onde o presente e ausente se revezam dialeticamente.

Desse modo, cada vértice constrói a seu modo e de seu *lugar* idiossincrático a realidade (r). É uma realidade (r) para aquele sujeito específico (s). Influenciado por Lacan, Michel de Certeau distinguia o Real (R) que resiste ao processo de captura simbólica, tangenciando o que pode ser dito, descrito e escrito. Sua abordagem leva ao forçamento tensional dos limites do horizonte interpretativo. A fusão, imaginada por Gadamer, segue assintótica aos fenômenos. Do ponto de vista histórico, o Real do tempo passado realmente já passou e os pesquisadores precisam invocar diversos elementos ficcionais para tornar possível seu conhecimento (Certeau, 2011).

No caso das freiras ursulinas, a experiência da possessão assemelhava-se à do teatro, forma de representação e espetáculo que deixava o ambiente palaciano no período, indo para as praças (Certeau, 1990). Semelhantemente, as execuções públicas e as procissões possibilitavam à assistência desfrutar das contorções, dos combates, das dores e das manifestações miraculosas. Isso não quer dizer que tudo é válido ou que se defenda a relatividade “pós-moderna”. As determinações sociais, por exemplo, encontram-se nos nomes atribuídos aos espíritos malignos, percebe Certeau (1990). Aquelas irmãs de origem nobiliárquica utilizam referências hebraicas e bíblicas. Há correlações, ainda, entre as características atribuídas aos demônios e as classes de cada uma (Certeau, 1990).

As disputas para resolver a questão, após os usos políticos, medicinais e sociais retornam para o ambiente eclesiástico. O místico Jean-Joseph Surin foi enviado para o convento como exorcista. Sua seriedade com o trato dos poderes sobrenaturais, diferente dos demais poderes e discursos, modificou a situação. A crença religiosa pode determinar os comportamentos e interferir nas demais esferas sociais (Certeau, 1990). Sua performance linguística foi importante para a cura das irmãs e resolver o caso.

Isso significa que a experiência com o que é considerado socialmente sobrenatural é um aspecto fundamental para captar a dimensão religiosa e deve ser levada em conta nas Ciências da Religião. Nos termos consagrados pela população, trata-se justamente do milagre, daquilo que a razão não sabe explicar e que eticamente leva até a contemplação. Os milagres, tão procurados nos templos dispersos algures, significa o *empoderamento* pessoal ou coletivo perante as dificuldades colocadas pela vida. Em sua *fenomenologia da religião*, Gerard Van der Leeuw (1964) já definia que a vivência do sagrado dava-se no encontro do poder para superar as circunstâncias dramáticas da sobrevivência.

Há algum tempo denominamos essa ação de *plusificação*. Sugerimos até uma fórmula matemática para representar a operação da fé: $F(X) = X + 1$ (Quadros, 2013). Nessa brincadeira com as fórmulas, a fé (F) em algum objeto, ideia ou imagem (X) geraria sempre o mais (+1), cuja função é complementar uma falta. A “vitória” atingida é o núcleo do que se promete nas mensagens religiosas, o alvo dos rituais, pois catalisa a esperança renovada de viver melhor, com mais saúde, mais dinheiro, mais amor, mais sucesso.

A história religiosa praticada por Michel de Certeau pode nos ajudar a perceber tal dinâmica na vida cotidiana. Ela nos apresenta uma relação indissociável das crenças afirmadas com os saberes, bem como a capacidade das primeiras suprirem as deficiências dos últimos. Mas precisamos esclarecer o que ele entendia por crer em algo. Em sua definição:

[...] entendo por ‘crença’ não o objeto do crer (um dogma, um programa etc.), mas o investimento das pessoas em uma proposição, o ato de enunciá-la considerando-a verdadeira — noutros termos, uma ‘modalidade’ da afirmação e não o seu conteúdo (Certeau, 1996, p. 278).

Tal “investimento” feito pelos sujeitos é dinâmico, de caráter polissêmico, porque os enunciados podem ser infinitos e as

demandas estão constantemente sendo alteradas. Ao demarcar a própria noção de realidade, a ação de crer pode ser considerada como instituinte e instituída, possibilitando “manipulações” ou práticas que tentam gestar o encontro com a alteridade sacralizada. O crer, o saber e o agir interagem com o poder disponibilizado, criando a gramática gerativa dos sentidos existenciais. Assim, os sujeitos religiosos arriscam a construir os equilíbrios instáveis do que lhe seria “próprio”, ou seja, o que compõe as identidades sociais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A visão histórica e hermenêutica dos movimentos religiosos foi o que desenhamos nesse capítulo. Ela deve levar a sério a linguagem, em suas diversas dimensões, observada complementarmente às práticas socioculturais. Não pode haver “redução” explicativa, nem isolamento fenomênico do sagrado; nem causalidades teóricas, nem a ficção colaborativa do mundo empírico. A interpretação crítica suplementa o sentido encontrado com seu “outro”, limite posto sob aqueles que levam a sério a investigação científica.

O músico Caetano Veloso aborda de modo encantador os deuses e deusas que não cessam de brotar nas sociedades, ainda mais em uma tão criativa quanto a brasileira. Os desafios estão à nossa frente, buscando caminhos tão poéticos quanto sistêmicos no decifrar inexaurível das invenções da vida.

Vencer a herança positivista e autoritária faz-se necessário para que a pluridiversidade adentre aos muros da universidade. Desse modo, quem sabe, a academia irá reconhecer que sem compreender o mundo das manifestações religiosas, pouco saberá do povo, do qual não deixa de falar e (con)formar.

REFERÊNCIAS

- BLOCH, Marc. *Introdução à história*. Lisboa: Europa-América, 2010.
- BRAUDEL, Fernand. *O mediterrâneo e o mundo mediterrâneo na época de Filipe II*. São Paulo: Martins Fontes, 1983.
- BUARQUE DE HOLANDA, Sérgio (org.). *Ranke – História*. São Paulo: Ática, 1979.
- BURKE, Peter. *A escola dos Annales (1929-1989): a Revolução Francesa da historiografia*. São Paulo: UNESP, 1991.
- CERTEAU, Michel de. *La prise de la parole*. Paris: Desclèe de Brouwer, 1968.
- CERTEAU, Michel de. *La faiblesse de croire*. Paris: Editions du Seuil, 1987.
- CERTEAU, Michel de. *La possession de Loudun*. Paris: Gallimard, 1990.
- CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Petrópolis: Editora Vozes, 1996.
- CERTEAU, Michel de. *História e psicanálise: entre ciência e ficção*. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.
- CERTEAU, Michel de. *A fábula Mística (vol. I e vol. II)*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014.
- COLLINGWOOD, R. G. *A idéia de História*. Lisboa: Editorial Presença, 2000.
- DILTHEY, William. *Introducción a las ciencias del espíritu*. México: Fondo de Cultura Econômica, 1978.
- DOSSE, François. *A história em migalhas: dos Annales à nova história*. São Paulo: Editora Ensaio, 1992.
- DOSSE, François. *L'impere du sens: L'humanisation dès sciences humaines*. Paris: La Découverte, 1995.
- DOSSE, François. *Paul Ricoeur y Michel de Certeau: la historia entre el dicer y el hacer*. Buenos Aires: Nueva Vision, 2009.
- FEBVRE, Lucien. *Combates pela história*. Lisboa: Presença, 1977.

- GADAMER, Hans-Georg. *Verdade e método*. Petrópolis: Vozes, 1997.
- GAY, Peter. *O estilo na história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- GOLDMANN, Lucien. *Ciências humanas e filosofia*. Rio de Janeiro: Bertand do Brasil, 1988.
- HABERMAS, Jurgen. *Conhecimento e interesse*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.
- HEIDEGGER, Martin. *Ser e tempo*. Petrópolis: Vozes, 1988.
- HUSSERL, Edmund. *A idéia de fenomenologia*. Lisboa: Edições 70, 2000.
- KUHN, T. S. *A estrutura das revoluções científicas*. São Paulo: Perspectiva, 1978.
- LEEUW, G. V. D. *Fenomenología de la religión*. México: Fondo de Cultura, 1964.
- MASTROGREGORI, M. *El manuscrito interrumpido de Marc Bloch*. México: Fondo de Cultura, 1998.
- MEINECKE, F. *El historicismo y su génesis*. México: Fondo de Cultura económica, 1982.
- NOIRIEL, G. Pour une approche subjetiviste du social. *Annales*, França, v. 44, n. 6, 1989.
- QUADROS, E. G. de. A vivência religiosa como objeto da História das Religiões. *Revista Impulso*, Piracicaba, v. 15, n. 37, 2004.
- QUADROS, E. G. A devoção como núcleo da religião. In: RAMOS NETO, J. O. *Autoridade e poder: ensaios interdisciplinares de História do Cristianismo*. São Paulo: Editora Reflexão, 2013. p. 13-28.
- REIS, J. C. *A história entre a filosofia e a ciência*. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2007.
- SCHLEIERMACHER, F. *Hermenêutica – Arte e técnica da interpretação*. Petrópolis: Vozes, 1999.



8

Haroldo Reimer

**SOBRE TEXTOS SAGRADOS
E SUAS INTERPRETAÇÕES**

Durante 15 anos fui docente permanente no Programa de Pós-graduação *stricto sensu* em Ciências da Religião na PUC Goiás (2000-2014). Durante esse tempo o foco do trabalho docente estava colocado na exegese e hermenêutica de textos sagrados, nomeadamente os textos da Bíblia. Esse trabalho se desdobrava em aula, seminários, orientações e, claro, pesquisa para publicações. Foram anos muito enriquecidos pela experiência com colegas e discentes, inicialmente em nível de mestrado e, depois, também em nível de doutorado. As reflexões foram amadurecendo com o passar do tempo. Aqui neste texto procuro fazer alguns destaques dessa caminhada que se fez no caminhar, tendo no alforje referenciais teóricos e metodológicos construídos ao tempo da graduação em Teologia na Escola Superior de Teologia, em São Leopoldo, e doutorado em Teologia na Kirchliche Hochschule Bethel, na Alemanha. Excelentes mestres abriram sendas, na quais se impunha caminhar por conta própria. Menção honrosa deve ser feita a Milton Schwantes (*in memoriam*) e a Frank Crüsemann. Com este texto, aqui em forma revisada e ampliada, busco externar meu reconhecimento à PUC Goiás e seus dirigentes que possibilitaram um espaço acadêmico digno para o desenvolvimento de parte de uma carreira, inclusive alcançando por várias vezes o reconhecimento de bolsista produtividade em pesquisa pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).¹

Os textos sagrados das religiões constituem um acervo literário que está em constante processo de leitura e releitura. Trata-se de ações e processos hermenêuticos, que visam interagir com partes dos respectivos textos com os mais diversos propósitos: leitura, estudo, dedução e elaboração de doutrinas, formatação de mensagens de orientação etc. Em todo caso, os textos sagrados constituem referenciais para pessoas e comunidades que se põem a dialogar com esses textos.

1 Esta é a versão original de texto produzido para publicação por ocasião dos 20 Anos do PPGCR, aqui acrescido de algumas informações. Na ocasião, o texto acolheu a coautoria de Valmor da Silva e Joel Antônio Ferreira (2020).

Quando falamos “literatura sagrada” estamos nos referindo a um gênero. São textos literários (também da oralidade) que passaram por processos de gênese, com seu surgimento em determinado contexto histórico, carregando, em geral, marcas desse momento e lugar originários. Como tais, esses textos são textos históricos, porque o surgimento deles está relacionado a determinado contexto. O adjetivo “sagrado” remete ao processo de seleção e atribuição de valor próprio a determinados textos em detrimento de outros. Dentre uma pluralidade, selecionam-se textos mais referenciais. Esse movimento é chamado de “canonização”, isto é, determinados textos tornam-se, por um processo axiológico, textos de referência de determinada comunidade religiosa. Enquanto o processo de seleção e constituição do cânon está em andamento fala-se de um “cânon aberto”. Em geral, alguma circunstância ou momento histórico específico serve com evento de clausura da lista canônica de textos. Circunstâncias históricas se tornam “gatilhos” que aceleram processos que, talvez, em circunstâncias normais, demorariam muito mais tempo.

Podemos aqui mencionar alguns exemplos de textos sagrados das religiões. Para o cristianismo, a Bíblia constitui seu texto sacro de referência, na mesma medida em que é o livro mais publicado em todo o mundo. Convém registrar que esse conjunto de textos é distinto para o catolicismo e para os evangélicos. Essa diferença tem a ver o processo de surgimento de duas seleções canônicas no que tange à primeira parte da Bíblia (Antigo Testamento), nos séculos III a. C. ao século I, na era cristã, e com opções por um ou outro cânon nos conturbados tempos da Reforma protestante, no século XVI. O Corão (ou Alcorão) é o texto sagrado do islamismo, assim como o Tipitaka é a referência textual para o Budismo. Para religiões de matriz africana, como o candomblé, o acervo de textos encontra-se na oralidade, atualizando-se na performática das cerimônias religiosas, embora haja edições acadêmicas de tais textos (Prandi, 2001).

Após o seu tempo de origem e constituição, os textos sagrados experimentam os processos de transmissão e tradição. Afinal,

tais textos se destinam a veicular conteúdos considerados fundamentais para determinada expressão religiosa. O zelo com a versão original é marca constitutiva de tais processos, seja na escrita seja na oralidade. Mas também não faltam exemplos de variações textuais originadas por diversos tipos de procedimentos, que pode ser um simples descuido do copista (chama-se isso de *aberratio oculi*) ou até uma alteração intencionada para influir no processo de transmissão do texto.

No processo de transmissão insere-se também o complexo conjunto das traduções. Isso varia conforme as tradições religiosas. No caso do islamismo, os textos impressos, em árabe, recebem um aval oficial, de certa forma similar ao *imprimatur* na Igreja Católica. No caso dos textos da tradição judaico-cristã, registram-se variações significativas nos textos com a passagem deles da língua hebraica para a língua grega, no caso, do cânon hebraico para o cânon grego, chamado de Septuaginta (a versão dos Setenta). Com a constituição do cânon cristão, em grego, ao final do primeiro século da era cristã, novas variações se registram quando esses textos foram traduzidos para a língua latina por São Jerônimo (século IV/V), gerando o texto chamado de Vulgata, que se tornou praticamente o texto de referência durante toda a Idade Média. Durante os tempos movimentados do Humanismo renascentista, nos séculos XV e XVI, esse texto foi declarado pelo Concílio de Trento como o texto oficial da Bíblia na Igreja Católica. Essa ação de longa duração se contrapunha às ações de alguns reformadores, em especial Martinho Lutero, de reabrir a discussão sobre a extensão do cânon no conjunto dos esforços para a tradução desses textos para línguas contemporâneas da época (alemão, holandês, francês, dinamarquês etc.). Essa discussão teve como resultado que o cânon da Bíblia protestante tem 66 livros por ter adotado a lista canônica da Bíblia hebraica, ao passo que o cânon católico manteve a lista mais extensa de 72 livros, considerando sua derivação da Bíblia grega (Septuaginta).

Os estudos e as pesquisas na linha de pesquisa Religião e Literatura Sagrada, com destaque à Hermenêutica, dentro do PPGCR, colocam o foco em facetas dos complexos caminhos e descaminhos dos diferentes textos da literatura sagrada. Por uma questão de concentração e instalação de competências em termos docentes, as dissertações e teses nessa linha de pesquisa, contudo, ficam adstritas ao universo da literatura sagrada judaico-cristã, com suas interfaces e influências nos distintos momentos da história da transmissão, recepção e interpretação.

O estudo científico, analítico e interpretativo dos textos sagrados inscreve-se em processos designados genericamente de exegese e hermenêutica. A exegese, em recorte histórico-crítico, lida com o texto sagrado em várias frentes: recebe importância a crítica textual, que visa trazer ao horizonte do estudo as variantes que o texto sofreu ao longo de sua história traditiva, com registros em diferentes manuscritos; o estudo da forma também é importante, pois busca-se perceber as distintas formas de constituição do texto, seja em poesia, em prosa, cada qual com seus recursos estilísticos; o provável contexto histórico do texto também tem seu lugar nesse momento de estudo, bem com as projeções teológicas inseridas em tais textos.

O nome “hermenêutica” deriva de Hermes, personagem da mitologia grega, que tinha por atribuição intermediar a comunicação entre os deuses do Olimpo e os mortais humanos. Enquanto ícone, Hermes assume diversas características em sua ação comunicativa, evidenciando-se também os limites da fidelidade à mensagem original em decorrência das vicissitudes próprias do intermediário ou intérprete em seus processos comunicativos. Como Hermes, o hermeneuta ou intérprete tem suas vicissitudes.

Em sua aplicação aos textos sagrados, e aqui o destaque se dá para a literatura da tradição judaico-cristã, a hermenêutica lida com os processos de interpretação desde a origem dos textos até as ações interpretativas na recepção na atualidade do leitor, ouvinte ou,

enfim, do intérprete. Numa perspectiva a partir do bojo da tradição religiosa, o texto sagrado tem uma hierofania ou um teofania em sua origem, podendo tratar-se, claro, de tradições inventadas dentro de estruturas de comunicação de textos em estrutura mítica. Na perspectiva da fé, o Sagrado ou a Divindade se manifesta e essa ação é percebida pela consciência humana, que a projeta simbolicamente na forma de relatos, estando as projeções historicamente condicionadas. A hermenêutica recebe enxertos a partir da fenomenologia.

Os textos sagrados, em sua origem, são, pois, elaborações humanas, que lidam com a relação do humano com o sagrado ou divino, ensejando uma complexidade de projeções, narrativas, prescrições etc. Os textos assumem gêneros literários distintos, podendo ser genealogias, visões, profecias, narrativas históricas ou orações. No seu estudo acadêmico, cada gênero demanda a aplicação de instrumentais próprios de análise. Deve-se levar em conta que, assim como nas religiões tradicionais, os textos sagrados da tradição judaico-cristã estão fortemente tecidos em estrutura mitológica. O mito é um gênero textual que apresenta uma narrativa fictícia, na qual Deus, deuses ou heróis instituem tradições em algum tempo originário, que na literatura especializada é designado pelas iniciais em latim: *in illo tempore*. As instituições de tais narrativas pretendem validade em perspectiva de longa duração. Narrativas míticas podem apresentar um conjunto de componentes históricos, tratando-se, nesse caso, de novelização mítica.

Como peças de intervenção social, os textos sagrados em estrutura mítica pretendem normatizar relações, instituir tabus e explicar tradições desde seu nascedouro, moldando comportamentos individuais e coletivos nos diferentes momentos de apropriação ao longo do tempo. A ritualização das narrativas é uma das formas mais comuns de apropriação, pressupondo, em geral, uma estrutura institucional religiosa com um corpo de pessoal com funções hierarquizadas.

Há intencionalidades patentes nos textos desde o seu nascedouro, o que podemos chamar de "sentido original" ou *intentio auctoris*.

Trata-se do sentido que um autor ou autora imprime no seu texto. No decorrer da transmissão e da interpretação, porém, distintos acessos, por diferentes sujeitos interpretantes, acabam gerando sobreposições de sentidos (*intentio lectoris*). O leitor ou leitora, usando de sua subjetividade na interação com o texto, pode produzir novos sentidos. Na Idade Média era muito comum o princípio interpretativo dos quatro sentidos, especialmente na interpretação de textos bíblicos: literal, escatológico, anagógico e alegórico. Esse método também já era utilizado pelos rabinos na interpretação da Torá, sendo chamado de *Derush*. Por trás disso havia a consciência de que um texto está marcado por polissemia e no diálogo com o texto estabelece-se uma forma de jogo interpretativo.

Até o final do século XVI vigorou no Ocidente, basicamente, o paradigma da semelhança (*similitudo*), na medida em que os nomes dados às coisas carregariam sua forma de verdade. Em termos de linguagem, o narrado (no texto) corresponderia à verdade das coisas no mundo fático ou fenomênico. O Humanismo renascentista trouxe mudanças significativas, contribuindo decisivamente para uma mudança de paradigma, passando a predominar na era clássica, a partir do século XVII ou XVIII, o princípio da representação. Nesse novo paradigma, os signos perderam a função de representar espelhos das coisas, passando a ser representantes autônomos das coisas e obedecendo a uma lógica própria.

O Humanismo contribuiu decisivamente para essa mudança na medida em que, gradativamente, foi se estabelecendo o princípio da dúvida metódica. Um dos precursores foi o italiano Lorenzo Valla, que, com base em estudos filológicos, colocou em dúvida a autenticidade do documento da “doação de Constantino”, que era tido como um documento “original” do século IV, mas que, no curso das análises, acabou sendo provado que seu surgimento se deu muitos séculos depois como forma de justificar privilégios da Igreja em face do Estado. Por trás de tal procedimento humanista estava o nascente paradigma da dúvida metódica.

A Reforma protestante, especialmente sob o protagonismo de Martim Lutero, reabriu a discussão sobre a extensão do cânon bíblico, reacendendo colateralmente várias outras discussões, especialmente sobre a literalidade dos textos bíblicos, especialmente no contexto da tradução do texto bíblico para línguas vernáculas da época (alemão, holandês, sueco etc.). No campo da Filosofia, René Descartes estabeleceu, tempos depois, a dúvida metódica como ponto angular para alcançar o conhecimento. “Se eu duvido, eu penso; se eu penso, eu existo” é a frase mais marcante no início do paradigma científico, que traz consigo a metodologia da análise crítica, com a fragmentação dos objetos para sua análise e posterior síntese.

Essas discussões tiveram necessariamente seus desdobramentos no campo da hermenêutica e interpretação de textos bíblicos. Por um lado, as igrejas (católica romana e protestantes) trataram de reafirmar a veracidade dos textos bíblicos, buscando reafirmar a correspondência entre as palavras e as coisas (e atos). É o que se costuma chamar de “fideísmo”. A postura de fundo é a afirmação de que a Bíblia tem razão e por isso pode e deve ser fonte de fé e confiança. O fundamentalismo evangélico de matriz norte-americana tem aí a sua fonte de afirmação, numa frente de defesa e batalha contra o modernismo científico da época. No campo protestante, essa postura hermenêutica foi consolidada na chamada “ortodoxia protestante” dos séculos XVI e XVII, com continuações no pietismo alemão e nas igrejas evangélicas que assumem posturas mais fundamentalistas no que tange à leitura e interpretação da Bíblia (Armstrong, 2001). Nesse campo utiliza-se e defende-se o chamado “método histórico-gramatical”, o qual não analisa o surgimento histórico dos textos bíblicos, mas opera análises muito ricas sobre o texto canônico constituído.

Por outro lado, com impulso do ceticismo e no contexto de mudança de paradigma, os textos sagrados foram sendo submetidos à luz da crítica histórica (Reimer; Richter Reimer, 2019). Por essa senda foi aberto o que mais tarde ficaria sendo conhecido como o método histórico-crítico.

Há um conjunto de fatores e atores que contribuíram para o surgimento do método histórico e sua maturação. Mathias Flacius Illyricus (1520-1575) e Johann Semler (1725-1791), ainda que se mantivessem aderentes a questões dogmáticas, fomentaram discussões sobre o sentido literal dos textos e seu respectivo contexto histórico. Hugo Grotius (1583-1645), com base em extensos estudos filológicos, e focando no sentido primário, literal ou original, buscou situar os textos bíblicos em seus diferentes contextos de surgimento, cada qual com marcas de seu tempo originário (Volkman; Dobberahn; César, 1992; Fitzmyer, 2011). Cada nova investida em termos de análise dos textos sob o prisma da crítica histórica era, em geral, contraposta por reações a partir das diferentes igrejas, de acordo com o seu perfil ideológico. Essa chamada “alta crítica”, por ser elaborada em contextos acadêmicos com relativo distanciamento das igrejas era criticada pelas igrejas, em distintos movimentos de reação (Dreher, 2002).

O século XIX provou ser o tempo da desconstrução. Grandes figuras como Charles Darwin, Karl Marx, Immanuel Kant e Friedrich Nietzsche trataram de analisar as origens materiais e históricas de fatos e tradições, realizando uma superação de crenças e teses reiteradamente afirmadas pelas instituições dominantes no mundo ocidental. A tese iluminista de Kant, resumida no slogan *Sapere aude!* [Ouse saber!], se tornou programática para muitos pesquisadores da época, conferindo um clima generalizado de “ilustração” ou “*enlightenment*” aos diferentes campos científicos. Havia a crença de que as luz da razão ou esclarecimento dariam sua contribuição para a uma vida à luz do conhecimento.

No campo da hermenêutica, discussões significativas foram propostas pelo protestante luterano Friedrich Schleiermacher (1763-1834), reconhecido como o pai da hermenêutica clássica ou moderna. Embora afetado pelas teses iluministas, Schleiermacher também era afeito ao movimento do romantismo, Ele insistia em afirmar que o processo de compreensão (de textos) não se submete a juízos universais, mas encontra no sujeito interpretante a chave

para a reconstrução do sentido original dos textos (sagrados). Na sua tarefa de definir condições gerais para a hermenêutica como a arte e a ciência de interpretar, Schleiermacher colocou foco em duas dimensões importantes: a) por um lado, o intérprete deve colocar o foco sobre a dimensão histórica e gramática do texto; b) por outro lado, ele ressaltou a dimensão psicológica ou criativa da ação de interpretar, subsumida no que chamou de teoria da congenialidade (Schleiermacher, 2006). Com base em intensos estudos e análises sobre o determinado texto, sua dimensão gramatical e semântica, bem como suas condições originárias, o intérprete conseguiria, segundo ele, reconstruir a *intentio auctoris*, isto é, a intenção do autor (ou da autora) no momento da criação do texto. Essa ênfase acabou gerando otimismo nos processos de definição das intencionalidades dos textos bíblicos, chegando-se a certo exagero como expresso por um analista desse movimento: “Existindo um conhecimento histórico e linguístico adequado, o intérprete encontra-se em posição de compreender melhor o autor do que este se compreendeu a si próprio” (Bleicher, 1997, p. 28).

Esse otimismo também derivava das discussões no campo da história, especialmente com as discussões de Leopold von Ranke e sua proposta de reconstruir a história “como de fato foi”. O *insight* era similar: com base em intensos estudos e análises poder-se-ia aferir o sentido original dos documentos e, com essa base científica, exercitar a historiografia com o afã de estar sendo fiel aos acontecimentos. Uma grande dose de cientificismo alimentava esta perspectiva, podendo ser entendida como decorrente do espírito de iluminação e esclarecimento em todos os campos científicos, com foco na objetividade (Witt, 2002).

O século 20 trouxe consigo uma virada para a subjetividade. No campo da Filosofia, com influência de Edmund Husserl, Martin Heidegger (1988) e outros pensadores estabeleceu-se bases para a fenomenologia. Com ela, a compreensão que o intérprete tem do mundo e da sua realidade são tomados como o momento primeiro

do processo de interpretação. Num primeiro momento, o intérprete precisa se compreender em seu mundo, em sua realidade. Nisso o intérprete se dá de que sempre é habitado por pré-conceitos, isto é, concepções anteriores que moldam ou ajudam a moldar a sua compreensão e, portanto, a sua interpretação. Nesse processo se estabelece uma espécie de círculo vicioso. Mas, nesta perspectiva, o importante não é evitar o círculo vicioso, mas entrar nele de forma adequada, trazendo os pré-conceitos à consciência no momento interpretativo. Todo sujeito que interpreta realiza esse processo a partir de sua pré-compreensão e de seus preconceitos. Essa perspectiva foi muito bem formulada por Leonardo Boff (1997, p. 7), quando afirma: "Ler significa reler e compreender, interpretar; cada um lê com os olhos que tem e interpreta a partir de onde os pés pisam". Hans-Georg Gadamer (1994; 2002) ressaltou muito fortemente o peso da tradição no processo interpretativo, afirmando que o intérprete sempre está envolto em um mundo que o antecede, especialmente pela linguagem, mas também pelo peso das tradições. Com isso passou-se a discutir a história dos efeitos das interpretações sucessivas, inserindo as mesmas numa estética da recepção.

Com esta "virada hermenêutica" entraram em cena a perspectiva do sujeito e a estética da recepção. A perspectiva foi muito bem trabalhada por Paul Ricouer (1978; 2004) em várias de suas obras. Esse filósofo do "cogito ferido", também de linha fenomenológica, colocou foco em como as figuras da alteridade são importantes para a invenção ou configuração da identidade (= si). Na abertura para o outro, o mundo do outro envolve o sujeito interpretante e nisso se dá como que uma reconfiguração da consciência do sujeito e, por extensão, de sua própria identidade. Ricouer aplicou isso magistralmente para a lide com textos. Seu pressuposto básico é a diferença entre discurso e texto. No discurso, segundo ele, é possível reconstruir a intenção de quem fala (*intentio auctoris*), observando-se a hierarquia de três atos subordinados em níveis: a) locucionário: o ato de dizer; b) ilocucionário: aquilo que fazemos ao dizer;

c) perlocucionário: aquilo que fazemos pelo ato de falar. Aí realiza-se uma clausura de sentido. O texto (escrito), por sua vez, representa o paradigma da comunicação à distância. Primeiramente, a escrita realizaria algo exterior fundamental para a comunicação à distância: a fixação, que coloca o evento do discurso ao abrigo da destruição (Ricouer, 1990). Esse ato exterior traria consigo uma dimensão mais profunda: a escrita torna o texto autônomo relativamente à intenção do autor; o que o texto significa não coincide mais com aquilo que o texto quis dizer. Com a ausência das limitações ou determinações contextuais (ilocucionária e perlocucionária), realiza-se, no texto escrito, uma abertura (inesgotável) de sentido. Com isso, o leitor, o sujeito ou o intérprete tem a palavra sobre o texto. O texto fica aberto às inesgotáveis perspectivas do leitor. Com isso, a *intentio lectoris* alcançou sua elaboração teórica mais perfilada. Essa abordagem trata-se de uma forma de interpretação subjetiva do texto, na medida em que ele, por seus referenciais estéticos, atua sobre a consciência do sujeito interpretante.

Por influência teórica de Umberto Eco (1993; 1995) fala-se também da *intentio operis*, na medida em que a disposição das partes de uma peça literária carregaria consigo elementos próprios. Esses elementos próprios deveriam, segundo Eco (1995), ser observados no processo interpretativo sob pena de exercício de “superinterpretação”, isto é, interpretar para além daquilo que o arcabouço textual se propõe a estruturar em termos de sentido. Para Eco, a linguagem também é uma elaboração arbitrária de signos, designada de semiótica aberta. Ele, porém, fez esta proposta da *intentio operis* como uma forma de se contrapor à fragmentação e arbitrariedade inesgotável no processo de interpretação de textos e obras. O difícil, em sua proposta, é dizer quem será o árbitro para verificar os limites da interpretação.

Com a virada hermenêutica, com foco no sujeito leitor, abriu-se o caminho para um conjunto de hermenêuticas regionais ou setoriais, tais como: hermenêutica feminista, da libertação, negra,

ecológica etc. Todas elas procuram fazer a leitura de textos a partir das condições da realidade histórica e vivencial em que o sujeito interpretante está inserido. Aqui cabe um destaque para três expressões dessas “hermenêuticas regionais”

No contexto da emergência da teologia da libertação na América Latina ganhou força o movimento de leitura da Bíblia a partir dos pobres. O *habitat* deste tipo de leitura dos textos sagrados eram as comunidades eclesiais de base, de vertente ecumênica. A pergunta fundamental dirigida aos textos era se eles favoreciam um processo ou ação de libertação ou se funcionavam dentro da chave de legitimação de opressão. Alguns protagonistas desse movimento foram o exegeta holandês Carlos Mesters (1977), como sua famosa obra *Por Trás das Palavras*, e o biblista luterano Milton Schwantes (1988). Todo um conjunto de especialistas na área de interpretação da Bíblia na perspectiva da libertação foram formados durante várias décadas, em diferentes níveis formativos, incluindo a pós-graduação *stricto sensu*. No Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião da PUC Goiás, os colegas Valmor da Silva e Joel Antônio Ferreira estão perfilados nessa linha interpretativa.

Outra expressão de hermenêutica regional é a hermenêutica feminista. Suas origens remontam aos escritos de Elisabeth Cady Stanton, norte-americana com forte inserção no movimento sufragista universal. Os trabalhos de Elisabeth Schuesler-Fiorenza (1992) colocaram balizas para o referencial teórico de leituras de suspeita em relação aos textos bíblicos. O ponto de partida é a condição e situação histórica da mulher na sociedade. Há claramente um objetivo de superar a histórica invisibilização das mulheres na história em geral e na história da igreja. No conjunto dos trabalhos da linha de pesquisa Literaturas sagradas, os trabalhos de Ivoni Richter Reimer procuraram resgatar as figuras de mulheres na Bíblia e reconstruir o seu protagonismo na história da fé e na formatação dos textos sagrados (Richter Reimer, 2013; 2019; 2021).

Uma terceira vertente desse tipo de hermenêutica de textos sagrados pode ser chamada de hermenêutica ecológica. Aqui parte-se das perguntas de como e o que os textos sagrados (bíblicos) tem a dizer sobre as demandas ambientais ou ecológicas na atualidade. Não se trata de “forçar” os textos a dizerem algo sobre demandas atuais. Trata-se, antes, de inquirir pelos princípios de sabedoria que estão insculpidos nos próprios textos sagrados, emanados em um paradigma pré-moderno. Uma série de estudos foram realizados nessa perspectiva e sempre de novo exercitados nas atividades no Programa (Reimer, 2006; 2010). Essa abordagem ecológica de textos sagrados também se une, pelo paradigma do cuidado, aos estudos feministas da Bíblia, constituindo uma hermenêutica ecofeminista (Richter Reimer, 2010; 2022; Rosendo *et al.* 2019), que trata de estabelecer afinidades eletivas entre as demandas ecológicas contemporâneas e as espiritualidades inseridas nos textos sagrados.

De uma forma geral, todo leitor ou intérprete vive de forma hermenêutica no mundo (Ribeiro, 2009). Três formas de abordagem constituem os ramos principais no campo da hermenêutica na abordagem de textos sagrados: a) numa abordagem estética, importa estabelecer uma relação de alteridade com o texto, no sentido de, pelos mais diferentes caminhos de acesso, reconfigurar a identidade do leitor; por esse caminho e suas ramificações metodológicas, os textos estão abertos para infinitas perspectivas; aqui predomina o sujeito e suas estéticas da recepção; b) numa abordagem política, os textos são funcionalizados para atender interesses do respectivo grupo; aqui as leituras, em geral, são teologicamente conduzidas, ficando adstritas a questões dogmáticas; c) do ponto científico, o que mais importa é uma abordagem heurística, no sentido de fazer as perguntas sobre a origem histórica dos textos e as intencionalidades do autor ou dos autores. Para resguardar seu estatuto científico, essa abordagem precisa manter o controle sobre a abordagem estética e política, com o objetivo de produzir conhecimento sobre a história de surgimento e transmissão dos textos, colocando em evidências as intencionalidades intrínsecas a cada momento.

REFERÊNCIAS

- ARMSTRONG, Karen. *Em nome de Deus. Os fundamentalismos no judaísmo, cristianismo e islamismo*. Rio de Janeiro: Cia das Letras, 2001.
- BLEICHER, Josef. *Hermenêutica contemporânea*. Lisboa: Edições 70, 1997.
- BOFF, Leonardo. *A águia e a galinha*. Petrópolis: Vozes, 1997.
- DREHER, M. N. *Fundamentalismo*. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2002.
- ECO, Umberto. *Interpretação e superinterpretação*. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- ECO, Umberto. *Os limites da interpretação*. Tradução de P. de Carvalho. São Paulo: Perspectiva, 1995.
- FITZMYER, J. A. *A interpretação da Escritura: em defesa do método histórico-crítico*. São Paulo: Loyola, 2011.
- GADAMER, Hans Georg. *Verdade e Método*. Petrópolis: Vozes, 1994.
- GADAMER, Hans Georg. *Verdade e método II*. Complemento e índice. Petrópolis: Vozes, 2002.
- HEIDEGGER, Martin. *Ser e Tempo* (Parte I). Petrópolis: Vozes, 1988.
- MESTERS, Carlos. *Por trás das Palavras*. Petrópolis: Vozes, 1977.
- PRANDI, Reginaldo. *Mitologia dos orixás*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- REIMER, Haroldo. *Bíblia e Ecologia*. São Paulo: Reflexão, 2010.
- REIMER, Haroldo. Hermenêutica ecológica de textos bíblicos: Uma Janela sobre o Mundo Bíblico. *A Bíblia.org*, Brasil, 2006. Disponível em: <http://www.abiblia.org/ver.php?id=1259>. Acesso em: 19 fev. 2009.
- REIMER, Haroldo; RICHTER REIMER, Ivoni. À luz da crítica histórica: sobre o método histórico-crítico no estudo da Bíblia. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, v. 59 n. 2, p. 384-396, 2019.
- REIMER, Haroldo; FERREIRA, Joel Antônio; SILVA, Valmor da. Religião e Literatura Sagrada: Matrizes teóricas e trajetórias hermenêuticas. *Caminhos*, Goiânia, v. 28, p. 20-38, 2020. Disponível em: <https://seer.pucgoias.edu.br/index.php/caminhos/article/view/8112/4502>. Acesso em: 10 mai. 2024.
- RIBEIRO, Osvaldo Luiz. Viver hermeneuticamente no mundo: pragmática como ação humana intencional e situada. *Caminhos*, Goiânia, v. 7, n. 1, p. 105-120, 2009. Disponível em: <http://seer.pucgoias.edu.br/index.php/caminhos/article/view/1199/845>. Acesso em: 12 mai. 2024.

- RICOUER, P. *Conflito de interpretações*. Ensaios sobre hermenêutica. Rio de Janeiro: Imago, 1978.
- RICOEUR, Paul. *Ensaios sobre a interpretação bíblica*. Tradução de José Carlos Bento. São Paulo: Fonte Editorial, 2004.
- RICOUER, Paul. *Interpretação e Ideologias*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1990.
- RICHTER REIMER, Ivoni. As teologias e práticas políticas dos movimentos (eco) feministas. *Caminhos*, Goiânia, v. 17, p. 120-137, 2019.
- RICHTER REIMER, Ivoni. Humanizar para Bem Viver. *Caminhos*, Goiânia, v. 19, n. 2, p. 243-247, 2021. Disponível em: <http://seer.pucgoias.edu.br/index.php/caminhos/article/view/9199/5260>. Acesso em: 15 fev. 2024.
- RICHTER REIMER, Ivoni. Espiritualidade ecofeminista em contextos de crises sociais e pandêmicas: sustentabilidade e cuidado compartilhado. *Mandrágora*, São Bernardo dos Campos, v. 28, n. 2, p. 107-140, 2022.
- RICHTER REIMER, Ivoni. Religião, gênero e ecologia. *Caminhos*, Goiânia, v. 11, n. 2, p. 92-98, 2013.
- RICHTER REIMER, Ivoni. *Terra e água na espiritualidade do movimento de Jesus*. São Leopoldo: Oikos, 2010.
- RICHTER REIMER, Ivoni; REIMER, Haroldo. Ecologia em Perspectiva da Espiritualidade Bíblica. In: ARAÚJO LUCAS, Flávia C.; SILVA SANTOS, Ronize da; SOUZA, Sandra Duarte de (orgs.). *Religião e Ecologia: plantas, espiritualidades e política*. Belém: EDUEPA, 2021. p. 23-56.
- ROSENDO, Daniela; OLIVEIRA, Fabio A.G.; CARVALHO, Priscila; KUHNEN, Tânia A. (orgs.). *Ecofeminismos: fundamentos teóricos e praxis interseccionais*. Rio de Janeiro: Ape'Ku, 2019.
- SCHLEIERMACHER, F. *Hermenêutica*. Arte e técnica da interpretação. Tradução Celso Renida Braida. Petrópolis: Vozes, 2006.
- SCHÜSSLER FIORENZA, Elisabeth. *As origens cristãs a partir da mulher*. São Paulo: Paulinas, 1992.
- SCHWANTES, Milton. O êxodo como evento exemplar. *Estudos Bíblicos*, Petrópolis; São Leopoldo, n. 16, p. 9-17, 1988.
- VOLKMANN, Martin; DOBBERAHN, Friedrich Erich; CÉSAR, Ely Éser Barreto. *Método Histórico-crítico*. São Paulo: CEDI, 1992.
- WITT, Hans de. *En la dispersión el texto es patria*. Introducción a la hermenêutica clásica, moderna y postmoderna. San José: Universidade Bíblica Latinoamericana, 2002.

9

Luigi Schiavo

**LOS LÍMITES
DE LA RELIGIÓN:**
RELIGIÓN, ÉTICA Y DIVERSIDAD

INTRODUCCIÓN

Este trabajo surge de la realidad actual que vivimos, caracterizada especialmente por conflictos bélicos entre pueblos y naciones, algunos con involucramiento directo de sus religiones. Tal situación hace surgir preguntas del tipo:

¿A partir de Gaza, cuál es el sentido de hablar en religión?

¿Existe religión legítima, cuando se hace referencia a un concepto o creencias para justificar la eliminación física del otro?

¿Dónde están los límites de una religión?

Nos cuestionaremos sobre los límites de las religiones, que las llevan a universalizarse, asumiendo actitudes colonialistas y totalitarias, como el pasado histórico colonial testimonia. También, planteamos que el paradigma racional de sustentación de la modernidad tiene un papel importante con su sistema de clasificaciones sociales, raciales y de género, responsable por tantos desastres sociales. Propondremos, en este estudio, una mirada distinta desde la diversidad, que rompa con el dualismo opositorista y resulte en una ética de la diversidad que, a través de una postura intercultural, construya relaciones de convivencialidad, fraternidad y sororidad social y cósmica.

LA RELIGIÓN COMO PRODUCTO SITUADO Y CONTEXTUAL

Para algunos sociólogos, la religión es un conjunto de mecanismos de control y de orientación del comportamiento y se considera como parte integrante de la cultura. Geertz considera la cultura

un código de símbolos y significados compartidos por los miembros de un mismo grupo, con finalidad de dar sentidos y normatizar la vida social (Geertz 1989): es comparable a un programa de informática, un software, instalado en las personas al momento del nacer. Hay varias culturas, pero solamente vemos una, la que corresponde al grupo y al medio donde somos originados. En ese contexto, los símbolos religiosos, los mitos, los ritos y las normas morales, son expresión de un grupo social y van constituir el imaginario cultural, social y religioso de un grupo específico.

Durkheim (1989) relaciona la religión a la "sociedad", entendiéndola por sociedad un sistema de significados y de símbolos anteriores al individuo, una visión de mundo por él asumida al nacer y en la que se insiere. Es como un vestido que el individuo viste y que manifiesta su pertenencia social y contribuye a definir su identidad específica. La sociedad es una superorganización con vida y actuación propia. Ella es quien crea la religión, los símbolos sagrados, como el tótem, atribuyendo valor sagrado a objetos, cosas, personas, tradiciones. En el esquema interpretativo de Durkheim, la sociedad legitima a la religión (Durkheim, 1989).

Para el sociólogo alemán Max Weber (1963), la religión absorbe y refleja los valores y la visión del mundo de los diversos grupos sociales. Así, las religiones son condicionadas también por las clases sociales y sus situaciones económicas. En las sociedades tribales, por ejemplo, los símbolos religiosos reflejan la dependencia económica de la vida animal; mientras que, en las sociedades más desarrolladas, como las monarquías tradicionales, ya bien estructuradas, la religión está estructurada en una jerarquía específica sacerdotal, muchas veces paralela a la jerarquía política. Se construyen espacios separados y sagrados distintos de los espacios públicos; organizase el culto a los dioses, sacrificios, oraciones, fiestas, mitos, etc. En las sociedades más grandes, la religión tiende a expresarse en subgrupos religiosos dentro del panorama de la cultura dominante,

propiciando una fuerte experiencia ideológica e identificatoria con el grupo al cual se pertenece. En el ámbito social, la religión puede apoyarse al orden social vigente, legitimando el poder, con el intento de institucionalizarse; pero puede también transformarse en elemento de subversión e innovación, cuando es expresión de grupos marginales, insatisfechos con los valores y la sociedad vigente.

Este pequeño recorrido confirma que uno de los límites más importantes de la religión es su dependencia de la cultura y de la sociedad de las cuales es expresión. O sea, ninguna religión puede ser considerada algo metafísico, superior a las demás, por lo tanto, universalizada como la única vía de la salvación, porque todas son expresiones históricas, situadas y el resultado de tradiciones sociales y culturales localizadas. No considerar esa referencia, es caer en la tendencia colonial de imponer su propia forma de creer, vivir y de legitimarse. El sistema de vida de una sociedad engloba sus creencias, el conocimiento, la moral, el arte, el derecho y los hábitos adquiridos y necesarios para garantizar el vivir social (Tylor, 1871). Al final, cada sociedad, con su cultura específica, es expresión siempre de un lugar geográfico, y del esfuerzo de adaptación, transformación, aprendizaje y definición de determinados modos de vivir y de comportarse (Laraia, 2002).

Etimológicamente, cultura viene del latín "*colere*", que se refiere al cultivo de la tierra, pasando a indicar en general el cultivo de la vida, o sea, la dinámica concreta en que se cuida de la vida y de la existencia, para que esas mismas puedan ser las mejores posible. Cuidado que se fundamenta en la relación esencial de la existencia humana con lo social, para con el medio ambiente y lo cósmico. No se resume solamente en algunas acciones aprendidas por la experiencia, sino que es el resultado de la sabiduría transmitida de generación en generación por un pueblo.

LA RELIGIÓN UNIVERSALIZADA

El problema surge cuando una cultura, y con ella su religión, se olvidan de su situación situada para universalizarse, adoptando un discurso generalizante. La historia está llena de ejemplos de invasión cultural-religiosa, con el resultado de imponer, en muchos casos a la fuerza, sus visiones de mundo, tradiciones, creencias y su organización social. Sin considerar que la universalización lleva a la negación del otro y de la diversidad que le es propia. Esta es la base de la colonización y de todos los imperialismos, responsables por inúmeras desgracias y genocidios, casi siempre justificados por el saque de los recursos físicos y inmateriales. En ese sentido, también el concepto de “misión”, tan específico de las religiones, debe ser releído e interpretado considerando la tendencia innata a la expansión religiosa, que, en muchos casos, por no ser respetuosa de las diversidades, acaba en la colonización cultural, religiosa y política.

Hemos aprendido, especialmente en América Latina, más no solo, que las estrategias de la conquista colonial hacen uso de determinados mecanismos: desde la conquista militar, hasta la interpretación del conflicto como una confrontación entre dioses, la imposición de un esquema mítico y religioso para legitimar la llegada de los usurpadores, la imposición de la religión de los colonizadores y de su cultura; la desestructuración de las sociedades conquistadas y la imposición de clasificaciones sociales, patriarcales, raciales, sexuales, de género, para legitimar la dominación y la esclavitud y la implementación de un poder colonial y de una ley que mantenga el orden impuesto por los vencedores (Romano, 1995). En ese proceso colonial, la religión ejerce un papel fundamental de legitimación del poder colonial.

La estratificación social, por ejemplo, se impone bajo la pureza de la sangre, donde la blancura se vuelve el capital simbólico que distingue a las élites en relación a los indígenas (Prado, 2018). Se impone un sistema de castas, que definen espacios y roles y, negros, mestizos, mulatos y mujeres son excluidos del sistema de poder. La depreciación de la sabiduría indígena llega a considerar su conocimiento como falso y supersticioso: así, por ejemplo, los médicos indígenas son despreciados a curanderos, con políticas manifiestas de agresiones. El racismo de la raza se extiende al racismo epistémico, generando el “epistemicidio” y el saqueo de los saberes otros, tachados de primitivos, atrasados, inexactos, etc. La piel oscura o manchada (negros, cholos, mulatos, indios, mestizos) es considerada producto de enfermedades y epidemias, en realidad fueron justamente las enfermedades traídas por los europeos a exterminar la población indígena de América Latina.

También las lenguas autóctonas son tachadas de incapaces de abstracción y descartadas. La clasificación social genera nuevas formas de exclusión y deprecio: atrasados, salvajes, no totalmente humanos. Rebajados en su dignidad humana, es posible esclavizarlos.

El concepto de raza adquiere una nueva funcionalidad: “diferenciar, segregar, tergiversar la otredad y, de esta manera, racializar por medio del determinismo biológico, geográfico y climático las relaciones sociales” (Prado, 2018). Sin embargo, por lo que parece, el concepto de raza tiene una matriz teológica, en la España inquisitorial. El término “raza”, originariamente usado en la Edad Media en el ámbito comercial para indicar defectos y manchas en ropa y vestidos, migra para el ámbito étnico, indicando la pureza racial. Para la Inquisición adquiere importancia estar “sin raza de judíos/moros”, o sea, no tener manchas o defecto debidos a estas razas en sus genealogías (Harvey, 2005). En este sentido, la limpieza de la sangre pasa a definir a los cristianos, que eran “sin raza de moros, judíos o herejes”,

no contaminados por esas sangres impuras. El término “raza” pasa a aludir a una mancha en la sangre debido al rechazo de Jesús como Dios encarnado, y que se transmitía de padre a hijo. Esta mancha habría generado la heterodoxia y la inmoralidad.¹ ¡El racismo biológico tiene, por lo tanto, orígenes teológicos, por ser la raza asociada al pecado! La estructura colonial se basa sobre las clasificaciones: blanco x no blanco, cristiano x no cristiano, que son la base de toda la episteme colonial y las demás clasificaciones (Grosfoguel, 2006). La conclusión es que “la obsesión por la pureza epistémica de los ilustrados sería una secuela (o una secularización) de la obsesión por la pureza que puede adquirirse mediante una conversión sincera a la fe en el redentor que borra los pecados del mundo, y no a la inversa” (Prado, 2018).

Según Juan Stam (2002, p. 179), la relación estrecha entre cristianismo y colonización se manifiesta por el hecho que “los conquistadores sentían una necesidad casi compulsiva de justificar su proyecto colonizador desde las Sagradas Escrituras y la fe cristiana”. De hecho, el mandato universal de predicar el evangelio a todos los pueblos de la tierra, salvándolos del pecado original, bien se encaja a la expansión colonial de Europa. Si de un lado el cristianismo acompaña y legitima esa expansión, por otro lado, el colonialismo afirma estar a servicio de la fe cristiana. Esa base teológica del colonialismo tiene sus raíces en el cristocentrismo, que vincula la redención de la humanidad a la aceptación universal del Cristo, el Dios encarnado. Tal aceptación tiene como consecuencia la lógica aceptación de la Iglesia como mediadora de la salvación.

La religión, al universalizarse, se transforma en uno de los principales dispositivos coloniales. Ella contribuye de forma decisiva

1 “Esta mácula indeleble persigue a los descendientes de los apóstatas, así como a esos judíos deicidas y a esos musulmanes que se niegan a reconocer a Jesús como Dios encarnado, a los herejes y a los condenados por la Inquisición como corruptores del dogma católico. Todos ellos, por tanto, llevan registrada en su sangre una inclinación hacia los crímenes cometidos por sus antepasados” (Zuñiga, 1999).

al silenciamiento, anulación y sometimiento de los pueblos conquistados: “el ser del uno se impone sobre el no ser del otro” (Prado, 2018, p. 57). No restan que dos posibilidades a los colonizados: la resistencia, que puede ser armada o cultural, para garantizar su sobrevivencia identitária; o la homegenización, la aceptación y su inclusión en el sistema colonial. Los dioses de los vencidos son demonizados y sus cultos prohibidos, como peligrosos y primitivos. El cambio de los dioses legitima la imposición de otra clasificación social, otro poder político y cultural. Y la religión de los vencedores, olvidándose de su naturaleza contextual, se afirma como supranacional, metafísica, la única vía de salvación para todos los pueblos.

El monoteísmo también tiene relación directa con el poder colonial y totalitario: “Numerosos conflictos del mundo actual contienen componentes ideológicos. En nombre del Dios único se mata, se excluye, se predica el odio y la intolerancia. Durante varios siglos, sin embargo, el advenimiento del monoteísmo fue considerado como una señal de progreso intelectual y filosófico en la historia de la humanidad” (Römer, 2018, p. 55). La raíz de eso se encuentra en los mitos de la creación, donde el Dios bíblico otorga al ser humano (hombre y mujer), creado a su imagen y semejanza, el poder de dominar el mundo, con la posibilidad de volverse *homo demens*, según la nota afirmación de Morin,² y de realizar tremendas catástrofes sociales y ecológicas. De hecho, el binomio Dios-ser humano, no es bueno para la sociedad y la vida en el planeta, que se ven siempre más perjudicadas y amenazadas.

El término “monoteísmo” no se encuentra en la Biblia, pues surge en el siglo XVII, con el propósito de vincular lo racional a lo divino (Römer, 2018). En las religiones antiguas, generalmente marcadas por el politeísmo, se prefiere hablar de “henoteísmo”: la opción por un único dios, que no excluye la existencia de otros, y que en la

2 “El *Homo Sapiens*, con su mente racional, puede, al mismo tiempo, ser *Homo Demens*, capaz de delirio y de demencia” (Morin, 2006).

tradição semita se define como escolha por um Deus patrono de la monarquia y, por consecuencia, un Dios tutelar de su pueblo. Según el mito cananeo de los orígenes, el dios supremo El, col propósito de organizar el mundo, destinó cada uno de sus 70 hijos como dioses tutelares de cada pueblo (Salmo 82,1.6). La conclusión es que hay varios dioses, mismo que uno solo sea el tutelar de Israel, YHWH. Más allá que eso, la arqueología demostró que YHWH, hasta el VIII-VII s., tenía a su lado la diosa Asherá, conocida en Ugarit y Mesopotamia.³ La exclusividad del culto a JHWH (monolatría), que no niega la existencia de otros Dioses, surge solamente en el VII siglo a.C. con la política nacionalista de Josías, que buscaba un único Dios nacional, que legitimase a él como único rey, para un único pueblo y reino, que él estaba extendiendo hasta los límites de David.⁴ En el judaísmo pos-exílico, la separación del poder político del religioso, posibilitó el surgimiento de una religión en la diáspora. “la transformación de YHWH en dios único fue completada por el rechazo del judaísmo a llamarlo por su nombre y, sobre todo, por la traducción de la Torá en griego, que le permitió al mundo entero (desde la perspectiva greco-romana), descubrirlo” (RÖMER, 2018, 114). La desaparición forzada de la diosa-madre del imaginario religioso de Israel fue compensada por la integración de elementos femeninos a la figura de YHWH, presentes sobretudo en el Deutero-Isaías y en Oseas. Con certeza,

el monoteísmo exclusivo traza límites antes inexistentes: entre Dios y los demás dioses, entre verdad y falsedad, entre nosotros y ellos, entre presente y pasado, respectivamente lo nuevo y lo viejo [...]. Traza un límite también al interior de su grupo, hasta los propios individuos que lo componen; realiza una distinción entre el nuestro/mío pasado y presente, mi viejo y mi nuovo yo. (Assmann, 2009, p. 162)

3 Puech (2015)

4 Eso demonstra que YHWH se convirtió en un Dios dinástico, patrono de la dinastía de David (2Sam 7) y que Josías así lo considera.

Por eso, concluye el mismo autor, la violencia “no es insita en la idea de un único Dios, sino a la exclusión de otros dioses; no a la idea de verdad, sino a la persecución de la falsedad” (Assmann, 2009, p. 162-163).

Podemos concluir afirmando que la presencia de “un solo Dios se vincula al monolitismo social y al totalitarismo de la consciencia, cuando no a la tiranía del uno” (Prado, 2018, p. 230). En el pensamiento occidental, el monoteísmo, opuesto al politeísmo, equivale al binomio monismo y pluralismo. Hasta Deleuze y Guattari (2005, p. 204) afirmaren que “siempre hay un monoteísmo en el horizonte del despotismo”.

La pregunta que nos queda es por tanto la siguiente: ¿Cómo salir de la tentación universalizante, colonizadora y totalitaria de la religión? Es lo que vamos a ver en seguida, desde el tema de la relación con la diversidad.

LA DIVERSIDAD COMO EXPRESIÓN DE LA COMPLEJIDAD DE LA VIDA

La salida de los límites que la definen, encierra la religión universalizada en una “tierra de nadie”, en un vacío entre un estilo de vida específico, reglamentado en un espacio geográfico limitado y la heterogeneidad con que se depara y que la obliga a redefinirse desde los nuevos límites (Neri, 2016). Con la expansión moderna y la globalización, la religión va más allá de la territorialidad y de la cultura, desarrollando aquellos caracteres metafísicos, que le posibilitan expandirse a toda la humanidad. De hecho, “la pretensión de que la religión es una categoría de validez universal es de tipo dogmático. Estamos antes un trascendente convertido en una invariante antropológica” (Dubuisson, 1998, p. 132).

En su expansión religiosa, si la religión no quiere caer en la tentación colonialista, tiene que aceptar la relación con la diversidad. La incertidumbre etimológica del término “religión”, permite varias interpretaciones: se refiere a la elección (del latín *religere*) de un sistema de sentidos y de creencias, que remete a una adhesión, a la pertenencia a un recinto, en el sentido de un sistema cerrado que abarca desde mitos, hasta ritos, la moral y la estructuración social. Pero, la elección lleva a la religación (*religare*),⁵ entendida por Morin desde una relación ética: “todo acto ético, de hecho es un acto de religación (quiere decir, religioso, según la etimología de la palabra): religación con el prójimo, religación con los suyos, religación con la comunidad, religación con la humanidad y, en última instancia, inserción en la religación cósmica” (Morin, 2006, p. 40); y con la responsabilidad, según Ivone Gebara (2011, p. 39): “es la salida de la adhesión hacia una responsabilidad colectiva. Y esto lo veo muy claro en la tradición cristiana, aunque le hayamos robado la dimensión ética y dejado sólo su aspecto de ritos mágicos para curarse, obtener favores, para glorificar la majestad de un Dios arriba y afuera, un Dios grande, un ser en sí mismo”.

La postura ética y de responsabilidad es exigida a la religión, desde su encuentro con lo de afuera, lo diverso, para no volverse cómplice de la colonización y del totalitarismo.

Entendemos que el término “diversidad” se refiere a “maneras diferentes de ser, vivir y pensar, responsables por la exclusión, el rechazo y, en muchos casos, por la marginación y la enajenación que puede ocasionar una falta de reales oportunidades para el desarrollo pleno de las posibilidades diversas en las personas” (Schiavo-Campusano, 2023). Hay diversidad en todos los ámbitos de la vida, pues la realidad es compleja: en el campo de la naturaleza, de la cultura, de la sociedad, de la religión, de la política, de la economía,

5 Lactancio hace derivar el término “religio” del verbo latín “religare”, con el significado de atados, ligados, vinculados a un Dios. En: *Institutiones divinas*.

de género. Ser “diverso” no es una punición divina, un castigo, una limitación, una desgracia, o algo parecido. Al contrario, representa la creatividad, la riqueza, las posibilidades siempre nuevas de adaptación, la alteridad de la vida en continuo movimiento, transformación y devenir. Así, por ejemplo, la diversidad es necesaria a la reproducción de las especies, mientras que una diversidad reducida es peligrosa para su sobrevivencia, como la monocultura en la agricultura.

En el campo de la sociedad, el problema aparece desde las clasificaciones sociales, necesarias para “normalizar” las diversidades e imponer la homogeneidad social que, por mucho tiempo fue confundida con civilización. Hobbes (2008), en su filosofía política, afirmaba la necesidad de un Estado controlador, regulador y “normalizador” de la vida social, con la aplicación de leyes que organicen la vida social, frente al peligro de la ley de la selva. O sea: las libertades individuales y la naturaleza belicosa y competitiva del sujeto representan una amenaza a la vida social. Pero, limitando las libertades individuales, se acaba imponiendo la homogeneización social y se eliminan sobre todo las diversidades presentes, y quienes no se encajan en el molde social/político impuesto. Con el discurso único, la única interpretación, la única verdad y el único poder y rey, el Estado moderno afirma su auto-referencialidad y se vuelve colonialista en relación a todos aquellos que son diferentes, diversos y discordan de él. La homogeneización modela a las personas, fija límites a los movimientos y deseos, define hábitos y comportamientos, controla el pensamiento, transforma los individuos en ciudadanos. Lo normal coincide con lo común: no existe más espacio para la diversidad. Se establece un régimen de control,

que se extiende desde el control de la vida individual, a la social y natural, desde el cuerpo de las personas, las ideas y hasta los vínculos, las relaciones y las instituciones por ellas generadas. Todo y todos son “normalizados”, estandarizados, quiere decir: interpretados y sometidos a los mismos esquemas de pensamiento y leyes. El modelo, o el molde, define a la identidad, las relaciones, la manera de ser, las decisiones.

Se impone el pensamiento único, donde uno piensa para todos, dejando la ilusión de una supuesta libertad. Esta estructura incentiva valores comunes, como la homogeneidad, la uniformidad, la reproducción, la repetición, la disciplina, el sometimiento a las leyes y a las autoridades, el pensamiento lineal y simplista, la acumulación, la competencia, la aplicación al trabajo, el acento en la universalidad y en lo global. Promueve también el miedo a la punición, el rechazo a la contestación, la condena del pluralismo, la negación de la diversidad. (Schiavo-Campusano, 2023, p. 121-122)

El Estado, elevado a garante de las libertades individuales, se transforma en una entidad burocrática sin alma ni corazón: en realidad ofrece un servicio estandarizado, pues todos y todas son reducidos al mismo molde y considerados desde las mismas necesidades.

Reconocer las diversidades, es, por lo tanto, necesario y, sobretodo, una cuestión de ética, pues reconoce y garantiza las especificadas de cada uno y una.

LA ÉTICA DE LA DIVERSIDAD

Frente a todo lo que hemos reflexionado hasta ahora, se hace necesario un auténtico cambio de paradigma, como afirma Mignolo (2003, p. 14): “pensar desde conceptos dicotómicos en vez de ordenar el mundo en dicotomías”. Para salir de un paradigma que ordena al mundo en el molde de las clasificaciones dualistas, y abrimos a una visión desde la pluralidad, la complejidad, los vínculos que caracterizan a la vida en general. Para eso, el tema de la diversidad es central, pues ella proporciona la posibilidad de salir de lo mismo, para el pensar, actuar y vivir diversos. La diversidad lleva a mirar para fuera de lo impuesto, lo normal, lo establecido; rompe con los estándares, los modelos y obliga a concentrarse en los diferentes y en sus

potencialidades transformadoras. Pues, la diversidad representa la posibilidad de la alteridad, es pluralidad, multiplicidad, libertad, que surge de las variadas conexiones que nos atraviesan.

Si por un lado la diversidad relativiza la única interpretación, por otro, abre a nuevas posibilidades y visiones, que representan un desafío a la transformación. También para la religión atada a la tentación colonialista y totalitaria, connivente con un sistema homogenizante, violento e injusto, necesitando, ella también, de una ráfaga de aire fresco de renovación. Y salir de su castillo institucional, dogmático y autorreferencial, para encontrarse con los que se encuentran en las márgenes, fuera de sus límites, de sus creencias, de su moral e institucionalidad. Eso significa también redescubrir sus raíces originarias, que, en el caso del cristianismo, fue de movimiento alternativo a la religión oficial, con al centro la vida herida e invisibilizada, alimentada por el sueño de una fraternidad universal. No se trata entonces de vivir "a pesar" de la diversidad, sino desde ella; o sea, de "tolerada"; la diversidad se vuelve a centro epistémico de una nueva manera de ver y ser: un auténtico cambio epistémico, que también es ético.

La consecuencia principal para la religión es la reconquista de la ética: la ética de la responsabilidad, del servicio, del cuidado, de las relaciones. No más una moral, basada en tablas de valores, en códigos de conducta y leyes pre-establecidas, que tienen a ver con el "deber". No más un sistema disciplinario y jerárquico, una manera de comportarse pre-definida que es universalizado e impuesto a todos y todas indiscriminadamente. Sino una ética que, desde los valores cristianos y desde la diversidad, genere la crisis de la normalidad. En este sentido, es profundamente revolucionaria y novedosa, es potencia de transformación.

El corazón de esa ética será la actitud de cuidado, tradicionalmente relegado por la cultura patriarcal al ámbito doméstico y privado, en cuanto lo público era monopolio de los varones. Esta disociación contribuyó a crear una visión fragmentada de la vida,

eliminando e impidiendo vínculos y conexiones vitales. Así, el cuidado acabó siendo invisibilizado y desvalorizado, mientras que en el espacio de la casa, despolitizado y relegado a la esfera privada, el cuidado era responsabilidad de las mujeres, en cuanto la sociedad patriarcal se fundaba en la competición, la agresividad, la violencia y el sometimiento. Por eso, proponer una ética del cuidado es una acción política, que “supera el pensar dissociado, que hace distinción entre territorios, lugares, actitudes que sólo pueden ser vividas en determinados espacios y momentos, generando exclusiones y dominación. Eso no pasa de control y de normalización de la vida y de las relaciones” (Schiavo-Campusano, 2023, p. 119). Pues el cuidado, más allá de exigir una perspectiva diversa, es un modo de existir en la convivencia que genera comunión. Fraternidad y hermandad, superando los estereotipos, para centrarse en la persona y en su singularidad.

En el ámbito de la religión, personas pobres y marginalizadas siempre fueron atendidas por las comunidades religiosas, que consideraban la solidaridad uno de los aspectos fundamentales de su práctica religiosa. Sin embargo, no es cuestión de mera caridad, que se hace de vez en cuando, sino de una actitud esencial para la vida religiosa. Universalizar el cuidado es poner en el centro la vida, especialmente la vida herida y amenazada, porque todos y todas de la trama de la vida.

Finalmente, el encuentro con la diversidad no es a una sola vía, sino que debe realizarse en la interculturalidad, que “en su sentido crítico, no apunta al problema de la diversidad étnica, sino al problema de la diferencia colonial. Es decir, una diferencia ontológica, política, epistémica, económica y de existencia/vida impuesta desde hace más de 500 años, y fundamentada en intereses geopolíticos y geoeconómicos, en criterios de ‘raza’, ‘género’ y ‘razón’, y en la inherente – y naturalizada – inferioridad” (Walsh, 2020, p. 142). La interculturalidad rompe con la estructura clasificatoria del sistema colonial, que inferioriza, esclaviza, invisibiliza a las personas, saberes, prácticas vitales, desde los conceptos de raza, género y razón.

Con el término interculturalidad entendemos “la dinámica de transformación de lo propio que, teniendo su norte en la convivencia, desdogmatiza las diferencias y las convierte no en puntos de paso sino en puntos de encuentro y de apoyo solidario para el cultivo de las mismas como referencias y tradiciones que necesitamos para vivir en relación y enriquecernos desarrollando la pluralidad de las relaciones culturales” (Fornet-Betancourt, 2011, p. 8). Eso significa asumir la relacionalidad como categoría fundamental en relación a la historia, la humanidad, las culturas, la naturaleza y también las religiones, y favorecer el encuentro con lo otro y no la oposición. Concretamente, la interculturalidad promueve relaciones que valoricen a las diversidades, para eso es fundamental relativizar la propia tradición cultural, renunciando a la auto-referencialidad y poniéndose en actitud de escucha. No busca definir algo común, ni construir unidad, sino el encuentro transformador de ambos, desde lo que cada uno y una es, tiene e sabe. Para sacar de sus propias creencias y dogmas, de lo instituido y afirmado, desencadenando un movimiento de transformación y renovación que abra las puertas a una visión plural. Eso solo es posible si hay disposición a la salida de sus propias certezas, dejándose afectar por el encuentro con la otredad, pues entrar en el mundo ajeno para compartir lo nuestro, en una dinámica de afectación recíproca provoca transformaciones, rupturas, cambios y la innovación. Derrumbando barreras y límites, viviendo en el cruce y en terreno abierto por donde todos transitan.

La interculturalidad remete a lo histórico, al contexto real, a los cuerpos de las personas: no es abstracta, ni racional, porque busca la integralidad de la vida y de la experiencia. Por eso no puede ser universalizada, sino siempre relativa a los rostros de las personas involucradas, a sus historias personales. No es dicotómica, ni disociativa, más bien se propone como relacional, vincular, intercultural, y su propósito es el encuentro, la complementariedad, la convivencialidad. También en el ámbito de la ecología: la interculturalidad saca de la auto-referencialidad que fundamenta una actitud de dominio

y depredación de la naturaleza, para proponer una convivencia ecológica y cósmica, reconociendo que hay formas diferentes de vida y que el Espíritu vital está presente en todos los seres vivos. Y que todos, mismo de forma diversa, somos interconectados y interdependientes.

CONCLUSIÓN

Empezamos este trabajo con algunas preguntas relativas al papel de las religiones en los conflictos actuales en Palestina, Ucrania y en otros tantos lugares del planeta. En muchos casos la violencia es legitimada por las religiones, especialmente las monoteístas que tienen la tendencia a actitudes totalitarias, dogmáticas y absolutistas. A eso contribuye también el paradigma dualista, que favorece el conflicto y el dominio de uno sobre otros. Fue y continúa siendo esa la base epistémica del colonialismo, del imperialismo y del capitalismo. Necesitamos de un cambio de pensamiento, de una nueva visión de la realidad, no más desde la oposición y la clasificación, sino desde la vincularidad, las conexiones, las interrelaciones e interdependencias. Ese cambio permitirá entender, por ejemplo, que no existe una verdad absoluta, sino que existen varias interpretaciones que, desde su lugar específico, cada persona, cada religión y cultura aportan creativamente y originalmente, a la verdad como un todo, que sólo puede ser una construcción colectiva.

En este contexto el papel de las religiones es apuntar a la transcendencia, pero no una transcendencia que repropone dogmáticamente sus creencias, sino la posibilidad, a través del diálogo intercultural, de trascender sus posiciones individuales, para reencontrarse en la construcción conjunta y comunitaria de la paz, de la verdad, de la fraternidad, al final, de una vida mejor, desde los más vulnerables, hasta las dimensiones ecológicas y cósmica.

“Bienaventurados los constructores de paz, porque serán llamados hijos de Dios” (Mt 5,9).

REFERÊNCIAS

- ASSMANN, Jean. *Dio e gli déi*. Egitto, Israele e la nascita del monoteismo. Bologna: Ed. Il Mulino, 2009.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *El Anti-Edipo*. Capitalismo y esquizofrenia. Madrid: Paidós Ibérica, 2005.
- DUBUISSON, D. *L'Occident et la religion: mythes, science, et idéologie*. Bruselas: Complexe, 1998.
- DURKHEIM, E. *As formas elementares da vida religiosa*. São Paulo: Paulus, 1989.
- FORNET-BETANCOURT, Raúl. La interculturalidad como alternativa a la violencia. *Filosofar para nuestro tiempo en clave intercultural*, Espanha, p. 93-104, 2011.
- GEBARA, I. *Tejiendo sentidos*. Feminismos y búsquedas teológicas. Montevideo: Doble Clic, 2011.
- GEERTZ, C. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos Editora S. A., 1989.
- GROSFUGUEL, R. Las multiples facetas de la islamofobia. *De Raíz Diversa*, México, v. 1, n. 1, p. 83-114, 2006.
- HARVEY, L. P. *Muslims in Spain*. 1500 to 1614. Chicago: The University of Chicago Press, 2005.
- HOBBS, Thomas. *Leviathan or The Matter, Forme and Power of a Common Wealth Ecclesiastical and Civil*. Estados Unidos: Touchstones Books, 2008.
- LARAIA, Roque de Barros. *Cultura: um conceito antropológico*. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.
- MIGNOLO, W. D. *Historias locales/Diseños globales*. Colonialidad, conocimientos subalternos y pensamiento fronterizo. Madrid: Akal Ed, 2003.
- MORIN, E. *El método*. Madrid: Cátedra, 2006.

- NERI, Marcello. L'Europa, i confini, la religione. *Settimana News*, Itália, 2016. Disponível em: <https://www.settimananews.it/politica/leuropa-confini-la-religione/>. Acesso em: 6 mai. 2024.
- PRADO, Abdennur. *Genealogía de Monoteísmo*. La religión como dispositivo colonial. México: Edicionesakal, 2018.
- PUECH, Émile. L'inscription 3 de Khirbet el Qôm revisitée et l'Ashérah. *Revue Biblique*, França, v. 122, n. 1, p. 5-25, 2015.
- ROMANO, Ruggiero. *Os mecanismos da conquista colonial*. São Paulo: Perspectiva, 1995.
- RÖMER, Thomas. *Monoteísmo y poder*. La construcción de Dios en la Biblia Hebrea. San José: Universidad Bíblica Latinoamericana, 2018.
- SCHIAVO- CAMPUSANO, Luigi. *Etica della diversità*. Per un mondo altro. Verona: Gabrielli Editori, 2023.
- STAM, J. Exégesis bíblica en la teología de los conquistadores. In: PIEDRA, Arturo (ed.). *Haciendo teología desde América Latina*. San José: Universidad Bíblica Latinoamericana, 2002.
- WALSH, Catherine. ¿Interculturalidad y (de)colonialidad? Gritos, grietas y siembras desde Abya Yala. In: LOSACCO, José Romero (comp.). *Pensar distinto, pensar de(s)colonial*. Venezuela: Fundación Editorial El perro y la rana, 2020. p. 139-178.
- WEBER, Max. *The sociology of religion*. Boston: Beacon Press, 1963.
- ZUÑIGA, J. P. La voix du sang. Du métis à l'idée de métissage en Amérique espagnole. *Annales*, França, v. 54, n. 2, p. 425-452, 1999. Disponível em: https://www.persee.fr/doc/ahess_0395-2649_1999_num_54_2_279755. Acesso em: 7 mai. 2024.



10

Thais Alves Marinho

HISTÓRIAS ENTRELAÇADAS:
AFROCATOLICISMO E FEMINISMOS DE TERREIROS

DOI: 10.31560/pimentacultural/978-85-7221-197-0.10

INTRODUÇÃO

Nos últimos anos, o Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião (PPGCR) tem se dedicado a uma série de projetos e disciplinas vinculadas à linha de pesquisa Cultura e Sistema Simbólico, em consonância com as discussões acerca do multiculturalismo, da intolerância religiosa e das identidades sociais e regionais. Esses temas foram impulsionados pelas agendas de pesquisa de Irene Oliveira Dias, docente aposentada que atuou no programa desde a fundação em 1999 até 2019, e Clóvis Ecco, a partir de 2015, que têm contribuído significativamente para o avanço do campo (Marinho; Ecco, 2020).

Meu ingresso neste programa, em 2017, foi motivado pela minha afinidade com essas abordagens, especialmente considerando meu trabalho de pesquisa de mestrado e doutorado, focado nas relações entre políticas de reconhecimento, identidade, territorialidade, espiritualidade e consumo na comunidade remanescente de quilombo Kalunga. Esses eixos foram sistematizados no grupo de pesquisa Memória Social e Subjetividade/CNPQ, que atua no âmbito dos Programas de Pós-Graduação em História e em Ciências da Religião da PUC Goiás, liderado por mim, Thais Alves Marinho.

Durante minha trajetória no programa, desenvolvi e orientei diversos projetos de pesquisa, incluindo dissertações de mestrado e teses de doutorado, tanto concluídas quanto em andamento. Além disso, participei ativamente das disciplinas obrigatórias ofertadas para o mestrado, como “Fundamentos Teóricos das Ciências da Religião” em parceria com o Prof. Dr. Joel Antônio Ferreira e o Prof. Dr. Alberto da Silva Moreira, em 2018 e 2019, “Religião como Sistema Simbólico” em parceria com o Prof. Dr. Clóvis Ecco e o Prof. Dr. Gilberto Gonçalves Garcia em 2019, a disciplina “Espiritualidade, Holismo e Consciência Planetária” em parceria com José Reinaldo Felipe Martins em 2020 e a disciplina “Simbólico e Diabólico:

Interpretações do Mal” junto com o Prof. Dr. Valmor da Silva e o Prof. Dr. Alberto da Silva Moreira em 2021. Além disso, também participei dos colóquios da linha cultura e sistemas simbólicos para o doutorado: “Religião, Multiculturalismo e Pluralismo Religioso” (2020 e 2022); “Religião, Etnicidade e Violência” (2021 e 2024); e “Religião e Identidade Cultural no Centro-Oeste” (2022 e 2023). A atuação no âmbito do ensino enriqueceu meu entendimento e amadureceu meu debate sobre as questões relacionadas à descolonização do conhecimento e das tradições religiosas.

Partimos da premissa de que ao longo da história, as tradições religiosas foram frequentemente utilizadas como instrumentos de dominação e opressão, contribuindo para a marginalização e subalternização de certos grupos, assim como para a supressão de suas espiritualidades. Nossa análise se concentra em explorar as diversas formas de resistência e adaptação das espiritualidades não-europeias diante das colonialidades e racismos religiosos, especialmente as tradições de matrizes africanas e indígenas, que resistiram à imposição de uma teologia universal eurocêntrica, preservando e transformando suas práticas sagradas ao longo do tempo. Essa herança de resistência continua a moldar o ativismo contemporâneo em prol da justiça social e dos direitos humanos.

Ao longo deste capítulo, exploraremos como os estudos decoloniais têm contribuído para a desconstrução das epistemologias eurocêntricas no campo religioso, promovendo uma compreensão mais ampla e respeitosa das diversas expressões religiosas e espirituais. Destacaremos a importância da interculturalidade e do diálogo entre as diferentes tradições religiosas, reconhecendo e valorizando as interseccionalidades e o pluralismo religioso como elementos constituintes da realidade social.

A diversidade temática e metodológica dos projetos desenvolvidos sob minha coordenação reflete o compromisso do PPGCR com a ampliação do entendimento sobre questões étnicas,

interculturais, identitárias, educacionais e de gênero, contribuindo para uma compreensão mais profunda dos impactos desses temas na sociedade contemporânea. Neste contexto, este capítulo analisa e discute os principais projetos desenvolvidos na linha de pesquisa Cultura e Sistema Simbólico sob minha coordenação, com destaque para cinco projetos emblemáticos. Por meio desses estudos, reconhecemos a importância de incorporar narrativas entrelaçadas com a África e as cosmopercepções ameríndias, bem como de desafiar os universalismos binários hierárquicos que subalternizam as diferenças.

INTERCULTURALIDADE E RACISMOS RELIGIOSOS

Desde o ingresso no programa busquei abordar a religião como um sistema simbólico que molda a subjetividade e influencia as ações individuais e coletivas, refletindo sobre sua relação com o consumo e a identidade. No projeto “Religião, Consciência Histórica e Consumo: dos Círculos Viciosos ao Neotribalismo”, desenvolvido entre 2017 e 2019, proponho um modelo abrangente a partir de estudo quanti-quali com jovens universitários que integra a dimensão religiosa na análise das dinâmicas de consumo.

Destaco teses e dissertações orientadas nesse período, como a tese de doutorado de Marcia Helena Rodrigues Paroli (2021), “Comprar é um ato moral: religião e consumo na igreja de Nossa Senhora de Fátima em Brasília”, que analisou como os membros de uma comunidade católica em Brasília se relacionam com o consumo, explorando as interações entre religião, consumo e identidade na formação de valores e comportamentos, e a dissertação de mestrado de Alecsandra Pina Oliveira (2020), “Espiritualidade juvenil em contexto urbano goiano: um olhar a partir das instituições teresianas” (FAPEG), que analisou as representações religiosas dos jovens

participantes desses grupos em comparação com as diretrizes das instituições teresianas, visando entender como as instituições religiosas influenciam as identidades e práticas de consumo dos jovens. Por fim, a dissertação de Janaina Josias de Castro (2020), “Do Ideal ao Real: A Coluna De Salvação — Agricultura e Alimentação Orgânica Natural Da Igreja Messiânica Mundial no Brasil (IMMB)/ Johrei Center Goiânia” (CAPES), defendida em 2020, ao investigar os ensinamentos deixados pelo fundador da igreja em relação à alimentação saudável, destaca como as crenças religiosas influenciam as práticas alimentares e de consumo dos adeptos.

Esses estudos destacam a importância de uma abordagem crítica, pautada nos estudos culturais, pós-coloniais e decoloniais, para compreender a complexidade das relações religiosas e culturais na contemporaneidade, valorizando as vozes e experiências dos sujeitos e grupos subalternizados pela episteme eurocentrada, questionando as hierarquias e fronteiras impostas pelo sistema mundo moderno/colonial, como o racismo.

A manifestação do racismo na forma de intolerância religiosa sugere que o Estado, por meio de seus poderes legitimadores, conferiu aos cristãos (inicialmente católicos e, mais recentemente, evangélicos, incluindo grupos pentecostais e neopentecostais) o papel de representar a unidade nacional. Mesmo diante do processo de secularização, o Estado preenche a lacuna do embate entre nação e etnicidade com conceitos religiosos sobre a própria identidade do Estado-nação, o que no caso brasileiro se traduz na união da comunidade nacional em torno de valores e de uma identidade moral cristã. Os conflitos emergem quando o grupo designado para representar essa unidade nacional precisa reconhecer os outros grupos étnicos como parte integrante da nação (Marinho; Ecco, 2020).

Esse encontro entre etnicidade, religião e nação forma a base para os debates multiculturais, nos quais o multiculturalismo se converte em um campo de lutas pelo reconhecimento da pluralidade

de valores e da diversidade cultural. Em alguns países ocidentais, o multiculturalismo se torna palco de debates e polêmicas intermináveis, confrontando diferentes ideologias sobre os métodos para promover a igualdade de oportunidades e reconhecer o direito à diferença (Marinho, 2009).

Essa questão foi debatida no projeto “Diversidade Cultural na Educação em História e Ciências Sociais: Brasil e Estados Unidos”, entre 2018 e 2021. A pesquisa investigou a tensão entre igualdade e diferença nas políticas educacionais, reconhecendo que uma abordagem puramente igualitária pode negligenciar a necessidade de reconhecimento das identidades culturais, étnicas, religiosas, regionais e de gênero. Propusemos um estudo comparativo entre o papel do Ensino de História e Ciências Sociais no Brasil e nos Estados Unidos.

Os resultados do projeto foram divulgados em diversos artigos e capítulos de livros, e destacam que entre prerrogativas multiculturais coletivistas e individualistas na América do Norte e Europa, com autores como Charles Taylor, Jurgen Habermas, Kwame Appiah, na América Latina emerge uma preocupação com a interculturalidade crítica, de Catherine Walsh (2010) e Vera Candau (2008), e a interculturalidade transmoderna de Henrique Dussel (2016), que salientam a necessidade de diálogo com aqueles que vieram antes, explorando outras formas de percepção para se pensar e classificar o mundo, a natureza e o Divino.

Destaco a tese de doutorado de Marcina Barros (2019), “O medo e a religião no Leviatã de Hobbes”, defendida em 2019, a dissertação de mestrado de Marielza Nobre Caetano (2019) “Círculos Restaurativos no Tribunal de Justiça de Goiás e Religião”, também de 2019, a dissertação de Silvia Alves Tavares Scolaro (2020), “Sem Deus, somos nada: representações religiosas na educação infantil de Itaberá-go” (CAPES), defendida em 2020, e a dissertação de Mauro Primo Vieira (2021), “Influência da matriz africana na religiosidade da comunidade quilombola do Cedro de Mineiros-GO” (FAPEG),

defendida em 2021. Além disso, também destaco o trabalho de conclusão de curso de História de Ana Carolina Rabelo Borginho Floriano (2019), com o tema “Intolerância Religiosa e Umbanda: do embranquecimento à invisibilização”, de 2019.

Todos esses trabalhos, cada um a partir de seu objeto, realizam uma crítica ao eurocentrismo, em que são indicados seus limites na promoção de uma sociedade mais justa. Isso porque o principal eixo de constituição dessa base epistêmica são as colonialidades, constituídas a partir das interseccionalidades entre racismos, machismos e sexismos. Esses elementos fariam parte de um sistema fechado e interdependente durante a colonização, portanto, estrutural, como tem indicado Silvio Almeida (2019), e no pós-abolição passam a interagir de forma dinâmica nas instituições sociais, adquirindo características institucionais, como advoga Muniz Sodré (2023).

Logo, dentro desse debate intercultural, faria mais sentido falarmos em racismo religioso, já que os ataques contra o sagrado afetam, sobretudo, as religiões de matrizes africanas, devido ao caráter estrutural/institucional do racismo. O termo “intolerância religiosa” nessa perspectiva, não seria suficiente para descrever as violências sofridas pelas pessoas que cultuam orixás e outras entidades que não cabem no imaginário ocidental. Em substituição, reivindicamos o termo “racismo religioso” para nomear uma prática que ameaça a existência e a liberdade dos povos de terreiro há séculos (Cirne, 2020).

A interculturalidade, do mesmo modo, seria mais apropriada, já que o epistemicídio, apropriações e imposições de sentido eurocentrados exercidos ao longo de séculos de genocídio, violências e escravização contra os ameríndios e afrodiáspóricos e seus descendentes, escondeu outras cosmopercepções⁶ e formas de organização

6 Cosmopercepção é uma maneira mais inclusiva de descrever a concepção de mundo por diferentes grupos culturais (Oyèwùmí, 2016).

social. Como aquelas em que os papéis de gênero são atribuídos a partir dos sonhos, como os Kaingang, ou que o gênero atribuído em função do órgão sexual não tem relevância para a distribuição de poder na organização social, como nas sociedades iorubás pré-colonização, como indica Oyèrónkẹ́ Oyěwùmí (2021), ou aqueles grupos em que a transitividade de gênero não é uma patologia, como indica Tania Navarro Swain (2006), a partir dos relatos sobre indígenas de Hans Staden, e para aquelas em que a espiritualidade não se aparta da mundaneidade da natureza, como na concepção de Pachamama, entre os andinos, e tantos outros (Meza Torres, 2018).

Meza Torres (2018) advoga ainda que a partir da interculturalidade e a interreligiosidade as “outras espiritualidades”, devem ser vistas como um diálogo de “conocimientos desde el Divino”, ou seja, como uma conversa entre diferentes tradições religiosas que buscam compreender a natureza do universo e do ser humano. Assim, tenho buscado promover uma reflexão crítica sobre a produção do conhecimento em Ciências da Religião, a partir de uma abordagem decolonizadora que valorize as epistemologias subalternizadas e marginais, contribuindo para uma compreensão mais justa e plural das religiões.

Desse modo, passei a questionar as formas tradicionais de produção do conhecimento, que muitas vezes reproduzem visões hegemônicas e eurocêntricas, propondo uma perspectiva que valoriza o conhecimento produzido a partir das margens e das experiências de grupos socialmente subalternizados.

Ao dialogar com o passado, a interculturalidade decolonial reconhece que o conhecimento e as tradições ancestrais podem oferecer uma compreensão valiosa do mundo e da realidade. Isso implica abrir espaço para ouvir e aprender com as vozes e perspectivas das comunidades e culturas que foram historicamente subjugadas.

Nesse sentido, passei a desenvolver o projeto “Entre Ocultações e Esquecimentos Historiográficos: Mulheres Negras em Goiás (GO)”, desenvolvido entre 2020 a 2021, como parte de um estágio pós-doutoral na UFMG, sob a supervisão de Mauro Lúcio Leitão Condé. O objetivo desse projeto foi investigar as relações de poder estabelecidas desde o Brasil Colônia, focando nos eixos fundamentais de raça, gênero, espiritualidade e classe. Observamos que, na historiografia goiana, os sujeitos históricos que representam essas categorias identitárias foram frequentemente negligenciados, incluindo as organizações de mulheres negras.

Nosso estudo buscou historicizar as ações coletivas das mulheres negras em Goiás desde o século XVIII até a primeira metade do século XX, especialmente durante os períodos de chegada de negros e negras em Goiás e de mudança da capital. Apesar de encontrarmos indícios da formação de irmandades negras católicas desde o século XVIII, percebemos uma ausência significativa de menções à participação dessas mulheres em livros didáticos, na academia, na imprensa local e em documentos oficiais. Partindo de uma abordagem decolonial, hipotetizamos que a colonização das Américas e Caribe impôs uma homogeneização que marginalizou os colonizados. Como resultado, as mulheres negras não foram reconhecidas como sujeitos plenos, sendo subalternizadas e desconsideradas pela historiografia tradicional. Suas atividades, muitas vezes ligadas ao trabalho nas ruas, permitiram-lhes desenvolver estratégias de sobrevivência e resistência, reafirmando seu protagonismo na cultura e na sociedade.

Os resultados desse projeto foram publicados em forma de capítulo e artigos e destacam a necessidade de decolonizar tanto o conhecimento quanto as tradições religiosas, frequentemente usadas como instrumentos de dominação e opressão. Propomos uma abordagem que valorize a diversidade de perspectivas e respeite a autonomia das diversas tradições religiosas e espirituais, inseridas em uma perspectiva cultural diversa presente na escola e na educação brasileira.

Esse diálogo é fundamental porque muitas espiritualidades foram suprimidas ao longo da história, em grande parte devido ao colonialismo, ao racismo e à intolerância religiosa. No entanto, outras resistiram e se adaptaram, continuando a prosperar e a influenciar as culturas e vidas das pessoas em todo o mundo.

Os estudos decoloniais na América Latina estão revolucionando paradigmas e metodologias ao dismantelar as epistemologias eurocêntricas enraizadas pelo processo colonizador. Segundo Amaro (2020), a abordagem decolonial do sagrado visa combater o etnocentrismo no âmbito religioso, reconhecendo e valorizando expressões religiosas não-europeias ou não colonizadas pela Europa, bem como aquelas que resistiram à sua colonização. Isso exige uma postura horizontal e inclusiva, comprometida em confrontar preconceitos e xenofobia, enquanto celebra o pluralismo religioso.

Historicamente, as representações religiosas e do sagrado foram moldadas por uma teologia universal oriunda da Europa, marginalizando as práticas religiosas de outros povos como inferiores. No entanto, as religiões afro-brasileiras apresentam uma compreensão singular do sagrado, onde ele é concebido como uma presença vital, imanente e permeando todas as coisas e seres vivos, em vez de uma entidade transcendente distante. Nessas tradições, o sagrado está entrelaçado com divindades e é experienciado de forma tangível e direta por meio de rituais e práticas que visam estabelecer relações de reciprocidade e harmonia com as forças sagradas da natureza, dos antepassados e dos orixás.

Nessa perspectiva Silvia Scolaro (2023) defendeu a tese de doutorado intitulada "A religião está na escola: educação e colonialidades religiosas no ensino fundamental II de Itaberaí-Goiás", assim como Janaina Josias (2023) com a tese "A alimentação, a cura e as novas religiões japonesas (NRJ): o mercado da revelação em perspectiva".

Esses estudos discutem o lugar da religião como sistema simbólico, de forma a incluir as espiritualidades “outras”. Isso porque, contrariando parte da literatura, as religiões, ou melhor, as espiritualidades e tradições espirituais não são forças transitórias na cultura, haja visto seu poder de resistência às ideologias colonizadoras e seculares. Então, antes de pensar essa dimensão como resposta a fatores sociais, econômicos e políticos, ou seja, como expressão cultural que surge em contextos específicos, tratamos as espiritualidades como forças imanentes na cultura, orientando inclusive os valores culturais, normas e instituições.

Assim, as tradições espirituais são parte inseparável da cultura, mas há um lugar particular para elas e suas representações dentro de cada sistema. Essa perspectiva segundo Andrea Meza Torres (2018) inverte a perspectiva das ciências sociais ou antropológicas em que “todo es una prática”. A autora conclui que tanto a culturalização dos “outros” quanto a redução de todo ato humano, como comer, dançar, rezar e tomar café a meras práticas de igual valor, anulam as tradições sagradas e seus valores do panorama.

Assim, precisamos considerar que há práticas culturais ligadas aos aspectos étnicos, linguísticos e culinários que se transmitem de geração em geração, e que fazem parte de tradições familiares ou sociais que incluem tradições espirituais ou sagradas. Há ainda a prática consciente de uma tradição sagrada, que não pertence à tradição familiar ou social, como indica Meza Torres (2018). Mas chamamos a atenção ainda, para práticas culturais ligadas a tradições espirituais “outras”, não hegemônicas, que mesmo refutadas pelos sistemas simbólicos vigentes, perdem expondo as fraturas do processo colonial e da imposição cristã, como aquelas ligadas às práticas e rituais de cura. Desse modo, um conhecimento a partir do Divino deve se dar a partir da vivência das práticas espirituais e tradicionais sagradas, mas deve tratar de compreender as distintas manifestações de espaços e saberes localizados que afirmam tais tradições sagradas, como forma de superação das colonialidades.

IRMANDADES, CONGADAS E QUILOMBOS: OS AFROCATOLICISMOS

Essa incursão teórico-metodológica possibilitou o desenvolvimento do projeto intitulado “Mulheres afrodiaspóricas e os Feminismos de Terreiros no Brasil”, financiado pela bolsa produtividade em pesquisa do CNPQ, entre 2023 e 2026, e é desenvolvido no âmbito da Rede Latino Americana e Caribenha sobre Feminismos de Terreiros — RELFET,⁷ em parceria com Aline Lemos da Cunha Della Libera (UFRGS); Carla Meinerz (UFRGS); Claudia Regina Alexandre (PUC-SP), Gládis Elise Pereira da Silva Kaercher (UFRGS); Heridan de Jesus Guterres Pavão Ferreira (UFMA); Janira Sodré Miranda (IFG); Joanice Conceição (UNILAB); Lucia Helena Oliveira Silva (UNESP); Maricel Mena López (Universidad Santo Tomás de Colombia); Núbia Regina Moreira (UESB), Rosinalda Corrêa da Silva Simoni (PUC Goiás/UFT/UNESP) e Tânia Ferreira Rezende (UFG).

A pesquisa baseada na fabulação historiográfica crítica⁸ (Marinho, 2023) parte de uma análise decolonial de grupos quilombolas, Irmandades de Pretos, grupos de congadas, terreiros de Candomblé e Umbandas e constatou: 1) que as relações entre

7 Ver: <https://relfet.webnode.page/>

8 A fabulação historiográfica crítica é uma abordagem que busca preencher lacunas na história oficial, especialmente quando há escassez de dados e documentações que evidenciem o real envolvimento de determinados grupos como sujeitos históricos. Ela recorre a métodos como a História Oral e a História de Vida para captar o *habitus* dos indivíduos contemporâneos que protagonizam manifestações culturais específicas, utilizando essas informações como chaves interpretativas para compreender as relações estabelecidas no passado. Inspirada por teóricos como Saidiya Hartman (2008) e Tavia Nyong'o (2019), a fabulação historiográfica crítica busca superar as lacunas na narrativa histórica, evitando reproduzir as políticas de representação que reforçam os processos violentos das colonialidades. Além disso, ela leva em consideração o princípio da agregação da matriz africana, que promove a tolerância religiosa, a flexibilidade e a abertura entre diferentes cultos, como os jejes, iorubás e outros povos abrigados sob a categoria “Mina”, bem como Angola, e mesmo em relação ao catolicismo e ao islamismo, conforme analisado por Luis Nicolaou Praés.

os gêneros, nos grupos subalternizados, não corresponderiam exatamente à lógica binária, essencialista e subalternizadora eurocentrada, fundada sob a lógica patriarcal, sugerindo que o gênero em cosmopercepções de matriz africana e ameríndias são duais e complementares, na esteira de Rita Segato (2014); 2) que noções de gênero das culturas ancestrais ameríndias e africanas, como a lorubá, poderiam orientar a noção de gênero e a atuação de algumas mulheres no contexto diaspórico, além dos mandatos de masculinidade ocidentais (matripotência e senioridade); 3) que a colonialidade de gênero, ao negar gênero às mulheres não-brancas, negando-lhes inclusive o “lar”, o matrimônio e a possibilidade de construção familiar e cuidado com sua prole, em muitos casos, possibilitou a elas ocupar espaços negados/proibidos às mulheres brancas (no labor, na vida religiosa, na política, em movimentos sociais e educacionais); 5) que as mulheres afrodiaspóricas passaram a empreender ações coletivas, formando famílias para além da consanguinidade, com mobilização de recursos visando a ajuda mútua, tanto em assuntos relacionados às alforrias, quanto em relação às opressões de gênero e classe (feminismo do dia-a-dia); 6) que essa atuação foi exercida notadamente nos “terreiros”;⁹ uma espécie de entre-lugar entre o público e o privado, agenciada especialmente pela religiosidade/espiritualidade; 7) que a participação dessas mulheres promoveu uma virada tanto no patriarcado formulado no Brasil (feminismos de terreiros), quanto no catolicismo, possibilitando falarmos em afrocatolicismos (Marinho, 2022).

9 Os terreiros são entendidos aqui como espaços de convivência próprios aos negros escravizados, seja nos arredores das senzalas, irmandades, roças de plantação, acampamentos de mineração, que se estenderam para os alpendres e quintais dos ranchos e cordões de forros, quilombolas e negros livres, onde realizavam benzeções, celebrações católicas (como as congadas, folias e festejos em celebração aos santos), rituais de candomblé, umbanda e outros, além de conviverem e realizarem parte das atividades laborais domésticas. Assim, seria nos “terreiros”, notadamente, que a superestrutura simbólica de matriz africana, por meio das celebrações, mitos revividos e práticas cotidianas (incluindo aí a compreensão de gênero), estabelece um elo entre os afro-brasileiros e seu passado africano.

O estudo inova ao dialogar com a cosmopercepção lorubá, a partir de análises decoloniais, como as de Rita Segato (2014), Maria Lugones (2008; 2014) e Oyèrónké Oyěwùmí (2016), visando compreender a atuação das mulheres nas Irmandades de Goiás. Princípios como matripotência e senioridade seriam categorias importantes para compreendermos como se processam as relações entre os gêneros dentro dos grupos de subalternizados no Brasil (Oyěwùmí, 2016). Para Rita Segato (2012), a maleabilidade, a flexibilidade e o antiessencialismo do sistema de gênero lorubá, diante do ambiente desfavorável¹⁰ para a manutenção das associações familiares negras constituídas durante a colonização, teria favorecido o surgimento do advento dos Candomblés no nordeste do país. Seriam também essas características peculiares do sistema de gênero lorubá que teriam possibilitado que as mulheres negras atuassem no âmbito dos dominantes das Irmandades em Goiás, por exemplo, ao participarem das mesas diretivas.

Em Goiás, o catolicismo, por meio das Irmandades, se mostrou como um “nicho” capaz de materializar elementos da herança ancestral africana, especialmente por meio da atuação das mulheres negras na condução e organização dos festejos, procissões, enterros, quermesses, folias e reinados, atuando inclusive nas mesas diretivas. Embora essa realidade tenha sido ocultada por meio da noção de sincretismo e sob o termo catolicismo popular.

À medida que são hibridizados ao catolicismo, nos rituais cristãos, alguns desses elementos de matriz africana, como os valores e princípios lorubás, expressos na adoção de condecorações como os brasões, patuás, alguns conhecidos como Bentinhos, além de práticas ligadas às benzeções, curas e simpatias, e à sensibilidade corpórea que agrega cantos, adornos, vestuários, ritmos, danças, bem como os valores ligados aos feminismos de terreiros, possibilita-nos

10

Devido às estratégias coloniais de separar as famílias, devido à baixa proporção entre homens e mulheres e devido à ausência de legitimação dos casamentos entre escravizados, entre outros fatores.

pensar de que não se trata apenas de catolicismo popular. Estamos diante de um afrocatolicismo. As extintas Irmandades de Goiás dos séculos XVIII e XIX, o atual grupo do Congo vialboense, os tradicionais festejos de Nossa Senhora do Livramento (Vão do Moleque) e de Nossa Senhora da Abadia (Vão de Almas) entre os quilombolas Kalunga do nordeste de Goiás¹¹ e os festejos de Congadas de Goiânia do século XX, para citar alguns exemplos estudados por nós, são elucidativas desse afrocatolicismo.

HISTÓRIAS ENTRELAÇADAS E FEMINISMOS DE TERREIROS

A introdução de novos conceitos como “Feminismos de Terreiros” e “afrocatolicismo” desafia e contrasta termos tradicionais como catolicismo popular, miscigenação, feminismo e patriarcado. Esses termos são frequentemente interpretados por uma lógica de sincretismo religioso que promove a assimilação cultural e reforça a hegemonia cristã/europeia. As novas categorias permitem uma abordagem epistemológica e metodológica mais abrangente, capaz de lidar com as complexidades e nuances das relações formadas pelos impactos, encontros, conflitos e resistências gerados pela diáspora africana nas Américas e no Caribe e pelos povos originários ameríndios.

Essa constatação enseja pensarmos em termos dos “entrelaçamentos” entre esses grupos amefricanos, conforme buscamos realizar no projeto de pesquisa desenvolvido em 2024 intitulado

11 Sobre essa comunidade Marinho (2008; 2017; 2019) elaborou uma etnografia que descreve com detalhes como são organizados seus festejos, bem como as relações identitárias travadas no território, a partir da memória coletiva inscrita no *habitus* desses sujeitos e após o reconhecimento constitucional das comunidades remanescentes de quilombo.

“Histórias Entrelaçadas de Goiás”, que recebe financiamento do edital pró-licenciaturas da FAPEG. Esse projeto tem guiado as pesquisas de doutorado em andamento de Mauro Primo Vieira, Alecsandra Pina Vieira e Rodolfo Rodrigues Pereira.

Essa noção de entrelaçamento nos possibilita transcender noções essencialistas e culturalistas, concentrando-se nas misturas e práticas culturais de fronteira que desafiam ordens presumidamente coesas. Assim, procuramos superar a visão estereotipada e exotizada de cultura, religião/espiritualidade, classe social e gênero/sexo. A busca por uma essência, entendida como uma qualidade fundamental e necessária, é problemática, pois estabelece uma continuidade atemporal falsa e pode ser usada politicamente contra o próprio grupo ou pessoa no futuro.

Privilegiamos a noção de interseccionalidade, germinada do movimento feminista abolicionista nos Estados Unidos de meados do século XIX, com Sojourne Truth e Maria W. Stewart, que (re) emergiu a partir da década de 1970 e 1980, tanto nos movimentos de mulheres¹² quanto na academia, com Angela Davis (1981), Patricia Hill Collins (1990), Kimberlé Crenshaw (1991), bell hooks (1981) nos EUA, e Avtar Brah (2007) na Inglaterra, com críticas acerca da problemática da estabilidade homogeneizante da categoria “mulher” e a necessidade de se atentar igualmente às formas combinadas de diferenciações e desigualdades como “raça” e classe social, entrecortando as experiências de mulheres. Também encampamos as demandas dos feminismos chicanos com Gloria Anzaldúa (2010), Norma Alarcón, Ana Catillo e Cherrie Moraga (1993), assim como de teóricas de origem asiática como Trinh T. Minh-há (1998), Chandra Mohanthy (1991) e Gayatry Spivak (1990) e o apelo da Rede de Feminismos Descoloniales, com Sylvia Marcos (1977; 1997),

12 Destacamos o Combahee River Collective, manifesto de 1977, de um grupo de mulheres como Barbara Smith, Sharon Page Ritchie, Cheryl Clarke, Margo Okizawa Rey, Gloria Akasha Hull e Demita Frazier que se organizou em Boston.

Maria Lugones (2008) e Margara Millan (2014) e das Feministas zapatistas de que “otro mundo es posible”.

Nossa abordagem segue os ensinamentos de Lélia Gonzalez (1984) que destaca os entrelaçamentos entre africanos e ameríndios na formação do país, quando propõe o termo “amefricanidade”, destacando o processo histórico brasileiro e a necessidade de um “feminismo afro-latino-americano”, que inclua a abordagem racial, ausente no feminismo e a necessidade de incorporar a diversidade multirracial e pluricultural das sociedades. Com esse compromisso, buscamos como Sueli Carneiro (1985) superar o “epistemicídio” promovido tanto pelo Estado quanto pelos movimentos feministas, que na “neo-democracia racial” anestesia a capacidade reivindicatória dos sujeitos e atende aos interesses do mercado. Assim, na esteira de Nilma Lino Gomes (2017) destacamos a produção de saberes pelo movimento negro, perspectivando que a proposição e implementação de ações afirmativas devem convergir para práticas e conhecimentos elaborados pela comunidade negra.

Nesse sentido, concordamos com a perspectiva de que há uma “multiplicidade de diferenciações que, articulando-se com o gênero, permeiam o tecido social”. Buscamos abordar as experiências interseccionais de opressão relacionadas ao sexo, raça, classe, espiritualidade e sexualidade que configuram a “dororidade”, conforme destacado por Wilma Piedade (2017), e enfatizando a luta pela humanização e efetivação dos direitos como forma de superar a política fragmentária decorrente do sistema colonial moderno de poder. Seguindo o feminismo decolonial, buscamos explorar as “redes” e as interconexões das identidades e teorias, afastando-nos de uma academia e prática política monológicas e ensimesmadas para abraçar os feminismos emergentes.

Ao criticarmos o essencialismo ocidental, reconhecemos que a visão universalista, ao postular a existência de uma mulher universal ou uma cultura/religião autêntica, acaba por excluir e marginalizar

aqueles que não se enquadram nesse padrão predefinido. Essas visões essencialistas muitas vezes são utilizadas para silenciar e marginalizar grupos subalternizados, como apontado por Spivak (1990), por meio do que ela descreve como *tokenização*, limitando o acesso aos direitos e a voz desses grupos.¹³

Os conflitos decorrem dos encontros culturais, ressaltando que, apesar da imposição de valores unilaterais pelos dominantes, a cultura subalterna, ao absorver elementos da cultura dominante, os incorpora à sua própria cosmo percepção. Portanto, qualquer análise sobre os processos de “aculturação” deve considerar a cultura como um sistema complexo, influenciado por relações globais, evitando assim a visão simplista que a trata como um sistema autônomo (Ortiz, 1991). Essa abordagem contribui para a construção de uma epistemologia crítica em relação às concepções predominantes de modernidade, uma preocupação central nos estudos pós-coloniais e decoloniais (Costa, 2006).

Segundo Stuart Hall (2006), uma das características-chave da identidade (pós-moderna) é sua natureza fragmentada e descentralizada. Essa compreensão nos permite afastar das noções de pureza e autenticidade ancestral que muitas vezes são exaltadas em relação aos povos diaspóricos, como realizado por Roger Bastide (1971). Em vez disso, podemos compreender os diferentes contínuos culturais de conexão, conforme Beatriz Nascimento (1978), que identifica a coesão, senso de comunidade e resistência por meio da preservação dos símbolos culturais da comunidade negra, como instituído pelos quilombos de origem africana. Ao longo da diáspora, essa ideologia herdada da tradição Imbangala, angolana, conforme descrito por Nascimento (1978), transformou-se em um espaço de coesão que

13 As discussões sobre políticas de demarcação de terras indígenas e quilombolas, assim como a aplicação de imunidade tributária aos terreiros de matrizes africanas e outras práticas sagradas, frequentemente são marcadas pela necessidade de comprovação de autenticidade étnico-racial, temporal ou religiosa, refletindo a lógica essencialista que tende a marginalizar os grupos minoritários e subalternizados.

passou por várias reconfigurações na história da diáspora afro-brasileira, emergindo das comunidades negras e mantendo uma forte ligação com aspectos territoriais. Para os afrodiaspóricos dispersos nos centros urbanos, o “aquilombamento” tornou-se uma estratégia de resistência e coletividade, refletindo experiências contemporâneas de organização e intervenção social lideradas pela população negra. Conforme expresso por Nascimento (2006), “cada cabeça é um quilombo”, e aquilombar-se representa uma postura de resistência contrahegemônica a partir de um corpo político.

Observamos que, seja nos arredores das senzalas, irmandades, roças de plantação, acampamentos de mineração ou nos alpendres e quintais dos ranchos e cordões de forros, quilombolas e negros livres do passado, onde realizavam benzeções, celebrações católicas (como congadas, folias e festas em homenagem aos santos), rituais de candomblé, umbanda e outros, além de conviverem e realizarem parte das atividades laborais domésticas cotidianas, nas conversas à beira do fogão, durante as preparações das celebrações e dos rituais em si, contribuem para a disseminação e materialização do que Segato (2003) chamou de “códex afro-brasileiro”, indicando a existência de um código subjacente às práticas observáveis, uma inscrição críptica que se manifesta constantemente no discurso de algumas das mulheres pesquisadas. Assim, os terreiros se tornam espaços de territorialização e mobilização de ações coletivas e individuais de ajuda mútua relacionadas às adversidades do racismo e do patriarcado ocidental.

Entendemos que os “terreiros” representam uma fronteira que desafia a distinção entre o público e o privado, tornando-se espaços onde a superestrutura simbólica de matriz africana se manifesta por meio de celebrações, mitos revividos e práticas cotidianas, incluindo as questões de gênero, estabelecendo assim um vínculo entre os afro-brasileiros e sua herança africana. Nesses locais, esses conhecimentos são transmitidos, compartilhados e assimilados, contribuindo para os processos de construção subjetiva dos indivíduos.

Portanto, buscamos destacar as misturas e práticas culturais que ocorrem na fronteira entre o público e o privado, como os feminismos de terreiros, que desafiam as ordens supostamente coesas, como a sociedade patriarcal brasileira, fundamentada na hegemonia cristã e na ideologia da democracia racial.

A concepção de feminismos de terreiros, dentro da perspectiva das Histórias Entrelaçadas, não adere ao essencialismo moderno da pureza africana. Em vez disso, reconhece a abordagem estruturalista da bricolagem, ao mesmo tempo em que questiona as hierarquias impostas pelos sistemas culturais e religiosos ocidentais. Ao reinterpretar a história brasileira, buscamos reintroduzir as mulheres negras na modernidade, não apenas como colonizadas ou escravizadas, mas como sujeitos que preservaram a memória coletiva negra, os cultos aos orixás africanos, práticas culturais como danças e rituais, e a cura por meio de ervas e benzeções, que ensejam uma espiritualidade outra. Muitas dessas manifestações culturais refletem a matripotência e a senioridade, conceitos explorados por Oyèrónkẹ́ Oyěwùmí (2016), que fortalecem os laços comunitários e de resistência.

Embora essa argumentação possa parecer resgatar o essencialismo, como apontado por Lowe (1991) ao discutir os indianos, é viável postular significados específicos, como a negritude ou africanidade, com o objetivo de “interromper discursos que excluem” os negros “na qualidade de Outro”; ao mesmo tempo em que se revelam os deslizamentos e contradições internas da “negritude/africanidade”, garantindo que o significante “negritude/africanidade” seja reapropriado pelo próprio esforço de criticar seu uso. Essa abordagem está em consonância com a lógica de muitos teóricos pós-coloniais, como Spivak (1990, p. 214), que sugere que, para “evitar as armadilhas do determinismo histórico” ou da “imutabilidade estereotipada”, é possível fazer um “uso estratégico do essencialismo positivista com um interesse político escrupulosamente manifesto”, uma estratégia que ela chama de “essencialismo estratégico”.

Nesse contexto, a promoção da ideia de negritude no Brasil por militantes do MNU e por intelectuais como Arthur Ramos (1942), Edson Carneiro (1936) e Abdias Nascimento (1978), articulados com o movimento panafricanista ascendente a partir da segunda guerra mundial, desencadeou um intenso trânsito transcultural, a partir da década de 1960, de ativistas, intelectuais e líderes religiosos entre africanos e afrodiáspóricos de várias partes do mundo, conforme evidenciado por Roberto Silvério (2022).

Assumir a negritude tornou-se, então, uma forma de resistência e superação à alienação do embranquecimento e da ideologia da democracia racial, ancorada no resgate, preservação e manifestação de uma essência ancestral africana autêntica e pura, associada à “raça” (Guimarães, 2003). Em um Brasil marcado pelo racismo e onde há claramente uma disputa ideológica, exaltar uma essência negra e/ou africana nas manifestações afro-brasileiras serviu ao propósito de estabelecer uma área de estudos afro-brasileiros e criar atores sociais capazes de disputar o campo político-ideológico-cultural, superando as estratégias da diáspora que tentavam diluir a origem africana na brasilidade, como no caso das Umbandas. Esse movimento permitiu que a origem africana passasse a ser discursivamente constitutiva da identidade, como observado nos Candomblés, resultando na adoção recente de expressões como afrodescendente, afro-brasileiro e afrodiáspórico.

A narrativa sobre a diáspora, influenciada pelo movimento panafricanista, passou a influenciar também o mercado religioso de matriz africana, gerando uma disputa entre os cultos que surgiram das primeiras Yalorixás na Bahia e os cultos que reivindicam preservar a pureza ancestral africana, como os Cultos a Ifá. Essa perspectiva essencialista sobre a africanidade, moldada pela lógica epistêmica cristã e, em parte, pela influência islâmica, alimentou um discurso que reforça a dominação masculina, entrelaçada com a noção de matripotência. Isso se reflete em discursos no centro-oeste do país, por exemplo, que afirmam que a origem do candomblé é

masculina e que ele é superior às práticas das mulheres, mesmo que na prática as mulheres desempenhem a maior parte das atividades e rituais, sem as quais essas práticas não poderiam ocorrer. Claudia Alexandre (2023) também destaca que há representações sobre Exu-Feminina que são ocultadas e invisibilizadas discursivamente, embora em vários terreiros essa entidade seja cultuada.

Ao considerar as diferentes “temporalidades e historicidades [que] foram irreversível e violentamente juntadas” (Hall, 2006, p. 223), percebemos a presença de traços e comportamentos culturais considerados tradicionais, que persistem no presente por meio do *habitus*. O entrelaçamento com elementos pretensamente modernos não se dá de forma cumulativa, mas em um movimento dialético, onde relações extremamente complexas se estabelecem entre o moderno e o tradicional. Nesse contexto, a transformação da herança africana (tradicional), com sentidos ligados à matripotência e senioridade, em elementos culturais afrodiaspóricos mesclados com a lógica cristã e patriarcal, nos permite enxergar as mulheres negras não como sinônimo de atraso ou do tradicional, mas sim como parte essencial daquilo que foi construído discursivamente como moderno.

As relações estabelecidas em uma síntese/fusão dialética ultrapassam a noção de hibridação, tão em voga nos estudos culturais da América Latina (Canclini, 1997), europeus (Young, 1995), e orientais (Bhabha, 1998). A noção de Histórias Entrelaçadas, enquanto conceito, nos permite enxergar o encontro cultural tanto como “fusão” quanto como uma articulação dialética, reconhecendo os elementos que se entrelaçaram. Isso demarca as formas pós-coloniais e decoloniais de compreensão do sincretismo, a partir da lógica das cripto-religiões. Admite-se que a operação ocorra tanto de forma orgânica, hegemонizando e criando novos espaços, estruturas e cenas, quanto, ao mesmo tempo, de forma intencional, intervindo como uma forma de subversão, tradução e transformação (Young, 1995).

As crenças, práticas, sentidos e significados são interpretados conforme o código fornecido pela sociedade global. No entanto, fica implícito que a interpretação desse código global e como ele se relaciona com as antigas crenças e práticas tradicionais depende dos arbítrios valorativos dos próprios sujeitos envolvidos nessa releitura.

Metodologicamente, o desafio dessa perspectiva é identificar os valores que estruturam as relações cotidianas dessas mulheres. Compreender o movimento valorativo de mudança requer admitir que categorias culturais de menor valor são elaboradas ou racionalizadas para evitar conflitos com categorias de maior valor. Essa compreensão só pode ser alcançada por meio da análise de um contexto global, ou seja, uma sociedade caracterizada pela divisão de classes, sexismo e racismo.

Nesse sentido, apesar de desempenharem um papel significativo nas ações de organização, planejamento e execução das manifestações culturais, como as Congadas, as mulheres exaltam a atuação masculina devido à força necessária na construção e manuseio dos instrumentos de batuque, concedendo-lhes posições de destaque durante a apresentação pública do ritual. Entretanto, nos espaços privados e nos entre-lugares dessas esferas, como nos “terreiros”, são elas que lideram a atividade cultural, cuidando da parte administrativa, produção de vestimentas e adornos, organização dos ensaios, angariação de fundos, preparação dos alimentos, articulação com instituições públicas e burocráticas, entre outras responsabilidades.

Além disso, em muitos dos quilombos analisados, as mulheres ocupam os espaços de trabalho e exercem liderança religiosa e comunitária, tanto na organização e manutenção das manifestações culturais quanto na participação em associações e outras instâncias políticas, sem que isso afete a noção de masculinidade dos homens. Eles ainda se isentam dos trabalhos domésticos e dos cuidados com as crianças, além de dominarem as negociações comerciais no espaço público. Apesar da manutenção da masculinidade, que em

muitos casos resulta em violência doméstica e feminicídios, muitas mulheres quilombolas parecem se afirmar como indivíduos completos, que não se submetem a nenhum capricho apenas para manter o matrimônio ou garantir a presença do “patriarca” na residência.

A identificação de mulheres negras ocupando cargos nas mesas diretivas das Irmandades de Preto de Goiás do século XVIII pode ser um indicativo da continuidade da compreensão de si mesmas como agentes, independentemente do sexo ou gênero atribuído, o que remete à noção de matripotência, apesar do reforço binário que associa a mulher ao espaço doméstico. Ao abordar esse aspecto sob uma perspectiva de longa duração, buscamos evidências da luta contra o racismo e o machismo, bem como das raízes das matrizes africanas (matripotência e senioridade) que continuaram a influenciar o sentido de vida das mulheres afrodiáspóricas, especialmente no que diz respeito aos papéis de gênero e à religiosidade. Por meio das micro-histórias dessas mulheres (Marinho; Simoni, 2023), buscamos encontrar evidências de orientações de uma cosmopercepção não-binária, o que pode complexificar e pluralizar a compreensão do patriarcado brasileiro, bem como do feminismo negro (Marinho; Guterres, 2023).

Ideias tradicionais, como algumas noções de matripotência e senioridade, que não entram em conflito com valores maiores do cristianismo, da lógica patriarcal, capitalista racista e de classes, foram elaboradas de forma a não desafiar aqueles de maior valor. O fato é que os interesses do grupo em eleger determinadas narrativas em detrimento de outras podem oferecer uma compreensão maior sobre as continuidades e descontinuidades, permitindo perceber a permeabilidade das ordens locais e globais. Isso oferece a possibilidade para que os grupos locais realizem uma apropriação instrumental e local que permite a permanência de culturas tradicionais.

No movimento de tradução, elementos tradicionais, mitos e rituais são peças fundamentais para a construção de teorias culturais, seja como objetos de estudo e reflexão, seja como recurso

metodológico para a compreensão dos fundamentos de algumas realidades culturais. Eles se prestam a uma enorme gama de enfoques antropológicos, históricos, literários, filosóficos, teológicos e sociológicos, mas historicamente foram usados como recursos que alimentam um regime de representações negativo sobre os povos africanos, muitas vezes falacioso. Isso ocorre porque os relatos de viajantes e os conhecimentos clássicos foram construídos sob a ótica branca, masculina, eurocentrada, orientada por valores cristãos e patriarcais, fundada em um binarismo de gênero que foi incapaz de visualizar, metodologicamente, a complexidade de relações e manifestações sociais diante do sagrado presentes nas culturas africanas e afro-brasileiras.

Essa imposição de sentidos, como afirma Tânia Navarro Swain (2006), “distribui e opera significações que aprisionam a multiplicidade do humano em redes de formas modelares e/ou essenciais”, silenciando ou transformando os mitos africanos de acordo com as condições de imaginação e possibilidade de quem os decodifica, o que impediu que as redes femininas de organização social dessas religiões fossem visualizadas.

No entanto, essa imposição também permite entrelaçamentos múltiplos e diversos entre esses sentidos. Nessa perspectiva, seria limitado considerar apenas a hipótese de uma instrumentalização de um universo cultural fragmentado em suas manifestações culturais e desprovido de princípios que defendam a “cultura tradicional”. O movimento de racionalização não indica necessariamente o desmantelamento das formas tradicionais de existência, mas pode sugerir o uso de instrumentos modernos e tradicionais em defesa da tradição, como uma forma de resistência à homogeneização cultural do mundo. Conforme Sahlins (1997, p. 136), “a defesa da tradição implica alguma consciência, a consciência da tradição implica alguma invenção, a invenção da tradição implica alguma tradição”.

Nesse sentido, é possível fabular que a especificidade histórica das mulheres negras, moldada pelas desigualdades sociais

e raciais, possibilitou a organização política de um feminismo negro informal muito antes das demandas das sufragistas e feministas brancas no final do século XIX e início do século XX, o qual passou a se organizar formalmente apenas após a Segunda Guerra Mundial.

As sistemáticas tentativas de controle sobre as identidades e a memória dos afrodescendentes visam, enquanto estratégia de dominação, impossibilitar que os negros e negras se percebam como pertencentes a uma comunidade, a uma herança, a uma tradição, a uma ancestralidade. Esse fato complica as possibilidades de mobilização e articulação política e identitária. Daí a importância das mulheres negras, pois os homens negros, em grande medida, foram seduzidos (ou emasculados, como diz Rita Segato) pelo binarismo de gênero implícito na colonialidade do poder. Muitas mulheres negras então assumiram esse papel de viga mestra, conforme indicado por Núbia Regina Moreira (2011), inicialmente estruturando um sentido familiar, mesmo que não consanguíneo, e depois resguardando a ancestralidade.

Elas fazem isso de diversas maneiras: por meio das contações de causos, da oralidade no seio familiar, do culto aos orixás no Candomblé e na Umbanda, da resignificação cristã no âmbito das irmandades, como salientou Joanice Conceição (2017), e outros afrocatolicismos, como nas congadas, conforme indica Rosinalda Correia da Silva Simoni (2017). Elas também mantêm o batuque, os ritmos africanos como no Tambor de Crioula, e resignificam o uso de ervas e plantas para a cura, como fazem as benzedadeiras, exercendo a matripotência, especialmente na atuação como parteiras, e preservando a senioridade pelo respeito aos mais antigos.

Ao agir dessa maneira, extrapolam o lugar destinado à mulher dentro da lógica binária ocidental, atuando no espaço público do mercado de trabalho para garantir a sobrevivência delas e de suas proles. Ao mesmo tempo, encampam demandas de suas comunidades, mobilizando recursos públicos por meio de ajuda mútua

e atuando no âmbito político local, regional e nacional, nas pastorais, no movimento negro e feminista, em partidos políticos, na academia, nos sindicatos e nas associações.

Assim, ampliam a noção de gênero, nos possibilitando uma perspectiva menos rígida e determinista do patriarcado, que não se apresenta como universal. Se o gênero é negado a essas mulheres, como pontua Maria Lugónes (2008), elas ressignificam sua atuação a partir de uma memória preservada pela oralidade, para além da lógica patriarcal ocidental, e se assumem como chefes de família e provedoras, habilitadas a ocupar o espaço público, mesmo enfrentando desafios como os feminicídios, a discriminação em relação à cor e origem, a objetificação de seus corpos, o descaso em relação às suas trajetórias e o silenciamento historiográfico, além das intolerâncias e racismos religiosos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nossa busca visa interseccionar raça, gênero, espiritualidade e classe, com o propósito de destacar como as múltiplas formas de ser, agir, pensar e sentir se entrelaçaram, construindo uma história compartilhada entre diferentes povos. O objetivo é criar um horizonte no qual nós, mulheres e homens de cor, possamos nos reconhecer na História do Brasil. Essa conexão, aliada ao conhecimento sobre nossas histórias e ancestralidades, permite vislumbrar um futuro comum. Essa noção identitária e de pertencimento amplia a possibilidade de mobilização em prol de nossas próprias demandas.

A interseccionalidade, portanto, evidencia a falha das instituições em incluir a discriminação e a opressão contra as mulheres de cor, bem como sua atuação e resistência, que emergem contradizendo e se adaptando à lógica civilizatória a partir das diferenças coloniais.

O giro decolonial de gênero requer essa desconstrução e nos leva a considerar a presença das mulheres negras como seres tanto oprimidos quanto resistentes, a partir de uma colonialidade do gênero na diferença colonial que nos permite perceber e compreender o lócus fraturado da missão civilizatória racista e a participação das mulheres negras na construção da religiosidade e cultura brasileira.

Assim, ao demandar a preservação dos valores familiares e a manutenção da cultura ancestral africana por meio da reconstrução de laços de sociabilidade e espiritualidade nos “terreiros”, as mulheres negras formalizam ações coletivas contra a opressão patriarcal, racista e de classe. Os feminismos de terreiros praticados pelas mulheres negras se estabelecem como um movimento social do dia a dia, acumulando conquistas como a ascensão cultural e econômica de diversas mulheres negras e a luta contra a violência doméstica e o racismo. Inspiradas na matriz africana, as mulheres negras construíram um projeto de empoderamento feminino articulado nos “terreiros”.

A partir desses estudos reconhecemos a importância de incorporar as narrativas e memórias entrelaçadas com a África, a partir das diásporas transatlânticas, bem com as distintas cosmopercepções ameríndias. Os resultados das pesquisas realizadas pela RELFET ao longo de quase quatro anos indicam que a forma como a epistemologia se articula com os currículos e algumas bibliografias sobre as Áfricas e suas diásporas interfere diretamente no processo de construção das identidades/diferenças sócio/culturais e nas fronteiras étnico-culturais da exclusão e subalternização pela adoção e perpetuação de universalismos binários hierárquicos, fundados num essencialismo naturalista, que exclui as diferenças. As relações históricas e sociais ainda tendem a ser analisadas segundo essa episteme moderna e hegemônica, produzindo identidades para sujeitos que não pertencem a ela, nomeados como desviantes, patológicos e anormais. Grupos que têm resistido à epistemologia hegemônica (branca, heterossexual, europeia), como indígenas, afrodescendentes e movimentos populares, foram destacados. Assim, é preciso que as trocas ocorram germinando um terreno

fértil de reflexão coletiva sobre as lutas, resistências, subversões, produções e alternativas (curriculares e epistemológicas) desses grupos. Buscando aproximação e diálogo entre pesquisadoras e representantes de diferentes movimentos sociais

REFERÊNCIAS

- ALARCÓN, Norma; CASTILLO, Ana; MORAGA, Cherríe (Ed.). *The sexuality of Latinas*. Estados Unidos: 3rd Woman Press, 1993.
- ALEXANDRE, Claudia. *Exu-Mulher e o Matriarcado Nagô: Sobre Masculinização, Demonização e Tensões de Gênero na Formação dos Candomblés*. Brasil: Fundamentos de Axé, 2023.
- ALMEIDA, Silvio. *Racismo estrutural*. São Paulo: Pólen, 2019.
- AMARO, Flavia Ribeiro. Um giro epistemológico nos estudos sobre religião: A decolonialidade do sagrado. *Revista TEL*, v. 13, n. 1, p. 151-171, 2022.
- ANZALDÚA, Gloria. Movimientos de rebeldía y las culturas que traicionan. *Race/Ethnicity: Multidisciplinary Global Contexts*, v. 4, n. 1, p. 1-7, 2010.
- BARROS, Marcina Severina de. O medo e a religião no leviatã de Hobbes. 2019. 103 f. Tese (Programa de Pós-Graduação *stricto sensu* em Ciências da Religião) — Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2019.
- BASTIDE, Roger. *As religiões Africanas no Brasil*. São Paulo: Pioneira, 1971.
- BHABHA, Homi. *O local da cultura*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.
- BRAH, Avtar. Travels in negotiations: difference, identity, politics. *Journal of Creative Communications*, Estados Unidos, v. 2, n. 1, p. 245-256, 2007.
- CAETANO, Marielza Nobre. *As relações entre o sagrado e os círculos restaurativos no Tribunal de Justiça do Estado de Goiás*. 2021. 103 fl. Dissertação (Programa de Pós-Graduação *stricto sensu* em Ciências da Religião) — Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2021.
- CANCLINI, Nestor. *Culturas híbridas*. São Paulo: Ed. da USP, 1997.

CANAU, V. M. Direitos humanos, educação e interculturalidade: as tensões entre igualdade e diferença. *Revista Brasileira de Educação*, Brasil, v. 13, n. 37, p. 45–56, jan. 2008.

CARNEIRO, Edson. *Religiões negras: notas de etnografia religiosa*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1936.

CARNEIRO, Sueli. *Mulher negra*. São Paulo: Conselho Estadual da Condição Feminina/ Nobel, 1985.

CASTRO, Janaina Josias de. *A alimentação, a cura e as novas religiões japonesas (NRI): o mercado da revelação em perspectiva*. 2023. 198 f. Tese (Doutorado em Ciências da Religião) — Escola de Formação de Professores e Humanidades, Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2023.

CASTRO, Janaína Josias de. *Do ideal ao real: a coluna de salvação – agricultura e alimentação orgânica natural na igreja Messiânica Mundial no Brasil (IMMB) / Johrei Center extensão Goiânia*. 2020. 156 fl. Dissertação — Programa de Pós-Graduação *stricto sensu* em Ciências da Religião) — Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2020.

CIRNE, A. *Movimento negro, racismo religioso e multiculturalismo*. Racismo religioso em escolas da Bahia: autoafirmação e inclusão de crianças e jovens de terreiro. Ilhéus: Editus, 2020.

COLLINS, Patricia Hill. *Black Feminist Thought: knowledge, consciousness, and the politics of empowerment*. Nova Iorque: Routledge, 2000.

CONCEIÇÃO, Joalice Santos. *Irmadade da Boa Morte e Culto de Babá Egum*. Brasil: Paco Editorial, 2017.

COSTA, Sérgio. Desprovincializando a sociologia: a contribuição pós-colonial. *Rev. bras. Ci. Soc.*, São Paulo, v. 21, n. 60, p. 117-134, fev. 2006. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69092006000100007&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 11 jul. 2019

CRENSHAW, Kimberlé Williams. Mapping the Margins: Intersectionality, Identity Politics, and Violence Against Women of Color. *Stanford Law Review*, Estados Unidos, v. 43, n. 6, p. 1241-1299, 1991.

DAVIS, Angela. *Women, Race and Class*. Nova Iorque: Random House, 1981.

DUSSEL, E. Transmodernidade e interculturalidade: interpretação a partir da filosofia da libertação. *Sociedade e Estado*, Brasil, v. 31, n. 1 p. 51-73, jan. 2016.

- GOMES, Nilma Lino. *O movimento negro educador*. Saberes construídos na luta por emancipação. Petrópolis: Vozes, 2017.
- GONZALEZ, Léila. Racismo e sexismo na cultura brasileira. *Revista Ciências Sociais Hoje*, Brasil, v. 2, n. 1, p. 223-244, 1984.
- GUIMARÃES, A. S. A. Como trabalhar com "raça" em sociologia. *Rev. Educação e Pesquisa*, Brasil, v. 29, n. 1, p. 93-107, jan. 2003.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2006
- HARTMAN, Saidiya. Venus in Two Acts. *Small Axe*, v. 12, n. 1, p. 1-14, 2008.
- HOOKS, bell. *Ain't I a Woman?* Black women and feminism. Cambridge: South End, 1981.
- HOOKS, bell. Intelectuais Negras. *Revista Estudos Feministas*, Brasil, n. 2, p. 464-478, 1995.
- LOWE, Lisa. *Critical Terrains: French and British Orientalism*. Ithaca: Cornell University Press, 1991.
- LUGONES, María. Colonialidad y género. *Tábula Rasa*, n. 9, p. 73-101, 2008. Disponível em: http://www.glefas.org/glefas/files/biblio/colonialidad_y_genero_maria_lugones.pdf. Acesso em: 19 fev. 2024.
- LUGONES, María. Rumo a um feminismo descolonial. *Revista estudos feministas*, Brasil, v. 22, p. 935-952, 2014.
- MARCOS, Sylvia. Rituales de interacción femenino-masculino en México. In: JUANA, A. A. (ed.). *Mujer Viento y Ventura*. México: Diana, 1977.
- MARCOS, Sylvia. Mujeres indígenas: notas sobre un feminismo nascente. *Cuadernos Feministas*, v. 1, n. 2, p. 14-16, 1997.
- MARINHO, T. A.; ECCO, C. Religião, Cultura E Sistema Simbólico. *Caminhos - Revista de Ciências da Religião*, Goiânia, Brasil, v. 18, n. 4, p. 62-86, 2020.
- MARINHO, Thais; SIMONI, Rosinalda Corrêa da Silva (orgs.). *Dicionário Biográfico: Histórias Entrelaçadas de Mulheres Afrodiaspóricas*. Goiânia: Editora Tempestiva, 2023.
- MARINHO, T. A.; GUTERRES, H. de J. (orgs.). Dossiê Mulheres Afrodiaspóricas, Religiosidades e Feminismos. *Rev. Mosaico*, Goiânia, v. 16, n. 1, 2023.
- MARINHO, Thais Alves. Os caminhos da Identidade em um mundo multicultural. *Revista Fórum Identidades*, Aracajú, v. 5, p. 81-107, 2009.

MARINHO, Thais Alves. Umbanda: aquém e além de Ortiz. *Revista Caminhos*, Goiânia, v. 17, n. 3, p. 156-171, jul./dez. 2019.

MARINHO, Thais Alves. *Identidade e Territorialidade entre os Kalunga do Vão do Moleque*. 2008. Dissertação de mestrado em Sociologia — Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2008.

MARINHO, T. A. Territorialidade e cultura entre os Kalunga: para além do culturalismo. *Caderno CRH*, Brasil, v. 30, n. 80, p. 353-370, 2017.

MEZA TORRES, Andrea. Interculturalidad e interreligiosidad desde uma perspectiva decolonial: um diálogo de “conocimientos desde lo Divino”. *Interdisciplina* 6, n. 16, p. 61-82, 2018.

MILLÁN, Mária (Coord.). *Más allá del feminismo: caminos para andar*. México: Red de Feminismos Descoloniales, 2014.

MIN-HA, T. *Woman, Native, Other: Writing Postcoloniality and Feminism*. Indiana: Indiana University Press, 1998.

MOHANTY, Chandra Talpar. Under Western Eyes: Feminist Scholarship and Colonial Discourses. In: MOHANTY, C. T.; RUSSO, A; TORRES, L. (Ed.). *Third World Women and the politics of feminism*. Bloomington: Indiana University Press, 1991.

MOREIRA, Núbia Regina. A organização das feministas negras no Brasil. Vitória da Conquista: Edições UESB, 2011.

NASCIMENTO, Abdias. *O Genocídio do Negro Brasileiro: Processo de um Racismo Mascarado*. Brasil: Paz e Terra, 1978.

NASCIMENTO, Beatriz. A mulher negra no mercado de trabalho. *Jornal A Última Hora*, Rio de Janeiro, 25 jul. 1978.

NASCIMENTO, Beatriz. O conceito de quilombo e a resistência cultural negra. In: RATTI, Alessandro. *Eu sou atlântica: sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento*. São Paulo: Instituto Kuanza, 2006.

NYONG’O, Tavia. *Afro-Fabulations The Queer Drama of Black Life*. New York: New York University Press, 2019.

OLIVEIRA, Alecsandra Pina de. Espiritualidade juvenil em contexto urbano goiano: um olhar a partir das instituições teresianas. 2020.129 f. Dissertação (Programa de Pós-Graduação *stricto sensu* em Ciências da Religião) — Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2020.

ORTIZ, Renato. *A Morte Branca do Feiticeiro Negro*: umbanda e sociedade brasileira. São Paulo: Brasiliense, 1991.

OYĚWÙMÍ, Oyèrónkẹ. *What Gender is Motherhood?* Nova Iorque: Palgrave Macmillan, 2016.

OYĚWÙMÍ, Oyèrónkẹ. *A invenção das mulheres*: construindo um sentido africano para os discursos ocidentais de gênero. Tradução DE Wanderson Flor do Nascimento. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

PARÉS, Luis Nicolau. O processo de criouliização no Recôncavo Baiano (1750-1800). *Afro-Ásia*, n. 33, p. 91-92, 2005.

PAROLI, Márcia Helena Rodrigues. *Comprar é um ato moral: religião e consumo na igreja de Nossa Senhora de Fátima em Brasília*. 2021. 243 f. Tese (Programa de Pós-Graduação *stricto sensu* em Ciências da Religião) — Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2021.

PIEDADE, Vilma. *Dororidade*. São Paulo: Editora Nós, 2017.

PISCITELLI, Adriana. Interseccionalidade, categorias de articulação e experiências de migrantes brasileiras. *Sociedade e Cultura*, v. 11, n. 2, p. 263-274, 2008.

RAMOS, Arthur. *A aculturação negra no Brasil*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1942.

SAHLINS, Marshall. O pessimismo sentimental e a experiência etnográfica: porque a cultura não é um 'objeto' em via de extinção (parte II). *Mana*, Rio de Janeiro, v. 93, n. 2, p. 103-150, 1997.

SCOLARO, Sílvia Alves Tavares. *A religião está na escola: educação e colonialidades religiosas no ensino fundamental II de Itaberaí-Goiás*. 2023. 179 f. Tese (Doutorado em Ciências da Religião) — Escola de Formação de Professores e Humanidades, Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2023.

SCOLARO, Sílvia Alves Tavares. *Sem Deus, somos nada: representações religiosas na educação infantil de Itaberaí-GO*. 2020. 103 f. Dissertação (Programa de Pós-Graduação *stricto sensu* em Ciências da Religião) — Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2020.

SEGATO, Rita Laura. *Gênero e colonialidade: em busca de chaves de leitura e de um vocabulário estratégico descolonial*. *e-cadernos CES*, Brasil, v. 18, 2012.

SEGATO, Rita Laura. Inventando a natureza: família, sexo e gênero nos Xangôs de Recife. Rio de Janeiro: Anuário Antropológico, 2014.

SEGATO, Rita Laura. *Las estructuras elementales de la violencia: ensayos sobre género entre la antropología, el psicoanálisis y los derechos humanos*. Buenos Aires: Universidad Nacional de Quilmes, 2003.

SILVÉRIO, Valter Roberto. *Transnacionalismo negro: Diáspora africana: uma nova imaginação sociológica*. Brasil: Intermeios, 2022.

SIMONI, Rosinalda Corrêa da Silva. Congada da Vila João Vaz em Goiânia (GO): memória e tradição. 2017. Tese (Doutorado) — Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2017.

SODRÉ, Muniz. *O fascismo da cor: uma radiografia do racismo nacional*. Petrópolis: Vozes, 2023.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *The Post-Colonial Critic: Interviews, Strategies, Dialogues*. New York: Routledge, 1990.

SWAIN, T. N. Os limites discursivos da história: imposição de sentidos. Labrys. *Revista de Estudos Feministas*, Brasil, n. 9, 2006.

VIEIRA, Mauro Primo. Influência da matriz africana na religiosidade da comunidade quilombola do Cedro de Mineiros-GO. 2020. 113 f. Dissertação (Programa de Pós-Graduação *stricto sensu* em Ciências da Religião) — Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2020.

WACHTEL, Nathan. *Los vencidos: los indios frente a la conquista española (1530-1570)*. Madrid: Alianza Editorial, 1976.

WALSH, Catherine. *Pensamiento crítico y matriz (de)colonial: reflexiones latinoamericanas*. Quito: Ediciones Abya-Yala, 2010.

WERBNER, Pina. Essentializing Essentialisms, Essentializing Silence: Ambivalence and Multiplicity in the Cosnstructions of Racism and Ethnicity. In: WERBNER, Pina; MODOOD, Tariq (ed.). *Debating Cultural Hybridity, Multi-Cultural Identities and the Politics of Anti-Racism*. London: Zed, 1997. p. 226-254.

YOUNG, Robert. *Colonial Desire: Hybridity in Theory, Culture, and Race*. Londres: Routledge, 1995.



11

Rosemary Francisca Neves Silva

TRILHANDO OS CAMINHOS DA CIÊNCIA DA RELIGIÃO:

UMA INVESTIGAÇÃO DA ESCRAVIDÃO À LIBERTAÇÃO
A PARTIR DOS QUATRO CANTOS DO SERVO DE YHWH

DOI: 10.31560/pimentacultural/978-85-7221-197-0.11

INTRODUÇÃO

Minha trajetória no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião (PPGCR) começou em 2005 como aluna ouvinte, com ingresso oficial no mestrado em 2006, quando a pesquisa se voltou ao profetismo a partir do segundo canto do Servo Sofredor. Em 2010, com o início do doutorado, o foco ampliou-se para os quatro cantos do Servo Sofredor, abordando temas como sofrimento, libertação, identidade étnica e escravidão no Deutero-Isaías. A partir de 2016, a atuação como docente permitiu a orientação de pesquisas de mestrado e doutorado, além da docência em diversas disciplinas. Atualmente, na função de diretora da Escola de Formação de Professores e Humanidades, (EFPH) há uma contribuição contínua para a formação de novos pesquisadores e professores, em uma trajetória marcada pelo compromisso com a pesquisa, o ensino e a disseminação do conhecimento na Ciência da Religião.

DESBRAVANDO OS CAMINHOS DO PROFETISMO: A TRAJETÓRIA ACADÊMICA E A PESQUISA DO SERVO SOFREDOR

Em 2005, iniciei minha história no Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Ciências da Religião da Pontifícia Universidade Católica de Goiás, então sediado no prédio do Instituto de Filosofia e Teologia de Goiás (IFITEG), como aluna ouvinte. Desde o início, a escolha da linha de pesquisa e o objeto de investigação era claro: Religião e Literatura Sagrada.

Durante esse período inicial, participei como aluna ouvinte em duas disciplinas: “Literatura Sagrada das Religiões”, ministrada pelo professor Doutor Valmor da Silva e “Religião e Sociedade na Literatura Hebraica”, conduzida pelo professor Doutor Haroldo Reimer.

Ainda no primeiro semestre de 2005, por indicação da secretária, hoje minha comadre, Geyza Pereira, tive a oportunidade de conhecer o professor Doutor Valmor da Silva. Fui recebida calorosamente e, após horas de diálogo e orientação, saí do encontro preparada para revisar e delimitar o objeto de investigação. Esse encontro foi decisivo para o direcionamento do caminho a ser trilhado.

No mesmo semestre, iniciei as leituras e produções escritas sobre o tema do “Servo Sofredor” no Deutero-Isaías, que viria a se tornar o núcleo central da minha pesquisa. Essa fase foi essencial para o desenvolvimento de uma base sólida de conhecimento, permitindo um aprofundamento na análise das escrituras e das tradições proféticas dentro do contexto religioso e literário.

Esse período inicial no Programa *Stricto Sensu* em Ciências da Religião da PUC Goiás foi importante para o desenvolvimento da trajetória acadêmica que eu iria trilhar, fornecendo não apenas o embasamento teórico necessário, mas também a orientação e o suporte imprescindível para a consolidação de minha pesquisa sobre o profetismo e a Literatura Sagrada, muito bem orientada desde a fase inicial pelo professor doutor Valmor da Silva.

No final de 2005, após submeter-me a uma seleção altamente concorrida, conquistei uma vaga no mestrado em Ciências da Religião. Em março de 2006 iniciei oficialmente os primeiros passos nesse percurso que me direcionou ao que hoje venho desenvolvendo, tendo como objeto de pesquisa *O Profetismo a partir do Segundo Canto do Servo Sofredor, do livro de Isaías 49, 1-6*, sob a orientação do pesquisador doutor Valmor da Silva.

Ao longo do ano de 2006, dediquei-me integralmente ao projeto de pesquisa. Cursei todas as disciplinas com mérito, acumulando conhecimento e refinando a compreensão sobre os mais diversos aspectos das religiões e da literatura sagrada. Além disso, participei dos eventos organizados pelo programa.

Cada dia foi um desafio e uma oportunidade de crescimento. A jornada no mestrado não foi apenas sobre acumular conhecimento, mas também sobre desenvolver habilidades críticas, aprimorar a capacidade de pesquisar e aprender a expressar minhas ideias de forma clara e articulada.

A dissertação teve como tema: “Missão Profética: uma experiência de libertação e esperança no exílio da Babilônia a partir do Segundo Canto do Servo Sofredor”. Essa escolha de tema não foi aleatória, mas fruto de um interesse crescente e de um compromisso com a compreensão das dimensões teológicas e sociais do profetismo.

A participação em seminários ao longo de 2007 foi essencial para o enriquecimento da pesquisa. Cada seminário, palestra ou mesa-redonda que participei, contribuíram na construção da compreensão sobre o contexto do exílio babilônico e a figura do Servo Sofredor.

Paralelamente, dediquei-me à produção de artigos acadêmicos. Cada artigo submetido e discutido foi um passo importante na elaboração de minhas ideias. Todos eles só foram possíveis devido a dedicação e orientação dos professores e professoras do programa.

Em 2007 o foco principal foi o desenvolvimento da dissertação. A missão profética, como experiência de libertação e esperança durante o exílio na Babilônia, exigiu uma investigação minuciosa e multidisciplinar. Com base no Segundo Canto do Servo Sofredor, Isaías 49, 1-6, busquei entender como essa figura profética se tornou um símbolo de resistência e renovação espiritual para os exilados.

O objeto de estudo desta pesquisa é a perícopa de Isaías 49,1-6, conhecida como o Segundo Canto do Servo de YHWH, inserida no Dêutero-Isaías. Defendemos que, a partir desta delimitação, há uma coesão textual, embora não haja unanimidade entre os pesquisadores acerca da delimitação do Canto e da análise da estrutura do texto. Com isso, trabalharemos a partir da proximidade que há entre os estudiosos, que é o paralelismo existente no Canto. O gênero literário é uma narrativa autobiográfica, que narra a vocação do Servo desde o ventre materno até o chamado à realização de sua missão. O Servo responde ao chamado de Deus e se autoproclama como o escolhido para libertar o povo de Israel. Para concretizar sua missão, o profeta-servo passou pela experiência de sofrimento no meio do povo sofrido. O Servo é um profeta porque esteve inserido no cotidiano dos exilados, participando das reuniões e das atividades agrícolas. Juntos, o Servo e o povo se reuniam em comunidades para cantar e ler a Palavra de YHWH. Esta experiência só foi possível porque eles viviam em pequenas colônias. Em comunidade, puderam apoiar uns aos outros na prática da solidariedade e da partilha, afirmando sua identidade e fé no Deus Uno. A partir da exegese norteada pelo método histórico-crítico, compreende-se que o Servo é um profeta. O profeta-servo possui a missão de ser luz para as nações, levando ao povo de Deus a salvação por meio da libertação dos opressores (Silva, 2007, p. 12-14).

Para isso, revisei uma vasta bibliografia, que incluía comentários bíblicos, estudos históricos sobre o período do exílio, e análises teológicas sobre a figura do Servo Sofredor.

O Segundo Canto do Servo de YHWH, narrado em Is 49,1-6, faz referência a este Servo que estava fechado, amargurado por tanto sofrimento e que de repente escutou a voz do seu Deus, fez memória do Deus libertador do Êxodo e teve coragem de diante de todas as nações, pedir para ser escutado (Silva, 2007, p. 57).

Toda a pesquisa do Segundo Canto do Servo Sofredor foi desenvolvida sob a orientação do professor doutor Valmor da Silva,

com revisão e aperfeiçoamento de cada etapa do processo. Suas orientações foram importantes para manter o foco e a coesão do trabalho, além de incentivar uma abordagem crítica e inovadora.

A missão profética e a mensagem de libertação e esperança contidas no Segundo Canto do Servo Sofredor não eram apenas temas de pesquisa, mas reflexões profundas sobre o poder transformador da fé e da resistência em tempos de adversidade.

A missão de ser “luz” parece ser mais exigente do que denunciar e anunciar. O ser “luz” significava reunir todo o povo massacrado, sem esperança, humilhado, desprezado e oprimido pela conjuntura imposta pela Babilônia. É exigente justamente porque o povo parecia não acreditar que havia libertação e o ser “luz” era reunir em toda parte o povo escolhido e conduzi-lo novamente no caminho preparado por Deus para este povo (Silva, 2007, p. 62).

A pesquisa em questão, revela a semelhança entre a vida dos exilados babilônicos e a dos pobres locais, como camponeses, ambos submetidos a longas jornadas de trabalho e frequentemente desrespeitados em sua dignidade. Esse estudo inicial, ao detalhar como o período de exílio foi marcado por dor, opressão e desesperança, e ao destacar a importância da unidade e da religião para a sobrevivência e manutenção da identidade cultural dos exilados, proporcionou a base para aprofundar a compreensão das dinâmicas sociais e culturais em contextos de opressão e deslocamento forçado.

No ano de 2010, iniciei o doutorado em Ciências da Religião, dando continuidade à pesquisa iniciada no mestrado. A nova fase do estudo focava na temática “O Servo de YHWH solidário com o povo escravo da Babilônia a partir dos quatro Cantos do Servo Sofredor”. Essa pesquisa buscava aprofundar a análise sobre a figura do Servo de YHWH, particularmente como retratada nos quatro cantos do servo sofredor encontrados no livro de Isaías. A abordagem examinava a solidariedade do Servo com o povo exilado na Babilônia, explorando como essa figura profética se relacionava com a condição

dos escravos babilônicos, fornecendo-lhes esperança e um senso de identidade em meio à opressão.

O Servo de YHWH solidário com o povo escravo da Babilônia tem como intuito analisar os quatro Cantos do Servo de YHWH como memória de escravidão no exílio babilônico. Enfatiza o conceito de escravidão, a história da pesquisa, a figura do Servo/escravo e a concepção de sociedade, a partir do contexto social vivido pelo Servo/escravo no exílio babilônico. Por meio da análise da categoria escravidão, é possível afirmar que os exilados do exílio da Babilônia eram escravos porque estavam vivendo em outra nação, longe de seu templo e de suas raízes. A pesquisa mostra a figura do Servo/escravo que é apresentado nos quatro Cantos do Servo de YHWH tendo como referencial teórico, para comprovar a hipótese, a história da pesquisa dos quatro Cantos do Servo de YHWH, o método histórico-crítico e a leitura conflitual que possibilita uma melhor compreensão das perícopes propostas (Is 42,1-4; Is 49,1-6; Is 50,4-9 e Is 52,13-53,12). No primeiro capítulo apresenta-se a História da Pesquisa dos quatro Cantos, que estão inseridos no Dêutero-Isaías, segundo a hipótese dos três Isaías. No segundo capítulo são apresentados os Cantos e a análise exegética de cada um, bem como os temas que os permeiam. Já o terceiro capítulo aborda o Servo/escravo dos quatro Cantos do Servo de YHWH na ótica da leitura conflitual para evidenciar o cotidiano dos exilados que foi marcado pela escravidão. Mostra ainda as questões políticas, econômicas e sociais, bem como a identidade étnica do grupo dos exilados e a experiência religiosa destes no exílio da Babilônia. O quarto capítulo faz uma aproximação hermenêutica entre a figura do servo dos quatro Cantos e a mulher negra no período colonial brasileiro, evidenciando as aproximações de escravidão, solidariedade e libertação tanto dos exilados do período babilônico, como das mulheres negras escravizadas no Brasil colonial. Espera-se que os resultados desta pesquisa sejam relevantes para futuras reflexões e ensino dos Cantos do Servo de YHWH, bem como que deem sua contribuição nas pesquisas sobre a escravidão no exílio a partir dos quatro Cantos do Servo de YHWH. (Silva, 2014, p. 7)

A pesquisa se fundamentava na análise textual e histórica dos capítulos 42, 49, 50 e 52-53 de Isaías, em que os cantos do Servo Sofredor são encontrados. Esses textos foram estudados à luz do contexto histórico do exílio babilônico, no século VI a.C., período marcado por intensa dor, humilhação e desumanização para o povo de Israel. O estudo explorava como a figura do Servo se erguia como um símbolo de resistência e solidariedade, inspirando os exilados a manterem sua fé e coesão comunitária.

Os quatro cantos do Servo Sofredor revelam um personagem que, embora oprimido e desprezado, permanece firme em sua missão de trazer justiça e esperança. Essa figura profética se alinha com a experiência do povo exilado, reforçando a importância da união e da fé em tempos de adversidade. Ao investigar essas narrativas, minha pesquisa procurava mostrar como o Servo de YHWH não apenas representa uma promessa de redenção futura, mas também serve como um modelo de solidariedade e resistência ativa contra a opressão.

Além da análise textual, a pesquisa incorporou a revisão de literatura de obras de estudiosos como Schwantes, Bright, Sicre, Mesters, Croatto, Silva, Alonso Schökel, Fohrer, García Bachmann, Donner e outros. Esses autores contribuíram com perspectivas valiosas sobre a vida dos exilados e a importância da solidariedade comunitária para a sobrevivência e preservação da identidade cultural. Com base nesse *corpus* teórico, a pesquisa argumentava que a figura do Servo de YHWH desempenhava papel importante na manutenção da esperança e coesão entre os exilados, funcionando como ponto de convergência entre a fé e a resistência coletiva.

Essa continuidade da pesquisa foi vital para compreender as dinâmicas sociais e religiosas do período exílico, ao procurar entender sobre, de que modo, a fé e a solidariedade podem servir como forças resilientes em tempos de crise. A investigação dos cantos do servo sofredor destacou a relevância do estudo da religião, não apenas

como fenômeno, mas como dimensão enraizada na vida social e cultural das comunidades em situação de opressão. Dessa forma, meu doutorado em Ciências da Religião aprofundou a compreensão da figura do Servo de YHWH, e também ampliou o escopo da pesquisa sobre as interações entre religião, resistência e identidade em contextos históricos de exílio e escravidão. Pois

a pesquisa busca explorar a figura do Servo de YHWH nos quatro Cantos do Servo, utilizando como base teórica a história da pesquisa desses Cantos, o método histórico-crítico e a leitura conflitual. Fundamentada na teoria de Duhm, que identifica quatro Cantos (Isaías 42,1-4; 49,1-6; 50,4-9; 52,13-53,12), a pesquisa investiga como esses textos, embora incluídos no Dêutero-Isaías, têm origens distintas e não foram escritos pelo mesmo autor. O método histórico-crítico permitirá analisar os textos como produtos de evolução histórica, ajudando a entender o conceito de escravidão, a identidade do Servo e sua missão no exílio babilônico. A leitura conflitual e a hermenêutica serão empregadas para interpretar as várias dimensões sociais dos textos. A pesquisa, dividida em quatro capítulos, aborda a história da pesquisa dos Cantos, os temas presentes neles, a figura do Servo na perspectiva da leitura conflitual e a analogia com a escravidão dos negros no Brasil. O estudo visa contribuir para futuras pesquisas sobre os Cantos do Servo e a escravidão no exílio babilônico. (Silva, 2014, p. 13 -16)

Concluindo essa etapa da pesquisa sobre a figura do Servo de YHWH nos quatro Cantos do Servo, com base na teoria de Duhm e utilizando o método histórico-crítico e a leitura conflitual, passamos a uma nova fase de investigação.

PROFESSORA NO PPGCR: UMA JORNADA DE ORIENTAÇÃO E DESENVOLVIMENTO ACADÊMICO

Em 2014, após a defesa da tese de doutorado, iniciei a carreira de professora efetiva na PUC Goiás, dando continuidade à pesquisa e ao grupo de estudo, com o projeto intitulado “Exílio da Babilônia como espaço de afirmação da identidade étnica e religiosa dos exilados: uma leitura a partir do Dêutero-Isaías”.

A pesquisa retratava a memória dos exilados do período exílico da Babilônia na busca pela afirmação de sua identidade étnica e religiosa, compreendendo como era o cotidiano, as questões políticas, econômicas, sociais, étnicas e religiosas vivenciadas, tanto pelos exilados no exílio babilônico, quanto pelas mulheres negras escravizadas no Brasil colonial e, assim, evidenciando as aproximações de libertação e afirmação de sua identidade nos dois períodos a partir do Dêutero-Isaías.

Em 2016, participei do processo de credenciamento como professora permanente no Programa Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Ciências da Religião da PUC Goiás. Essa conquista representou a oportunidade de contribuir de forma direta para o desenvolvimento de novos pesquisadores.

Como professora, também tive a oportunidade de ampliar minha pesquisa, explorando novos temas e abordagens dentro do campo das Ciências da Religião. Ao longo dos anos, contribuí com a formação de novos pesquisadores, que muito acrescentaram no fortalecimento da excelência acadêmica e intelectual dentro do programa. Como professora permanente no Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Ciências da Religião da PUC Goiás, ministrei diversas disciplinas, tanto no mestrado, quanto no doutorado:

- Metodologia de Investigação Científica
- Matrizes Teóricas da Literatura Sagrada
- Textos Sagrados
- Violência e Paz
- Métodos de Interpretação de Textos Sagrados

Além das atividades de ensino, também orientei trabalhos de pesquisa. Entre os trabalhos orientados, destaco as dissertações de mestrado: “Neemias 5,1-5: As Relações de Poder entre os Povos Autóctones e os Exilados no Pós-Exílio”, da acadêmica Nayara do Vale Moreira, concluído em 2022; e “A Vocação e Missão Profética de Moiss s a partir de  xodo 3,1-122”, de João Basílio Fernandes Junior, concluída em 2020.

Entre as teses de doutorado, dou destaque   acadêmica Karine Marques Rodrigues Teixeira, que desenvolveu a temática “Hend adis Direito-Justiça em Jeremias 22,1-5 na Atuação de Assistentes Sociais no SUAS: Uma Experiência de Pesquisa-Ação (2021-2023)”, concluída em 2023.

Atualmente as dissertações de mestrado e teses de doutorado que estou orientando são: a dissertação “A Participação Feminina nas Irmandades Negras do Rosário e Merc es em Goiás: Um Espaço de Luta e Fé (1772-1860)”, de Gabriela Silva Carvalho; e as teses “O Trabalho Profissional na Assistência Social Pública no Município de Goiânia: Continuidade ou Ruptura?”, da acadêmica Maria Ciurinha Pereira dos Santos, e “Moiss s e a Lideranç a na Jornada do Povo de Israel: Uma Análise de  xodo 15,22-18”, do acadêmico João Basílio Fernandes Júnior.

Neste sentido, pude acompanhar o crescimento e o amadurecimento acadêmico de muitos estudantes sob minha orientação. A troca de conhecimentos e experiências com esses jovens pesquisadores foi enriquecedora e inspiradora, reafirmando meu compromisso com o ensino e a pesquisa em Ciências da Religião.

REFLEXÕES SOBRE O DÊUTERO-ISAÍAS: ESCRavidÃO, IDENTIDADE ÉTNICA E MISSÃO PROFÉTICA

Nos últimos anos, as investigações centradas no Dêutero-Isaías têm desdobrado significativas contribuições acadêmicas e pedagógicas. Explorei temas como escravidão, identidade étnica, questões religiosas e a missão profética, refletindo essas pesquisas em diversas publicações e atividades educativas.

Na pesquisa “Escravidão, Identidade Étnica e Questões Religiosas: uma leitura a partir do Dêutero-Isaías”, nosso objetivo foi analisar como o Dêutero-Isaías aborda a escravidão, a identidade étnica e as questões religiosas. Estudamos a forma como o texto bíblico reflete e responde aos desafios enfrentados pelos exilados israelitas na Babilônia. A análise revelou que o Dêutero-Isaías utiliza uma retórica poderosa para promover uma identidade coesa entre os exilados, oferecendo esperança e uma visão de libertação.

Os resultados dessa pesquisa foram amplamente disseminados por meio das publicações de artigos, capítulos de livros, livros e conferências. Como por exemplo o texto “Isaías 50:4-9: sofrimento e escravidão dos exilados no exílio da Babilônia e das mulheres negras no Brasil Colônia”, que teve como intuito analisar o Terceiro Canto do Servo de YHWH como memória de escravidão e libertação no exílio babilônico. Ele enfatiza a figura do Servo/escravo que é apresentado em Is 50: 4-9. Para desenvolver o estudo, utilizamos o método histórico-crítico e a hermenêutica para uma aproximação entre o Servo narrado na perícopes e as dores e os sofrimentos vivenciados pelas mulheres negras no Brasil Colonial, destacando a escravidão e a busca pela libertação, tanto dos exilados no exílio babilônico, quanto das mulheres negras e escravizadas no Brasil colônia (Silva, 2023, p. 62).

O texto “Isaías 52,13-53,12: Brasil colonial e tessituras do cotidiano das mulheres negras” teve

o objetivo analisar o quarto Canto do Servo de YHWH, como memória da escravidão e da libertação no exílio babilônico. A perícopes que compõe o quarto Canto (Is 52,13-53,12) apresenta um Servo que aceita a situação de dor e sofrimento em silêncio como forma de protesto contra todas as injustiças que estava vivendo. Para desenvolvermos o estudo, utilizamo-nos do método histórico-crítico e da hermenêutica para uma aproximação entre a narrativa sobre o Servo na perícopes referida e os registros das dores e dos sofrimentos vivenciados pelas mulheres negras no Brasil Colonial, destacando a escravidão, tanto dos exilados no exílio babilônico quanto das mulheres negras e escravizadas no Brasil colônia, bem como a busca desses povos pela libertação (Silva, 2023, p. 256).

As pesquisas que realizamos a partir do Dêutero-Isaías têm sido fundamentais para aprofundar a compreensão sobre a escravidão, identidade étnica, questões religiosas e a missão profética nas escrituras. Por meio de publicações, conferências e minicursos contribuimos para o avanço do conhecimento acadêmico e proporcionamos recursos valiosos para estudantes e pesquisadores dedicados ao estudo da Bíblia e da história do antigo Israel.

Um outro texto que faz parte dessa pesquisa é “O poder do silêncio nos Cantos do servo e na escravidão do Brasil” que está desenvolvido

em duas partes, o silenciamento de pessoas escravizadas no exílio babilônico e no Brasil colonial. Mostra como esse silêncio se torna poderoso, em forma de resistência, de luta por direito e justiça e por mudança da realidade. Na primeira parte, são selecionados quatro versos relativos ao silenciamento da palavra, um em cada canto do servo sofredor (Is 42,2; 49,4; 50,4; 52,15). Na segunda parte, são analisados aspectos semelhantes, com relação à escravidão africana no Brasil, tais como cantos de esperança, manifestações religiosas e tradições culturais. Com essa exposição, objetiva-se demonstrar como o silenciamento das pessoas oprimidas pela escravidão

pode inverter-se como força transformadora, através da fé em divindades libertadoras. O método utilizado é bibliográfico, priorizando literatura brasileira. Espera-se, como resultado, reforçar teses e ações em vista da superação de situações de exílio e escravidão. (Silva; Silva, 2023, p. 451)

A análise cuidadosa do silenciamento das pessoas escravizadas no contexto do exílio babilônico e do Brasil colonial revela não apenas a dura realidade enfrentada por esses grupos, mas também a resiliência e a força transformadora que emergem desse silêncio. Ao destacar como o silêncio pode ser uma forma de resistência e uma busca por mudança, essa pesquisa nos permite compreender não apenas o passado, mas também os desafios enfrentados pela sociedade contemporânea. Ao reconhecer o poder do silêncio como uma voz de esperança e justiça, estamos fortalecendo o compromisso de promover uma sociedade mais igualitária e livre de opressão, onde todos tenham a liberdade de expressar sua verdade e buscar sua própria realização.

Esperamos que essas reflexões continuem a inspirar novos estudos e a promover um entendimento crítico dos textos bíblicos, contribuindo para a superação de situações de exílio e opressão em diferentes contextos históricos e culturais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A trajetória descrita revela uma evolução acadêmica e profissional marcada pelo compromisso com a pesquisa e o ensino na área da Ciência da Religião. Os estudos sobre profetismo, escravidão, identidade étnica e missão profética, somados à orientação de novos pesquisadores, demonstram uma abordagem sólida e interdisciplinar, que contribuiu para o avanço do conhecimento. A atuação como professora e diretora reflete a dedicação à formação acadêmica e ao fortalecimento institucional, consolidando um legado relevante e de impacto na área.

REFERÊNCIAS

SILVA, Rosemary Francisca Neves. *Missão profética: uma experiência de libertação e esperança no exílio da Babilônia a partir do Segundo Canto do Servo de YHWH (Is 49,1-6)*. 2007. Dissertação de mestrado — Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2007.

SILVA, Rosemary Francisca Neves. *O Servo de YHWH solidário com o povo escravo da Babilônia*. 2014. Tese de doutorado — Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2014.

SILVA, R. F. N.; SILVA, V. O poder do silêncio nos Cantos do servo e na escravidão do Brasil. *Revista Pistis & Praxis*, Brasil, v. 15, n. 3, 2023.



12

Luiz Signates

ESPIRITUALISMO, ESPIRITISMO, ECOLOGIA:

PERCEPÇÕES DE UMA TRAJETÓRIA

Numa contribuição para os 25 anos de existência do PPG Ciências da Religião, da PUC Goiás, busco neste texto sintetizar os pontos principais dos anos de trabalho, pesquisa e publicações aos quais tenho me dedicado junto a esse Programa. Desde que adentrei o PPG, em 2016, tenho me dedicado ao estudo das questões relacionadas ao espiritualismo brasileiro e internacional, buscando compreender as religiosidades não-cristãs ou cristãs éticas, que podem se encaixar nessa denominação.

Assim, num primeiro momento, procurei estabelecer um posicionamento epistemológico específico, que permitisse situar os estudos no largo campo das ciências da religião, em perspectiva original ou crítica ao que vinha sendo feito. Nesse sentido, percebi de imediato a incompletude dos conceitos que têm estado em voga para a pesquisa desse tipo de religiosidade, especialmente as noções de “novos movimentos religiosos” e “nova era”. O adjetivo novo já conta com quase meio século de uso, razão pela qual o questionamento se fazia irremediável: quando esse “novo” envelhecerá?

Uma motivação epistemológica visitava essa crítica. A adjetivação referindo-se a novidades funcionava de modo muito semelhante aos prefixos “pós”, de conceitos semelhantes, como “pós-modernidade” e “pós-história”, entre outros, isto é, denominavam algo que já não era, mas cuja descrição e nomeação ainda não se tornara possível. Ou estávamos, naqueles estudos, claramente entre o não mais e o ainda não. Conceitos que não definem e para os quais, passado meio século, continuam sem definição.

Estudei a historiografia dos movimentos, reportados a momentos da Idade Média, mas consolidados entre os séculos XVIII e XIX, em plena era moderna, bafejados pelo Iluminismo, mas também inspirados em tradições orientais que aportavam o ocidente nos processos migratórios dessa época. E desses estudos descobri uma denominação original, anterior à miríade de crenças e filosofias que se espalharia até a contemporaneidade: espiritualismo, ou as crenças ancoradas na ideia de espírito, como ser essencial, anterior ao nascimento e sobrevivente à morte.

Em seguida, passei a investigar com afinco a principal corrente espiritualista do Brasil, o espiritismo. Em uma visão crítica a esse movimento, pude acionar várias visadas para compreender essa que é a terceira maior religião do país, mas muito pouco pesquisada pelas ciências da religião. Meus estudos sobre o espiritismo envolvem os aspectos antropológico, sociológico, político, linguístico e comunicacional. Neste texto, apresento apenas alguns aspectos principais dos estudos sobre essa tradição religiosa, neste caso dando um acento especial à natureza conservadora do espiritualismo em geral e especialmente do movimento espírita, pelo menos em sua corrente hegemônica, ligada à Federação Espírita Brasileira.

Na abordagem desse conservadorismo, busquei percorrer as condições históricas da formação de uma opinião religiosa abertamente infensa ao debate social e político, mas que, quando se manifesta, o faz de forma conservadora e, muitas vezes, reacionária. Um exemplo típico que destaco é a pauta da ecologia, ante a qual os espíritas e outras correntes espiritualistas adotam uma interpretação individualista, sem grandes efeitos sobre as discussões centrais que são travadas nesse campo.

O CONCEITO DE ESPIRITUALISMO

As religiões que surgiram no século 20 e continuam a crescer no século 21 apresentam características específicas que têm intrigado os estudiosos. Uma das mais proeminentes é a sua pluralidade, que envolve uma grande diversidade de escolas, denominações e tendências, tanto em quantidade quanto em qualidade. Ao contrário das denominações do cristianismo evangélico, especialmente o neopentecostalismo, que são mais numerosas do que variadas em termos de qualidade, as novas filosofias e religiões são verdadeiramente plurais, já que não parecem se unir mesmo em termos de propostas teológicas. Sua diversidade abrange desde o religioso até o não-religioso.

Estamos nos referindo aos chamados “novos movimentos religiosos,” também conhecidos na literatura sociológica, antropológica e de ciências da religião como “movimento New Age” ou “Nova Era”. Como é amplamente conhecido, essa expressão remete à expectativa milenarista de que, com a virada do milênio, a humanidade estaria entrando na “Era de Aquário”, segundo o mapa astral zodiacal. O termo foi popularizado por Alice Bailey, uma ex-evangélica inglesa convertida ao teosofismo, para descrever a transformação iminente, dentro da tradição estabelecida por Helena Blavatsky, fundadora da Teosofia. No contexto do espiritualismo europeu do final do século XIX e início do século XX, essa tradição buscava reconciliar a fé cristã com as tradições orientais, introduzindo interpretações próprias da astrologia esotérica (Magliocco, 2014).

Embora a ideia da Era de Aquário tenha raízes mais antigas, os estudiosos situam o “Movimento New Age” como algo mais contemporâneo, surgido durante a contracultura dos anos 1960-1970 (Hanegraaf, 2015). Foi nesse período que o termo “Nova Era” se tornou amplamente popular na Europa e nos EUA, abrangendo uma variedade de crenças e práticas “alternativas” voltadas para a transformação da sociedade ocidental (Guerriero, 2016).

No entanto, a escatologia não é o único elemento que define essa corrente de pensamento e prática. Há evidências claras de que, apesar da atenção midiática dada à denominação, em muitos casos ela não é nem mesmo o aspecto central. Hanegraaff (2015) reconhece que a expectativa milenarista é apenas uma parte do “Movimento New Age” no sentido estrito, enquanto o sentido mais amplo se concentra no presente imediato e em estilos de vida alternativos, especialmente no contexto da contracultura da Califórnia (Guerriero, 2016).

No entanto, os próprios adeptos do movimento rejeitam essa designação. Possamai (2001) sugere que nesse grupo pode não haver um único pesquisador ou ativista que concorde em enquadrar seus estudos ou sua atividade nesse rótulo.

Por isso, a partir dos anos 1990, alguns acadêmicos tanto internacionais quanto brasileiros começaram a rotular essa tendência como “novas religiosidades”, “novas espiritualidades” ou até mesmo “religiões pós-modernas” (Possamai, 2019). Esses termos buscam abranger as práticas e crenças de pessoas que procuram uma conexão mais direta com o divino e/ou o sobrenatural, com um nível de autonomia dentro ou fora de estruturas religiosas estabelecidas. A autoridade espiritual é vista como interna, baseada na experiência pessoal, combinando elementos das religiões populares (que operam fora das instituições religiosas tradicionais) e das religiosidades místicas (caracterizadas pelo individualismo e uma abordagem intelectual, muitas vezes em oposição às religiões institucionais). Isso tudo acontece em um processo social conhecido como “gentrificação”, que envolve a transformação do espaço religioso com a saída de grupos de baixa renda e a entrada de grupos mais abastados.

O problema não reside tanto nas descrições e caracterizações das diferentes facetas dessas espiritualidades, mas sim nos conceitos utilizados, os quais, como é evidente, falham em fornecer uma definição precisa desses movimentos religiosos. Nenhum dos termos empregados é realmente esclarecedor ou abrangente:

A expressão “New Age”, associada ao espiritualismo norte-americano, enfoca a caracterização dessas religiões na escatologia das eras e do progresso, o que não reflete sua principal característica. O termo “novas religiosidades” também é vago e tem sido usado desde o final dos anos 1980, mas mesmo após décadas, sua definição permanece incerta. “Religiões pós-modernas” é uma expressão semelhante a “novas religiosidades”, já que o conceito de pós-modernidade é igualmente ambíguo e pouco esclarecedor, frequentemente associado à negação da razão sem uma alternativa clara. Mais recentemente, surgiu o termo “novas espiritualidades” para descrever práticas espiritualistas que resistem às estruturas institucionais das religiões tradicionais. No entanto, rejeitamos esse termo não apenas por continuar a usar o rótulo “novo” sem uma definição precisa,

mas também porque a individualização e a desterritorialização dessas práticas são apenas algumas de suas características, compartilhadas com outros movimentos igualmente relevantes.

Para quem esses conceitos vagos e frágeis são úteis? De acordo com Carlette e King (2005), "ser vago é importante para se adequar ao consumo". Em uma sociedade de consumo, "espiritualidade" pode significar qualquer coisa, desde que seja comercializável. A dimensão consumista do espiritualismo contemporâneo é digna de pesquisa, mas deve ser abordada criticamente.

É o conceito específico de "espírito" e a recente ascensão da ideia de "espiritualidade" que definem essa forma de religiosidade, amplamente presente e relevante na sociedade brasileira desde o século XX até hoje.

A noção de espiritualidade e espiritualismo não são novidades. Remontam à Antiguidade a ideia de "*spiritus*" (em latim, "sopro de vida"), ou, no contexto do Evangelho de João, o termo grego "pneuma" (referindo-se à vida espiritual em contraposição à vida carnal). A dicotomia entre espírito e matéria foi solidificada no helenismo cristão, com os gnósticos separando o reino espiritual do mundo material. No século XVIII, especialmente na França e na Inglaterra, surgiram os primeiros passos para a privatização da experiência religiosa, com a religião sendo vista como uma questão de consciência individual e vivência pessoal.

No século XIX, essas ideias ganharam relevância social, especialmente com o surgimento do espiritismo em várias correntes, que se opunham ao materialismo predominante. No final do século XIX e início do século XX, as influências das filosofias e religiões orientais, trazidas pelas migrações, se mesclaram ao espiritualismo existente, dando origem a movimentos como a Teosofia e a Antroposofia.

O Brasil se tornou o epicentro dessas formas religiosas sincréticas e originais, com destaque para o espiritismo, que negocia entre as religiões tradicionais e as vertentes mais fragmentadas,

sendo uma das poucas a atrair as massas. As adaptações das religiões orientais também se enraizaram, com ênfase na sobrevivência espiritual após a morte e práticas terapêuticas que dialogam com a desigualdade social brasileira.

Essas religiões frequentemente promovem um individualismo radical, desvinculado de análises sociais ou políticas da realidade, o que as torna atraentes para as classes média e alta, que buscam bem-estar pessoal sem questionar as desigualdades sociais ou os privilégios.

ESPIRITISMO: O ESPIRITUALISMO CONSERVADOR E DE MASSAS DO BRASIL

Os registros históricos do espiritismo e de seu surgimento na França do século XIX revelam uma corrente de pensamento, muitas vezes não estritamente religiosa, mas comumente associada à burguesia, que buscava se conectar com as classes trabalhadoras. Allan Kardec, o codificador do espiritismo, é lembrado por suas viagens e diálogos com os trabalhadores franceses durante a revolução industrial (Kardec, 2015). Sua abordagem didática e sua dedicação como professor, frequentemente oferecendo aulas gratuitas, indicavam um esforço para tornar o espiritismo acessível às camadas menos privilegiadas da sociedade da época.

Não é surpreendente que a burguesia daquela época se preocupasse, à sua maneira, com os trabalhadores. A origem da burguesia remonta à plebe medieval, que, mesmo após enriquecer com o comércio e a indústria, mantinha uma identificação com suas raízes plebeias. No entanto, é importante notar que a ideia de plebe não era homogênea, havendo distinções entre os burgueses ricos e os lavradores pobres (Engels, 2022).

A leitura marxista muitas vezes ignora ou interpreta de maneira radical elementos jurídicos e culturais fundamentais das sociedades contemporâneas. A sociedade moderna tem superado em alguns aspectos o egoísmo capitalista, especialmente quando a identificação original da burguesia com a plebe levou a aspirações de universalidade cidadã. Elementos como os direitos humanos, a defesa das minorias e o Estado de Bem-Estar Social surgiram do contexto burguês e agora são parte integrante das agendas progressistas em todo o mundo.

A burguesia desempenhou um papel fundamental no período iluminista da Europa, liderando transformações sociais que acabaram com o feudalismo e as monarquias absolutistas. Ela fundou um Estado no qual a soberania dos governantes foi submetida a uma ordem legal, baseada na democracia como exercício universal da cidadania.

O espiritismo surgiu nesse contexto de entusiasmo intelectual e econômico durante o século das Luzes, refletindo os ideais positivistas de progresso e moralidade. No entanto, ao longo do tempo e em um contexto diferente, como o Brasil, o espiritismo organizado passou a adotar ideologias mais conservadoras e retrógradas, num movimento que não se limita apenas ao movimento espírita, mas reflete mudanças mais amplas na sociedade e na posição relativa da burguesia capitalista no sistema de poder.

A agenda burguesa sempre teve uma inclinação liberal, mesmo o socialismo utópico, que enfatizava a igualdade e valorizava a liberdade individual como parte essencial do movimento que derrubou o absolutismo. As conquistas alcançadas desde então, incluindo a notável Declaração Universal dos Direitos Humanos, que solidificou o conceito de cidadania universal como um pilar do progresso humano, foram movimentos essencialmente liberais. No século XX, esses princípios foram estendidos dos direitos civis aos direitos sociais e difusos sempre dentro de uma perspectiva liberal.

O reconhecimento dos direitos das maiorias oprimidas, como os trabalhadores, as mulheres e os negros, logo se estendeu às minorias vulneráveis, como crianças, deficientes e homossexuais.

No entanto, desde a implementação do Estado de direito, em defesa da economia capitalista, o liberalismo gradualmente adotou uma postura mais conservadora. A ascensão dos partidos e movimentos comunistas, especialmente as revoluções socialistas nos países menos desenvolvidos, como a União Soviética, durante e após a Segunda Guerra Mundial, perturbou essa tendência e impediu uma completa virada conservadora do liberalismo. A evolução dos direitos em direção a um Estado de bem-estar social foi, em grande parte, uma resposta liberal para atender às demandas básicas dos trabalhadores e evitar revoltas populares que pudessem ameaçar o capitalismo.

No Brasil, as conquistas liberais geralmente ocorreram tardiamente e muitas vezes perpetuaram ou exacerbaram a desigualdade social. Um exemplo claro disso foi a abolição da escravidão, um processo que se arrastou por décadas até sua completa extinção em 1889, mas que negligenciou completamente o destino precário da população negra recém-libertada. Até meados do século XX, ainda persistiam casos ilegais de escravidão nas áreas rurais do país, e até os dias atuais, o Brasil enfrenta problemas trabalhistas relacionados às chamadas situações “análogas à escravidão” (Gomes, 2019).

Nesse contexto, o espiritismo surgiu no Brasil no final do século XIX, trazido por membros das elites das cidades do Rio de Janeiro, São Paulo e do Nordeste. Aqui, o espiritismo assumiu uma forma de religião benevolente, influenciada principalmente pelo socialismo utópico vindo da França e pela religião positivista de Comte. Com o advento da revolução socialista na Rússia, muitos espíritas adotaram ideias comunistas, acreditando que ele era uma evolução natural e inevitável da sociedade (Miguel, 2012). No entanto, alguns conflitos surgiram na sociedade e na religião brasileira, afastando o espiritismo

de posições mais progressistas. O principal deles foi a percepção do espiritismo em relação às religiões afro-brasileiras e suas práticas mediúnicas. Esse encontro resultou na formação de centros e terreiros de umbanda, que representaram tanto uma valorização da presença espiritual de grupos marginalizados quanto um distanciamento das tradições negras e africanas, representando assim uma religião genuinamente brasileira.

No início do século 20, os terreiros de umbanda e os médiuns isolados, conhecidos como “feiticeiros,” eram amplamente considerados pela percepção popular brasileira como formas inferiores de espiritismo, associadas tanto à influência do espiritismo quanto à inferioridade racial e de classe. Essa conotação simbólica revela claramente a presença de racismo e preconceito de classe. Enquanto os cultos afro-brasileiros eram rotulados como “baixo espiritismo”, o kardecismo era chamado de “espiritismo de mesa branca”, em alusão às toalhas brancas das mesas dos centros espíritas, relacionando-se à cor da pele da elite kardecista. Os centros umbandistas, por sua vez, não adotavam vestes brancas, o que os distinguiu visualmente (Ortiz, 1999).

Além disso, o termo “espírita” também tinha uma importância histórica significativa. Muitos terreiros adotavam o adjetivo “espírita” não apenas por causa de sua conexão histórica com o movimento espírita, mas também como uma forma de evitar a repressão policial, uma vez que as práticas umbandistas eram consideradas contravenções criminais de acordo com o código penal da época, ao passo que as práticas espíritas já eram mais aceitas, apesar da oposição da Igreja Católica (Maggie, 1992; Negrão, 1996).

Os espíritas da época reagiram de maneira característica, não apenas concordando com a qualificação das práticas de origem negra como inferiores, mas também protestando contra o uso do termo “espiritismo” para descrevê-las. Os intelectuais espíritas defendiam a “pureza doutrinária” do espiritismo e buscavam eliminar as práticas consideradas “estranhas” e “primitivas” que consideravam contaminantes (Amorim, 2011).

Essa atitude revela uma clara preferência pela doutrina em detrimento das pessoas, demonstrando que a generosidade e a caridade espíritas tinham limites quando se tratava de preservar a identidade da interpretação dominante do espiritismo. A demora do movimento espírita em reconhecer a igualdade cultural e religiosa dos negros e indígenas reflete uma visão racista enraizada na sociedade brasileira da época.

Além disso, a institucionalização do espiritismo brasileiro e a falta de debate social e político dentro do movimento também contribuíram para a perpetuação desse preconceito. Essas questões são analisadas de forma mais detalhada em outros textos, mas é importante destacar que a recusa em compartilhar doutrinas e rituais com as religiões afro-brasileiras foi motivada, em grande parte, por preconceitos raciais enraizados na sociedade brasileira.

A institucionalização religiosa, caracterizada pela estabilização de conteúdos doutrinários e práticas ritualísticas, marca a transição de uma religião em busca de legitimidade para uma situação consolidada, onde as doutrinas e práticas são institucionalizadas e legitimadas, levando à conservação. No final do século 20, o espiritismo brasileiro passou por esse processo, especialmente com a liderança da Federação Espírita Brasileira (FEB), que subjuguou as federações estaduais e impôs a ideologia da pureza doutrinária. Isso estabeleceu uma separação definitiva de todas as correntes espiritualistas não alinhadas, incluindo a umbanda.

O debate social e político foi reprimido dentro do movimento espírita, principalmente após a institucionalização, sob o pretexto de manter a doutrina afastada de partidos e ideologias. Isso resultou em uma mentalidade predominantemente individualista, em que se acredita que a transformação pessoal é suficiente para resolver questões sociais e políticas, tornando mudanças nesses aspectos vistas como secundárias ou supérfluas.

A literatura espírita, em sua maioria, reflete essa perspectiva individualista, com uma predominância de obras de autoajuda e psicológicas. Obras que abordam temas sociais ou políticos são raras e muitas vezes ignoradas ou marginalizadas pelos espíritas que seguem a linha dominante de pensamento.

Nesse contexto, o espiritismo brasileiro se tornou conservador, adotando uma postura neoliberal que busca preservar a dogmática estabelecida por Allan Kardec. A fé raciocinada, que Kardec propôs como uma adaptação constante às descobertas científicas e à evolução da racionalidade, foi substituída por uma fé justificada no pensamento do codificador, em que qualquer questionamento é desencorajado.

Recentemente, o movimento espírita tem sido palco de debates políticos, especialmente após as declarações de Divaldo Pereira Franco, um dos principais líderes espíritas do país, que expressou posições de direita. Essas declarações provocaram uma reação significativa, mas minoritária, dentro do movimento, destacando divisões ideológicas que raramente são discutidas publicamente.

Embora haja debates nas redes sociais, o ambiente institucional do espiritismo ainda tende a evitar conflitos públicos, preferindo resolver questões internamente. O debate na internet muitas vezes não promove diálogo, mas sim a defesa de posições preestabelecidas, às vezes resultando em ataques pessoais e acusações mútuas.

Uma das temáticas momentosas e que reflete o conservadorismo espiritualista no Brasil é a discussão ecológica. Em meus trabalhos junto ao PPG Ciências da Religião da PUC Goiás, tenho buscado contribuir para essa investigação, seja para entender os amplos espaços de apoio conservador nas religiões contemporâneas, seja para destacar os lugares onde a preocupação ecológica se manifesta no contexto religioso.

CONSERVADORISMO ESPIRITUALISTA E ECOLOGIA

Nos estudos que conduzi sobre o assunto, junto com vários colegas, observei que a religiosidade brasileira está envolvida na produção e reprodução da cultura conservadora que levou parte da população a votar contra seus próprios interesses (Signates, 2019). Não é coincidência que Bolsonaro faça referências à Bíblia e se associe a líderes religiosos (Almeida, 2019). É evidente o crescente poder de denominações religiosas que não hesitam em misturar religião e política, formando bancadas com foco em pautas moralistas que têm grande impacto entre seus seguidores (Mauss; Hubert, 2005).

É importante também estudar as religiões em que a ecologia é um princípio teológico. Refiro-me a uma variedade de religiões e espiritualidades sensíveis à preservação dos recursos naturais, muitas vezes inspiradas por uma visão romântica da natureza, que reinterpretam o antigo “mito do eterno retorno” de forma ecológica. Essa busca por uma conexão ecológica representa um caminho viável para recuperar a paz e a harmonia perdidas devido à racionalidade instrumental da civilização moderna, uma tendência considerada característica das religiões abraâmicas (Rosa, 2018).

No Brasil, exemplos típicos dessas abordagens incluem a ecologia religiosa do Santo Daime e da União do Vegetal. O Santo Daime, por exemplo, incorpora uma pluralidade epistemológica, fundindo conhecimentos religiosos de várias fontes, incluindo plantas, outras tradições religiosas e doutrinas específicas da igreja, formando assim uma ecologia religiosa (Albuquerque, 2012).

Além disso, devemos mencionar a importância dos ritos alimentares orgânicos na Igreja Messiânica (Gonçalves, 2009)

e a valorização da natureza no Holismo, onde a busca por saúde, bem-estar e conexão espiritual ocorre em ambientes naturais, resultando em uma espiritualidade ecológica profundamente internalizada (Viezzler, 2007).

A vida requer um movimento tanto de dentro para fora, do indivíduo para o coletivo, quanto de fora para dentro, do coletivo para o indivíduo, pois a transformação pessoal nunca ocorre isoladamente. Cada ser humano está interligado em uma rede de conexões que oferece diversas oportunidades para exercer a cidadania local e planetária.

Um exemplo claro dessa abordagem pode ser encontrado na expressão do espírita e jornalista global André Trigueiro, que tem promovido pregações espíritas em todo o país sobre questões ecológicas, relacionando-as com a doutrina de Allan Kardec. Seguindo a noção individualista de reforma íntima como base para a transformação espiritual, Trigueiro (2017) afirma que “o planeta está dentro de nós”.

De forma indireta, mas igualmente significativa, encontramos também influências das correntes afro-brasileiras e práticas xamânicas, em que divindades tribais ou formas espirituais típicas das comunidades negras e pobres do Brasil celebram o contato direto com o solo, simbolizando uma conexão com a terra (Boaes; Oliveira, 2011).

Essas formas de religiosidade revelam como a religião pode ser um espaço para pensar e viver uma ecologia produtiva. Segundo Hans Jonas (2006), a questão ecológica é uma ética voltada para o futuro, em que o presente é moldado em consideração às gerações que ainda virão. Em termos religiosos, o futuro representa um enfrentamento da morte, substituindo o niilismo pelo renascimento espiritual, o que lança o ser humano no mundo da responsabilidade, comunhão e solidariedade.

No entanto, é importante observar que essas religiosidades também têm sido terrenos férteis para o conservadorismo, especialmente no Brasil. Ao se tornarem “religiões do *self*”, muitas delas baseiam suas teologias em formulações individualistas e segregacionistas, esperando que o fim do mundo resolva os problemas por si só (D’Andrea, 2000). Ao não transformarem os ideais ecológicos em programas políticos que promovam a solidariedade como cidadania, essas comunidades, frequentemente compostas por famílias de classe média e alta, caem na ideologia conservadora de seus estratos socioeconômicos. Assim, as espiritualidades ecológicas tornam-se politicamente conservadoras e espiritualmente individualistas.

Uma visão romântica da natureza, muitas vezes, coincide com um esquecimento da condição social do ser humano no desastre ecológico, transformando essas religiões em bolhas ecológicas isoladas, com pouca comunicação com o mundo exterior.

No entanto, isso sinaliza uma oportunidade para desenvolver uma mentalidade ecológica no Brasil que, quando politizada, pode enfrentar os desafios ecológicos e humanos que o governo atual e uma economia suicida representam.

É dentro dessa perspectiva que surgem no Brasil teoecologias como a ecologia profunda de Leonardo Boff (2013), que integra preocupações ecológicas com a teologia da libertação. A Igreja Católica tem desempenhado um papel significativo no trabalho ecológico, especialmente na contradição entre produção e conservação na agricultura.

Apesar disso, o presente não nos permite otimismo. A devastação da Amazônia, o uso indiscriminado de agrotóxicos e a violência contra comunidades indígenas são apenas algumas das tragédias rurais que se alinham com o desemprego e a degradação das condições de vida nas cidades. O capitalismo indiferente nos desafia.

SINAIS DE MUDANÇA

Estamos diante de um movimento religioso e cultural profundamente conservador, enraizado nas camadas mais abastadas da sociedade brasileira e pouco receptivo ao diálogo social. Essa religiosidade, isolada em seu próprio universo, desconectada dos grandes debates mundiais e alheia ao sofrimento alheio, cultiva a ideia de uma herança de um mundo regenerado, que virá pela força natural ou pela substituição dos maus pelos bons por meio da reencarnação, sem a necessidade de transformações sociais ou políticas.

Entretanto, nos últimos anos, novos elementos têm surgido para possivelmente mudar esse cenário e contestar essas expectativas conservadoras. Destaco três desses elementos: a ascensão da internet, o posicionamento político de Divaldo Franco e a polarização política decorrente do golpe de 2016 e da eleição de Jair Bolsonaro (Signates, 2019).

A internet trouxe novas formas de comunicação e expressão pública, desafiando as fronteiras entre o público e o privado e gerando novos contextos de visibilidade, desinstitucionalizando a comunicação pública. Isso teve consequências significativas na religião e na política, enfraquecendo a hegemonia das instituições estabelecidas e permitindo que os indivíduos construíssem seus próprios significados religiosos, reduzindo o poder das lideranças tradicionais.

No espiritismo, em particular, a internet permitiu o surgimento de inúmeros conteúdos e discussões, ampliando as relações entre os praticantes para além das barreiras geográficas anteriores. Em fevereiro de 2018, Divaldo Franco, uma figura proeminente no espiritismo brasileiro, provocou uma controvérsia que ecoou a polarização política do país, gerando reações em várias partes do Brasil.

Desde então, grupos e instituições têm surgido em resposta à crescente influência conservadora no movimento espírita (Signates; Damásio, 2021). A eleição de Jair Bolsonaro também contribuiu para reconfigurar o espectro político, levando parte da comunidade espírita a adotar posturas mais progressistas. Esse fenômeno parece estar impulsionando a produção de novos sentidos políticos no espiritismo brasileiro, que os nossos estudos continuarão a observar e descrever.

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, M. B. B. Saberes da ayahuasca e processos educativos na religião do Santo Daime. *Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales*, v. 10, n. 1, p. 351-365, 2012.
- ALMEIDA, Ronaldo. Bolsonaro presidente: conservadorismo, evangelismo e crise brasileira. *Novos Estudos Cebrap*, São Paulo, v. 38, n. 1, p. 185-213, 2019.
- AMORIM, Deolindo. *Africanismo e espiritismo*. São Paulo: Pensamento Espírita, 2011.
- BOAES, A. G.; OLIVEIRA, R. dos S. Religiões afro-brasileiras e ética ecológica: ensaiando aproximações. *Revista Brasileira de História das Religiões*, Brasil, n. 9, p. 93-121, 2011.
- BOFF, Leonardo. *Sustentabilidade: o que é e o que não é*. Petrópolis: Vozes, 2013.
- CARRETTE, Jeremy; KING, Richard. *Selling spirituality: the silent takeover of religion*. London: Routledge, 2015.
- D'ANDREA, A. A. F. *O self perfeito e a nova era: individualismo e reflexividade em religiosidades pós-tradicionais*. São Paulo: Loyola, 2000.
- ENGELS, Friedrich. *Do socialismo utópico ao socialismo científico*. São Paulo: Edipro, 2022.
- GOMES, C. S. Impactos da expansão do agronegócio brasileiro na conservação dos recursos naturais. *Cadernos do Leste*, Belo Horizonte, v. 19, n. 19, p. 63-78, 2019.
- GONÇALVES, H. R. Alimentação e agricultura natural na Igreja Messiânica Mundial do Brasil e suas dissidências. *Revista Nures*, Brasil, n. 13, 2009. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/nures/article/download/4425/2996>. Acesso em: 15 mai. 2024
- GUERRIERO, Silas. Esoterismo e astrologia na Nova Era: do ocultismo à psicologização. *Reflexão*, Campinas, v. 41, n. 2, p. 211-224, 2016.

HANEGRAAF, W. J. New Age Movement. In: JONES, Lindsay (Ed.). *Encyclopedia of religion*. Farmington Hills: Thompson Gale, 2015. p. 6495-6500.

JONAS, Hans. *O princípio responsabilidade: ensaio de uma ética para a civilização tecnológica*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2006.

KARDEC, A. *Viagem espírita em 1862*. Matão: O Clarim, 2015.

MAGLIOCCO, Sabina. New Age and Neopagan Magic. In: COLLINS, D. J. (Ed.). *The Cambridge history of magic and witchcraft in the west: from antiquity to the present*. Washington DC: Cambridge University Press, 2015. p. 635-664.

MAGGIE, Yvonne. *Medo do feitiço: relações entre magia e poder no Brasil*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1992.

MAUSS, Marcel; HUBERT, Henri. *Sobre o sacrifício*. São Paulo: Cosac Naify, 2005.

MIGUEL, S. N. *Movimento universitário espírita (MUE): Religião e política no espiritismo brasileiro*. Campinas: Unicamp, 2012.

NEGRÃO, Lisias. *Entre a cruz e a encruzilhada: Formação do campo umbandista em São Paulo*. São Paulo: Edusp, 1996.

ORTIZ, Renato. *A morte branca do feiticeiro negro: umbanda e sociedade brasileira*. São Paulo: Brasiliense, 1999.

POSSAMAI, Adam. New spiritualities in Western Society. In: STOEBER, M. (org.). *Oxford Research Encyclopedia Religion*. Oxford: Oxford Press, 2019. p. 21-51.

POSSAMAI, Adam. Not the New Age: perennism and spiritual knowledges. *Australian Religion Studies Review*, Sidney, v. 14, n. 1, p. 82-96, 2001.

ROSA, Richard A. S. *Religião e meio ambiente: uma breve análise da ecologia na perspectiva das religiões da tradição abraâmica*. Vitória: UNIDA, 2018.

SIGNATES, Luiz. Espiritismo e política: os tortuosos caminhos do conservadorismo religioso e suas contradições no Brasil. *III Colóquio Internacional do NEARG, Goiânia*, 2019.

SIGNATES, Luiz; DAMÁSIO, João. Configurações digitais da contrahegemonia espírita: uma cartografia dos coletivos progressistas e de esquerda no espiritismo brasileiro. *Revista Tropos: Comunicação, Sociedade e Cultura, Brasil*, v. 10, n. 1, p. 1-29, 2021.

TRIGUEIRO, André. *Espiritismo e ecologia*. Brasília: Feb, 2017.

VIEZZER, Moema. Atores sociais e meio ambiente. In: FERRARO JÚNIOR, L. A. (org.). *Encontros e caminhos: formação de educadoras(es) ambientais e coletivos educadores*. Brasília: MMA, Departamento de Educação Ambiental, 2007. p. 37-46.



13

Mariosan de Sousa Marques

ABRAÃO:

O NASCIMENTO DE UM ANCESTRAL

DOI: [10.31560/pimentacultural/978-85-7221-197-0.13](https://doi.org/10.31560/pimentacultural/978-85-7221-197-0.13)

INTRODUÇÃO

A história de Abraão, apresentada no livro do Gênesis, é uma narrativa de profunda relevância não apenas para a compreensão das tradições religiosas judaico-cristãs, mas também para o diálogo inter-religioso e a compreensão da identidade cultural e espiritual. Neste texto, propomos uma análise abrangente da figura de Abraão e de seu contexto histórico, explorando não apenas as narrativas bíblicas, mas também os debates acadêmicos que cercam sua historicidade e significado. Em meio a essas reflexões, buscamos desvendar por que Abraão se tornou um ponto central de convergência para as três principais religiões monoteístas e como sua história ecoa através dos séculos, inspirando fé e interpretações diversas. Além disso, adentramos nas complexidades da reconstrução da era patriarcal, destacando os desafios enfrentados pelos estudiosos na busca por uma compreensão precisa desse período. Ao explorar abordagens diacrônicas e questões sobre a ligação entre Gênesis 12 e o início do Êxodo, nossa análise visa oferecer uma visão ampla e multifacetada da história de Abraão, enriquecendo nosso entendimento sobre sua importância e legado na tradição bíblica e cultural.

A formação do ciclo de Abraão é um enigma fascinante que desafia as fronteiras do tempo e do entendimento humano. No cerne da tradição judaica, Abraão é mais do que apenas um ancestral; ele é o pai das nações, um modelo de fé e um símbolo de identidade e esperança. No entanto, desvendar os intricados fios que compõem suas narrativas é uma tarefa que nos leva por um labirinto de diferentes períodos históricos e contextos editoriais.

Uma hipótese sugestiva e ousada sugere que as origens literárias de Abraão podem ser encontradas nas ruas poeirentas de Hebron, durante os séculos VIII-VII a.C., refletindo as realidades socioeconômicas da época. À medida que o ciclo de Abraão se desenrola ao longo do tempo, vemos suas narrativas sendo editadas

e reeditadas para diversos propósitos, desde justificar direitos territoriais até promover ideologias religiosas e políticas.

Durante o período babilônico, essas narrativas foram reunidas para sustentar o direito dos não exilados à terra e à descendência, enquanto elementos sacerdotais foram incorporados para estabelecer uma conexão mais profunda com as tradições do êxodo e do deserto. À medida que os séculos passaram, acréscimos posteriores inseriram nuances ideológicas e universais na história de Abraão, enriquecendo ainda mais essa tradição multifacetada.

No entanto, essa análise está longe de ser conclusiva. Para validar a hipótese apresentada aqui, é essencial mergulhar profundamente em cada texto dentro do ciclo de Abraão, explorando sua origem, contexto e evolução ao longo do tempo. Em última análise, a formação do ciclo de Abraão é um testemunho da complexidade e da riqueza da tradição judaica, destacando a importância contínua dessa figura icônica como um farol de fé, identidade e esperança em meio às vicissitudes da história humana.

Além dos debates acadêmicos e das fontes históricas, é fundamental destacar a contribuição do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Ciências da Religião da PUC Goiás para minha formação como pesquisador. Como membro desse programa, pude mergulhar ainda mais profundamente nos estudos dos textos sagrados, explorando não apenas as tradições judaico-cristãs, mas também uma variedade de perspectivas religiosas, filosóficas e teológicas. Por meio de seminários, cursos e orientações especializadas, obtive uma base sólida em metodologia de pesquisa com os renomados pesquisadores desse Programa, bem como fui conduzido pelos meandros das várias teorias da religião na análise crítica de textos sagrados. Além disso, as oportunidades de intercâmbio acadêmico e colaborações com colegas e professores enriqueceram minha compreensão e perspectiva sobre as complexidades do fenômeno religioso. Assim, o Programa de Pós-Graduação em Ciências

da Religião da PUC Goiás não apenas ampliou meu conhecimento, mas também me proporcionou as ferramentas e o ambiente intelectual necessário para desenvolver minha pesquisa e contribuir de forma significativa para o campo das ciências da religião.

Iniciamos este capítulo com uma reflexão sobre minha jornada pessoal como estudante de doutorado na Pontifícia Universidade Católica de Goiás, em que tive o privilégio de estudar no programa de Ciências da Religião, sob a orientação de renomados professores e professoras, explorando particularmente os relatos do livro do Gênesis, com foco no dilúvio. A partir desse ponto de partida pessoal, adentramos no desafiante campo da reconstrução da era patriarcal, uma tarefa que há décadas intriga e fascina os estudiosos da Bíblia. Exploramos os argumentos tradicionais e modernos em favor dessa era, bem como suas limitações, enquanto mergulhamos nas migrações, costumes e contextos religiosos dos patriarcas. Em seguida, investigamos as abordagens diacrônicas para compreender a história de Abraão, desde as análises das discrepâncias nas narrativas até as teorias documentais clássicas e interpretações mais recentes. Particular atenção é dada à ligação entre Gênesis 12 e o início do Êxodo, um ponto de interesse e debate acadêmico, que levanta questões sobre a formação do Pentateuco e a evolução das tradições patriarcais. Continuamos com uma análise das recentes hipóteses que desafiam concepções tradicionais sobre a era patriarcal, destacando divergências entre estudiosos e suas perspectivas sobre a formação dos ciclos narrativos em torno de figuras como Abraão. Por fim, apresentamos uma hipótese sobre a formação do ciclo de Abraão, situando suas origens literárias em Hebron e explorando os contextos históricos e editoriais que moldaram essas narrativas ao longo do tempo. Ao longo deste trabalho, buscamos oferecer uma visão abrangente e multifacetada da história de Abraão, enriquecendo nosso entendimento sobre sua importância e legado na tradição bíblica e cultural.

ALGUNS ELEMENTOS PESSOAIS

Como estudante de doutorado, ingressei na Pontifícia Universidade Católica de Goiás em 2018 no programa de Ciências da Religião na linha de pesquisa de literatura sagrada. Tive a oportunidade de entrar em contato com os professores e professoras com larga experiência de pesquisa, os quais contribuíram sobremaneira para a minha pesquisa de então, centrada no livro do Gênesis, mais particularmente sobre o relato do dilúvio.

A dinâmica do programa com suas disciplinas me impactou positivamente no sentido de conhecer a especificidade das Ciências da religião, para além de minha experiência precedente na área da exegese. Com minha formação exegética no Pontifício Instituto Bíblico de Roma, estava habituado a “não sair do texto”, afrontando as fases metodológicas da pesquisa em textos sagrados. No programa, eu pude ampliar os horizontes em termos de hermenêuticas contextuais e abordagens inter/transdisciplinares, a partir da episteme própria das Ciências da Religião.

Tendo concluído o doutorado, fui credenciado no programa como o mais novo professor, colaborando sobretudo na literatura sagrada. Especificamente, tenho acompanhado alguns orientados em suas pesquisas e dissertação de mestrado, bem como colaborado com o professor Valmor da Silva na disciplina Matrizes Teóricas da Literatura Sagrada das religiões e com a professora Ivoni Richter Reimer na disciplina Religião e Literatura Sagrada: Hermenêutica; Métodos de Interpretação de Textos Sagrados. Trata-se de duas disciplinas fundamentais para os estudantes de mestrado em Ciências da Religião, uma vez que os candidatos podem vir de experiências acadêmicas de outras áreas do saber. O escopo é, portanto, colocar os estudantes a par da pesquisa atual no âmbito da literatura sagrada, bem como apresentar-lhes a gama de métodos e abordagens possíveis na interpretação dos textos sagrados.

Este texto tem como objetivo analisar o surgimento do ciclo de Abraão (Gênesis 11,27-25,31) e reconstruir os contextos sócio-históricos em que os diferentes textos sobre o antepassado fundador do judaísmo nasceram. Abraão emerge não apenas como uma figura bíblica central, mas também como um ponto de convergência para as três principais religiões monoteístas: Judaísmo, Cristianismo e Islamismo. Seu papel transcende fronteiras religiosas, e sua importância é inegável em cada uma dessas tradições. Ao explorar os relatos sobre Abraão em Gênesis, percebemos sua ecumenicidade, pois ele é reverenciado como um exemplo de fé e obediência a Deus em diversas narrativas. No entanto, é interessante notar que, apesar de ser uma figura comum às três religiões, sua interpretação e valorização variam conforme os contextos históricos e as sensibilidades religiosas de cada tradição.

Por que Abraão se tornou o ancestral por excelência no qual as três religiões monoteístas se encontram? É claro que, em cada uma das três religiões, ele desempenhou diferentes papéis, mas para as três religiões ele continua sendo uma referência fundamental. Esse papel é largamente explicado por histórias sobre Abraão em Gênesis que o apresentam como uma figura ecumênica e, ao mesmo tempo, em muitos aspectos valorizados diferentemente de acordo com épocas e sensibilidades religiosas.

A RECONSTRUÇÃO IMPOSSÍVEL DE UMA ERA PATRIARCAL

A investigação da era patriarcal representa um desafio contínuo para os estudiosos da história e da Bíblia, suscitando debates e questionamentos ao longo dos anos. Antes comumente associada à primeira metade do segundo milênio a.C., período em que os Patriarcas teriam vivido, essa concepção da “época patriarcal”

tem sido cada vez mais questionada e descartada. As narrativas patriarcais, principalmente encontradas em Gênesis 12-50, têm sido objeto de análise meticulosa, revelando uma série de desafios para aqueles que buscam entender sua historicidade. Nesse contexto, este texto se propõe a explorar os argumentos tradicionais e modernos em favor da existência de uma era patriarcal, bem como suas limitações e contradições. Por meio de uma análise detalhada, é possível perceber que a reconstrução precisa e definitiva dessa época permanece elusiva, mas oferece *insights* valiosos sobre a religião e cultura do antigo Israel e Judá durante o primeiro milênio a.C.

Até a década de 1980, nos comentários e “histórias de Israel”, o termo “época patriarcal” era frequentemente aplicado com mais ou menos precisão à primeira metade do segundo milênio a.C., período em que os Patriarcas teriam vivido. Essa noção de uma era patriarcal, no entanto, é hoje abandonada por quase todos.

Primeiro, deve ser lembrado que as narrativas patriarcais não contêm informações históricas precisas que lembrem o contexto do segundo milênio; pelo contrário, os defensores de uma época patriarcal sempre tiveram que admitir que havia um certo número de “anacronismos” nas narrativas de Gênesis, como a menção de camelos (inexistente na Palestina no segundo milênio) ou o nome da cidade “Ur dos Caldeus” (impossível antes do sétimo século antes de nossa era). Além disso, notamos também que os defensores da historicidade dos Patriarcas nunca foram capazes de concordar com o tempo preciso, propondo datas entre 2000 e 1300 a.C.

A ideia de uma época patriarcal assentava ou ainda repousa principalmente em quatro argumentos: 1) as histórias dos Patriarcas refletiriam as grandes migrações do início do segundo milênio; 2) os costumes e modos de vida dos Patriarcas se explicariam no contexto sócio-histórico atestado por documentos da Idade do Bronze Médio ou Tardio; 3) os nomes divinos e conceitos religiosos de Gn 12-50 guardariam os vestígios de uma religião pré-yahwista;

e 4) os nomes dos Patriarcas são atestados no segundo milênio em textos não bíblicos. Nenhum desses quatro argumentos, no entanto, permite reconstruir um “período dos Patriarcas”. Passemos a análise de cada um deles.

AS MIGRAÇÕES DOS PATRIARCAS

A análise literária da história de Abraão mostra que as migrações do Patriarca são criações tardias que querem torná-lo um modelo para os exilados babilônicos, que são chamados a retornar à Judéia.

Os discípulos de Albright identificaram os patriarcas com os Amorreus, os amorreus (“ocidentais”) mencionados nos documentos da Mesopotâmia no terceiro milênio. Para Albright, os amorreus eram nômades que operavam uma relação próspera entre a Mesopotâmia e o norte da Síria. É verdade que os amorreus se infiltram na Mesopotâmia no terceiro milênio, mas uma onda de migração de Ur para Harã não é plausível. Além disso, a teoria das grandes migrações do início do segundo milênio (a “migração amorita”), que se baseou principalmente nas obras de historiadores clássicos, é dificilmente verificável e é questionável. A única “migração amorita” que sabemos passa na outra direção (da Síria para a Mesopotâmia). Também deve ser lembrado que na Bíblia o termo “amorreus” é sempre usado para marcar os “outros”, nunca a descendência dos patriarcas, que são, em contraste, designados como “arameus” em Dt 26,5.

OS COSTUMES DOS PATRIARCAS

A ideia de que as histórias dos Patriarcas refletem costumes de uma mudança do nomadismo para um estilo de vida sedentário é simplesmente inconsistente. Basta olhar para os beduínos atuais do deserto, que vivem ainda mais ou menos como os patriarcas bíblicos, para se dar conta de que não há evolução do nomadismo para a

sedentarização; ao contrário, os dois modos de vida podem coexistir mesmo dentro da mesma população. Os documentos de Mari, que atestam uma estreita relação entre os nômades e a cidade, têm sido frequentemente usados para datar os relatos de Abraão no período do Bronze Médio, mas o fato de que os nômades tenham se instalado perto das cidades não se limita certamente a esse período.

Para os costumes que aparecem em Gn12-50, os estudiosos haviam confiado pesadamente em textos jurídico-legais de Nuzi (provavelmente séc. XIV a.C.), uma cidade a leste do rio Tigre, sede de uma população hurrita, para datar os Patriarcas em torno de 1500 a.C. Pensou-se aí ter encontrado um atestado de um casamento entre um homem e sua irmã que correspondia às histórias de Gn12,10-20 e 20. Mas na história de Gn 12,10-20, Abraão está apenas mentindo sobre Sara, e Gn 20 está simplesmente tentando mitigar a mentira.

Além disso, alguns dos tabletes de Nuzi em questão aparentemente foram mal interpretados (eles são escritos em acádico, mas com muitos erros, visto que os escribas eram Hurritas), porque eles falam muito mais sobre o poder de um homem para fazer casar sua irmã com outros do que casar-se com a própria irmã. Há certamente um documento em Nuzi que parece prever a substituição de uma mulher estéril por sua empregada, que é uma reminiscência da história de Gn 16, mas há um paralelo muito mais estreito em um contrato de casamento neoassírio (séc. VIII a.C.) (Grayson; van Seters, 1975). Mas no geral, é difícil entender as narrativas patriarcais como refletindo a situação da Palestina da Idade do Bronze Médio, onde a vida urbana era altamente desenvolvida.

OS NOMES DIVINOS E A RELIGIÃO PRÉ-YAHWISTA

Em Gn 12-50, Deus às vezes é chamado de “El” em vez de Yhwh (cf. Gn 16,13: “El da visão”, 33,24 “El, o Deus de Israel”, etc.), mas também “Deus do pai”.

Na esteira de Albrecht Alt, viu-se aí o reflexo de uma religião nômade do segundo milênio. Os patriarcas teriam venerado um deus anônimo, ao qual se teria dado o nome do deus do ancestral quando ele apareceu: deus de Abraão, deus de Isaac, deus de Jacó. Depois dos contatos dos patriarcas com a cultura cananeia, esse deus dos pais teria sido identificado com o deus El. As pesquisas recentes tornaram essa teoria obsoleta. A expressão “deus do pai” é atestada em documentos extrabíblicos, nos quais ela não se refere a uma religião nômade, mas reflete uma piedade familiar que se exprime na veneração dos ancestrais.

O uso do nome “El” indica, talvez, uma concepção mais universalista de Deus do que o emprego quase exclusivo do termo Yhwh nas tradições do Êxodo. Isso quer dizer que as narrativas patriarcais refletem o contexto sociológico da “religião popular”, em oposição à tradição “oficial” do Êxodo. Mas trata-se da religião popular do primeiro milênio.

OS NOMES DE ABRÃO E ABRAÃO EM DOCUMENTOS ANTIGOS

Como “Jacó”, Abrão (= “o Pai” é elevado) é um nome do mundo semítico ocidental para o qual são encontrados paralelos no segundo e primeiro milênio a.C, por exemplo, em Ugarit. Também pode haver o nome de uma mulher Abi-ra-mi em documentos neo-assírios (Thompson, 1974).

Quanto a Abraão, não há nenhum paralelo extrabíblico claro, e muitos estudiosos acham que se trata de um nome artificial para distinguir o ancestral do povo hebreus de outros “Abrão.” Algumas vezes tentou-se conectar Abraão com uma tribo “r(w)hm” mencionada em uma estela egípcia descoberta em Bete-Shean (por volta de 1300) que fala dos Apirus atacando os asiáticos de r-h-m.

1 O “Pai” pode designar uma divindade ou o ancestral divinizado.

Alguns quiseram ver aí a origem do nome de Abraão, imaginando que ele teria sido o ancestral desse grupo (Liverani, 1979). Outros até pretenderam identificar esse nome com o lexema *rhm*, o qual recorre em textos de execração (fim do terceiro e início do segundo milênio, documentos que tentam atrair por magia a infelicidade para os inimigos do Egito). Quis-se assim identificar Abraão com a denominação Aburahana, príncipe de Samhuna, na Galileia. Abraão então significaria “Pai da tribo *rhn*” (Aharoni, 1979). Mas a identificação do nome próprio com o nome de Abraão é hipotética. Esta conjectura permanece muito hipotética porque as tradições de Gênesis localizam claramente Abraão na região de Hebron e não no norte. Em uma inscrição do templo de Amon em Karnak, na lista de lugares conquistados na Síria, estabelecida pelo faraó Sheshonq (por volta de 930-920), o Sesac da Bíblia (1Rs 11,40; 14,25; 2Cr 12,2-9), encontra-se aparentemente no Negev uma localidade *hqr 3b3rm*, que poderia ser traduzida como “Fortificação de Abrão” (Hendel, 2005). No entanto, a inscrição egípcia não é clara, e uma possível ligação com o Abraão bíblico permanece altamente especulativa. Pode-se definitivamente excluir uma ligação com o Abrão da Bíblia. A onomástica não pode provar nem a existência de uma época patriarcal nem a historicidade dos patriarcas.

Em conclusão, devemos partir da ideia de que os patriarcas são figuras lendárias que escapam ao historiador. Isso não exclui a possibilidade de que alguns nomes ou costumes possam manter a “memória gerada” das constelações do segundo milênio. Mas primeiro, precisamos nos concentrar no fato de que a história de Abraão é sobre nos ensinar sobre a religião popular em Israel e Judá durante o primeiro milênio. Em suma, a investigação sobre a era patriarcal revela-se uma jornada intelectual desafiadora, marcada por conjecturas e complexidades. Os argumentos tradicionais, que associam as narrativas patriarcais a eventos históricos específicos e costumes antigos, são confrontados por evidências e interpretações contemporâneas que questionam sua validade. A ausência de

registros históricos precisos, os anacronismos nas narrativas bíblicas e a falta de consenso entre os estudiosos sobre datas e contextos históricos precisos são apenas algumas das barreiras enfrentadas na reconstrução dessa época. No entanto, mesmo diante desses desafios, a análise das histórias dos patriarcas continua sendo uma fonte rica de entendimento sobre a religião, cultura e identidade do antigo Israel e Judá, especialmente durante o primeiro milênio a.C. Portanto, enquanto a busca por uma reconstrução definitiva da era patriarcal pode permanecer impossível, a exploração dessas narrativas oferece valiosas reflexões sobre o passado e suas reverberações no presente.

ABORDAGENS DIACRÔNICAS

As abordagens diacrônicas para entender a história de Abraão têm sido uma fonte de intensa discussão e reflexão entre os estudiosos bíblicos. Desde a observação das discrepâncias e duplicações nas narrativas até as teorias documentais clássicas de J. Wellhausen e as interpretações mais recentes de E. Blum, a busca por compreender a formação e composição dessas histórias tem sido uma jornada intelectual fascinante. A história de Abraão não é apenas uma narrativa simples, mas um conjunto complexo de tradições entrelaçadas ao longo do tempo. Este capítulo explora essas diversas abordagens, examinando suas contribuições para nossa compreensão da figura de Abraão e seu significado dentro da tradição bíblica. Ao analisar criticamente essas perspectivas, podemos vislumbrar uma imagem mais completa e matizada da história patriarcal e sua relevância para a compreensão da fé, identidade e cultura no antigo Israel.

Para qualquer leitor atento da história de Abraão, é óbvio que esta história não foi escrita de uma só vez. alguns exemplos deixam claro: a história do nascimento de Ismael em Gn 16 parece não conhecer a história da aliança com Abraão, que no texto final a precede.

Em Gn 15, Abraão acredita na palavra divina, mas em Gn 16 ele segue a proposta de Sarai sem mencionar essa promessa. Da mesma forma, o anúncio pelos três homens da gravidez iminente de Sara em Gn 18 parece ignorar a promessa de Deus em Gn 17, em que Deus já anuncia o mesmo evento de Gn 18. Da mesma forma, os retratos de Abraão divergem: em Gn 13 ele é um nômade com seus rebanhos, em Gn 14 ele aparece como senhor de guerra. Há também um número de histórias que são encontradas duas ou três vezes (“duplicações”): a esposa do antepassado junto a um rei estrangeiro: Gn 12, 20 e 26; a expulsão de Hagar (Gn 16 e 21), duas “alianças” entre Deus e Abraão: Gn 15 e 17, etc.

No contexto da teoria documental clássica relacionada ao nome de Wellhausen, a história de Abraão, como as outras histórias do Pentateuco ou mesmo do Hexateuco, foi explicada como o resultado da fusão dos documentos Javista (J), Eloísta (E) e Sacerdotal (P) por editores que combinaram essas fontes. Por exemplo, as “duplicações” foram usadas como critério para atribuir as histórias a fontes diferentes. Assim Gn 12,10-20* foi atribuído ao J, Gn 20 a E; do mesmo modo Gn 16* para J, e 21,8ss* para E. Como Gn 22 estava próximo do estilo de Gn 20, viu-se aí o trabalho do E, apesar da aparição do anjo de Yhwh. Quanto às duas narrativas de aliança, Gn 15 foi considerado uma combinação de J e E, enquanto Gn 17 seria resultado do trabalho de P.

Um primeiro deslocamento interveio com o grande comentarista de H. Gunkel, que, embora aceitasse a teoria documental, estava interessado na formação dos ciclos no nível da tradição oral. J havia apenas coletado uma história de Abraão já existente em seus contornos, um pouco como os irmãos Grimm, contemporâneos de Gunkel, haviam feito com os contos de fadas germânicos. Para Gunkel, o ciclo de Abraão foi o resultado de uma longa transmissão oral de histórias que eram inicialmente independentes uma da outra (“Einzelsagen”), que então teriam sido agrupadas em conjuntos maiores (“Sagenkränze”). No ciclo de Abraão, ele notavelmente

distinguiu um conjunto em torno de Abraão e Ló (Gn 13 e 18-19) ao lado de outras histórias isoladas, como o nascimento de Ismael.

Contrário a essa abordagem, Gerhard von Rad sublinhou, por sua vez, o impacto decisivo do “teólogo” yahwista (J) na formação da história do ciclo de Abraão. O fato de que yahwista estava vivendo sob Salomão levou-o a fazer de Abraão uma figura legitimadora do grande império davídico-salomônico. Gn 12,1-3, a vocação de Abraão, tornou-se assim o texto central para descrever o “kerygma” do yahwista. A multiplicação da descendência e a bênção prometidas a Abraão teriam sido realizadas sob Salomão.

Desde a década de 1980, as dificuldades do sistema tradicional tornaram-se claras, e não há necessidade de examinar mais de perto os obstáculos da teoria documental clássica. Basta lembrar que é difícil manter uma datação da primeira trama narrativa do Pentateuco no séc. X a.C.; que a fonte E jamais pôde ser reconstruída; e que a ideia de uma combinação mais ou menos mecânica de três ou quatro documentos não explica suficientemente a formação da Torá. Há também o fato de que, desde o livro do Êxodo, muitos dos textos atribuídos a J são próximos do estilo e da teologia Deuteronomista. O que ainda resta de válido com relação ao modelo antigo, é a observação da presença de textos sacerdotais (P) e a reconstrução deles, embora haja alguma discussão sobre se esses textos formavam, na origem, um documento independente, ou se foram escritos desde o início para poder editar textos não-sacerdotais mais antigos.²

O estudo de E. Blum (1984), *Die Komposition der Vätergeschichte*, marca um ponto de virada na discussão das narrativas patriarcais. Blum enfatiza, ao contrário da teoria documental, a independência literária da tradição patriarcal em relação aos outros temas do Pentateuco. Somente a “composição D” (pós-exílica) teria criado a ligação entre os Patriarcas e as tradições do êxodo e do deserto.

2 Para uma crítica mais completa sobre as “fontes” e o estágio atual da pesquisa sobre o Pentateuco, remeto ao primeiro capítulo de minha Tese Doutoral (Marques, 2022).

Quanto ao ciclo de Abraão, Blum vê suas origens no final do período monárquico. Quanto à formação da história de Abraão, Blum adota a ideia de Gunkel de narrativas originalmente independentes e um pequeno "sagenkreis" sobre Abraão e Ló. Esses diferentes conjuntos teriam sido ligados sucessivamente, notadamente com a ajuda do tema das promessas. A ligação entre Gn 13 e 18-19 se fez, de acordo com ele, na época do exílio babilônico, em que o tema do dom da terra desempenha um papel importante: essa primeira edição insiste que o Patriarca não deve deixar o país que ele recebeu de Yhwh. A seguir, E. Blum (1990) mudou duas vezes sua visão inicial, renunciando a uma hipótese de uma "vätergeschichte 1", isto é, a conexão do ciclo de Abraão com o de Jacó entre 722 e 586. Segundo ele, o ciclo de Abraão encontra sua origem no ciclo de Abraão-Ló (13*; 18-19*), bem como em relatos independentes que datam do fim da monarquia: 12,10-20*; 16*; 21,2-8*; 22*;26*. No momento do exílio, essas histórias são relacionadas à gesta de Jacó por meio do tema das promessas, bem como de textos em que Deus pede ou proíbe a saída de um antepassado para outro país: 12,1; 26,2; 31,3; 46,3.

Em seus dois livros sobre a composição das narrativas patriarcais e sobre a formação do Pentateuco, Blum (1984; 1990) postula que é uma "composição D" que liga a história de Abraão às tradições contidas em Ex-Dt e isso com a ajuda de 12,7; 15; 22,15-18; 24; 26,3b-5. Sob a influência da discussão recente sobre a primeira conexão entre história patriarcal e êxodo, ele aceita a idéia de que é P que teria feito, no nível literário, o primeiro elo entre esses dois blocos de tradição. A composição D só começaria com a história do êxodo (notavelmente escrevendo a história da vocação de Moisés em Ex 3). Composição P organiza a história de Abraão em torno de Gn 17 e genealogias em 11,27ss; 25,12ss; 25,19ss. Gn 23, um texto originalmente independente, também teria sido incorporado à composição P. Do período helenístico dataria 18,17-19,22b-32; 20; 21,22-24.27.34. Gn 14 seria o último acréscimo à história de Abraão.

Vários trabalhos recentes concordam que a história de Abraão (ou história patriarcal) deve ser entendida primeiro como um trabalho *sui generis* que não requer uma "sequência exódica". Pode-se realmente ouvir e ler a história de Abraão como a história de um ancestral independente. É a história da busca pela descendência, a legitimação de um território e a explicação de ligações genealógicas com tribos e povos vizinhos.

Em última análise, as abordagens diacrônicas oferecem uma visão multifacetada e dinâmica da história de Abraão, destacando sua complexidade e riqueza narrativa. Enquanto as teorias documentais clássicas foram fundamentais para estabelecer um quadro inicial de análise, as interpretações mais recentes, como as propostas por Blum, desafiam e enriquecem nosso entendimento ao enfatizar a independência literária das tradições patriarcais e sua conexão com questões mais amplas de identidade e fé. O reconhecimento de que a história de Abraão não precisa ser rigidamente vinculada à narrativa do êxodo abre espaço para uma apreciação mais profunda das preocupações e temas únicos presentes nessas narrativas. Ao olhar para além das simples duplicações e discrepâncias textuais, somos convidados a explorar as nuances e complexidades da jornada de Abraão em busca de descendência, território e conexão com seu povo. Portanto, em vez de buscar uma única e definitiva explicação para a formação dessas histórias, é na diversidade e na intertextualidade que encontramos uma compreensão mais completa e significativa da figura de Abraão e seu legado na tradição bíblica.

A LIGAÇÃO ENTRE GN 12 E EX 1

A questão da ligação entre os capítulos 12 de Gênesis e o início do livro do Êxodo tem sido um ponto de interesse de debate entre os estudiosos bíblicos há décadas. Enquanto alguns sugerem

que essa conexão foi estabelecida entre os períodos de 722 a.C. e o exílio, outros levantam questões sobre a presença de elementos deuteronomistas nos relatos patriarcais. No entanto, a definição precisa do que constitui o deuteronomista (Dtr) e sua presença nos textos patriarcais permanece um desafio. Este ensaio busca explorar essas questões, destacando a possível influência do documento sacerdotal (P) na criação de um vínculo literal entre os Patriarcas e o êxodo. Se essa hipótese de uma conexão pós-exílica entre Gênesis 12 e Êxodo 1 for válida, implicações significativas surgirão, levantando novas questões sobre a formação do Pentateuco e sugerindo uma revisão dos modelos explicativos predominantes. Considerando a divergência ideológica entre o ciclo de Abraão e as tradições deuteronomistas, argumenta-se que a história de Abraão pode ter sido concebida inicialmente como uma narrativa autônoma, destacando a complexidade e a evolução da tradição patriarcal.

Para alguns autores, a ligação entre dois conjuntos é feita entre 722 e a época exílica, isto é, para o redator que faz a ligação entre Abraão e Jacó. Muitas vezes se viu essa pessoa responsável por esse vínculo em relacionado com o meio deuteronomista (Dtr). Mas existem textos deuteronomistas dentro dos relatos patriarcais? A definição do que se entende por “Dtr” é, de fato, uma espécie de serpente marinha da pesquisa atual. Para chegar a uma descrição do termo Dtr que possa reivindicar certo grau de objetividade, é necessário combinar critérios estilísticos e ideológicos para qualificar um texto como tal.

Se seguirmos essa diretriz, o único capítulo do ciclo de Abraão que pode ser qualificado como Dtr (tardiamente) é Gn 24, uma vez que este relato une as preocupações de Dt 7 com as de Esdras-Neemias, mesmo que a terminologia Dtr não seja muito abundante (cf. a proibição de se casar com as moças do país, v. 3 e outras; a promessa divina como juramento: v. 7, como Gn 22,15-18 um texto que também poderia ser caracterizado como “Dtr”; amizade e fidelidade, v. 49).

Parece, todavia, bastante difícil minimizar as diferenças ideológicas que existem entre o ciclo de Abraão e as tradições “deuteronomistas” num sentido amplo (Ex-2Rs e também alguns livros proféticos). A seguinte hipótese então se impõe: é o documento sacerdotal (P) que é o primeiro a estabelecer um vínculo literal entre os Patriarcas e o êxodo. Se a hipótese de um ligação pós-exílica entre Gen 12 e Ex 1ss estiver correta, muitos modelos explicativos da formação do Pentateuco terão que ser repensados. Para a história de Abraão, a hipótese de que ela foi concebida em sua primeira escrita como uma história autônoma é a teoria mais plausível.

A investigação da ligação entre Gênesis 12 e Êxodo 1 não apenas ilustra a complexidade da formação dos textos bíblicos, mas também ressalta a intrincada rede de influências e contextos históricos que moldaram essas narrativas. Embora alguns estudiosos tenham proposto uma relação entre esses capítulos durante os períodos que abrangem de 722 a.C. até o exílio babilônico, a presença de elementos deuteronomistas nos relatos patriarcais permanece ambígua e sujeita a interpretações variadas. A hipótese de uma influência do documento sacerdotal (P) na criação de um vínculo entre os patriarcas e o êxodo é particularmente intrigante, pois sugere uma compreensão mais profunda da interconexão entre diferentes estratos do Pentateuco. De fato, é através do estrato sacerdotal que a ligação entre os patriarcas e o êxodo se torna mais evidente, destacando a importância desse componente na composição e interpretação do texto sagrado. Essa abordagem desafia os modelos tradicionais de explicação da formação do Pentateuco e instiga uma revisão crítica dessas teorias estabelecidas. Além disso, a possibilidade de que a história de Abraão tenha sido concebida inicialmente como uma narrativa autônoma sublinha a natureza dinâmica e multifacetada da tradição patriarcal, enfatizando a necessidade contínua de pesquisa e análise para uma compreensão mais completa e contextualizada dos textos sagrados.

CONSTRUINDO UM ANCESTRAL: RECENTES HIPÓTESES

À medida que mergulhamos nas profundezas da construção textual dos relatos patriarcais, é essencial considerar as recentes hipóteses que desafiam as concepções tradicionais sobre a era patriarcal e a formação dos ciclos narrativos em torno de figuras como Abraão. Enquanto muitos estudiosos descartaram a ideia de uma era patriarcal no segundo milênio, alguns retomam a tese de uma elaboração do ciclo de Abraão durante o reinado de Davi em Hebron, por volta de 1010-1003 a.C. No entanto, a fixação de um único contexto para o processo de escritura do ciclo de Abraão permanece uma questão em aberto, especialmente diante das limitações da pesquisa que questionam a existência de escolas de escribas em Judá antes do século VIII a.C. Nesse sentido, é fundamental analisar as divergências entre as abordagens de diferentes estudiosos, como Lemaire e A. de Pury, que oferecem perspectivas contrastantes sobre a origem e desenvolvimento desses relatos. Enquanto Lemaire propõe uma conexão entre Abraão e o reinado de Davi em Hebron, destacando a importância desse local nas tradições sobre Abraão, Pury sugere que o documento sacerdotal (P) foi o primeiro a articular um ciclo de Abraão, influenciando as narrativas não sacerdotais subsequentes. Além disso, é crucial considerar a reinterpretação sacerdotal presente em Gn 17 e a inserção de tradições sobre Isaac, destacando a complexidade do processo de composição e edição desses textos ao longo do tempo. Por fim, ao explorar as menções de Abraão fora do Pentateuco, especialmente em textos como Ezequiel 33 e Isaias 51, podemos vislumbrar uma tradição enraizada sobre Abraão que remonta ao período do exílio babilônico ou aos primórdios da era persa, revelando a centralidade de Abraão como uma figura de identificação e consolação para o povo. Assim, ao examinar essas recentes hipóteses, somos levados a reavaliar não apenas nossa compreensão da era patriarcal, mas também as complexas

camadas de significado e influência que permeiam os relatos sobre Abraão e sua descendência.

Com exceção de alguns nostálgicos, as pesquisas atuais abandonaram a construção de uma era patriarcal no segundo milênio. Alguns autores, no entanto, retornam à tese de uma elaboração do ciclo primitivo de Abraão durante o reinado de Davi em Hebron (imaginamos aproximadamente 1010-1003 a.C.), que corretamente aponta que Mambré/Hebron constitui o ponto debatido das tradições sobre Abraão (Lamaire, 1993). No entanto, é necessário concluir que um único contexto para o processo de escritura do Ciclo de Abraão está no final do séc. XI a.C.? Independentemente do fato que a pesquisa de Jamieson-Drake (1991) tornou pouco plausível a existência de escolas de escribas em Judá antes do séc. VIII a.C., deve-se notar que o ciclo de Abraão é muito mal entendido como a legitimação de uma nova monarquia. De fato, não há nenhuma referência a Abraão nos textos relativos à monarquia davídica. Além disso, Lamaire (1993) não hesita em utilizar para sua argumentação textos como Gn 14 e 15, cujo estilo e ideologia tardia não são (quase) duvidosos. Gn 12ss retrata um ancestral que frequenta reinos estrangeiros (Gn 12,10ss; 20), mas que leva uma vida rural sem ser submetido a um forte poder central. Essa situação pode muito bem ser explicada em época persa.

Em contraste com a abordagem de Lamaire (1993), A. de Pury (2000) pensa poder demonstrar que P, conhecendo certas tradições sobre Abraão, teria sido o primeiro artesão de um ciclo de Abraão. Portanto, os textos “não P” sobre Abraão seriam considerados como “pós-P”. Detlef Jericke (2003) apresentou uma teoria comparável, embora tenha atribuído a primeira versão da história de Abraão (ele limita sua análise a Gn 11,27-19,38) a um primeiro relato dentro do quadro de um documento *toledot* que já teria incluído a história de Jacó.

Num segundo momento, intervém uma reinterpretação sacerdotal, notadamente em Gn 17. É nesse estágio que teria sido inserido, entre os relatos sobre Abraão e Jacó, as tradições sobre Isaac.

Gn18-19 teria sido inserido no quinto século como polêmica contra Jerusalém (vista como Sodoma) e a política de centralização do culto. A última etapa de redação é a intervenção de um editor javista que defende Hebron como um local de culto contra a centralização de Jerusalém. A essa redação pertencem, em particular, Gn13,18 e Gn15.

Se compararmos Lemaire (1993) e Jericke (2003), vemos que a importância de Hebron na história de Abraão pode levar a conclusões diametralmente opostas. E a alternativa da época persa/época de Davi é, provavelmente, muito simplista. Para tentar definir o desenvolvimento literário de sua história, é necessário deixar o Gênesis e o Pentateuco e primeiro examinar as atestações de Abraão fora do Pentateuco.

As menções de Abraão podem ser classificadas fora do Pentateuco da seguinte forma:

- Abraão (+ Isaac): Ez 33,24; Sl 47,10³; 2Cr 20,7; Ne 9,7s; Sl 105,42.
- Abraão + Jacó (*= Israel): Is 29,22; Is 41,8; Is 63,15*; Mq 7,20; Sl 105,6.
- Abraão + Isaac + Jacó (*=Israel): Js 24,2-5; 1Rs 18,36*; 2Rs 13,23; Jr 33,26; 1Cr 1,27-34*; 1Cr 29,18*; 2Cr 30,6*; Sl 105,6-10 (=1Cr 16,16*).
- Abraão + Sara: Is 51,2.

As combinações dos diferentes personagens patriarcais chamam para as seguintes observações: A dupla Abraão e Isaac não é atestada, mas "Abraão e Jacó (=Israel)" aparece cinco vezes. Portanto, se pode supor que a ligação entre Abraão/Isaac seja menos enraizada na tradição do que aquela entre Abraão e Jacó (veja também Gn28,13 em que Deus se apresenta a Jacó nestes termos: "Eu sou yhwh, o Deus de Abraão teu pai e o Deus de Isaac"). Os textos que

mencionam a tríade dos três Patriarcas não contém (com exceção de Js 24) nenhuma menção precisa dos eventos relatados em Gênesis.

Os textos mais interessantes são Ez 33,24 e Is 51,2, ambos remontando ao período babilônico ou aos primórdios da era persa:

Filho do homem, os moradores destes lugares desertos da terra de Israel falam, dizendo: Abraão era um só; no entanto, possuiu esta terra; ora, sendo nós muitos, certamente, esta terra nos foi dada em posse (Ez 33,24).

Esse texto cita uma reivindicação da população não exilada pelo justo direito à posse da terra contra as reivindicações dos deportados (cf. igualmente Ez 11,15). O autor de Ez 33,24 representa a Golah e condena violentamente tal reivindicação do “povo da terra”. Ao dom da terra, que os não exilados reclamam, ele se lhes opõe, ironizando sobre o tema do dom, com o seguinte anúncio: Yhwh os dará às feras selvagens, os dará ao país a devastação (cf. 33,27s).

Se esse texto data do séc. VI a.C., segue-se que Abraão não pode ser uma invenção desse período, já que se supõe que seja conhecido. Pode-se igualmente notar que ele aparece “sozinho” e em ligação com a terra/país (sem menção de um dom ou de uma promessa da terra/país da parte de Yhwh); nenhuma afiliação com os outros Patriarcas é pressuposta (além disso, os textos de Ez que mencionam Jacó, Ez 20,5; 28,25; 37,25; 39,25, não fazem nenhuma ligação com Abraão). Na época do exílio, Abraão aparentemente funciona como um ancestral autóctone e serve como uma figura de identificação para os não exilados. Isso pressupõe a existência de uma tradição sobre Abraão bem enraizada.

O texto do livro de Isaías menciona Abraão como o destinatário de uma bênção e multiplicação divina:

Ouvi-me vós, os que procurais a justiça, os que buscais o Senhor; olhai para a rocha de que fostes cortados e para a caverna do poço de que fostes cavados. Olhai para Abraão, vosso pai, e para Sara, que vos deu à luz;

porque era ele único, quando eu o chamei, o abençoei e o multipliquei. Porque o Senhor tem piedade de Sião; terá piedade de todos os lugares assolados dela, e fará o seu deserto como o Éden, e a sua solidão, como o jardim do Senhor (Is 51,1-3a).

O texto coloca a esterilidade de Abraão e Sara⁴ em contraste com a multiplicação da descendência efetuada por Yhwh. Esse oráculo profético aparentemente visa consolar os não deportados ou aqueles que retornaram a Jerusalém (cf. Sião e as “ruínas”, no v. 3, mesma expressão que se encontra em Ez 33,24). Como em Ez 33, Abraão é qualificado como “único”. É claro que esse texto de Is 51,1-3 quer, contrariamente a Ez 33,24, sublinhar a unidade dos habitantes da diáspora e daqueles que estão em Sião. O ciclo de Abraão se caracteriza sobretudo por dois temas que aí retornam como um leitmotiv: o problema da posse da terra e aquele do filho ou da descendência. Ora, esses dois motivos, país e descendência, são encontrados precisamente em Ez 33 e Is 51. Podemos deduzir daí a existência de um ciclo de Abraão no tempo do exílio construído em torno desses dois temas.

Ao final desse tópico, examinado as recentes hipóteses sobre a construção dos relatos patriarcais, é evidente que o entendimento dessas narrativas transcende qualquer tentativa simplista. A diversidade de abordagens, desde a proposta de Lamaire (1993) sobre a era de Davi até as contribuições de Pury (2000) e Jericke (2003) em relação ao documento sacerdotal, destaca a complexidade desses textos e os desafios envolvidos em sua interpretação. Ao considerar as menções de Abraão fora do Pentateuco, especialmente durante o exílio babilônico e a era persa, somos lembrados da profundidade da tradição que o cerca. Os textos proféticos de Ezequiel e Isaías não apenas destacam a figura de Abraão como um ancestral, mas também oferecem consolo e identificação para o povo em meio às adversidades. Portanto, entendemos ser crucial reconhecer a

importância de uma abordagem multifacetada e a contínua investigação acadêmica para compreender plenamente o significado e o contexto dessas narrativas antigas, que continuam a inspirar e desafiar até os dias de hoje.

FORMAÇÃO DO CICLO DE ABRAÃO: UMA HIPÓTESE

No âmago da tradição judaica, a figura de Abraão é uma peça fundamental, sendo considerado o pai das nações e um exemplo de fé. No entanto, a formação do ciclo de Abraão, que compreende suas narrativas e jornadas, é um processo complexo que se estende por diferentes períodos históricos e contextos editoriais. Essa hipótese sugere que as origens literárias de Abraão podem estar intrinsecamente ligadas a Hebron, capital do Negev nos séculos VIII-VII a.C., refletindo as realidades socioeconômicas da época. Durante o período babilônico, essas narrativas foram agrupadas para justificar o direito dos não exilados à terra e à descendência. Elementos sacerdotais foram incorporados para estabelecer uma conexão entre os patriarcas e as tradições do êxodo e do deserto, enquanto acréscimos posteriores inseriram nuances ideológicas e universais na história de Abraão. Esta análise, porém, requer uma investigação minuciosa de cada texto dentro do ciclo de Abraão, ultrapassando o escopo desta breve exposição. Em suma, a formação do ciclo de Abraão é um processo multifacetado que reflete não apenas a evolução da tradição judaica, mas também os contextos históricos e editoriais em que essas narrativas foram concebidas e moldadas ao longo do tempo.

É bem possível que as *origens literárias* de Abraão estejam ligadas a Hebron, que era a “capital” do Negev no século VIII-VII a.C. Pode-se imaginar que certos relatos em que Abraão aparece como um aristocrata rural, proprietário e criador de gado, refletem

a situação socioeconômica do “am há-'aretz” judaico. O autor desses relatos seria então um representante ou um escriba a serviço dessa camada de camponeses-pastores, desconfiados de um poder central (jerosolomitano) e de uma organização urbana da sociedade.

No período babilônico, esses relatos foram agrupados para justificar o direito dos não exilados à terra e a um futuro (descendentes). Essa *edição exílica* certamente continha os seguintes relatos: 12,10-20; 13*; 16*; 18,1-16*; 19^{5*}; 21. Essa reconstrução junta (pelo menos parcialmente) um certo número de hipóteses recentes: Abraão, como aparece nesses textos, é uma figura autóctone. Nada se diz sobre uma tradição extracanánea de Abraão.

Há também algum consenso sobre os *elementos sacerdotais* do ciclo de Abraão: 11,27-31; 12,4b-5; 13,6.11b-12; 16,3.15s; 17; 19,29; 21,1b-5; 23; 25,7-11a. Se P é o primeiro a estabelecer uma ligação literária entre os Patriarcas e as tradições do êxodo e do deserto, entendemos a transformação da terra de Abraão em “país de migração” (17,8). P também dá a Abraão uma origem mesopotâmica (11,27ss), talvez para torná-lo um modelo para o retorno da *golah* babilônica.

As semelhanças estilísticas e teológicas entre Gn 12,1-4a e o início de Gn 22 foram observadas há muito tempo. O problema de uma teodiceia que está subjacente ao Gn 22 também é colocado em 18,16ss*. Esse texto poderia, portanto, estar no mesmo nível redacional (ver também 18,18, em paralelo com 12,3).

A ideologia separatista expressa no Gn 24 (“não se casar com as filhas do país”) aproxima-o de Dt 7 e especialmente de Esd-Neem. A datação de Gn 24 no período persa é agora amplamente aceita (conferir também a expressão “Deus do Céu”), e esse texto deve ser entendido como um acréscimo de um defensor da “linha dura” de Esdras e Neemias.

Gn 20 é talvez a versão mais recente dos três relatos sobre a matriarca posta em perigo. Esse texto quer mostrar que “o temor de Deus” existe em outros povos e que se pode viver entre eles sem problemas. A narrativa do Gn 20*, que continua em 21,22ss (conclusão de uma aliança entre Abraão e Abimelec), aparentemente critica uma ideologia demasiado “egoísta” e pode ser entendida como uma produção literária proveniente da diáspora.

O texto de Gn 14 é, no contexto da história de Abraão, uma peça isolada e difícil de datar. Aparentemente, é pressuposto por Gn 15, o que significa que foi preservado antes desse capítulo, que é, sem dúvida, o último grande acréscimo à história de Abraão. Como Gn 15 faz de Abraão um precursor de Moisés e resume o conteúdo de toda a Torá (ou do Hexateuco), esse texto é parte dos últimos acréscimos redacionais. Se o considerarmos como parte da redação do Pentateuco, podemos situar no mesmo nível os textos de promessa ou juramento da terra que iniciam na história de Abraão um dos *leitmotiv* da Torá: 22,15-18; 24,7 e 26,3.

Revisão Intermediária

Em uma base provisória, distinguimos os seguintes estágios na formação do ciclo de Abraão:

- um núcleo datado do período monárquico, (re)editado por um representante da população não-exilada no início do séc. VI a.C.: 12,10-20; 13*; 16*; 18,1-16*; 19*; 21*;
- A combinação desse ciclo com a versão sacerdotal de Abraão, que é a primeira a ligar as histórias dos patriarcas ao resto do Pentateuco: 11,27-31; 12,4b-5; 13,6.11b-12; 16,3.15s; 17; 19,29; 21,1b-5; 23; 25,7-11a;
- Uma redação pós-sacerdotal, “universalista”, tornando Abraão um judeu exemplar: Gn12,1-4a (6-9?); 18,16ss*; 21,8ss; 22,1-14.19;

- Acréscimo de Gn 24;
- Inserção de uma novella de diáspora: Gn 20,1-17(18); 21,22ss;
- Acréscimo de Gn 14;
- Redação “final”: Gn 15; 22,15-18; 24,7 e 26,3.

Para testar essa hipótese, é necessário tomar cada texto do ciclo de Abraão em detalhes. Essa análise técnica escapa ao escopo dessa breve apresentação.

Em síntese, a formação do ciclo de Abraão é um processo complexo que se desenrola ao longo de diferentes períodos históricos e contextos editoriais. Origina-se possivelmente em Hebron durante o século VIII-VII a.C., refletindo as realidades socioeconômicas da época. Ao longo do tempo, as narrativas são editadas e reeditadas para diversos propósitos, desde justificar direitos territoriais até promover ideologias religiosas e políticas. A análise detalhada de cada texto dentro do ciclo de Abraão é crucial para testar a hipótese apresentada aqui, embora essa investigação técnica vá além do escopo desta breve exposição.

No âmago da tradição judaica, a figura de Abraão é uma peça fundamental, sendo considerado o pai das nações e um exemplo de fé. No entanto, a formação do ciclo de Abraão, que compreende suas narrativas e jornadas, é um processo complexo que se estende por diferentes períodos históricos e contextos editoriais. Esta hipótese sugere que as origens literárias de Abraão podem estar intrinsecamente ligadas a Hebron, capital do Negev nos séculos VIII-VII a.C., refletindo as realidades socioeconômicas da época. Durante o período babilônico, essas narrativas foram agrupadas para justificar o direito dos não exilados à terra e à descendência. Elementos sacerdotais foram incorporados para estabelecer uma conexão entre os patriarcas e as tradições do êxodo e do deserto, enquanto acréscimos posteriores inseriram nuances ideológicas e universais na história de Abraão.

Essa análise, porém, requer uma investigação minuciosa de cada texto dentro do ciclo de Abraão, ultrapassando o escopo desta breve exposição. Em suma, a formação do ciclo de Abraão é um processo multifacetado que reflete não apenas a evolução da tradição judaica, mas também os contextos históricos e editoriais em que essas narrativas foram concebidas e moldadas ao longo do tempo.

A análise da formação do ciclo de Abraão revela a complexidade e a riqueza da tradição judaica em torno dessa figura ancestral. Ao longo dos séculos, as narrativas que compõem esse ciclo foram moldadas e reeditadas para atender a diferentes propósitos, desde a justificação de direitos territoriais até a promoção de ideologias religiosas e políticas. A hipótese de que as origens literárias de Abraão estão ligadas a Hebron, no século VIII-VII a.C., oferece uma nova perspectiva sobre como essas narrativas refletiam as realidades socioeconômicas de sua época. A incorporação de elementos sacerdotais e acréscimos posteriores enriqueceu ainda mais essa tradição, tornando-a um reflexo das preocupações e aspirações do povo judeu ao longo da história. No entanto, essa investigação está longe de ser concluída, e a análise detalhada de cada texto dentro do ciclo de Abraão é crucial para validar a hipótese apresentada aqui. Em última análise, a formação do ciclo de Abraão é um testemunho da complexidade e da profundidade da tradição judaica, destacando a importância contínua dessa figura icônica como um símbolo de fé, identidade e esperança.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise das tradições registradas nos textos sagrados, especialmente no que diz respeito à figura de Abraão, não apenas lança luz sobre o passado, mas também abre novas perspectivas de pesquisa futura. À medida que continuamos a explorar os relatos

bíblicos e outras fontes antigas, surgem questões e áreas de interesse que merecem investigação mais aprofundada.

Uma dessas áreas de pesquisa potencial é a comparação entre as diferentes versões dos relatos sobre Abraão encontradas em diferentes tradições religiosas. Embora existam semelhanças marcantes entre os relatos judaicos, cristãos e islâmicos, também há diferenças significativas que refletem as distintas interpretações e ênfases teológicas de cada tradição. Uma análise comparativa mais detalhada dessas variações pode fornecer intuições valiosas sobre a forma como Abraão é percebido e venerado em diferentes contextos religiosos.

Além disso, a investigação das fontes e influências por trás dos relatos bíblicos sobre Abraão pode revelar conexões surpreendentes com outras tradições culturais e religiosas do antigo Oriente Próximo. A identificação de paralelos e intertextualidades entre os relatos bíblicos e mitos ou lendas de outras culturas pode enriquecer nossa compreensão do contexto cultural mais amplo em que essas narrativas foram produzidas.

Outro aspecto promissor para pesquisas futuras é o estudo do impacto e da recepção dos relatos sobre Abraão ao longo da história. Como essas histórias foram interpretadas, adaptadas e recontextualizadas ao longo dos séculos? Como elas influenciaram a teologia, a literatura e a arte em diferentes períodos e culturas? Uma análise da fortuna crítica de Abraão pode revelar não apenas sua importância contínua, mas também as maneiras pelas quais ele foi reinterpretado e reimaginado ao longo do tempo.

Além disso, a investigação dos temas e motivos recorrentes nos relatos sobre Abraão, como fé, obediência, hospitalidade e promessa, pode lançar luzes valiosas sobre as preocupações e valores centrais das comunidades que preservaram essas histórias. O estudo desses temas pode ser conduzido não apenas a partir de

uma perspectiva teológica, mas também antropológica, literária e histórica, ampliando assim o escopo e a relevância da pesquisa.

Em suma, a análise das tradições registradas nos textos sagrados oferece uma riqueza de material para exploração e descoberta contínuas. Ao abrir novas perspectivas de pesquisa futura, continuamos a expandir nosso entendimento não apenas de Abraão como uma figura histórica e religiosa, mas também das complexidades da fé, da cultura e da sociedade ao longo do tempo.

REFERÊNCIAS

AHARONI, Yohanan. *The Land of the Bible. A Historical Geography*. Philadelphia: Westminster Press, 1979.

BLUM, Ehard. *Die Komposition der Vätergeschichte*. Wissenschaftliche Monographien zum Alten und Neuen Testament 57. Berlim: Neukirchen-vluyn, 1984.

BLUM, Ehard. *Studien zur Komposition des Pentateuch*. Beihefte zur Zeitschrift für die alttestamentliche Wissenschaft, 189. Berlim: Neukirchen-vluyn, 1990.

GRAYSON, A. K.; VAN SETERS, John. The Childless Wife in Assyria and the stories of Genesis. *Orientalia*, v. 44, p. 485-486, 1975.

HENDEL, E. Ronald. *Remembering Abraham*. Culture, Memory, and History in the Hebrew Bible. Oxford: Oxford University Press, 2005.

JAMIESON-DRAKE, D. W. Scribes and Schools in Monarchic Judah. A Socio-Archeological Approach. *The Journal for the Study of the Old Testament Supplement*, Reino Unido, v. 109, 1991.

JERICKE, Detlef. *Abraham in Mamre*. Historische und exegetische Studien zur Region von Hebron und zu Genesis 11,27-19,38. Culture and History of the Ancient Near East 17. Leiden: Brill, 2003.

LAMAIRE, André. Cycle primitif d'Abraham et contexte géographico-politique. In: LAMAIRE, A.; OTZEN, B. (Eds.). *History and Traditions of Early Israel*. Studies Presented to Eduard Nielsen. Vetus Testamentum Supplement 50. Leiden: Brill, 1993.

LIVERANI, Mario. Un'ipotesi sul nome di Abramo. *Henoch*, v. 1, p. 9-18, 1979.

MARQUES, M. S. *Estudo exegetico teológico do dilúvio em Gn 6-9: relato sacerdotal com acréscimos tardios*. Porto Alegre: Editora Fi, 2022.

PURY, Albert de. Abraham: the Priestly Writer's Ecumenical Ancestor. In: MACKENZIE, S. L.; RÖMER, T. (Eds.). *Rethinking the Foundations*. Historiography in the Ancient World and in the Bible. Essays in Honour of John Van Seters. Beihefte zur Zeitschrift für die alttestamentliche Wissenschaft 294. Berlin: de Gruyter, 2000. p. 163-181.

THOMPSON, T. L. *The Historicity of the Patriarchal Narratives*. The Quest for the Historical Abraham. Beihefte zur Zeitschrift für die alttestamentliche Wissenschaft, 133. Berlin: De Gruyter, 1974.



14

José Reinaldo F. Martins Filho

SEMPRE É TEMPO DE FAZER MEMÓRIA:

NOTAS DE UM *VIAJANTE*
NAS CIÊNCIAS DA RELIGIÃO

Nota prévia: este texto adota uma estrutura memorial, mantendo-se predominantemente descrito em primeira pessoa do singular, como forma de resgatar parte de minha trajetória junto ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião (PPGCR) da Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC Goiás). Para além de seu valor como registro histórico, contudo, sua “cientificidade” reside na menção aos produtos mais importantes legados pela minha atividade investigativa nos últimos anos, todos diretamente vinculados ao PPGCR da PUC Goiás. Eis porque ao final deste relato não se encontrará um elenco bibliográfico referencial de conceitos e autores outros que a própria listagem das produções referidas ao longo do texto. Junto aos próprios artigos e livros referidos se poderá descobrir a sua ancoragem conceitual ou delimitação metodológica.

INTRODUÇÃO

O longo percurso de consolidação da condição humana deu a conhecer uma capacidade peculiar em relação a outros seres vivos: a possibilidade de medir o tempo. Trata-se de um aspecto fundamental no aperfeiçoamento de nossa mundividência, isto é, a dotação de sentido ao que nos cerca para além da utilidade imediata da sobrevivência. Desde então, organizamos o nosso mundo em períodos de anos, meses e semanas, em ciclos completos e pelo conjunto de épocas, sucedidas perpetuamente para além do frágil véu da finitude que é invólucro de cada uma de nossas existências efêmeras. Lucramos, como humanidade, a impressão da eternidade, do laço contínuo em nossos empreendimentos, geração após geração, para além da natureza individual de nossos fazeres. Moldamos o grande *espírito humano*, que atravessa a cada um de nós sem em nós encerrar-se e apreender-se completamente, determinando o aí, o aqui e o agora como partes no jogo ambíguo das muitas rupturas que integram uma grande continuidade. Somente assim podemos sentir a nós mesmos para além do tempo, embora sempre radicalmente a ele vinculados em nosso instante finito na história da humanidade — que dispôs de um começo e, certamente, também atingirá o seu fim, embora permaneça eterna enquanto durar.

Marcadores históricos de natureza essencialmente ritual, como a celebração de um jubileu, têm por isso, um caráter peculiarmente importante. Por um lado, dão-nos a possibilidade de celebrar o que se fez na memória dos tantos e tantas que tomaram parte num legado que ora se apresenta pujante. Por outro, incluem-nos no ato celebrativo a partir de nossa própria centelha de contribuição, da parte que temos e somos no que se realiza para, assim, celebrarmos a nós mesmos. A celebração de um jubileu sempre implica, por isso, uma espécie de *ode* à humanidade toda, mas à humanidade que se particulariza em exemplares humanos específicos, com seus

potenciais e limites, com seus talentos e conquistas, com o que são e, sobretudo, com o que fizeram de si e, conseqüentemente, do mundo que os cerca, como elo necessário às próximas gerações que seguirão. Aqui também quero imiscuir o que festejamos na presente edição memorial: uma lembrança feliz, mas também atualizada neste tempo oportuno de gratidão como parte de cada um de nós. Uma coisa é certa: não se pode homenagear instituições sem que se homenageiem pessoas. Pessoas fortes fazem instituições fortes. Sem margem para dúvidas, esse é o caso do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião (PPGCR) da Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC Goiás). Aliás, o primeiro de sua natureza nesta célebre instituição, o único em sua área de concentração em todo o Centro-Oeste brasileiro, mantendo, por isso, o seu caráter desbravador inicial ao cruzar um quarto de século de existência.

Muitos foram, nesse caso, os que contribuíram para a manutenção e o constante aprimoramento deste legado, entre os quais docentes¹ e discentes, funcionários técnicos e de gestão institucional. Alguns deles e algumas delas participam deste volume celebrativo. Amigos e amigas com os quais tenho a graça de conviver desde 2012, quando de meu primeiro contato com o PPGCR, por ocasião de seu VI Congresso Internacional, sem ao menos imaginar que, uma década depois, estaria eu mesmo a presidir o XI Congresso, como poderei realçar entre as conquistas que participam das páginas

1 Quero, nesta singela nota, agradecer a todos os que comigo fazem parte do atual colegiado do PPGCR da PUC Goiás. Um aceno de eterno agradecimento aos que foram meus professores em um de meus doutorados, os quais contemplo em meu contínuo agradecimento ao professor Clóvis Ecco, que me acolheu como discente, orientando-me ao longo do processo, e que também me acolheu como docente, na fraternidade e confiança de sempre. Não se pode esquecer um coração generoso. Também aproveito esta oportunidade para agradecer e homenagear aqueles que contribuíram em algum momento de suas vidas como docentes do PPGCR com os quais tive a oportunidade de conviver em outros ambientes e atividades, como colega ou mesmo como aluno. São eles: Pedro Adalberto Gomes Neto, José Paulo Pietrafesa, José Carlos Avelino da Silva, Paulo Rogério Rodrigues Passos, Gilberto Gonçalves Garcia e Irene Dias de Oliveira.

seguintes.² Minha história pessoal, por isso, está enlaçada a este percurso bonito, do qual posteriormente tive a oportunidade de tomar parte como pesquisador discente em nível do doutorado e, já desde 2019, como docente do quadro permanente. Não posso negar, portanto, que, ao festejar os vinte e cinco anos do PPGCR alegro-me em minha própria carne, revestido de profunda gratidão por fazer parte de algo tão robusto e, ao mesmo tempo, tão fraternal e hospitaleiro, cujos frutos pude colher nesses primeiros movimentos da carreira que pretendo construir, mas também nos contributos variados deixados ao longo do caminho, já fecundos, já frutificando, já atingindo novas cadeias de sentido e alargando um legado que, embora nos toque, sempre nos ultrapassa em nossa condição imediata.

O texto que segue tem a finalidade de tomar parte neste enredo comemorativo ajustando-se ao limite de duas ênfases, ambas colhidas de minha história pessoal com o PPGCR e das possibilidades que a partir dele se elevaram além de seus limites: a) uma primeira parte mais breve, como passo protocolar e retomando algo do que já escrevi em outra oportunidade, em 2019, tratando do meu período como discente (Martins Filho, 2020g); b) uma segunda parte como o arrazoado de meus últimos cinco anos como docente e pesquisador, descobrindo no âmbito do PPGCR da PUC Goiás que a pesquisa vale a pena e que, como fonte de realização pessoal, deixa vestígios em outros, incidindo sobre grupos sociais e comunidades.

2 Em 2012 participei do VI Congresso Internacional em Ciências da Religião da PUC Goiás com um texto sobre a inculturação da música litúrgica no catolicismo popular em Goiás, resultante de uma especialização em Ensino de Sociologia, que havia concluído naquele ano. O mesmo texto foi utilizado como parte do Projeto de Pesquisa para meu ingresso no mestrado em Música da Universidade Federal de Goiás (UFG). Após uma edição sem participar, em 2016 voltei a participar dos Congresso Internacional promovido pelo PPGCR da PUC Goiás, ainda apenas com apresentação de trabalho, mas já como estudante do doutorado. A partir dali, assumi posições na organização de todos os demais Congressos. Em 2017 fui o secretário geral do VI Congresso da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Teologia e Ciências da Religião (ANPTECRE), sediado pela PUC Goiás, sob a presidência do professor Alberto da Silva Moreira. Em 2018 fui responsável pela articulação com os conferencistas internacionais do IX Congresso Internacional. Em 2020, pela editoração científica do X Congresso e, em 2023, passada a experiência da pandemia do novo coronavírus, fui o presidente do XI Congresso Internacional em Ciências da Religião da PUC Goiás.

A par de tudo o que disse acima, contudo, há um outro motivo que também me impele a essa realização, dando concretude a sentimentos e memórias, submetidos à cristalização destas palavras impressas. É que neste ano também em meu trajeto pessoal tenho algo a celebrar: a primeira década como professor universitário, agradecido e sem poder imaginar outra vocação em que mais me realizasse.

Com sentimento de fraternidade, com profunda gratidão a todas as pessoas que fazem parte dessa história e com mãos de ternura, passo, então, à tessitura das breves notas que se dispõem a seguir como forma de nomear percursos, de divulgar conquistas e limites e de prever desafios vindouros com os melhores votos de que passemos, quiçá um dia, de prata a ouro.

PRIMEIROS PASSOS EM BUSCA DE AUTONOMIA

Apesar do contato estabelecido desde alguns anos antes, minha passagem diretamente vinculada ao PPGCR da PUC Goiás iniciou-se em 2016, quando fui aprovado em primeiro lugar no certame para ingresso ao nível do doutorado. Com uma formação de base interdisciplinar, com concentração em áreas como a Filosofia, a Teologia e a Música, sempre cultivei uma espécie de barreira entre cada um desses campos, adotando-os na medida de minhas necessidades, numa espécie de pragmatismo metodológico. Ora evocando o filósofo, ora o teólogo e ora o músico, como formas de exercício de uma profissão e manutenção de minha própria subsistência. Àquela altura já havia concluído um mestrado em Filosofia pela Universidade Federal de Goiás (UFG) e seguia cursando outro mestrado, então em Música, com concentração em musicologia e etnomusicologia, pela mesma instituição. Iniciei o segundo mestrado antes de encerrar

o primeiro e, da mesma maneira, principiei o doutorado em Ciências da Religião antes de concluir o segundo mestrado. Daquela vez, não exatamente como uma forma de abrir novas possibilidades de inserção profissional, mas como oportunidade de desdobramento de um interesse pessoal. No mestrado em Música, dediquei-me à investigação de um grupo de Foliões dos Santos Reis, originado de um povoado bastante próximo à sede do município em que residiam meus pais, no interior de Goiás. A hipótese era desenvolver um estudo de base sobre o processo da inculturação da litúrgica cristã católica em Goiás, tendo como referência as constantes rítmicas e melódicas da Folia de Reis. Após a conclusão da pesquisa, o estudo resultou na publicação de um livro, em 2019, com o título *Cantadores do Reino, Foliões dos Santos Reis* (Martins Filho, 2019a).

A pesquisa sobre a dimensão musical da Folia de Reis, no entanto, despertou-me um interesse ainda mais abrangente, ela fez-me questionar sobre a importância da música como linguagem fundamental na composição identitária dos catolicismos populares em Goiás. Por conta disso, pensei em desenvolver uma investigação, então no âmbito do doutorado, sobre o assunto, alargando o horizonte de investigação para novos campos e expressões populares daquela religiosidade. A princípio, a pesquisa envolveria a Romaria ao Divino Pai Eterno, de Trindade, a Folia de Reis (tomada em três dimensões: uma folia rural, uma folia do interior do Estado e uma folia da capital goiana) e a Festa do Divino Espírito Santo de Pirenópolis. Assim, o estudo teria um significado teológico trinitário, com uma referência ao Pai, ao Filho, Divino Infante, e ao Espírito Divino, todos celebrados pela religião popular, isto é, com forte adesão laical em termos da coordenação dos festejos e do protagonismo nas cerimônias rituais. Aliás, durante o doutorado em Ciências da Religião, escrevi um artigo sobre isso como minha primeira publicação junto à *REB — Revista Eclesiástica Brasileira*, uma revista que, praticamente, cresci lendo — e desde ali comprometi-me com um artigo por ano para o seu fluxo de publicações (Martins Filho, 2019b).

De volta à ideação da tese, por conta de sua estrutura muito ampla, fui convencido a abandonar a Festa do Divino Espírito Santo, uma motivação que permanece latente em mim, quiçá para um estudo futuro.

Ocorre que o PPG em Música da UFG não contava — como ainda não conta — com o nível do doutoramento, o que me obrigou a descobrir novas possibilidades para a concretização do estudo em nossa região. Foi aí que o PPGCR da PUC Goiás retornou ao meu caminho como uma valiosa alternativa. A princípio, estabeleci um contato por e-mail com o então coordenador, que tentou me dissuadir de realizar a pesquisa na instituição, por falta de orientador versado na área de música e com conhecimento específico sobre o assunto. Ignorando a recomendação, no final do ano de 2015 inscrevi-me no processo seletivo e, para a minha surpresa, fui aprovado no certamente. Como não tinha condições de arcar integralmente com o valor da mensalidade, recorri ao auxílio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Goiás (FAPEG), através de bolsa parcial. A maior parte do curso era custeada pela bolsa de estudos e o restante acrescentado por mim. Aquela foi a terceira bolsa de estudos de minha trajetória, somando-se às duas bolsas³ anteriores que havia obtido, sempre por boa colocação nos processos seletivos. Algum tempo depois, em 2018, o restante da minha mensalidade passou a ser completado com o incentivo financeiro do Instituto de Filosofia e Teologia de Goiás (IFITEG), como forma de retribuição pelo serviço prestado junto à *Illuminare — Revista de Filosofia e Teologia*, que fundei junto à instituição e que até hoje ainda administro,

3 Durante o processo de pesquisa do mestrado em Filosofia obtive bolsa de estudos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Pelo mestrado em Música contei com o apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Goiás (FAPEG), que me permitiu conciliar o trabalho e os estudos. A mesma entidade me facultou a bolsa de doutorado, ao longo do curso junto ao PPGCR da PUC Goiás. Posteriormente, como será dito adiante no texto, consegui bolsa de Pós-Doutorado Júnior no País, pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e, atualmente, uma bolsa de Pós-Doutorado no Exterior, também pelo CNPq. Compreendo, assim, o importante apoio das agências nacionais e estadual em prol da minha formação, e a urgência de que eu sempre me empenhe por devolver a essa mesma sociedade os frutos do meu trabalho científico.

com veiculação de números semestrais ininterruptos desde a sua fundação. Essa é a narrativa breve de como tornei-me parte efetiva na comunidade do PPGCR da PUC Goiás, de onde, até o presente momento, não mais saí.

Em termos de ênfase predominante, minha contribuição junto à área de Ciências da Religião e Teologia da CAPES — cuja emancipação da área de Filosofia testemunhei em 2017, inclusive com manifestação através de um artigo publicado pela revista *Fragmentos de Cultura* (Martins Filho, 2017) — manteve-se, a princípio, localizada junto aos estudos do catolicismo popular, em suas estratégias de ressignificação e resistência pacífica, na acomodação de novas identidades etc. Comecei a rascunhar a minha tese desde o primeiro semestre do curso, dedicando cada um dos semestres à produção de um dos seus futuros capítulos, sem procurar seguir a sua ordem de edição final. Na medida em que um tema me mobilizava, escrevia logo sobre ele, lia materiais, vasculhava acervos, dialogava com pessoas e estabelecia novas parcerias (esse dado, aliás, é muito importante: “fazer parcerias” é a expressão chave para quem se dedica à pesquisa). Nesse percurso, contei com a valiosa contribuição do professor Clóvis Ecco, que me orientou no doutorado em Ciências da Religião, sobretudo pela liberdade que sempre me concedeu de empreender meus próprios projetos, de formular minhas próprias hipóteses de trabalho, de enfrentar o campo de estudos e desenhar a estrutura da tese conforme meus interesses. Sem esse apoio e incentivo constantes o trabalho certamente não teria logrado o êxito que obtive, como ser distinguido com menção honrosa pelo Concurso de Teses da CAPES em 2020, em cujo mês de setembro fui surpreendido pela notícia da premiação por via remota (como estavam todas as nossas atividades), enquanto manifestava os primeiros sintomas do *novo coronavírus*. O texto integral, com as imagens, o crédito dos patrocinadores e da premiação recebida em nível nacional, foi publicado pelas *Edições Terceira Via* em 2021, resultando num tomo de quase 500 páginas (Martins Filho, 2020a).

Atualmente encontra-se disponível em importantes acervos documentais do Estado de Goiás, como as bibliotecas do Sistema S, do Instituto Histórico e Geográfico de Goiás (IHGG), da União Brasileira de Escritores — Seção Goiás (UBE-GO), do Instituto de Pesquisas e Estudos Históricos do Brasil Central (IPEHBC) e, notadamente, em vários repositórios virtuais.

A par daquela iniciativa mais consistente de pesquisa, porém, que, aliás, já reservava intuições que apenas seriam colhidas mais tarde, como tentarei demonstrar a seguir, outros interesses participaram do período de realização do meu doutorado em Ciências da Religião. Destaca-se, nesse sentido, o empenho por se debater a questão do ateísmo e o processo de secularização no Brasil, do qual um dos resultados mais discutidos é o crescimento e o fortalecimento da categoria dos “crentes sem religião”, sobretudo entre os mais jovens. Para isso, o contato com a pesquisa do professor Clóvis Ecco sobre os ateus foi de fundamental importância, como também a parceria com a professora Carolina Teles Lemos em sua investigação sobre as juventudes universitárias a partir de um estudo de caso junto aos estudantes da PUC Goiás, em nível da graduação. Desse empenho, uma série de produções foram resultantes, entre apresentações em congressos nacionais e internacionais e, mesmo, a publicação de vários artigos (Ecco, Martins Filho, 2016; Ecco, Martins Filho, 2018). Aliás, devo reconhecer que justamente por conta dos textos emanados a esse respeito deram-se minhas primeiras publicações em periódicos com *qualis* A, um feito que na época foi celebrado com muita alegria (Martins Filho; Ecco, 2018).

Também dois livros foram organizados, em 2017 e 2018, respectivamente *Epistemologias da religião e relações de religiosidade e Juventude e Religiosidade: o caso de jovens universitários* (Costa; Ecco; Martins Filho, 2017; Lemos; Sousa; Martins Filho, 2018), em colaboração com colegas de outras instituições do Brasil, sempre no empenho por esclarecer novos horizontes para a compreensão do fenômeno religioso. Olhando retrospectivamente para a minha

jornada até aqui, devo reconhecer o período do meu doutoramento em Ciências da Religião como salutar para que muitos outros frutos rendessem nos anos seguintes. Isso porque descobri nessa área um campo eminentemente interdisciplinar e multimetódico em que, pela primeira vez, pude articular as diferentes frentes e especialidades que em mim seguiam desconexas, trabalhando pelo esclarecimento de temas que cada vez mais me chamavam a atenção. Para dizer de outra maneira, acredito que no PPGCR da PUC Goiás descobri o que faltava para tornar-me, de fato, um pesquisador. Não que as outras áreas não tenham me favorecido. Ao contrário! Na Filosofia aprendi a arte da sustentação conceitual e o rigor da pesquisa bibliográfica. Na Música, especialmente na etnomusicologia, converti-me à dinâmica das culturas e identidades, que não são dadas e estagnadas, mas que permanecem em constante fluxo em busca de significação para os indivíduos de cada época e lugar. Nas Ciências da Religião, enfim, congreguei todo esse percurso e o acrescentei com os mecanismos técnicos da pesquisa qualificada, cumprindo, quem sabe, o objetivo de um doutorado que posso julgar bem-sucedido.

A isso, entretanto, não se pode deixar de acrescentar os inúmeros vínculos estabelecidos no Brasil e no exterior. A começar pela pujante comunidade científica do PPGCR da PUC Goiás, incluindo os docentes que foram meus professores e hoje são meus colegas,⁴ mas também os demais discentes que comigo compartilharam saberes, comprometeram-se em amizades sólidas e em parcerias que ainda hoje produzem resultados. No plano internacional, destaco o fundamental testemunho do catalão Marià Corbí, um professor que, apesar da significativa reputação espalhada em diversos países do mundo

4 Um agradecimento todo especial aos meus professores que me acolheram como colega desde o primeiro momento: Carolina Teles Lemos, Clóvis Ecco, Alberto da Silva Moreira, Luiz Signates Freitas, Valmor da Silva, Joel Antônio Ferreira e Eduardo Gusmão de Quadros. Partilho igualmente meu agradecimento público às queridas colegas, cuja trajetória muito admiro, e que, embora não tenham sido minhas professoras, também me acolheram prontamente como membro do colegiado do PPGCR: Ivoni Richter Reimer, Thaís Alves Marinho e Rosemary Francisca Neves Silva. A eles e a elas, minha maior admiração.

e da idade avançada, dignou-se a responder o meu primeiro contato, que resultou na produção de minha primeira entrevista internacional, veiculada pela revista *Caminhos* (Martins Filho; Ecco, 2017). Felizmente para mim, aquele foi apenas o período inicial de um caminho que continuaria em outro nível, o da docência, o que nestas páginas representa o segundo momento desta narrativa memorial.

A MATURIDADE COMO UMA EXPERIÊNCIA CRESCENTE

A segunda parte de minha jornada junto ao PPGCR da PUC Goiás inicia-se em 29 de agosto de 2019, quando fui aprovado no processo seletivo docente, por meio do Edital 69/2019-PROGRAD e nomeado pela Portaria 246/2019-GR/PRODIN como parte do corpo professoral da PUC Goiás, para o nível da graduação. Já no mês seguinte fui admitido pelo processo seletivo interno como membro do quadro permanente do PPGCR, na Linha de Pesquisa “Cultura e Sistemas Simbólicos”, então coordenada pela professora Thaís Alves Marinho. Ali se iniciava minha jornada docente em âmbito dos estudos pós-graduados, justamente em plena celebração dos vinte anos de atividades do PPGCR. A seguir, disponho minhas principais realizações em três grupos diferentes, situando, quiçá, a intenção precípua de um Programa de Pós-Graduação, o início de meu movimento de expansão de horizontes e internacionalização e, enfim, os projetos em curso e por fazer, como continuidade iminente dos esforços empreendidos até aqui. Reúno, meio que aleatoriamente, diferentes assuntos num mesmo grupo textual, sob o suposto de melhor articular um memorial que, de modo algum, pode seguir um fluxo meramente linear. Tento ser o mais possível descritivo e claro, sem, contudo, jamais dispensar o adiantamento de simpatia de quem vier a ler estas breves notas biográficas.

PRIMEIRO PROJETO E SOLIDIFICAÇÃO DO CÍRCULO DE ORIENTAÇÕES

Para a ocasião de minha admissão ao quadro docente do PPGCR da PUC Goiás, foi-me solicitada a elaboração de um Projeto de Pesquisas para o quadriênio a respeito do catolicismo. Algo bastante adequado em vista das minhas pesquisas à época sobre o catolicismo popular em Goiás, mas também sobre meu interesse crescente por compreender o impacto da dimensão sinodal reorientada pelo Papa Francisco para todo o mundo católico. O Projeto teve como título *O catolicismo brasileiro: tendências e desafios*, com vigência de 2019 a 2022. De fato, para além das produções já relacionadas aos expoentes do catolicismo popular goiano, em cuja investigação continuei a dedicar-me, ganhou cada vez mais força em minhas pesquisas o interesse pela sinodalidade eclesial, a começar pelo Sínodo Extraordinário da Amazônia, realizado já no final de 2019 e sobre o qual elaborei três publicações em 2020 (Martins Filho, 2020b; Martins Filho, 2020c; Martins Filho, 2020d). Também outros aspectos da dinâmica católica continuaram a interessar-me, entre os quais a teologia litúrgica, por conta de minha formação de base e inserção pastoral. A série dessas produções ganharia culminância com uma publicação de 2022, sobre a dimensão sinodal como inerente à identidade católica e, mais que isso, condição de sua continuidade num mundo cada vez mais plural (Martins Filho, 2022a). Temas como a *ministerialidade* e a necessidade de maior participação de mulheres e leigos nas instâncias de deliberação e governo da Igreja Católica ganharam destaque, como também a descentralização de Roma e o cada vez maior protagonismo de regiões identitárias como a Amazônia. Aliás, a partir dali acentuou-se o meu envolvimento com a região e suas questões, por exemplo, tornando-me membro do grupo de *Ecoteologia* da Conferência Eclesial da Amazônia (CEAMA), e/ou nas várias visitas a diferentes partes do território, com a finalidade de contribuir na formação teológica daquela parte do Brasil e, mais que isso, aprender com o povo que ali cultiva a vida.

O ano de 2020, talvez o mais fértil de todo esse período, inaugurou minha atividade docente na pós-graduação, ministrando a disciplina *Matrizes Teóricas da Antropologia da Religião*, no nível do mestrado, juntamente com o professor Clóvis Ecco. Desde então, tenho assumido a disciplina sucessivamente a cada ano, atualmente ministrando-a sozinho. Foi o ano de publicação de uma série de contribuições em diferentes níveis, por meio de artigos e capítulos de livros, mas sobretudo de participação em eventos em nível nacional e internacional. Cito, como exemplo, o Seminário Internacional da Rede de Pesquisa sobre Gênero e Poder (ReGePoDe), no mês de outubro, sob coordenação da professora Ivoni Richter Reimer, com o tema: *Percepções ecofeministas em tempos de covid-19*. Foi também o ano da recepção de meus primeiros orientandos em nível do mestrado, Daniel Carvalho da Silva e Marcelo Gabriel de Freitas Veloso, os quais concluíram seu percurso com êxito e atualmente encontram-se cursando o doutorado em Ciências da Religião, ainda sob minha orientação. A eles se acrescentaram, no ano seguinte, Gustavo Augusto da Silva e Bianca Soares Magalhães, que seguiram o mesmo caminho, defenderam suas dissertações e principiaram o doutorado. Recentemente, defenderam o mestrado Natã Silva Nazareno e Phelipe Augusto Silva Santos, e encontra-se em fase de conclusão e defesa a minha primeira orientanda de doutorado, Ana Kelly Ferreira Souto Pinto. A eles se acrescentam Helton Thyers de Melo Oliveira e Guedds Sobrinho da Silva, no mestrado, e Pedro Vinícius Dias Alcântara, no doutorado, de modo que o nosso círculo de orientação atual conta com dez membros, sendo dois mestrandos e oito doutorandos e doutorandas.⁵ Um número realmente expressivo e que não se soma unicamente em termos quantitativos, mas qualitativos, encontrando-se mensalmente para a partilha da pesquisa de cada um, contribuindo uns com os outros na produção de trabalhos coautorais e sempre incrementando o nosso *círculo*.

5 Parte significativa desse conjunto de orientandos guarda relação direta com minha atividade em nível da graduação, seja na PUC Goiás, ou no Instituto de Filosofia e Teologia de Goiás (IFITEG), de onde a maioria dos orientandos mencionados é egressa, ou guarda alguma relação.

Trata-se, outrossim, de uma evidência bastante contundente de como ocorrem os processos em nível da pós-graduação, quando os estudantes já são, também eles próprios, pesquisadores responsáveis por seus objetos, ainda que sob a condução de um orientador. Isso porque foi a chegada de muitos desses orientandos que acabaria por determinar o caminho pelo qual meu interesse seguiria ao longo dos últimos anos, culminando nos projetos que se encontram em fase de elaboração e aos quais pretendo me referir um pouco mais adiante neste breve memorial. Meu compromisso com cada orientando ou orientanda tem como objetivo auxiliá-los na construção de sua pesquisa, que visa à obtenção de um título de pós-graduação, mas também de habilitá-los ao exercício da pesquisa em longo prazo, suscitando interesses e encorajando à adoção de novos objetos e metodologias. É preciso que, juntamente com as suas dissertações e teses, eles construam experiências significativas da vida na pós-graduação, incrementem seus currículos com todas as atividades que participam do ordinário de um pesquisador, envolvam-se em eventos nas diferentes modalidades possíveis e deixem a sua marca. Não valeria de nada chegar ao outro lado do processo, ser aprovado por uma banca para, somente então, iniciar o caminho — como inoportunamente se pensou por muito tempo e como alguns ainda insistem em pensar. O caminho se faz já, na própria disposição por caminhar, de modo que os primeiros passos já são caminho.

Na sequência disso, e para a minha surpresa, a partir de 2022 começaram a surgir correspondências de interessados em realizar o estágio pós-doutoral junto ao nosso PPGCR da PUC Goiás, sob minha supervisão. A princípio, pensei em hesitar, já que também eu me encontrava às voltas com meu próprio pós-doutorado — ao menos o primeiro deles. Fui, porém, logo dissuadido por colegas e pelos próprios candidatos, pelo que aceitei, como primeira supervisão de pós-doutorado, o professor José João Barbosa Neves Vicente, da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), para uma pesquisa sobre a relação entre religião e política na obra

do filósofo Jean-Jacques Rousseau e da filósofa e cientista política Hannah Arendt. Logo após, com projeto de duração de março de 2023 a março de 2024, admiiti como nova supervisão o professor Cristiano Silva Araújo, da Universidade Estadual do Ceará, para uma incursão sobre a literatura e a mística da escritora goiana Leodegária Brazília de Jesus. Enfim, como última admissão, para o ciclo de 2024, o professor José Henrique Rodrigues Machado, da Rede Estadual de Educação de Goiás, para uma investigação sobre a Procissão dos Penitentes/Almas do Purgatório, no município de Morrinhos, Goiás. Entre as atribuições dos estagiários de pós-doutorado, além da produção de suas próprias investigações, está a sua contribuição junto ao nosso círculo de orientandos de mestrado e doutorado, seja como coorientadores, como membros das bancas de qualificação ou defesa, ou como colaboradores da revista *Caminhos*, nas etapas de emissão de parecer ou de preparação dos manuscritos para publicação. O processo tem se mostrado como uma rica oportunidade de enriquecimento para todos, inclusive para mim, com a colaboração de professores titulados e com experiência em docência e em pesquisa. Ele fortalece, outrossim, o nosso grupo e amplia o horizonte das parcerias possíveis, inclusive, para futura mobilidade de estudantes dos diferentes níveis da formação.

Também a Iniciação Científica, no âmbito da PUC Goiás, em muito se vincula às minhas atividades junto ao PPGCR. Foram, até o momento, três pesquisas já concluídas e uma que se encontra em pleno desenvolvimento.⁶ Esses estudantes, que estão no primeiro nível de sua formação, a graduação, são incluídos aos demais, do mestrado, do doutorado e do pós-doutorado, em encontros periódicos para apresentação de seus temas e debate, beneficiando-se de múltiplos

6 Em 2020, foram Carollyna Santos Silva, com uma pesquisa sobre Clarice Lispector e a logoterapia, e Breno Silva Martins, com estudo sobre o conceito de supra sentido na logoterapia. Em 2022, Luciano Silva Reis, com investigação sobre a mitologia grega à luz do mito de Prometeu. E, atualmente, para 2023-2024, Bruno Coelho Duarte Oliveira, sobre a noção de espiritualidade entre os jovens estudantes do curso de medicina da PUC Goiás.

olhares e interpretações, donde resulta que, em suma, o que costumo chamar de *círculo de orientação*, ou grupo de estudos, é certamente a ferramenta mais potente de minha atividade como pesquisador e docente, incrementando o processo formativo dos jovens pesquisadores aos quais tenho a alegria, e mesmo a honra, de acompanhar em seus primeiros passos rumo à autonomia, fortalecendo suas visões de mundo e experiências, sugerindo e interferindo, compondo seus currículos na medida do desenvolvimento de meu próprio. É, talvez, a atividade mais desafiadora que posso assumir como parte de um Programa de Pós-Graduação, embora também seja a mais realizadora de um ponto de vista da vocação que assumi para a vida.

Também as disciplinas performadas, desde 2019, sempre ao nível do mestrado, cooperaram na exposição e delimitação de minha análise do fenômeno cultural, pelas vias da arte e da religião. Nos últimos cinco primeiros semestres, mantive a disciplina *Matrizes Teóricas da Antropologia da Religião*, obrigatória para os discentes da Linha de Pesquisas "Cultura e Sistemas Simbólicos", a qual atualmente coordeno. Nos semestres pares, alternei entre as disciplinas *Espiritualidade, Holismo e Consciência Planetária e Religião, Memória e Tradição*, com participação média de 15 estudantes, do mestrado e do doutorado.

SEGUNDO PROJETO E REALIZAÇÕES ADJACENTES

Conseqüentemente, com o início de minha atividade nos âmbitos da graduação e da pós-graduação, uma nova necessidade alcançou-me. Também por ocasião das demandas dos próprios estudantes, sobretudo os da graduação. De 2014 a 2017, quando atuei como professor substituto na PUC Goiás, dediquei-me, na área de Filosofia, à tradição fenomenológica. Em minha própria formação filosófica,

desde a graduação e mestrado, pude aprofundar meus estudos a respeito do pensamento de Martin Heidegger, filósofo alemão do século XX e um dos principais incrementadores da fenomenologia desde Husserl. Já no Instituto de Filosofia e Teologia Santa Cruz e no Instituto de Filosofia e Teologia de Goiás (IFITEG), em que leciono desde 2014, assumi a cadeira de *Fenomenologia*, motivando, entre os alunos da PUC Goiás, a ambição de que isso se replicasse por ali. Tanto que em meu primeiro semestre de aulas ainda em 2014 fora justamente essa a disciplina que demandou minha contratação, o que, curiosamente, repetiu-se em 2019. Apenas a disciplina, no entanto, parecia não bastar para aglutinar meus próprios interesses e as motivações de alguns estudantes. Foi então que, apesar de já dedicar-me ao Projeto de Pesquisas anteriormente mencionado sobre o catolicismo brasileiro, propus-me a um novo projeto, também para duração de quatro anos, de 2020 a 2023, com o título *Religião e construções de sentido*. Nele, a partir de três eixos de sustentação relacionados, equacionaria meu interesse sobre a produção de sentido a partir das tradições e manifestações da religião, a saber: a psicologia humanista-existencial de Viktor Frankl, a antropologia cultural de Clifford Geertz e a tradição fenomenológica, mormente pela Fenomenologia da Religião, em autores como Heidegger, Edith Stein, Marion, Lévinas e Husserl. Sobre todas essas ênfases tive a alegria de publicar contribuições,⁷ mais como guias de leitura dos autores propostos, repercutindo, já desde o início, com a adesão de estudantes de graduação em nível da Iniciação Científica — aos quais reuni os orientandos já em curso nos institutos em que também atuava. Mais do que isso, adotei a leitura fenomenológica como metodologia transversal presente na pesquisa de todos os meus orientandos, como também em meus próprios empreendimentos investigativos, os quais ainda elencarei no que segue.

7

Um bom exemplo pode ser *Intencionalidade, sentido e autotranscendência: Viktor Frankl e a fenomenologia* (Martins Filho, 2019c).

Esse movimento, devo admitir, foi responsável por uma significativa expansão das possibilidades de diálogo em minha atividade como pesquisador, como professor e como orientador na graduação e na pós-graduação. E, para tal, contei com um incremento muito importante. Já desde 2018 havia iniciado, paralelamente à conclusão do doutorado em Ciências da Religião, cuja tese já tinha escrito integralmente, um segundo doutorado, ora como encerramento de minha dedicação à Filosofia. Um doutorado em Filosofia na UFG pareceu-me necessário como uma espécie de “acerto de contas” com Heidegger e, notadamente, como coroamento de meu percurso nesse saber, que foi o primeiro da minha dedicação. A princípio, apliquei-me ao processo seletivo mais como uma forma de exercitar a elaboração de “projetos”, e terminei aprovado em primeiro lugar. O período, contudo, reservava-me a instauração de parcerias que me seriam caras por toda a minha carreira, sobretudo as com impacto internacional. Tendo como orientador na UFG o professor Fábio Ferreira de Almeida, com quem tive a oportunidade, nesse período, de organizar um importante dossiê temático, com participações internacionais, junto à revista *Fragmentos de Cultura*, em 2021,⁸ tive a satisfação, em 2019, de conhecer e trazer à Goiânia, para um Ciclo de Estudos,⁹ o fenomenólogo italiano Francesco Alfieri, da Università Lateranense. A atividade, transcorrida numa parceria inédita entre a PUC Goiás, o IFITEG, a UFG e o Instituto Santa Cruz — as quatro instituições que mantinham cursos de Filosofia em Goiânia — deu frutos para além de seus limites, embora sempre com benefício para minha atividade e novas parcerias no âmbito do PPGCR da PUC Goiás.

O primeiro e mais importante deles, para além da amizade com o professor Alfieri, foi o contato estabelecido com o professor Friedrich-Wilhelm von Herrmann, emérito da Albert-Ludwigs-Universität Freiburg.

8 Trata-se do Dossiê temático para o número especial *Filosofia Contemporânea: Fenomenologia e Vida*, com participação de autores e autoras do Brasil, da França, da Itália e da Alemanha.

9 Uma nota sobre a realização do evento foi publicada na Alemanha pela revista *Heidegger Studien*, em 2020 (Martins Filho, 2020e).

Antigo catedrático de Filosofia da referida universidade, von Herrmann foi o último secretário do filósofo Martin Heidegger e seu custódio, mencionado em testamento, com a atribuição de publicar a sua obra completa, concebida pelo filósofo em 1975, um ano antes de sua morte. Os diálogos com von Herrmann se estreitaram a tal ponto que já estava prevista a minha ida para a Alemanha no ano de 2020, um projeto frustrado por conta da pandemia global. Mesmo assim, as dificuldades experimentadas não impediram que von Herrmann aceitasse ser incluído como coorientador em minha pesquisa em Filosofia, favorecendo-me generosamente textos originais de Heidegger e seus próprios sobre a articulação entre filosofia, fenomenologia, teologia e religião, desde diferentes enfoques, com termo de autorização formal para sua tradução e publicação no Brasil. Após a indicação para o prêmio de Teses da CAPES em 2021, por parte do colegiado em Filosofia da UFG, minha pesquisa foi publicada como livro pela Casa Mello Editora, no mesmo ano, com 500 páginas, e um posfácio escrito pelo professor von Herrmann, que, infelizmente, veio a falecer um ano após, em 2022 (Martins Filho, 2021). O seu contato, porém, permanece vivo em mais de 100 correspondências e textos franqueados, para benefício de minha atividade docente e de meus orientandos no presente e no futuro. Antes de falecer, o professor von Herrmann também me incluiu como membro do corpo editorial da revista trilingue *Heidegger Studie*, publicada em alemão, francês e inglês, oferecendo-me a possibilidade de publicação de um meu estudo, como primeira exposição internacional, com o título *Martin Heidegger et Edith Stein: deux voies pour l'être* (Martins Filho, 2020f).

Movido por esse movimento de internacionalização, aberto por Alfieri e von Herrmann, que antes se limitava ao catalão Marià Corbí, uma série de outras possibilidades se inauguraram. Uma das mais consistentes fora, certamente, com a professora italiana Angela Ales Bello, da Università Lateranense e fundadora do Centro Italiano di Ricerche Fenomenologiche, cujos textos utilizo desde há muito nas disciplinas da graduação em Filosofia e do mestrado em

Ciências da Religião. Em 2020, a professora Ales Bello concedeu-me uma entrevista para publicação na revista *Caminhos*, com o título *Por uma fenomenologia da religião* e, ao final do ano, realizou uma conferência *online*, transmitida pelo canal do Youtube¹⁰ da PUC Goiás (Martins Filho, 2021). A partir do contato com a professora Ales Bello, outros vínculos se estabeleceram e todos renderam interessantes entrevistas, como foi o caso do professor Aldo Natale Terrin, da Università di Milano, com entrevista publicada pela revista *Senso Religioso* em três partes.¹¹ Ou a entrevista concedida pelo professor Giorgio Bonaccorso, do Instituto de Liturgia Pastorale Santa Giustina, em Padova, Itália, também vinda a público por meio da revista *Caminhos* em 2020 (Martins Filho; Bonaccorso, 2020). Todas essas contribuições foram muito importantes para o aprimoramento das leituras praticadas no âmbito de meu círculo de orientação, com introdução de novos conceitos, sobretudo quanto à noção de espiritualidade, ou ao lugar dos ritos e das ritualidade na composição dos credos religiosos.

Apesar, porém, de ter chegado ao PPGCR da PUC Goiás com uma formação múltipla em outras áreas, ter cursado um segundo doutorado e adquirido certo vínculo internacional, minhas principais referências para a atividade de pesquisador e docente ainda se mantinham por demais orientadas pelos círculos locais. Uma formação toda realizada em Goiânia, a cidade que escolhi para viver, e seus arredores. Isso me motivou, em meio às atividades que desenvolvia em plena pandemia, felizmente conseguindo manter todos os prazos de defesa de meus orientandos, graças ao empenho de cada um deles, a inscrever-me junto à chamada universal do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) para a obtenção de bolsa de Pós-Doutorado Júnior no País, em 2021.

10 A conferência encontra-se disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=5Vh31Yt1V9o&t=5615s>.

11 A primeira parte da entrevista e as outras duas partes podem ser encontradas em: <https://revista-senso.com.br/entrevista/teologia-fe-e-espiritualidade-em-tempo-de-pluralismo-religioso-entrevista-a-aldo-natale-terrin-parte-1/>.

Meu projeto circunscrevia sua ênfase ao tratamento dos conceitos Deus, mística e espiritualidade, amplamente considerados no pensamento de Martin Heidegger. A par do desenvolvimento conceitual, tal oportunidade me daria a ocasião de descobrir novos procedimentos e métodos de ensino, como experiência em outro Programa de Pós-Graduação. Escolhi, para isso, o PPG em Teologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC Rio), sob supervisão da professora Maria Clara Lucchetti Bingemer. Embora não a conhecesse, fui tão bem recebido desde o primeiro contato que estava certo de que seria uma experiência profundamente valiosa para a minha formação. E assim o foi.

Apesar do atraso na implementação do benefício por parte do CNPq, foram 15 meses de pesquisa, com participação ativa e mensal junto ao grupo de orientação, em nível de mestrado e doutorado em Teologia da professora Bingemer, atuando como parecerista das revistas *Atualidade Teológica* e *Pesquisas em Teologia* e, notadamente, de investigação da obra heideggeriana, de aquisição de novas fontes de estudo e do estabelecimento de novos contatos. Foi esse o período do meu engajamento junto ao Grupo de Trabalho (GT) de Mística e Espiritualidade da Sociedade de Teologia e Ciências da Religião (SOTER), ou da Sessão Temática (ST) homônima na ANPTECRE, aos quais me mantenho vinculado desde então, promovendo, inicialmente, a minha pesquisa e, por ora, também incluindo a participação de meus orientandos do PPGCR da PUC Goiás. A realização daquele estágio realmente pode ser memorada como um período de pesquisa altamente frutuoso, com a publicação de vários artigos e capítulos de livro, como também do relatório final de todo o processo, concluído em 2022.¹²

12 Dou destaque para *Notas sobre a questão de Deus em Heidegger* (Martins Filho, 2022b) e *Del alvido de sí mismo al llamado de la conciencia en Heidegger* (Martins Filho, 2022d). Uma publicação tardia saiu em 2023, *Das modulações do silêncio em Heidegger* (Martins Filho, 2023). E o relatório da pesquisa, que foi publicado pela revista *Caminhos* (Martins Filho, 2022c).

De minha parte, no conjunto de minhas produções junto ao PPGCR da PUC Goiás, sobretudo quanto à continuidade do Projeto de Pesquisas *Religião e construções de sentido*, incluo tanto a realização do doutorado em Filosofia quanto a experiência desse pós-doutorado como partes de sua efetivação. Esse foi um projeto que se encerrou no último semestre (em 2023) contando como mais de 25 publicações resultantes do trabalho de nosso grupo de estudos, entre as quais um livro de mesmo título, com participação de professores e professoras de todas as outras regiões do país, publicado pela Paco Editorial (Martins Filho, 2022e).

TERCEIRO PROJETO E NOVOS ESPAÇOS DE INSERÇÃO

Ao passo que já indiquei os principais momentos de minha participação na história do PPGCR da PUC Goiás ao longo dos últimos oito anos, quero dedicar a última seção desta narrativa memorial ao atual momento da minha atividade de investigação, momento esse que só é possível justamente por conta do caminho aberto por algumas das iniciativas anteriormente recordadas — o que, em partes, já começaria a se consolidar junto aos meus primeiros ensaios como orientador e docente da pós-graduação, embora também com incursões reconhecidamente mais recentes.

Digo já desde os primeiros movimentos junto ao PPGCR da PUC Goiás porque, de fato, enquanto nosso círculo de orientação se ampliava, pouco a pouco delineou-se entre nós algum direcionamento para o campo das artes, ou melhor, para a relação entre as artes e a religião — ou a “espiritualidade”, como também ficaria evidente. A chegada de novos orientandos e orientandas mobilizou-me a solidificar, cada vez mais, meu interesse por campos que já faziam parte da minha história, como a música e a literatura, mas também das artes plásticas, da dança e do teatro. Pude aproximar-me, movido pelos focos de pesquisa dos meus orientandos, de associações de artistas e seguimentos culturais de Goiânia e região, o que alcançou

um impacto também no desvelamento de um interesse que, ainda que sempre tenha acompanhado minhas atividades, permanecia de algum modo latente. A par disso, o período de saída da pandemia do *novo coronavírus*, o retorno às aulas presenciais e a oportunidade de retiro dos dias de isolamento me favoreceram uma reflexão mais profunda sobre minha atividade como produtor de conhecimento, como organizador de mundos com a finalidade de transmiti-lo aos outros, especialmente às próximas gerações. Quando me dei conta, havia sofrido uma verdadeira *conversão*, ao modo de Agostinho, não para fora e para o que estava distante, mas para dentro e, a partir de dentro, para o que estava próximo, para o que me era disponível desde há muito, mas não conseguia enxergar com suficiente clareza. Refiro-me, assim, à cultura goiana em toda a sua pujança, e ao que dela sinalizam as artes e os artistas que aqui desenvolvem a vida e a incrementam.

Enquanto, numa ocasião, refugiado na Serra dos Pirineus, perfazia parte do Caminho de Cora, dei-me conta de que eu mesmo não conhecia em profundidade a literatura da autora, senão por referências esparsas, recebidas das mãos de outros. Isso me causou um verdadeiro estarrecimento. Como podia, àquela altura, ter me dedicado ao pensamento alemão, à filosofia ocidental, à consolidação dos ritos da liturgia romana, etc... etc... e saber tão pouco do mundo que eu próprio habitava? Bastou isso para que toda a minha atividade tomasse um novo rumo, um rumo mais incidente sobre o meio circundante e suas formas de construção de sentido, e isso não se daria sem o vínculo fundamental com o PPGCR da PUC Goiás que, em partes, abriu-me as portas para essa possibilidade através das lentes dos meus orientandos.

O primeiro fruto mais consistente desse movimento começou a organizar-se em 2022, com a finalidade de promover o XI Congresso Internacional em Ciências da Religião da PUC Goiás sob minha coordenação, justamente sobre o tema da arte em diálogo com a religião. Afinal, nenhum outro tema serviu mais de inspiração

aos artistas ao longo da história que a religião, ao passo que também a religião se beneficiou da produção dos artistas, como forma de “dar as feições” do sagrado, de transmiti-lo pelas vias sensíveis, de “aproximar” a absoluta distância entre criatura e Criador. Para isso, contamos com a parceria de diversas instituições no Brasil e no exterior até a realização do XI Congresso em abril de 2023.

Foram cinco conferências pré-congresso, sendo 4 nacionais, uma de cada região do Brasil, e uma internacional, com o professor João Manuel Duque, da Universidade Católica Portuguesa. As imediações do evento também foram espaço para a realização de uma exposição conjunta, em parceria com a Associação Goiana de Artes Visuais (AGAV), que contou com mais de 40 expositores artistas, entre pinturas, esculturas, fotografias e instalações, com duração de março a abril de 2023, sob o título *Espiritualidade Poética*. No mesmo período, em parceria com o Instituto de Pesquisas e Estudos Históricos do Brasil-Central (IPEHBC), promovemos uma exposição de artigos religiosos cristãos dos séculos XVIII e XIX. Os dias de realização do XI Congresso, porém, foram os mais intensos em termos de produção de conteúdo acadêmico-científico e artístico, inaugurados por um concerto com a Orquestra Sinfônica de Goiânia, com o seu coro, num total de mais de 200 membros instrumentistas e cantores, entoando composições sacras de artistas goianos. Foram mais de 800 inscritos e 170 comunicações apresentadas por participantes de 12 nacionalidades diferentes. Pela primeira vez na história dos Congressos Internacionais do PPGCR da PUC Goiás houve uma Sessão Temática integralmente internacional, em parceria com a Universidad Francisco de Vitoria, de Madrid. A isso se somaram as três conferências internacionais, do professor Costantino Esposito, da Università degli Studi di Bari, da Itália, do professor Pablo López Raso, da Universidad Francisco de Vitoria, de Madrid, na Espanha, e da professora Claudia Lira Latuz, da Pontificia Universidad Católica de Chile. Contamos também com 12 palestras em mesas-redondas com participantes das cinco regiões do Brasil.

A experiência do XI Congresso, que mobilizou toda a PUC Goiás, em parceria com a Arquidiocese de Goiânia e inúmeras instituições culturais, entre as quais a Secretaria Municipal de Cultura de Goiânia, deixou uma série de frutos, entre os quais pode-se mencionar: os Anais Artístico-Culturais, os Anais Acadêmico-Científicos, o livro contendo as conferências e palestras (Martins Filho; Silva, 2023), toda a produção registrada em vídeo e disponibilizada na internet, além de uma série de reverberações em outros periódicos e espaços.¹³ Por exemplo, a repercussão positiva do evento possibilitou o convite para que eu fizesse parte, como coordenador, da mesa-redonda sobre Religião e Arte no último congresso da ANPTECRE, na Pontifícia Universidade Católica de Campinas, em setembro de 2023. Na ocasião, aproveitei para fazer um manifesto em favor de uma maior sistematização dessas frentes de estudos em nossa área, que, embora existam, permanecem fragmentadas e dependentes de iniciativas isoladas de pesquisadores sem que se orientem na formulação de uma forte rede de pesquisas. A provocação encontrou adesão por uma série de docentes e discentes de outros Programas de Pós-Graduação, potencializando novas oportunidades e congregando interesses, entre os quais, de minha parte, faço destacar dois projetos que se articulam mutuamente: a) a definição do Projeto de Pesquisas *Religião e construção de sentido nas artes e na cultura em Goiás*, como orientação para as minhas atividades no quadriênio de 2023 a 2026 e já com resultados em curso — um desdobramento natural de meu antigo projeto, mas agora com ênfase específica sobre o campo das artes em Goiás; e b) o Projeto de Pesquisas *E o sertão abriu-se em cor: imagens de Deus e espiritualidade crítico-narrativa em Antônio Poteiro*, recentemente aprovado em primeiro lugar de prioridade para a Bolsa de Pós-Doutorado no Exterior do CNPq, para realização em 2024, junto à Universidade Católica Portuguesa, em Braga, Portugal.

13

As principais publicações do evento são reportadas pelo seu próprio site: pucgoias.edu.br/eventos/xicicr/.

Esse segundo projeto representa bem o momento em que me encontro atualmente, fazendo aproximar o regional e o global pela articulação entre religião e arte. A proposta, que recebeu a nota máxima por parte de todas as etapas de avaliação em um certamente de abrangência nacional, tem como meta a construção de uma interpretação crítica da obra de Antônio Poteiro, artista português radicado em Goiânia, cujas obras com temática religiosa têm notoriedade internacional. A par disso, como desdobramento do mesmo projeto, pretendo esboçar os primeiros movimentos para a criação de uma Rede Lusófona de Estudos sobre Religião, Espiritualidade e Arte (RELEREA) que, a partir da relação entre a PUC Goiás e a Universidade Católica Portuguesa, incluirá pesquisadores e pesquisadoras de outras universidades do Brasil e de Portugal, mas também dos demais países da comunidade lusófona, incluindo um total de 9 nacionalidades: Portugal, Brasil, Cabo Verde, Guiné Bissau, Guiné Equatorial, Angola, Moçambique, Timor Leste e Macau (região autônoma da China em que o português é a segunda língua oficial).

Ao mesmo tempo em que se mostra como um projeto bastante ousado, ele atesta os esforços empreendidos já desde o período de meu doutoramento e ulterior atividade docente junto ao PPGCR da PUC Goiás, creditando-o em seu papel determinante para a consolidação dessa série de oportunidades que, notadamente, estendem-se para além de minha atividade particularizada por todo o meu círculo de orientações e diálogos na graduação e na pós-graduação.

ODE AOS VINTE E CINCO ANOS: *AD MULTUS ANNOS*

Este é, em suma, o lugar em que me situo na celebração deste importante jubileu. Na confiança de quem cresce em comunidade, de quem exercita o espírito da solidariedade e sente-se parte de um construto erguido pela força da solidariedade, partilho algumas notas do meu caminho, todas orientadas para o ponto aglutinador de seus

desfechos, a saber: o pertencimento à comunidade do PPGCR da PUC Goiás, em sua natureza eminentemente interdisciplinar, na qualidade conquistada pelo trabalho dos que me antecederam, no caso de muitos deles, com quem partilho o esforço conjunto no presente.

Em meio às atividades de assessoria e docência, de orientação, leitura e estudo, de correções (dadas e recebidas), de pareceres, de bancas internas e externas, de atuação em comitês de bolsas, de assessoramento, de autoavaliação, de processos seletivos, de prestações de contas e elaboração de relatórios, de tessitura de artigos, capítulos e livros, de sessões de entrevistas e mesas-redondas, de construção de projetos (alguns exitosos, outros não), de coordenação das atividades editoriais da revista *Caminhos*, que assumi como editor-chefe desde o primeiro número de 2022,¹⁴ vou seguindo rumo ao que considero o cada vez maior desdobramento da minha *vocação*. Vocação que não se realiza, de modo algum, desde o fechamento e a solidão, mas que apenas pode efetivar-se na abertura solidária aos meus pares, ao meu círculo de orientandos, presentes e passados, ao reconhecimento da colaboração de cada uma, de cada um, nos diferentes níveis e papéis por meio dos quais a vida nos brinda com o contato. Como tenho a agradecer a tantas pessoas, sem as quais definitivamente não teria conseguido chegar até aqui, do meio familiar e do campo profissional. Algumas do campo profissional que se tornaram família! Como é bom contar com a confiança de tantos amigos, de tantas amigas! Como é bom sentir o agradecimento daqueles com quem, de algum modo, pude contribuir! Esse é o sentimento com o qual quero encerrar essas breves notas pessoais, que atestam o entrelaçamento da minha vida com a vitalidade do PPGCR da PUC Goiás. Na festa de uma instituição como essa, o presente é nosso. Muito obrigado!

14

Uma responsabilidade que relutei em assumir, mas que também tem me possibilitado muitas realizações. A revista *Caminhos* é um patrimônio do PPGCR da PUC Goiás, graças ao trabalho de todos os editores e editoras que me antecederam. Os méritos de sua consolidação no cenário nacional e internacional, desse modo, cabem a todo o nosso colegiado. Um respeitável *qualis* A2. Na pessoa de quem dirijo-me a todos os demais, agradeço à professora Ivoni Richter Reimer, que me transmitiu essa função estando a revista em ótimas condições e, o mais importante, com todos os trabalhos em dia — o que tenho mantido desde então.

REFERÊNCIAS

- COSTA, C. L. F.; ECCO, C.; MARTINS FILHO, J. R. F. *Epistemologias da religião e relações de religiosidade*. Curitiba: Editora Prismas, 2017.
- ECCO, C.; MARTINS FILHO, J. R. F. Contemporary Cultures and Atheism. *Mosaico*, v. 10, p. 265-276, 2018.
- ECCO, C.; MARTINS FILHO, J. R. F. Ateísmo e religião em Ludwig Feuerbach: uma aposta na essencialidade do humano. *Caminhos*, v. 14, p. 325-342, 2016.
- LE MOS, C. T.; SOUSA, I. F.; MARTINS FILHO, J. R. F. *Juventude e Religiosidade: o caso de jovens universitários*. São Paulo: Fonte Editorial, 2018.
- MARTINS FILHO, J. R. F. Das modulações do silêncio em Heidegger: uma leitura a partir de Ser e tempo. *Griot*, v. 23, p. 67-78, 2023.
- MARTINS FILHO, J. R. F.; SILVA, D. C. *Religião, Arte e Cultura: Multiplicidades Convergentes*. Porto Alegre: Editora Fi, 2023.
- MARTINS FILHO, J. R. F. A sinodalidade como refrão: contribuições à identidade eclesial. *Perspectiva Teológica*, v. 54, p. 133-154, 2022a.
- MARTINS FILHO, J. R. F. Notas sobre a questão de Deus em Heidegger: contribuições para a teologia atual. *Atualidade Teológica*, v. XXVI, p. 115-144, 2022b.
- MARTINS FILHO, J. R. F. Presente porque há de vir: Deus e mística no pensamento de Martin Heidegger. *Caminhos*, v. 20, p. 648-664, 2022c.
- MARTINS FILHO, J. R. F. Del olvido de sí mismo al llamado de la conciencia en Heidegger. *Franciscanum*, v. 64, p. 1-28, 2022d.
- MARTINS FILHO, J. R. F. *Religião e construções de sentido*. Jundiaí: Paco Editorial, 2022e.
- MARTINS FILHO, J. R. F. *Heidegger: da analítica existencial à filosofia da interpelação*. Curitiba: Casa Mello Editora, 2021.
- MARTINS FILHO, J. R. F. *Música e identidade no catolicismo popular: um estudo sobre a Folia de Reis e a Romaria ao Divino Pai Eterno*. São Paulo: Edições Terceira Via, 2020a.
- MARTINS FILHO, J. R. F. Um sonho ecológico para a Igreja: o magistério de Francisco da *Laudato Si* ao Sínodo para a Amazônia. *Atualidade Teológica*, v. XXIV, p. 104-126, 2020b.

MARTINS FILHO, J. R. F. Uma Igreja sinodal e ministerial: novos impulsos para a Amazônia e o mundo. *Perspectiva Teológica*, v. 52, p. 755-773, 2020c.

MARTINS FILHO, J. R. F. O Papa Francisco e o Sínodo amazônico. Novos impulsos para a inculturação. *Revista Eclesiástica Brasileira (REB)*, v. 80, p. 232-261, 2020d.

MARTINS FILHO, J. R. F. Cycle de Conférences de Francesco Alfieri. *Heidegger Studien*, v. 36, p. 210-213, 2020e.

MARTINS FILHO, J. R. F. Martin Heidegger et Edith Stein: Deux voies pour l'être. Impressions de proximité et d'éloignement. *Heidegger Studien*, v. 36, p. 187-213, 2020f.

MARTINS FILHO, J. R. F. Um caminho nas Ciências da Religião: novas possibilidades para o catolicismo brasileiro. *Caminhos*, v. 18, p. 87-108, 2020g.

MARTINS FILHO, J. R. F.; BONACCORSO, G. A centralidade do rito na experiência religiosa: uma entrevista a Giorgio Bonaccorso. *Caminhos*, v. 18, p. 1133-1164, 2020.

MARTINS FILHO, J. R. F. *Cantadores do Reino, Folhões dos Santos Reis*: um estudo sobre a inculturação da música litúrgica em Goiás. Goiânia: Espaço Acadêmico, 2019a.

MARTINS FILHO, J. R. F. Sobre o protagonismo laical do catolicismo popular: pistas para reflexão. *Revista Eclesiástica Brasileira (REB)*, v. 78, p. 679-694, 2019b.

MARTINS FILHO, J. R. F. Intencionalidade, sentido e autotranscendência: Viktor Frankl e a fenomenologia. *Ekstasis – Revista de Hermenêutica e Fenomenologia*, v. 8, p. 21-37, 2019c.

MARTINS FILHO, J. R. F.; ECCO, C. Novos odres para o sagrado vinho: Marià Corbí e os sem religião. *Estudos de Religião*, v. 32, p. 29-50, 2018.

MARTINS FILHO, J. R. F. De servitute philosophiae. *Fragmentos de Cultura*, v. 27, p. 148-155, 2017.

MARTINS FILHO, J. R. F.; ECCO, C. *Toward a Deep Spirituality*: an Interview with Marià Corbí. *Caminhos*, v. 15, p. 149-161, 2017.

SOBRE OS AUTORES E AS AUTORAS

Alberto da Silva Moreira

Professor do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Ciências da Religião da PUC Goiás. Bolsista em Produtividade em Pesquisa CNPq.

E-mail: alberto-moreira@uol.com.br

Carolina Teles Lemos

Doutora em Ciências Sociais e da Religião (1998) pela Universidade Metodista de São Paulo (UMESP). Graduação em Pedagogia (1989) e Psicologia (2017). Atualmente é professora titular no Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Ciências da Religião da Pontifícia Universidade Católica de Goiás e coordenadora da Área 44: Ciências da Religião e Teologia (CAPES).

E-mail: cetelemos@uol.com.br

Clóvis Ecco

Professor permanente e Coordenador do PPGCR *Stricto Sensu* da Pontifícia Universidade Católica de Goiás. Membro da Comissão Científica de Anpctecre; Membro da Comissão do Enade – Teologia (2015 a 2022). É membro associado da Soter. Oferece ST e FT – no grupo de pesquisa – “Crentes sem Religião”.

Haroldo Reimer

Doutor em Teologia pela Kirchliche Hochschule Bethel, Alemanha; Pós-doutorado em História pela Universidade Estadual de Campinas; Professor na Universidade Estadual de Goiás.

E-mail: haroldo.reimer@gmail.com

Ivoni Richter Reimer

Doutora em Filosofia/Ciência da Religião/Teologia pela Universität Kassel, com pós-doutorado em Ciências Humanas (UFSC). Docente na PUC Goiás. Bolsista em Produtividade em Pesquisa CNPq/PQ1. Pastora emérita da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB).

E-mail: ivonirr@gmail.com

Joel Antônio Ferreira

Mestre em Teologia Bíblica pela Universidade Gregoriana de Roma e Ciências Bíblicas pelo Pontifício Instituto Bíblico de Roma. Doutor em Ciências da Religião pela UMESP, com Pós-Doutorado na Universidade Georgetown de Washington DC. Docente na PUC Goiás (graduação e PPGCR).

E-mail: joelfer@cultura.com.br

José Reinaldo F. Martins Filho

Doutor em Ciências da Religião pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás. Doutor em Filosofia pela Universidade Federal de Goiás. Realizou estágio pós-doutoral em Teologia Sistemático-Pastoral pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Atualmente realiza estágio pós-doutoral pelo Centro de Investigações de Teologia e Estudos da Religião (CITER) da Universidade Católica Portuguesa.

E-mail: jreinaldomartins@pucgoias.edu.br

Luigi Schiavo

Professor-investigador, Filósofo, Teólogo y Doctor en Ciencias de las Religiones, biblista especializado en NT y orígenes del cristianismo. Fue profesor en la PUC Goiás entre 2000 y 2008, colaborando también con el PGCGR en el área de Cultura y Religión.

E-mail: gigi.schiavo57@gmail.com

Luiz Signates

É Pesquisador Produtividade 2, do CNPq. Professor Associado do PPG Ciências da Religião (PUC Goiás) e do PPG Comunicação (UFG). Doutor em Ciências da Comunicação (USP).

E-mail: signates@gmail.com

Mariosan de Sousa Marques

Doutor em Ciências da Religião (PUC GOIÁS), Mestre em Exegese Bíblica (Pontifício Instituto Bíblico — Roma), Docente no PPGCR.

E-mail: mariosansousa@hotmail.com

Rosemary Francisca Neves Silva

Doutora e mestra em Ciências da Religião pela PUC Goiás. Professora no Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Ciências da Religião e História, diretora da Escola de Formação de Professores e Humanidades da PUC Goiás.

E-mail: rosemarynf@gmail.com

Thais Alves Marinho

Doutora em Sociologia (UNB), docente do Programa de Pós-Graduação em História e em Ciências da Religião da Pontifícia Universidade Católica de Goiás. Bolsista em Produtividade em Pesquisa CNPq.

E-mail: thais_marinho@hotmail.com

Valmor da Silva

Mestre em Teologia Bíblica (Pontifícia Universidade Gregoriana) e em Exegese Bíblica (Pontifício Instituto Bíblico), Doutor em Ciências da Religião (UMESP), Pós-Doutor em Teologia (Faculdade Jesuíta), Professor titular do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Ciências da Religião da PUC Goiás.

E-mail: lesil@terra.com.br

ÍNDICE REMISSIVO

A

afrocaticismo 249, 263
autoritarismo 169, 179, 180

B

Bíblia 26, 27, 28, 30, 31, 32, 36, 37, 38, 39, 45, 77, 78, 79, 81, 82, 84, 85, 87, 89, 91, 118, 123, 130, 132, 133, 135, 136, 137, 141, 143, 144, 146, 148, 149, 215, 216, 217, 221, 226, 227, 228, 295, 310, 319, 321, 323, 326

C

capitalismo 162, 163, 164, 167, 168, 177, 179, 182, 183, 186, 192, 246, 306, 312
Ciências da Religião 11, 12, 13, 14, 19, 21, 23, 25, 26, 27, 42, 44, 46, 47, 48, 49, 50, 52, 65, 66, 67, 70, 74, 76, 77, 89, 92, 98, 99, 100, 103, 105, 106, 108, 112, 113, 116, 119, 120, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 145, 146, 148, 151, 164, 165, 174, 175, 181, 186, 187, 192, 195, 197, 206, 207, 210, 215, 226, 250, 256, 277, 278, 279, 280, 281, 282, 284, 285, 288, 291, 292, 293, 299, 309, 318, 319, 320, 347, 348, 350, 351, 353, 355, 356, 357, 360, 365, 367, 368, 370, 376, 377, 378, 379
Cristianismo 26, 27, 45, 113, 131, 132, 143, 145, 146, 158, 216, 228, 236, 243, 272, 300, 378
cultura midiática 161, 162, 164, 171

E

espetacularização 153, 177, 179
espiritismo 68, 298, 300, 303, 304, 305, 306, 307, 308, 309, 313, 314, 315
espiritualidade 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 67, 73, 75, 102, 103, 109, 110, 122, 129, 132, 133, 137, 142, 144, 149, 156, 159, 161, 164, 171, 176, 229, 250, 256, 257, 261, 264, 265, 268, 275, 276, 303, 311, 362, 367, 368, 369, 372

estetização 174, 177, 178, 179, 186

F

feminino 30, 31, 38, 39, 40, 43, 44, 46, 58, 71, 72, 276

G

gênero 57, 71, 73, 75, 95, 103, 106, 115, 117, 119, 121, 122, 126, 129, 130, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 149, 150, 277, 281, 360
globalização 47, 167, 168, 172, 174, 175, 180, 193

H

hermenêutica 36, 45, 52, 84, 85, 87, 108, 113, 117, 126, 136, 147, 196, 197, 198, 199, 201, 202, 205, 206, 211, 215, 218, 219, 221, 222, 223, 224, 225, 226, 227, 229, 289, 291, 294, 295

J

justiça 57, 59, 70, 73, 81, 83, 84, 85, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 122, 123, 128, 251, 290, 295, 296, 337

L

leitura bíblica 28, 37, 42
linguagens religiosas 20, 66, 120, 122

P

patriarcal 41, 55, 133, 243, 244, 261, 268, 270, 272, 275, 276, 317, 319, 321, 322, 326, 327, 329, 330, 331, 332, 333, 334, 335
pentecostalismo 51, 166, 168, 169, 170, 171, 173, 174, 177, 190, 191
periferia 36, 46

R

racismo 235, 236, 253, 255, 258, 267, 269, 271, 272, 276, 278, 282, 307
racismo religioso 255, 278

Religião 11, 12, 13, 14, 19, 21, 22, 23, 25, 26, 27, 42, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 54, 55, 56, 57, 60, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 83, 89, 92, 96, 98, 99, 100, 102, 103, 105, 106, 108, 112, 113, 114, 116, 117, 119, 120, 121, 122, 124, 126, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 151, 154, 159, 163, 164, 165, 166, 167, 168, 170, 171, 172, 174, 175, 177, 178, 179, 181, 182, 183, 184, 186, 187, 191, 192, 193, 195, 197, 206, 207, 210, 215, 218, 226, 228, 229, 250, 251, 252, 254, 256, 277, 278, 279, 280, 281, 282, 283, 284, 285, 288, 291, 292, 293, 296, 299, 309, 315, 318, 319, 320, 347, 348, 350, 351, 353, 355, 356, 357, 360, 363, 364, 365, 367, 368, 369, 370, 372, 373, 375, 376, 377, 378, 379

S

santidade 79, 80, 82, 83, 86, 90, 92

sexualidade 52, 96, 115

suicídio 61, 62, 67

T

teologia 24, 25, 29, 31, 49, 59, 66, 67, 75, 87, 156, 157, 158, 161, 162, 163, 166, 172, 175, 176, 183, 188, 189, 190, 197, 198, 226, 251, 258, 312, 329, 344, 359, 366, 367, 375

WWW.PIMENTACULTURAL.COM

25 ANOS DO PPGCR DA PUC GOIÁS

Memorial e Contribuições

PROAP
Programa de Apoio à
Pós Graduação

